

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

FAMÍLIAS E ESCRITAS

A prática discursiva dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX.

PEDRO VILARINHO CASTELO BRANCO

RECIFE

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

FAMÍLIAS E ESCRITA

A prática discursiva dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX.

Tese apresentada por Pedro Vilarinho Castelo Branco ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História. Elaborada sob a orientação do Professor Dr Antônio Paulo Rezende.

C348f Castelo Branco, Pedro Vilarinho

Famílias e escritas: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX. / Pedro Vilarinho Castelo Branco. Teresina: UFPE, 2005.

230 p.

Tese (Doutorado em História) – UFPE.

1. Famílias – História 2. Família – Relações de Gênero. I. Título

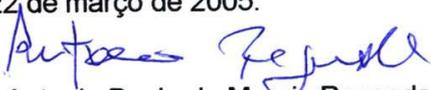
CDD 92.2



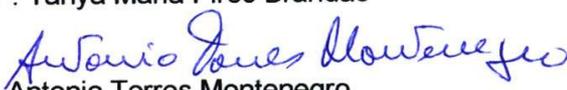
ATA DA DEFESA DA TESE DO ALUNO PEDRO VILARINHO CASTELO BRANCO

Às 14:00 h do dia 22 (vinte e dois) de março de 2005 (dois mil e cinco), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pelo aluno **Pedro Vilarinho Castelo Branco** intitulada **“Famílias e Escritas: A Prática Discursiva dos Literatos e as Relações Familiares em Teresina nas Primeiras Décadas do Século XX”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“APROVADO COM DISTINÇÃO”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: Antonio Paulo de Moraes Rezende (Orientador), Tanya Maria Pires Brandão, Antonio Torres Montenegro, Terezinha de Jesus Mesquita Queiroz e Paulo Henrique Novaes de Albuquerque. Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Assistente em Administração Marta Lopes Gomes, para os devidos efeitos legais.

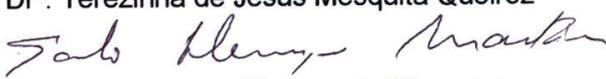
Recife, 22 de março de 2005.


Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende


Prof^a. Dr^a. Tanya Maria Pires Brandão


Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro


Prof^a. Dr^a. Terezinha de Jesus Mesquita Queiroz


Prof. Dr. Paulo Henrique Novaes de Albuquerque


Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho


Marta Lopes Gomes

RESUMO

Este trabalho analisa a produção discursiva de um grupo de intelectuais piauienses que, durante o século XX, orientaram sua escrita para uma ação modernizadora das noções de família e de gênero. O principal argumento se organiza em torno da tese de que esta produção discursiva buscava oferecer parâmetros culturais que favorecessem, por um lado, o rompimento com uma mentalidade rural, fundada na oralidade, e, por outro, o surgimento de novas práticas sociais, lastreadas numa relação estreita com a cultura escrita, com as sociabilidades citadinas e com a escola. Trata-se, portanto, de um estudo sobre o esforço discursivo dos literatos piauienses para, nas primeiras décadas do século XX, redefinirem as identidades de gênero e as relações familiares, possibilitando uma nova maneira de relação entre a sociedade piauiense e o mundo da cultura escrita.

Palavras Chaves: Família, relações de gênero, literatos.

EL RESUMEM

Este trabajo analiza la producción discursiva de los intelectuales piauienses que, durante el siglo veinte, enderezaram su escrita para una acción modernizadora de las nociones familiares y de género. El argumento principal si organiza alrededor de la tesi que esta producción discursiva buscaba ofrecer parámetros culturales que favorecieron, en un lado, la ruptura con una mentalidad rural, procedente de la oralidad, y, para otro, la apariencia de nuevas prácticas sociales, lastreadas en una relación estrecha con la cultura escrita, con las sociabilidades de las ciudads y con la escuela. Por consiguiente, se trata de un estudio sobre el esfuerzo discursivo de los escritores piauienses para, en los medios del siglo veinte, redefinirem las identidades del género y las relaciones familiares, favoreciendo el principio de una nueva manera de relación de la sociedad piauiense con el mundo de la cultura escrita.

ABSTRACT

This study analyses the production of a group of piauiense Writers that use, during the XX century, Their Writing as an strategy of action, in order to provide changes in the familiar relationship and in the identities of gender. The goal of these Writers was to make people change traditional practice and the rural mentality, based on oral tradition, obtaining a new quotidian practice, based on a close relationship with the graphic culture, with the urban sociability and whit the educational system. Thus, this study is about such production and about the start of a new form of relationship of the piauiense society with the world of the graphic culture.

Key Words: Family, gender relations, writers.

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 INFÂNCIA..... | 27 |
| 2 JUVENTUDE..... | 74 |
| 3 UNIVERSO MASCULINO ADULTO..... | 113 |
| 4 UNIVERSO FEMININO ADULTO..... | 147 |
| 5 RELAÇÕES FAMILIARES..... | 180 |
| CONCLUSÃO..... | 213 |
| FONTES E BIBLIOGRAFIA..... | 217 |

INTRODUÇÃO

Desde a infância percebi que meu pai fazia questão de manter vivo o passado familiar. Era imenso seu apego a mobílias, a quadros de santos, a fotografias, a objetos que vinham de um outro tempo que eu não vivera. Eram coisas que falavam da casa dos meus avós, de velhas tias solteiras, dos seus gemidos e queixumes, já no fim da vida.

Além dos objetos antigos sempre tão presentes, pois faziam parte da mobília que usávamos em casa, meu pai fazia questão de contar, repetidas vezes, histórias de seus antepassados, da vinda de seu pai para Teresina, ainda menino, no começo do século XX. Recitava genealogias, falava de um mundo e de memórias familiares que se localizavam entre os últimos anos do século XIX e a primeira metade do século XX. Havia ainda outros suportes de memória, guardados com muito ciúme e cuidado, sempre mantidos longe das crianças, o que aguçava ainda mais a minha curiosidade. Eram velhos papéis, caderneta de anotações, cartas, objetos de uso pessoal, como relógios e óculos. Havia também objetos e papéis da minha avó Feliciano, no geral, fitas de congregações religiosas, pequenos papéis amarelados e quebradiços, contendo velhas orações, algumas, escritas do próprio punho, davam prova de devoção e religiosidade.

O dia de finados era particularmente uma volta ao passado, meu pai fazia questão de visitar os túmulos de inúmeros parentes, e até mesmo de amigos, e, ao acender as velas, ele relatava histórias do passado. Com o tempo compreendi que essa peregrinação era muito mais que um ato cristão, para ele era mais um suporte de memória, uma forma que encontrara de manter vivo o seu mundo. Mundo que ele sentia esgarçar-se diante de si, à medida que os mais velhos morriam e que muitos familiares, contemporâneos seus, migraram nas décadas de 1940 e de 1950, para o Rio de Janeiro e para São Paulo, voltando ao Piauí apenas para visitas rápidas.

Minha mãe, natural de Amarante (PI) viria para Teresina depois, já nos anos 1940, para estudar, dando continuidade a esse processo, ainda hoje, tão característico da cidade, que é a migração de jovens das áreas rurais e de pequenas cidades do interior do Piauí e Maranhão para Teresina, em busca da escola, à procura de subjetivar-se de outra forma, de se engajar no mundo de relações urbanas. Ela, com sua vivência rural, na Fazenda Santa Rosa em Amarante, relatava outras experiências, marcadas pela vida no engenho, a puxar alfenim, a ver a fabricação de rapadura, de açúcar, as farinhadas, falava sobre o criatório do gado, do seu abate, das colheitas e da forma como se armazenavam os alimentos para o consumo da casa.

Os seus relatos me fizeram entender melhor o que era característico de Teresina no período em análise, esse entremeio de relações e práticas urbanas e rurais, mas também o papel que a cidade tinha para essas pessoas que migravam. Procurava-se uma relação mais estreita com a escola, com o mundo onde a cultura escrita se impunha, tornando-se necessária. Para essas pessoas, Teresina representava o novo, o moderno. Como bem define Moura Rego, a cidade era novidadeira. Era nela que, naquele começo de século, milhares de pessoas viam os primeiros carros, a luz elétrica, o cinema, e mesmo aquele estranho aparelho chamado telefone, que fazia as pessoas se comunicarem para além das paredes vencendo a distância física.

A convivência no meio dessas memórias familiares aguçou a minha curiosidade e sensibilidade para estudar a cidade de Teresina, no final do século XIX e início do século XX, período em que milhares de pessoas migraram de áreas rurais para Teresina à procura de melhores condições de vida, que se materializavam em espaços no mercado de trabalho e melhores condições de formação escolar. Escolhemos trabalhar com os grupos de elite e médios na sociedade, por entendermos que são as pessoas desses grupos sociais o alvo das mudanças estruturais que acontecem na cidade¹. As pessoas dos referidos grupos são as que

¹ No presente trabalho definimos como grupos médios, os pequenos fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos, professores, guarda-livros. Esse grupo de pessoas mantinham laços de consangüinidade com as elites, mas se posicionam num escalão intermediário na sociedade, principalmente nessa transição da vida rural para a vida urbana.

mais se beneficiarão com a criação do sistema escolar e com o processo de modernização da cidade.

Teresina era uma cidade pequena contando com aproximadamente 50 mil habitantes² e, ainda, com fortes vínculos com o mundo de sociabilidades rurais em que o Piauí vivia mergulhado desde o período colonial. No entanto, a própria fundação da cidade em 1852, tinha como objetivo trazer perspectivas mais alvissareiras à província. O plano seria instalar a sede do então poder público provincial às margens do rio Parnaíba, com o objetivo futuro de viabilizar a navegação fluvial e facilitar o intercâmbio com outras províncias do Império e mesmo com o mundo exterior, quebrando o isolamento em que o Piauí se encontrava. O rio Parnaíba tornou-se, na segunda metade do século XIX, via de transporte e escoadouro de produtos extrativistas, como a borracha de maniçoba, a cera de carnaúba e o babaçu, e assim, as cidades ribeirinhas receberam novos contingentes populacionais atraídos pela navegação fluvial e pela circulação de riquezas. As novas atividades econômicas possibilitaram maior monetarização, quando comparada com as atividades econômicas anteriores, favorecendo o crescimento da vida urbana e a demanda por produtos e serviços genuinamente citadinos.³

Teresina passa por processo de transformação, no entanto, essas mudanças, como o de muitas outras cidades pequenas no Brasil, não alcançam números expressivos, principalmente no que se refere aos aspectos quantitativos. A cidade não perde seus vínculos com as práticas do mundo rural, sua economia continua com fortes vínculos com a renda proveniente das fazendas e sítios, no entanto, o fato de ser a capital faz de Teresina o ponto catalisador de recursos provenientes de outras áreas do Estado do Piauí e mesmo de regiões vizinhas do Maranhão.

² Segundo Raimundo Nonato Monteiro de Santana, a população de Teresina entre 1900 e 1940 oscilou entre 45.316 habitantes e 67.641 habitantes. SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Evolução histórica da economia Piauiense*. Teresina: Cultura, 1964. p.70.

³ QUEIROZ, Teresinha. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí : 1900-1920*. Teresina: EDUFPI/APL, 1994

É em Teresina que o Estado investe na criação de um corpo de funcionários, assim como também em infra-estrutura urbana, procurando, dentro das possibilidades das verbas públicas, exibir o seu poder, mostrar prosperidade, seu compromisso com o engrandecimento do Estado. Dessa forma, é com verbas públicas que se constrói o Theatro 4 de Setembro, local de espetáculos teatrais e apresentações cinematográficas, que se instala a companhia de águas em 1906, a luz elétrica em 1914, que se urbaniza a Praça Rio Branco, transformada em primeiro passeio público na cidade, que se constrói os primeiros prédios escolares públicos, como a Escola Normal. Até mesmo a empresa de telefones, criada em 1907, com capital privado, contava com as repartições públicas como clientes importantes.

O momento a ser analisado é também caracterizado pelo crescimento dos investimentos públicos e privados na instalação e consolidação de um sistema escolar. O secular descaso com a formação escolar no Piauí, onde, apenas na primeira metade do século XIX, surgem experiências de instalação de escolas, começa a ser modificado.⁴

As trajetórias de pessoas ligadas à elite piauiense que procuravam a formação escolar no século XIX, mostram a migração para outras províncias, e mesmo para Portugal, como uma necessidade. É assim que Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves diz que seu avô seguiu em 1856, com onze anos de idade, para Portugal com o objetivo de conseguir formação escolar, ou que José Coriolano deixou São Raimundo Nonato, no sertão do Piauí, em 1851, aos dezesseis anos de idade, para cursar humanidades, em São Luis do Maranhão e, em 1853, encontrava-se já em Olinda, onde concluiria os preparatórios, entrando em seguida na Faculdade de Direito daquela cidade, formando-se em 1859.⁵

Na segunda metade do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, o número de piauienses que conseguem alcançar o ensino superior e a formatura em Direito, Medicina,

⁴ Para maiores informações sobre a educação escolar no Piauí no século XIX, ver: COSTA FILHO, Alcebiades. *A escola do sertão*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2000.

⁵ GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. *Depoimento concedido a Manuel Domingos Neto*. Rio de Janeiro, maio. 1984. p.5; TITO FILHO, Arimateia. *Deus e a ciência em José Coriolano*. Teresina: COMEPI, 1973. p.21.

Engenharia e Farmácia, em outras regiões do Brasil, ganha algum incremento, e o retorno deles ao Piauí, atraídos pelos cargos públicos e pelos interesses familiares, fazia crescer a circulação de idéias novas, chegando a dar vida a um sistema literário.

Teresina será o palco principal dessas mudanças, a cidade, sede do poder público estadual, atrai os jovens recém-formados que procuravam se engajar no serviço público, estar mais próximo das disputas políticas e ainda militar no magistério, abrindo escolas particulares ou assumindo cátedras no Liceu Piauiense ou na Escola Normal. A volta desses homens com formação superior foi de fundamental importância pelo efeito multiplicador que exercem na cidade. São homens que, formados em outros Estados, retornam ao Piauí e se engajam na cobrança e implementação de iniciativas públicas e privadas que viessem a incrementar a relação da população local com a cultura escrita.

Se os avanços na educação não eram suficientes para atender a toda a massa da população, os grupos de elite e médios terão maior facilidade para fazer com que seus filhos ingressassem no ensino formal, passando por um processo de escolarização, que pelo menos até o ensino secundário poderia ser feito em Teresina⁶, que se torna já no final do século XIX, pólo de atração de jovens de outras cidades que migravam em busca de dar continuidade aos estudos, muitas vezes iniciados com familiares no espaço da casa, ou em aulas de algum mestre-escola.

Observamos, na pesquisa, que muitos bacharéis formados em escolas superiores, fundamentados em saberes legitimados pelo crivo da ciência, dedicavam-se a duas atividades fundamentais para divulgar a cultura escrita e romper com a mentalidade baseada na oralidade e na tradição, que eram o trabalho docente em escolas secundárias e a difusão da escrita e dos valores da cultura moderna através de publicações em jornais, revistas e livros, dando, dessa

⁶ Sobre as motivações familiares para voltar ao Piauí depois de formado, mesmo que, muitas vezes, com ofertas vantajosas em outras cidades, ver o depoimento do Dr. Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves que, formado em Engenharia na Bahia, recusa um convite de emprego justificando que a sua formatura devia-se a grande investimento familiar e que precisava dar retorno desse investimento aos seus familiares que tinham ficado no Piauí.

⁷ O primeiro curso superior do Piauí será criado em 1931.

forma, impulso à circulação de idéias através da palavra escrita.⁸ Parte deles assume, na sua produção, posição marcadamente reformista. A intenção desses literatos era a de interferir, de tutelar as consciências, dando à sua produção um caráter prescritivo. Eles assumem a posição de que a sua formação superior trazia consigo a obrigação de dar encaminhamento a um processo de reformas que viessem a melhorar as condições de vida do povo, tirá-lo da ignorância, da forma como as pessoas haviam se subjetivado como homens e mulheres até aquele momento.

Os literatos procuravam, através da difusão da cultura escrita, contribuir para a construção de um novo ordenamento social, em que o mundo de sociabilidades rurais, desvinculado da escrita, deveria sucumbir. Esses homens de letras, quase todos com vínculos familiares com a elite rural, se subjetivarão de forma diferente dos seus pais, assumindo formas de ser masculino mais próximas dos contemporâneos de centros urbanos maiores.

Formados em escolas superiores do Brasil, retornavam ao Piauí e chamavam para si a responsabilidade de mudar as emperradas estruturas locais. Percebiam, na esqualida relação da população local com a escola e com a cultura escrita, um dos motivos mais fortes para o descompasso, que eles começavam a esboçar, em seus escritos, entre o Piauí e as áreas mais dinâmicas do Brasil. Imbuídos de princípios científicos, convictos da idéia de que o caminho de um determinado modelo de civilização e de progresso, no qual os países mais desenvolvidos da Europa apareciam como modelos paradigmáticos, seria um percurso a ser inexoravelmente seguido por todos, passavam a prescrever à sociedade os comportamentos que deveriam ser incorporados às práticas cotidianas da população.⁹ Romper com velhas sociabilidades rurais, criar hábitos citadinos, valorizar a formação escolar dos filhos dentro de princípios definidos pela ciência, educando a prole para se tornar homens e mulheres

⁸ MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense*. Horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 33- 72.

⁹ GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973. p. 241-260.

disciplinados e úteis à sociedade, esses seriam os passos iniciais no percurso de reformas que os piauienses deveriam seguir.

Os modelos propostos pelos literatos eram marcados por comportamentos disciplinados, homens e mulheres deveriam se subjetivar como pessoas contidas, educadas, disciplinadas, úteis à sociedade. Esses novos saberes propagados não eram inocentes, tinham vinculação política, pois procuravam se impor como norma, fundamentar uma disciplina, criando uma relação entre o saber criado pelos literatos e a nova ordem social que estava sendo proposta à sociedade.

Lado a lado com esse discurso dos literatos livre-pensadores, encontramos também um grupo de literatos vinculados direta ou indiretamente à Igreja Católica, que, em busca de fortalecer suas ações e presença no seio da sociedade, apresentava ao poder público e à sociedade, o seu aparato doutrinal, como mecanismo viável à manutenção da ordem na nova sociedade que se engendrava. A Igreja também tinha interesses na instituição família, percebia seu papel central na construção da nova ordem social e procurava impor sua doutrina religiosa como mecanismo disciplinador dos grupos familiares e do corpo social; para isso, utilizaria toda a força do seu discurso voltado a princípios morais, a exemplos de fé como arma de convencimento.

É importante salientar que os católicos estão, no período em análise, assumindo outras práticas, que também procuravam romper com o catolicismo tradicionalmente vivenciado pela população. Os clérigos passavam a ter mais poder na estrutura da instituição religiosa, assim como nos rituais e nas práticas de fé. A doutrina e a prática do catolicismo assumiam, naquele momento, uma relação mais próxima com um certo rigor disciplinar e com a cultura escrita. Dessa forma, entre as estratégias de ação da Igreja Católica no Piauí estava a fundação de três instituições de ensino e ainda a criação do jornal *O apóstolo*, que seria mais um canal de divulgação e circulação da cultura impressa na cidade.¹⁰

¹⁰ WERNET, Augustin. *A igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987; PINHEIRO, Áurea Paz. *As ciladas do inimigo: As tensões entre clericais e anti-clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século*

Se a orientação filosófica era diferente, os interesses dos literatos livre pensadores e católicos se aproximavam muito: a intenção era prescrever novos comportamentos marcados pela idéia de ordem, de disciplina, onde a cultura escrita se faria presente.

A documentação principal a ser utilizada diz respeito à produção literária publicada em forma de livros, artigos em revistas ou em crônicas e ou notícias e comentários em jornais. As obras seguem, algumas vezes, orientações filosóficas diferentes, como é o caso dos trabalhos de Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e Abdias Neves, literatos que podemos caracterizar como liberais-cientificistas, em oposição ao grupo liderado por Elias Martins e os padres do jornal *O apóstolo*, de inspiração católica-ultramontana. No entanto, na presente pesquisa optamos, deliberadamente, por ignorar os conflitos entre os dois grupos, por entendermos que, nas propostas de ambos os grupos, no que diz respeito às relações familiares e aos comportamentos masculinos e femininos, existem muito mais aproximações e coincidências do que divergências.

Os textos que classificamos como documentos ligados ao pensamento católico são principalmente os livros *Guerra sectária e Fitas*, de autoria de Elias Martins¹¹ e publicados respectivamente em 1910 e 1920. Completando o acervo documental dos literatos católicos está o jornal *O Apóstolo*, periódico oficial da Diocese do Piauí, que circulou de 1907 a 1912, formando um acervo de 282 exemplares, que se encontra disponível em microfilmes no acervo do Núcleo de Documentação e Memória, ligado ao Departamento de Geografia e História da UFPI. O referido acervo nos possibilitou acessar um grande número de informações sobre o pensamento e as práticas católicas no começo do século XX. A forma insistente como a Igreja Católica procurava desenvolver uma prática discursiva escriturando as relações familiares, as identidades de gênero, o casamento e as relações conjugais pode ser

XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

¹¹ Elias Martins. Nasceu em Picos no ano de 1869 e faleceu em Teresina no ano de 1936. Bacharel em Direito, Deputado provincial, jornalista de larga militância em jornais de Teresina, particularmente no jornal *O apóstolo* e *O Jornal de Notícias*. Defensor fervoroso das idéias católicas. Publicou entre outras obras, o livro *Guerra Sectária* (1910) e o livro *Fitas* (1920).

percebida tanto nos textos específicos de Elias Martins, particularmente no livro *Fitas*, como, em inúmeros artigos publicados no jornal *O Apóstolo*.

Outro corpus documental ligado ao discurso católico e utilizado na elaboração da nossa argumentação foram, algumas cartas pastorais e mesmo manuais de associações religiosas como o *Manual da Pia Associação das Filhas de Maria*, material que encontramos no acervo bibliográfico e documental do Padre Raimundo José Aires Moraes.

Um segundo corpus documental diz respeito às obras de Abdias Neves, Higinio Cunha e Clodoaldo Freitas, bacharéis em Direito, oriundos da Escola do Recife, nas últimas décadas do século XIX, e intelectuais atuantes nas letras em Teresina, no final do século XIX e início do século XX. Os trabalhos dos três literatos acabaram ganhando centralidade na elaboração do texto final. O caráter prescritivo que os textos desses literatos assumem foi percebido, por nós, como uma prática escriturística, como uma forma de exercer a tutela da sociedade, de definir comportamentos, de influenciar na mudança das práticas da sociedade.

De Abdias Neves¹² utilizamos principalmente o romance *Um manicaca*, que publicado em forma de livro em 1909, retrata a cidade de Teresina na virada do século XIX para o século XX, mostrando as sociabilidades locais, as escolhas matrimoniais, os namoros, a vida conjugal, tornando-se, assim, documento fundamental na nossa análise. De Neves também trabalhamos uma série de artigos publicados em 1916, em que ele discute a infância, a problemática da cultura física e as formas mais adequadas de educar e criar os filhos.

Da obra de Higinio Cunha¹³ utilizamos principalmente o artigo A educação feminina e o regime conjugal, publicado em 1899 e republicado em 1924, onde o autor trata das formas apropriadas de educar as mulheres e das implicações da boa e da má educação para

¹² Abdias da Costa Neves. Nasceu em 19 de novembro de 1876 em Teresina, onde faleceu em 28 de agosto de 1928. Bacharel em Direito (Recife 1898) Ocupou vários cargos públicos entre eles o de Professor do Liceu Piauiense e da Escola Normal. Fundou ainda escolas privadas entre elas o Internato Ateneu Piauiense. Foi Senador da República e autor de vários livros entre eles o romance *Um manicaca*.

¹³ Higinio Cícero da Cunha. Nasceu em 11 de Janeiro de 1858 em São José das Cajazeiras hoje Timon (MA) e faleceu em Teresina em 16 de novembro de 1943. Bacharel em Direito pela faculdade do Recife em 1885. Trabalhou em vários cargos públicos, foi professor do Liceu Piauiense, da Escola Normal e da Faculdade de Direito do Piauí. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras.

a futura vida conjugal. De Cunha utilizamos também o seu livro *Memórias traços autobiográficos*, onde constrói uma narrativa contando sua trajetória de vida, definindo a forma como queria ser dito, significado como homem moderno, letrado e intelectual atuante.

Clodoaldo Freitas,¹⁴ por seu lado, nos forneceu grande quantidade de material, principalmente romances e crônicas, que nos foi muito útil na reflexão sobre as relações familiares e as identidades de gênero. A obra ficcional de Clodoaldo nunca foi publicada em forma de livro, dessa forma, a análise desse material publicado em folhetins, entre os anos de 1905 e 1916, em jornais de Teresina, São Luís e Belém e, ainda na revista *Litericultura*, publicada em Teresina no começo do século XX. O acesso a esse rico acervo ficcional de Clodoaldo Freitas só foi possível pelo primoroso e cuidadoso trabalho de pesquisa da Professora Teresinha Queiroz, que, como estudiosa da obra de Clodoaldo Freitas, teve o trabalho de copilar todos os originais, em condições de serem recuperados, encontrados em diversos arquivos públicos reunindo, assim, o que antes estava disperso em jornais e revistas.

De Clodoaldo Freitas utilizamos principalmente os romances *O palácio de lágrimas*, publicado no jornal *A notícia* de São Luís em Junho de 1910; *Os Burgos*, publicado na revista *Litericultura*, em Teresina de janeiro a abril de 1912; *Memórias de um velho*, publicado no jornal *Pátria*, em Teresina de novembro de 1905 a fevereiro de 1906; e os contos *Por um sorriso*, publicado no *Correio do Piauí* em 1916; *Os primos*, *A beata* publicado em São Luís, no *Diário do Maranhão* em 1909, *Coisas da vida e Mãe dolorosa*. Ainda da obra de Clodoaldo Freitas utilizamos algumas crônicas do livro *Em roda dos fatos*, publicado em Teresina em 1911, onde são tratados, entre outros assuntos, do infanticídio, do feminismo e do amor romântico, temáticas caras ao nosso objeto de estudo.

Um terceiro corpus documental diz respeito ao material autobiográfico escrito por

¹⁴ Clodoaldo Severo Conrado Freitas. Nasceu a 07 de Setembro de 1855, na cidade de Oeiras e faleceu a 29 de Junho de 1924 e Teresina. Estudou no seminário das Mercês em São Luiz do Maranhão e bacharelou-se em direito pela faculdade do Recife em 1880. Ocupou vários cargos públicos no Piauí, Maranhão e Pará. Aposentou-se como Desembargador do TJ do Piauí. Sua obra literária conta com obras de ficção, crônicas de assuntos variados, assim como Higinio Cunha, é fundador da Academia Piauiense de Letras.

Moura Rego¹⁵, Edson Cunha¹⁶, Cristino Castelo Branco¹⁷, Leônidas Melo¹⁸, Mirian O. Jales de Carvalho¹⁹ e Bugyja Brito²⁰ e ainda os depoimentos orais de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves²¹. Esses depoimentos e narrativas autobiográficas foram muito importantes para nós, principalmente quando procurávamos dar visibilidade às práticas desse momento. As narrativas sobre a infância, sobre a vida escolar, sobre a forma como se subjetivaram homens e mulheres foi de grande importância para nós.

Fora desses três grandes agrupamentos de documentação, lançamos mão, ainda, de artigos de jornais que circularam em Teresina no final do século XIX e início do século XX, que nos ajudaram a compreender o problema de pesquisa e desenvolver a nossa argumentação.

As produções literárias dos escritores supra mencionados revelam que os comportamentos masculinos e femininos, bem como as relações familiares tornavam-se, no início do século XX, um dos problemas que mais traziam tensão à sociedade. Era preciso falar sobre eles, discuti-los, dar orientações, condenar atitudes. Dessa forma, as obras dos nossos literatos expressam conflitos, propostas que foram vencidas, ou que não se realizaram em um determinado momento histórico. Falam muito mais das propostas sobre como deveriam ser os

¹⁵ Raimundo Moura Rego. Nasceu em 23 de junho de 1911 em Matões - Ma e faleceu em 12 de março de 1988 no Rio de Janeiro. Bacharel em direito no Rio de Janeiro em 1953. Funcionário público Federal. Escreveu entre outras coisas o Romance *As mamoranas estão florindo* e *Notas fora de pauta*, livro de reminiscências da vida em Teresina nas primeiras décadas do século XX.

¹⁶ Edson da Paz Cunha nasceu em Teresina em 15 de dezembro de 1891 e faleceu em Teresina em 1973 em Parnaíba. Bacharel em direito em 1912. Professor e jornalista em Teresina e Parnaíba.

¹⁷ Cristino Couto Castelo Branco nasceu em 24 de Julho de 1892 em Teresina e faleceu em 25 de fevereiro de 1983 no Rio de Janeiro. Bacharel em Direito no Recife em 1911. Foi Juiz de Direito e Desembargador. Diretor da Instrução Pública, professor do Liceu Piauiense e da Escola Normal em Teresina. Colaborou em vários Jornais e Revistas na imprensa de Teresina. Membro da Academia Piauiense de Letras.

¹⁸ Leônidas de Castro Melo nasceu em Teresina, formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1920. Atuou como médico, foi professor da Escola Normal e do Liceu Piauiense. Interventor Federal no Estado do Piauí de 24 de Novembro de 1937 a 9 de novembro de 1945.

¹⁹ Mirian O. Jales de Carvalho foi aluna interna do Colégio Sagrado Coração de Jesus, é autora do livreto – *Pequena história das alunas internas do C.S. C. J.*

²⁰ Antonio Bugyja de Souza Brito nasceu a 21 de maio de 1907 em Oeiras e faleceu no Rio de Janeiro em 03 de dezembro de 1992. Bacharel em direito pela Universidade do Brasil em 1933. Foi co-fundador do jornal *O lábaro* (1926), do Cenáculo piauiense de letras (1927). Colaborou ainda em *O Piauí*, *A imprensa*, *Gazeta*, e *A revista de Teresina*. Membro da academia piauiense de letras.

²¹ Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, nasceu em 07 de fevereiro de 1895 em Amarante e faleceu em 05 de outubro de 1894 no Rio de Janeiro. Formado em engenharia civil pela politécnica da Bahia em 1916. Foi Secretário de Estado por vários governos, Senador da República e Professor do Liceu piauiense e da Escola Normal. Colaborou em vários jornais de Teresina.

comportamentos e práticas familiares, do que das práticas reais vivenciadas no cotidiano.²²

No trabalho do fazer historiográfico, selecionamos os textos, conferimos a eles outros significados, definimos como fontes, como documentos, juntamos o que antes estava separado, disperso, imaginamos a sociedade funcionando dentro de uma lógica que criamos. Dessa forma, os textos escolhidos por nós como documentos falam da sociedade onde viviam os literatos, os temas discutidos fazem-se presentes no dia-a-dia, provocam conflitos, tocam à sensibilidade, aos valores incorporados por eles à sua visão de mundo, à sua subjetivação como homens letrados, cortados por uma cultura escrita. É desse lugar de sujeito que eles falam, que percebem a sociedade, condenando as práticas familiares tradicionais, os casamentos de razão, a falta de preocupação com a escolaridade dos filhos, o descaso dos homens com a família. Ao tempo em que condenam determinadas práticas colocam ao social outras formas de viver a paternidade e a maternidade, enaltecem a educação e os bons frutos que poderiam advir daí para toda a sociedade, mostram outras possibilidades de existir, falam de possibilidades que nascem do desejo de mudança, de recriar o social, de interferir no fazer cotidiano.²³

A pretensão do presente estudo é analisar como a circulação da cultura escrita e o crescente processo de escolarização influenciaram a construção de novas relações familiares. Partimos da observação documental que mostra a produção de uma larga problematização desenvolvida por literatos ligados ao pensamento liberal cientificista, assim como de grupos vinculados direta ou indiretamente às propostas do discurso católico ultramontano, sobre as relações familiares, sobre a infância, e sobre as relações entre o masculino e o feminino. A existência dessa profícua produção discursiva nos levou a acreditar que esse era um dos problemas mais candentes na Teresina das primeiras décadas do século XX, assunto sobre o qual era preciso falar, discutir e, para os literatos, definir os rumos a serem tomados. As novas possibilidades apresentadas pela cidade que tomava os primeiros contatos com o mundo da

²² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.20.

²³ SEVCENKO, 1982, p. 19-23.

modernidade, tornavam obsoletas algumas formas de vivenciar as relações familiares, era preciso definir as novas cartografias de afetos e de espaços na família.

O que propomos no trabalho é mostrar que os literatos assumiram uma postura reformadora, fizeram da sua produção literária uma estratégia de ação, com o objetivo de provocar transformações na sociedade. A proposta era de que as pessoas rompessem com práticas tradicionais de uma mentalidade rural, fundamentada na oralidade, e começassem a incorporar, nas suas práticas cotidianas, uma relação mais estreita com a cultura escrita, com as sociabilidades citadinas e com a escola, passando a se subjetivarem de outra forma. Procuramos ainda os indícios de como se dava o consumo dessas novas propostas. São os começos, algumas vezes, conflituosos, dessa relação com o mundo da escrita e da disciplina, que buscamos discutir no presente trabalho.²⁴

No percurso de reflexão e elaboração do texto, alguns conceitos e idéias foram importantes para nos ajudar a pensar o problema de pesquisa e trabalhar a documentação. A idéia das identidades de gênero como sendo histórica e culturalmente construídas corta toda a reflexão que elaboramos. As leituras referentes à discussão de gênero nos ajudaram a entender que o masculino e o feminino não são categorias fixas, mas sim construções históricas, que assumem formas diversas mesmo quando observamos um mesmo período de tempo. Observamos que as objetivações que colocamos ao feminino e ao masculino são forjadas nas práticas, no fazer cotidiano, nas práticas discursivas. Foi assim que entendemos como os literatos procuravam definir os significados do vir a ser masculino e feminino e como isso seria importante para o ordenamento social, para as estruturas de poder familiar propostas por eles.²⁵

Alguns conceitos e idéias de Michel Foucault, como a idéia de práticas e de subjetivação e ainda as de Michel de Certeau, como a idéia de prática escriturística e de

²⁴ Sobre a idéia de consumo ver: CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papius, 1996.

²⁵ SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n.20, v.2, p. 71-99, 1995.

consumo, também foram utilizadas na análise documental e na tessitura do texto. Foucault e Certeau nos fizeram entender que não devemos reconhecer nada como dado a priori, como dado objetivo, pois tudo que existe foi historicamente construído e, portanto, os objetos históricos são instáveis e passíveis de serem ressignificados nas práticas, no decorrer das tramas cotidianas. Mesmo coisas que aprendemos a ver como naturais, como a infância, o corpo, o masculino e o feminino são passíveis de serem ressignificadas, objetivados de formas diferentes.

É, assim, que procuramos na elaboração do nosso argumento, sempre que possível, apontar as práticas, mostrar as coisas acontecendo na vida cotidiana. Entendemos por prática o que fazem as pessoas, suas ações na vida cotidiana. As coisas só existem para uma prática que as objetiva, que lhes dá significado.²⁶

Outra idéia cara a Foucault que ganha relevância na nossa pesquisa é a idéia de subjetivação. Para ele, o homem não é realidade natural, originária, nem sempre foi a mesma coisa que é hoje, em outras palavras, Foucault propõe o rompimento com a idéia de homem universal, com a idéia de que - para além das aparências, da maquiagem superficial - existiria uma essência humana que estaria presente e que seria sempre a mesma.

Com efeito, ele acredita que o sujeito é produto, é construído nas práticas, no fazer cotidiano, é forjado por saberes e tecnologias diversas que o produzem e escrevem de determinada forma. Foucault acredita ainda que os sujeitos não são construídos de forma passiva, eles também participam desse processo de subjetivação, que é dinâmico, contínuo, ininterrupto. Essa forma de reflexão nos ajudou a entender que os literatos procuravam, na sua prática escriturística, mostrar outras possibilidades de as pessoas se subjetivarem como homens e mulheres, assumindo posturas diferentes das tradicionalmente vivenciadas na sociedade. Criavam toda uma teia discursiva que se tornava um saber sobre a infância, sobre os corpos, sobre as relações conjugais, que tinham como objetivo ordenar a sociedade,

²⁶ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: UNB, 1998.

escrever nos corpos uma forma de dizê-los, de significá-los, criando uma relação entre o saber que geravam e o poder que buscava disciplinar o corpo social.²⁷

A idéia de prática escriturística, desenvolvida por Certeau no livro *A invenção do cotidiano*, também assume papel importante na elaboração do nosso texto. Segundo Certeau, é com base na prática escriturística que as pessoas buscam ampliar seu controle sobre o universo, tendo em vista que ela é fundamental para que o mundo, inicialmente, visto como dado, passe a ser significado e recriado dentro de padrões racionais.²⁸

Dessa forma, os literatos procuravam com seus trabalhos escritos assumir uma posição de sujeito senhor. Procuravam elaborar, dar significados, instaurar uma racionalidade no viver cotidiano. Assim podemos dizer que os literatos, ao expressarem discursos sobre a família, sobre as identidades de gênero, prescreviam formas de vir a ser à sociedade, criavam uma forma de perceber, de significar as coisas. Apropriavam-se da instituição família, do casamento, da infância, da idéia de masculinidade, de feminilidade, e procuravam desenvolver o jogo escriturístico, determinando como deveriam ser vistas, ditas e significadas. Assumiam o papel de sujeito-senhor, acreditavam ter legitimidade e capacidade de recriar o mundo em que viviam de forma legítima, na medida em que falavam com a autoridade de quem tinha direito à fala, de quem conhecia a verdade construída a partir do lugar legítimo da ciência ou da religião, de quem detinha o saber-poder.

Um segundo conceito de Michel de Certeau que utilizamos no trabalho é a idéia de consumo. Para Certeau, o consumo dos bens culturais não se dá de forma passiva. Os consumidores assumem postura ativa, pois percebem as novas propostas sempre a partir de suas experiências anteriores, das informações que já são incorporadas às suas práticas cotidianas, dessa forma, a população recebe as informações que lhes são apresentadas pelos literatos e faz uma bricolagem de informações novas e de práticas já usuais, dando significados diferentes aos produtos que lhe são apresentados, assumem o papel de

²⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1991. p.123-204.

²⁸ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 224-226.

consumidores, mas ao mesmo tempo de produtores de bens culturais.²⁹

Dividimos a argumentação em cinco capítulos, nos quais procuramos mostrar as mudanças nas relações familiares acontecendo no desenrolar do processo de amadurecimento e de formação dos sujeitos.

No primeiro capítulo abordamos a vida infantil, as práticas presentes na sociedade com relação a essa fase da vida, bem como as práticas das pessoas em busca de se subjetivarem de outra forma, a partir de um processo de escolarização. Analisamos também as práticas escriturísticas dos literatos, que procuravam dar outros significados à infância elaborando-a como uma fase específica da vida humana, sustentando a argumentação em duas vertentes: a primeira na invenção de uma nova sensibilidade com relação às crianças, onde elas passavam a ser o centro catalisador das atenções e interesses familiares; a segunda na preocupação com a formação que deveria ser feita, a partir de então, de forma minuciosa, afastado do mundo familiar e em espaço segregado: a escola.

No segundo capítulo analisamos a juventude, entendemos que nesse momento, o mesmo processo de mudanças que está criando a infância, está criando também a idéia de juventude, que se estende dos 12 aos 25 anos aproximadamente, e no qual as pessoas estão sendo direcionadas a dar continuidade à formação escolar que lhes daria o preparo para o exercício de atividades profissionais e familiares, na idade adulta. Desse processo participam tanto homens como mulheres, mesmo que os espaços e possibilidades de cada um dos gêneros sejam bem delimitados e esquadrihados. A vivência dessa juventude se caracterizaria também pela vivência de novas sociabilidades nos espaços públicos, o processo de modernização cria novas possibilidades de convivência social na cidade, novas condições de lazer, caracteristicamente modernas, como o footing, o jogo de futebol, o cinema e até mesmo os tradicionais espaços de sociabilidades, como bailes e carnaval, ganham novas roupagens.

Um outro aspecto abordado diz respeito às novas práticas da juventude, ou seja,

²⁹ CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas: papirus, 1996.

ao namoro, sob a influência do mundo moderno, que cria, nesse momento, todo um discurso sobre o amor romântico, sobre as novas formas de sensibilidade e das vivências e escolhas conjugais. Os jovens, por serem mais bem educados, portadores de um saber legitimado pelo processo de escolarização, incorporarão outros modelos, outros padrões de comportamento, visões de mundo, que entrarão em conflito com o mundo de mudanças lentas, quase estáticas, da vida rural tradicional.

No terceiro capítulo analisamos o universo masculino adulto, procurando mostrar os modelos de masculinidade apresentados aos homens, com a intenção de capturá-los, de dar outros significados à masculinidade, que era caracterizada por uma nova forma de vivenciar a paternidade, e as relações afetivas, e também por comportamentos ordeiros e disciplinados. Verificamos, ainda, o modo como esses modelos apontavam as atividades produtivas e as funções públicas como espaços de ação masculina. Abordamos, finalmente, os descompassos entre a prática escriturística dos literatos e o consumo das novas propostas pelos homens

No quarto capítulo mostramos o universo feminino adulto e caracterizamos a forma como os literatos, através da prática escriturística, condenavam as propostas de emancipação feminina e definiam os modelos de feminilidade lastreados nos papéis familiares de esposa e mãe. Os novos modelos femininos nasciam embalados por uma forte carga afetiva presente na idéia do amor conjugal e do amor materno. Toda a problemática feminina terá como referência central as funções conjugais e maternas. A partir dessas funções serão discutidas outras possibilidades de subjetivação feminina presentes na sociedade, como a de solteirona, ou de prostituta e, até mesmo se discutirá a inserção das mulheres no mundo do trabalho e a formação escolar feminina.

No quinto capítulo problematizamos as propostas dos literatos para a convivência conjugal e familiar. Segundo eles, seria preciso dar outros significados à casa, às relações afetivas entre os cônjuges e mesmo ressignificar a relação entre pais e filhos. A casa deveria ser percebida como espaço privado, de vivência íntima do grupo familiar, assim como as

relações familiares deveriam ser lastreadas na idéia de amor, de afeto entre marido e mulher, bem como entre pais e filhos. Abordamos ainda o consumo dessas idéias e o descompasso entre propostas e práticas cotidianas com relação à casa e à vida familiar.

Presente nos cinco capítulos está a prática escriturística dos literatos na empreitada de definir novas formas de subjetivação masculina e feminina, de prescrever a necessidade de homens e mulheres se subjetivarem de outra forma, de estreitarem os laços com a cultura escrita, com o mundo da disciplina. É a história do embate entre uma mentalidade rural, lastreada na oralidade e a busca incessante de homens letrados de estabelecerem outros parâmetros, de fazer com que valores da vida familiar moderna e burguesa passassem a se fazer presentes na vida cotidiana da cidade que narraremos agora.

1 INFÂNCIA

Em 1910 nascia na fazenda São Pedro, no interior do Maranhão, o menino Raimundo de Moura Rego, filho de um pequeno comerciante de tecidos e de uma senhora descendente de família abastada do meio rural maranhense, que residia nas proximidades do rio Parnaíba.³⁰ O menino Moura Rego, assim como muitas crianças nascidas no meio rural do Piauí e Maranhão, migrou para Teresina, à procura de dar continuidade à formação escolar iniciada na fazenda onde nascera. No início do ano de 1923, acompanhado do pai e de dois primos, que, igualmente vinham prosseguir em seus estudos, Moura Rego chega a Teresina e matricula-se no Ateneu Teresinense, do padre Cirilo Chaves, em aulas particulares avulsas e em aulas de música e violino.³¹

Sua trajetória aponta para algumas mudanças. A primeira é a preocupação familiar com a continuidade da formação escolar das crianças e adolescentes. Os grupos médios e de elite começavam a formar outra mentalidade em torno da infância, onde a formação escolar, e uma relação mais estreita com o mundo da escrita era percebida, cada vez mais, como algo desejável e indispensável para o sucesso dos filhos na vida adulta. Prática que não é apanágio familiar, pois é contemporânea de investimentos públicos e privados no sentido de criar uma oferta de educação primária e secundária, que, em grande parte, se concentrará em Teresina. A demanda e a oferta de vagas escolares vão se formando concomitantemente.

O processo de migração de populações rurais do interior do Piauí e do Maranhão para Teresina não se inicia com o nosso recorte, nem termina com ele, no entanto, o período selecionado representa um momento de intensificação desse fluxo migratório, à medida que a cidade de Teresina, sede do governo estadual, passava a concentrar parte da riqueza gerada nas atividades de extração e comercialização de produtos extrativistas, como a borracha de

³⁰ REGO, Moura. *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 3-20.

³¹ REGO, Moura. *Notas fora de pauta*. Teresina. Projeto Petrônio Portela. 1985. p.25.

maniçoba, a cera de carnaúba e o babaçu, o que propiciou a existência de investimentos públicos e privados que davam movimentação e vida às atividades urbanas, que se traduziam em escolas, repartições públicas, casas comerciais de importação e exportação. A cidade se tornava assim pólo de atração de pessoas que procuravam melhores condições de educar os filhos, como também de espaços mais vantajosos no mercado de trabalho.³²

A história de crianças e jovens que migram para Teresina pode ser contada de várias formas e com vários personagens. É assim que, nos anos 70 do século XIX, o menino Higino Cunha, aos 12 anos de idade, deixando a fazenda onde nascera e onde aprendera as primeiras letras com os irmãos, migra para Teresina em busca de oportunidades para engajar-se no comércio e também com o objetivo de completar os seus estudos;³³ Bugyja Brito, em 1915, aos 7 anos de idade, juntamente com toda a família, migra de Oeiras para Teresina, tendo, entre outras justificativas para a movimentação, a busca de melhores oportunidades de emprego para o pai e de melhores condições de educação para as crianças; ou ainda a trajetória de Teresa de Albuquerque Vilarinho, que, após cursar o ensino primário na terra natal, nos anos 1940, migrou de Amarante, cidade localizada às margens do rio Parnaíba, também para Teresina, em busca de fazer o curso ginásial no Colégio das Irmãs Catarinas.

Era comum meninos e meninas experiencarem, ainda nos primeiros anos de vida, a dor de separarem-se da casa e do espaço em que nasceram. São muitos os relatos que falam da saudade, dos amigos que não tiveram a mesma sorte, das brincadeiras, da vida folgada no interior. É a mesma sensação de dor e de medo que Moura Rego experimenta na sua partida da Fazenda São Pedro, que Hugo Napoleão sente ao ver o pai afastar-se deixando-o no colégio interno em Teresina.

No entanto, mesmo nos grupos sociais de elite e médios, a movimentação em busca da escolarização e de outras formas de subjetivação não se dava de forma homogênea,

³² CASTELO BRANCO. Pedro Vilarinho. Desejos, tramas e impasses da modernização: Teresina 1900-1930. *Scientia et Spes*, Teresina, n. 2., p. 295-314, 2002.

³³ CUNHA, Higino. *Memórias - autobiográficas*. Teresina: Imprensa Oficial, 1939. p.7-12.

muitas famílias não contavam com as condições de enviar todos os filhos para os centros urbanos para prosseguirem nos estudos. Havia, por outro lado, um grande apego, por parte de muitas crianças e jovens, à vida no campo, preferindo o trato com a terra e com o gado, bem como a gerência dos negócios da família, numa estreita relação com o mundo de sociabilidades rurais.

As Biografias de pessoas que viveram esse momento dão conta de transformações estruturais que impulsionavam a migração de áreas rurais para Teresina e, em seguida, para centros urbanos maiores, com objetivo de completar seu processo de escolarização³⁴, como marcos importantes de suas trajetórias. Ao lado disso, encontramos, na pesquisa, uma vasta problematização elaborada por grupo de literatos de variadas vertentes do pensamento filosófico a pensar a infância e a apontar a necessidade de articular novas práticas da sociedade com relação às crianças. Nesse sentido, o objetivo desse capítulo é identificar, nas trajetórias trabalhadas, as práticas cotidianas que levariam os indivíduos a construir suas subjetivações, para, em seguida, verificar as propostas dos literatos, que são, no nosso entendimento, uma prática escriturística³⁵, uma tentativa de homogeneizar os procedimentos em torno da infância, de apreender as crianças numa teia discursiva, com intenção de discipliná-las. Num terceiro momento voltamos a análise para a observação dos possíveis resultados, dos consumos desses discursos, percebendo como a formação das pessoas era influenciada ou não pelas propostas dos literatos. Para Certeau, o consumo dos bens culturais não se caracteriza por ser relação passiva, o consumidor recebe as informações, os saberes veiculados através das mais diversas formas, fazendo uma bricolagem de informações novas e velhos costumes, já incorporados, por ele, às práticas cotidianas. É assim, que o consumidor

³⁴ A idéia de processo de escolarização está fundamentada em ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981. p. 178-194.

³⁵ A idéia de prática escriturística trabalhada no texto é um conceito de Certeau. Para o autor, prática escriturística é um procedimento, uma prática que procura ordenar, dar racionalidade ao corpo social. Neste discurso está presente um conteúdo disciplinador que é criado e propagado a partir de formas de saber-poder produzidas dentro de espaço próprio, institucionalizado como o discurso jurídico, pedagógico e religioso. Cada uma dessas formas discursivas procurando desenvolver a prática escriturística do corpo social, ordenando-o, procurando homogeneizá-lo. CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.224-226.

burla as imposições que procuram homogeneizar a sociedade.³⁶

É sobre o universo da infância e de como novas propostas de percepção da criança se fizeram presentes, e, ainda, como foram consumidas essas propostas, na Teresina do começo do século XX, que trata o presente capítulo.

As crianças, no período em estudo, viviam vinculadas ao meio rural ou ao mundo das pequenas cidades e suas sociabilidades. A ausência de condições médico-sanitárias apropriadas tinha como consequência uma maior insegurança quanto à sobrevivência infantil, o que explica, em parte, a relativa importância atribuída à infância no meio social.

Deste modo, as crianças só ganham maior visibilidade quando percebidas como continuadores da linhagem, do nome familiar.³⁷ Não havia a percepção da infância como uma fase específica da vida humana, as crianças não eram percebidas como seres frágeis, em formação, carentes de cuidados e atenções especiais. Não haviam instituições que se voltassem exclusivamente para atendê-las e educá-las, aos sete ou oito anos, estando a maior parte delas, nessa idade, já engajada no mundo do trabalho, dividindo espaço com as pessoas adultas a aprender algum ofício.³⁸ Era prática comum ensinar aos filhos, mesmo nas famílias abastadas, um ofício prático que lhe auxiliasse na vida adulta. Moura Rego apresenta seu pai como alfaiate, ofício que lhe rendeu o sustento por muito tempo; o pai de Bugyja Brito era farmacêutico prático, ofício que aprendera com seu pai Benedito; Tomé Ribeiro, comerciante estabelecido em Amarante, tinha entre seus artigos à disposição da clientela, copos, lamparinas, canecos, funis, marmitas, papeiros e outros produtos que aprendera a fabricar com o uso da bigorna e de tesoura apropriada, tinha o ofício de funileiro que herdara do pai.

³⁶ A idéia de consumo no texto está fundamentada em: CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1996. Para Certeau, o consumo de bens culturais nunca é feito de forma passiva, a percepção dos consumidores sempre será permeada pelas suas experiências anteriores, pela cultura que ordena as práticas. O consumidor recebe as informações, as imagens, que são veiculadas até ele pelos literatos, no entanto, de forma ativa, ele as ressignifica, dá novos usos, faz uma bricolagem com as informações e costumes que já tinha incorporado na cultura, dessa forma, ele é consumidor mas ao mesmo tempo produtor.

³⁷ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 13.

³⁸ QUEIROZ, Teresinha. O nascimento da infância. In: _____. *História, literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 151-168.

No romance *Vaqueiro e visconde*,³⁹ José Expedito Rego retrata a trajetória infantil de Manoel de Souza Martins⁴⁰, revelando uma possibilidade de trajetória infantil no Piauí do século XIX, construída num meio rural, dando conta da existência de práticas diversas, de sociabilidades construídas fora dos quadrantes escolares. O menino Né de Sousa, personagem do romance, embora tenha até aprendido a ler e a realizar alguns cálculos aritméticos com familiares, recebeu do vaqueiro Afonso as grandes lições que o iniciaram na arte de campear o gado, de saber achar as vacas manhosas que escondiam as crias, a manusear o ferrão para auxiliar na captura dos bois, a laçar e derrubar os mais renitentes, a encaretá-los e levar até o curral, a curar as bicheiras, a conhecer a hora de cobrir os animais e toda uma série de saberes práticos que eram repassados às gerações mais novas no contato direto e cotidiano.⁴¹

A trajetória de Manoel de Souza Martins mostra práticas de socialização e formação educacional das crianças tendo como ponto de partida o contato com os adultos, pois era na relação direta e na observação do fazer cotidiano, que as crianças aprendiam a acessar os conhecimentos práticos necessários à sobrevivência em seu espaço, a lidar com os animais, a pescar, caçar, montar a cavalo, a preparar pequenos utensílios domésticos necessários à vida no campo.⁴² Em síntese, a educação das crianças era tarefa familiar e comunitária.⁴³

A infância era o momento do aprendizado, da incorporação não só de práticas, mas também de valores que se faziam presentes na vida cotidiana, que condicionavam e definiam os papéis de cada um no corpo social. Dessa forma, o aprendizado das crianças tinha o sentido de ensinar-lhes noções de comportamento como também a se movimentarem em um

³⁹ Ao esboçarmos a trajetória de Manoel de Souza Martins, levaremos em consideração não apenas os enunciados da historiografia, mas também os enunciados da criação literária, por entendermos que são tênues os limites entre história e literatura, sobretudo quando se trata de romance histórico, como é o caso da obra citada, visto que este gênero pretende produzir efeitos de realidade através de referências factuais.

⁴⁰ Manuel de Souza Martins, O visconde da Parnaíba, era também conhecido como Né de Sousa, nome adotado por Expedito Rego, para o protagonista do seu romance.

⁴¹ RÊGO. José Expedito. *Vaqueiro e Visconde*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986. p.28.

⁴² ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *O engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rego*, [Digitado]. p. 7.

⁴³ GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI. Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/CPDOC, 2002. p. 382.

mundo heterogêneo e estratificado. Em uma realidade na qual as pessoas eram marcadas por relações de gênero, pela condição social e por questões raciais, as crianças deveriam aprender, como também incorporar as diversas condições sociais que separavam as pessoas em homens e mulheres; proprietários, agregados e escravos; em brancos, pretos, índios e mestiços; em senhores e escravos; em ricos e pobres.

Por sua vez, meninos e meninas eram direcionados, desde cedo, a assimilar referências quanto ao corpo e sobre as implicações que isso teria na vivência social de cada um. Em razão disso, meninos brincavam de montaria, utilizando talos de coco ou mesmo montando em animais de pequeno porte, como carneiros, reproduzindo nas brincadeiras o meio social em que viviam. Criavam fazendas imaginárias, nas quais ossos ou pedras representavam animais domésticos. Nessas brincadeiras, ferravam bois, cuidavam de bicheiras, dividiam o gado para o abate, entre outras atividades que percebiam no cotidiano da fazenda.⁴⁴ Para caçar pequenos animais, utilizavam-se de baladeiras; os passeios à beira dos riachos, à cata de frutas nas redondezas, eram de extrema importância, estimulando-lhes o espírito audaz, livre, empreendedor, mas também tratava-se de uma forma de treiná-los, para que aprendessem a lidar com o gado, a administrar as fazendas, a pescar e caçar – atividades masculinas por excelência nessa sociedade rural e pastoril.

Na grande maioria dos casos, o grau de envolvimento com o mundo do trabalho, era marcado pela origem social das crianças; isto é, as originárias dos grupos proprietários teriam o aprendizado de todo o processo produtivo das fazendas, mas também seriam ensinadas a comandar, a dar ordens, a administrar as fazendas, a tornarem-se chefes políticos, a fazerem às vezes de juizes, arbitrando os conflitos de interesses. Mais uma vez o aprendizado da vida adulta era vivenciado na prática, era vendo o tio, conhecido como “Senho” a dar ordens, a encaminhar os negócios do engenho e da criação do gado, a resolver

⁴⁴ FALCI, Miridan Brito Knox. *A criança na Província do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras/CEDHAL, 1991; RÊGO, Raimundo Moura. *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

pequenos conflitos entre os moradores e a impor-se como proprietário e senhor, pelas suas posturas de mando, que Moura Rego e seus primos aprenderiam a ser homens adultos e proprietários⁴⁵. Foi também, dessa maneira, que o menino Né de Souza aprendeu com o pai, em viagens a feiras de gado na Bahia, a negociar pelo melhor preço possível o gado.⁴⁶ A aprendizagem da vida prática era importante para dar continuidade a toda a engrenagem produtiva da propriedade e às relações de poder e mando presentes no meio.

Por conseguinte, aos filhos dos agregados e dos escravos, o aprendizado do trabalho seria uma questão de necessidade, de obrigação, de sobrevivência. A observação desta realidade mostra que os meninos, desde os seis, sete ou oito anos, encontravam-se engajados no trabalho com os adultos, aprendendo a laçar bezerros e cavalos, ainda bravos e não acostumados à cangalha e à sela. Também era trabalho dos pequenos ordenhar as vacas e levar o leite até a Casa-Grande.⁴⁷

Para os meninos as práticas sexuais também tinham importância central no aprendizado de ser homem. Moura Rego enfatiza no seu romance autobiográfico a importância que as práticas em torno da sexualidade tinham na definição da masculinidade dos meninos; no entanto, ela não era problematizada, partindo da idéia de comportamentos normais e desviantes.⁴⁸ Neste sentido, a masturbação, a zoofilia e outras manifestações da sexualidade, que seriam percebidas posteriormente como desviantes, eram, nas sociedades tradicionais, percebidas como constitutivas do aprendizado de tornar-se homem.⁴⁹ Nos relatos de Moura Rego a sexualidade dos meninos despertava cedo, influenciada principalmente pela proximidade com os animais:

Depois de cenas como as do cruzamento [dos animais], os meninos corriam direto ao riacho para a prática da masturbação coletiva. Ela e o amor

⁴⁵ RÊGO, Raimundo Moura. *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portela. 1986.

⁴⁶ RÊGO. José Expedito. *Vaqueiro e Visconde*. Teresina. Projeto Petrônio Portela. 1986

⁴⁷ CASTELO BRANCO, Renato. *A civilização do couro*. Teresina: D.E.I.P. 1942. p. 47.

⁴⁸ COSTA. Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal. 1999. p.187.

⁴⁹ ALBUQUERQUE JR., op. cit., p. 08-09.

selvagem dos bichos, não raro à vista de todo mundo, fazem com que o sexo, no interior, venha antes do tempo. [...] durante o dia eram as masturbações coletivas na hora do banho em local ermo do riacho, [...]. De noite, eram as visitas ao chiqueiro das cabras e das bezerras, havia quem gostasse de jumenta, cadela e até galinhas. Segundo Roberto, o Mundico do Herculano apaixonou-se por uma galinha branca em Nova Aurora, e tal era o seu amor por ela que andava com os bolsos cheios de pedras para atirar no galo, quando o visse arrastando a asa à sua amante.⁵⁰

A masturbação coletiva e as visitas aos chiqueiros e currais, onde se iniciavam sexualmente com os animais, faziam parte das práticas, dos rituais de iniciação sexual de inúmeros meninos nas áreas rurais. Essas práticas não sofriam grandes admoestações por parte dos adultos, consistindo em parte relevante da iniciação sexual masculina, do aprendizado de ser ativo, de ser viril.

A centralidade que a sexualidade tinha na passagem da condição de menino para a de homem fazia com que práticas como as relatadas por Moura Rego fossem, de certa forma, comuns e mesmo cobradas dos meninos pelos adultos, que esperavam dos filhos que molestassem os animais e que competissem com os outros na masturbação. Não cumprir esses rituais seria atitude estranha no meio masculino. Desta forma, a primeira relação sexual com uma mulher era passo importante para a passagem da infância à vida adulta. A experiência de Moura Rego é ilustrativa dessa percepção:

Mulher por essa altura não entrava em nossas cogitações. Primeiro porque não havia mulher da vida no engenho. Cada mulher tinha seu homem, e as caboclas não davam confiança a menino; segundo, porque os animais satisfaziam os nossos prazeres iniciais.

De mim posso dizer que conheci a primeira mulher aos 13 ou 14 anos, foi com a negra Beatriz, mas velha do que eu, foi no mato deitada sobre folhas secas, ela suspendeu o vestido de riscado e em poucos minutos o ato era consumado, tal como o de um pai-de-chiqueiro.⁵¹

⁵⁰ REGO, Raimundo Moura, *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, p.61.

⁵¹ REGO, Raimundo Moura. *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portela. p. 62.

A primeira relação era passo importante para igualar-se aos homens adultos, era motivo de exibição perante os outros meninos, motivo suficiente mesmo para deixar de considerar-se menino e passar a ser percebido pelos outros como homem, como adulto.

Outra questão mostrada por Moura Rego como caracterizadora de sua infância diz respeito ao início da sua formação escolar. Inicia-se no mundo das letras em casa em pequena escola improvisada, onde um mestre-escola contratado pelos familiares exercia seu trabalho de desasnar os meninos da fazenda. A escola era marcada pela precariedade e pelas necessidades do meio. Segundo A. Sampaio, no livro *Velhas escolas grandes mestres*, o trabalho do professor, nessas escolas, não se limitava a ensinar a ler, a escrever nem às quatro operações aritméticas, este ensinava também os meninos a fazerem abanos, cofos, cabrestos, peias, esteiras, jacás, urupembas, quibanos e uma série de outras utilidades domésticas. Para os mais inteligentes, os mestres-escolas ensinavam ainda algumas artes místicas e esotéricas, tais como: fazer benzeduras, curar animais pelo rastro, rezar contra quebranto, mau-olhado, dor de dente.⁵²

A fala de Sampaio ilustra a forma que assumia essa atividade de ensino, como também as necessidades e demandas do meio. Ensinar às crianças a produzir utensílios domésticos necessários ao cotidiano do meio rural era uma forma de tornar seus serviços de mestre-escola mais atraentes e próximos das demandas do meio social. Entretanto, a descrição de Sampaio mostra ainda a distância muitas vezes existente entre as professoras formadas nas escolas normais e os mestres-escola; enquanto as primeiras fundamentavam sua autoridade no fato de serem detentoras de saber fundado em princípios científicos, os segundos tinham suas práticas e saberes forjados nas práticas cotidianas, nos conhecimentos aprendidos na convivência social.

Os mestres-escolas se relacionavam de forma autoritária, até mesmo ríspida, com os alunos. O uso de castigos físicos era prática legítima para quem assumia o papel de mando

⁵² SAMPAIO, Antonio. *Velhas escolas grandes mestres*. Esperantina: Prefeitura Municipal de Esperantina, 1996. p. 22.

naquela sociedade. Aos alunos caberiam a obediência e o empenho, posto que tais atitudes também faziam parte do aprendizado, pois, enquanto adultos, deveriam assumir posturas autoritárias de mando, reproduzindo, dessa forma, as práticas e estruturas do exercício do poder, presentes na sociedade.

A relação com a escola acentuava as diferenças entre os gêneros. A preocupação paterna quanto ao aprendizado das letras para as meninas não tinha a mesma intensidade que a dispensada aos meninos. As diferenças se acentuavam ainda mais pelo fato de alguns meninos serem encaminhados aos centros urbanos para cursar a escola secundária e, em alguns casos, alcançarem níveis superiores enquanto as mulheres, na maioria das vezes, não contavam com esse empenho familiar.⁵³ Para a grande maioria das famílias, o futuro das meninas estava no aprendizado de práticas necessárias ao desempenho de suas funções como esposa e mãe.

A escola também enfatizava as diferenças sociais, tendo em vista que somente os proprietários tinham condições de mandar os filhos para as cidades, onde poderiam prosseguir estudando. Deste modo, alguns poucos, tendo seu talento reconhecido, seriam encaminhados para atingir níveis educacionais superiores.

Os relatos autobiográficos de Leônidas Melo, Cristino Castelo Branco e de Bugyja Brito, sobre suas infâncias transcorridas, respectivamente nos núcleos urbanos de Barras, Teresina e Oeiras, nos falam de outras formas de vivenciar a infância que guardam diferenças e aproximações com as trajetórias já relatadas aqui. A precariedade da vida urbana e a forte influência do meio rural sobre as cidades faziam com que a vida infantil tivesse, em linhas gerais, características próximas, embora algumas mudanças já se fizessem presentes, particularmente em Teresina.

Em agosto de 1899 nasce na cidade de Barras, norte do Piauí, o menino Leônidas de Castro Melo, terceiro filho do coronel Regino Melo e da Senhora Marocas, ele comerciante estabelecido na cidade, ela dona de casa. O relato de Leônidas Melo sobre sua meninice dá

⁵³ FALCI, Miridan Brito Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: UNESP/Contexto, 1997. p. 241-277.

conta de um regime rígido, imposto pelo pai, na criação dos filhos. O coronel Regino não admitia que os filhos tivessem vida folgada a andar pelas ruas da cidade e nos arabaldes próximos na vadiagem com outras crianças:

Meu pai não permitia que os filhos freqüentassem casas de outros meninos, nem tomassem parte em brincadeiras de rua. Às vezes raramente, eu tentava uma escapadela pela vizinhança, mas logo minha ausência era notada e me mandavam chamar. Onde estivesse estaria sempre na desagradável expectativa do chamado. E quando voltava eram certos um puxão de orelha e a advertência que meu pai nunca relaxava de fazer:

Venha para casa. Quem bota perna na rua é moleque.⁵⁴

A vida do menino Leônidas transcorria no espaço da casa, onde certo recato mesmo no falar era exigido pelos pais⁵⁵, onde a disciplina, a freqüência de todos na hora das refeições, momento de intimidade, e convivência familiar era igualmente observado por todos. A disciplina estendia-se ainda aos cuidados corporais e a aparência dos filhos, Dona Marocas, como mãe zelosa, deveria estar atenta aos hábitos de higiene pessoal:

Vocês devem acordar cedo, lavar bem o rosto, as mãos, os pés e pentear o cabelo. Todo dia devem fazer isso. A gente deve ir para a escola com o corpo e a roupa bem limpinha.⁵⁶

Era no quintal da casa onde Lêonidas se sentia melhor, divertia-se a cuidar de pássaros e a observar os animais domésticos e ainda a subir nas fruteiras. Contudo, não tinha a liberdade de utilizar livremente as frutas, pois, segundo seus relatos, a mãe se encarregava pessoalmente de colher e ofertar aos amigos da casa ou colocar à venda no comércio as frutas da época de melhor qualidade e raridade, disponibilizando em seguida aos familiares o restante da safra. A única saída de casa permitida ocorria ao final da tarde, quando ia à casa de uma tia, que lhe ensinava o catecismo e algumas orações católicas.

⁵⁴ MELO, Leônidas de Castro. *Trechos do meu caminho*. Teresina: COMEPI, 1976. p.31.

⁵⁵ Ao relatar seu encontro com o menino Dídimo e expressar seu desejo de também freqüentar a escola, Leônidas diz: “Eu iria então ouvir e falar sem constrangimento” dando a entender que não o fazia dentro do espaço da casa. Para conferir ver: MELO, Leônidas, 1976. Op cit., p. 33.

⁵⁶ MELO, Leônidas, 1976, p.63.

Sua vida só sofre alguma modificação com a chegada do menino Zuza, filho de um maquinista, empregado do seu pai, que se tornou sua companhia inseparável. Com a permissão do coronel Regino, o menino Zuza passa a freqüentar cotidianamente a casa de Leônidas e a dividir com ele as brincadeiras no quintal. Leônidas menino preso, embora soubesse das brincadeiras de caçar pequenos animais, dos banhos no rio Maratoan, das fugas dos meninos até os carnaubais mais distantes da cidade onde armavam arapucas para pegar pássaros e outros divertimentos infantis, pouco participava dessas aventuras, fazendo-o apenas em momentos de exceção, quando o pai se ausentava da cidade.

A rigidez da educação de Leônidas lhe privava de adquirir experiências presentes na vida de outros meninos que viviam mais livres. Na única experiência em que relata certa liberdade da ferrenha vigilância dos pais, fala de um passeio que faz com o colega Zuza às margens do rio Maratoan, onde arma arapucas buscando capturar canários, acabando por se envolver em uma briga com outro menino pela posse de um canário. Na briga Leônidas leva nítida desvantagem por não saber determinados golpes como a queda de corpo. Zuza, conhecedor dos golpes de luta do adversário de Leônidas, consegue salvar o colega da surra. Após o embate Zuza comenta espantado a falta de habilidade do amigo, como se não conseguisse entender como um menino não soubesse artimanhas tão comuns nas práticas infantis: “Rapaz tu precisa aprender “queda de corpo” ele só te derribou por que tu não sabes. No Angical todo menino sabe.”⁵⁷

Outro fato que vai modificar a vida infantil de Leônidas é seu ingresso na escola de um Senhor, conhecido como Mestre Freitas, onde se iniciou no mundo das letras. A primeira impressão que a escola provoca em Leônidas é a sensação de liberdade, de romper com a vida presa em que seu pai mantinha os filhos. Dessa forma, a escola, que para muitos parecia um tormento, era percebida por ele como uma possibilidade de folga, de sair de casa, de brincar com outros meninos:

⁵⁷ MELO, Leônidas, 1976, p.61.

Uma manhã eu estava sentado à borda da calçada de nossa casa quando avistei o Dídimo, menino meu conhecido, filho de seu José Mariano, um velho pescador e quitandeiro que morava no final da rua. Ia para a escola. [...]

Acompanhei-o com os olhos até chegar à praça da Igreja onde ficava a casa do Mestre Freitas. Tive um súbito desejo de freqüentar a escola. Como seria bom subir e descer a rua sozinho; ficar em convívio com os outros meninos, longe da austera vigilância paterna.⁵⁸

A escola entra na sua vida aos oito anos, idade em que o coronel Regino determinava como a certa para iniciar os filhos na escola. Passou a freqüentar a escola do Mestre Freitas, professor de primeiras letras estabelecido há muito tempo na cidade e com longa experiência de desasnar menino.

A escola era formada por uma única sala onde estudavam meninos em diferentes níveis de aprendizado. Enquanto os mais adiantados davam uma lição de matemática, outros davam a lição de leitura mais adiantada e um terceiro grupo procurava em voz alta aprender as letras na carta de ABC. Esse ensino simultâneo que parece, aos padrões pedagógicos de hoje, estapafúrdio e improdutivo, era prática corrente no Brasil do século XIX.⁵⁹

A infância de Leônidas livre de atividades produtivas, de obrigações domésticas acabou juntamente com a educação primária. Aos 11 anos, após passar pouco mais de 3 anos na escola e aprender a ler, a escrever, a fazer cálculos com as quatro operações, a calcular juros e regra de três, Mestre Freitas avisou que o menino já estava pronto, que nada mais tinha para lhe ensinar.

A vida escolar de Leônidas se encerraria aparentemente aos 11 anos, após apenas iniciar-se no mundo da escrita e dos números, por algumas razões: em primeiro lugar pela falta de condições de continuar a estudar, na cidade de Barras não havia escolas que lhe possibilitassem continuar os estudos e chegar aos preparatórios e até ao sonho de uma

⁵⁸ MELO, Leônidas, 1976, p.33.

⁵⁹ Sobre o trabalho de ensinar desenvolvido pelos mestres escolas ver: VILELA, Heloisa E. O. S. O mestre escola e a professora In: *500 ANOS de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 95-134.

formatura superior.

Um segundo aspecto a ser levado em consideração era que os custos para manter um filho em outra cidade onde as condições de educação fossem melhores eram muito elevados, necessitando de sacrifícios de toda a família. Dessa maneira, uma formatura superior de um membro da família era quase sempre fruto de esforço coletivo para custear despesas, sacrifício que, pelo menos, naquele momento os pais de Leônidas não estavam convencidos de que seria viável ou mesmo, compensador fazer.

E em terceiro lugar, mas não menos importante, estava a mentalidade de vincular os filhos à vida prática, de ensinar-lhes um ofício, um meio de vida, ou lhe proporcionar os recursos materiais necessários para dar continuidade ao nome às glórias e negócios da família. O encaminhamento dos meninos à vida adulta logo depois dos primeiros anos escolares era a prática corrente na sociedade. Ensinavam-lhe um ofício, engajavam os meninos como aprendizes no trabalho e aí davam por encerrada sua formação.

É assim que aos 11 anos Leônidas começaria outra fase da vida, com o aprendizado do ofício de comerciante com o pai e os irmãos:

Moço (estranhei esse tratamento que ouvia pela primeira vez) você não precisa mais freqüentar a escola agora é passar no balcão o dia todo, aprendendo a ser comerciante. Não tenho outra profissão para deixar aos filhos. Seus irmãos mais velhos já estão encaminhados.

E se procederem bem e trabalharem como eu trabalhei não se arrependerão. Como comerciante casei, e é do comércio que tenho criado os filhos e sustentado a família. Nunca sua mãe nem vocês passaram fome.⁶⁰

Sua vida até então marcada por práticas bem diferentes das assumidas tradicionalmente começava a ganhar, dentro das especificidades de uma atividade urbana como o comércio, contornos já peculiares em outras trajetórias tratadas aqui, seria na prática

⁶⁰ MELO, Leônidas, 1976, p. 80.

cotidiana, na convivência com os adultos que ele aprenderia o ofício de comerciante. Essa seria sua profissão, aprendida com os irmãos e o pai, deveria adquirir uma série de conhecimentos práticos necessários à sua subjetivação como comerciante, aprender a negociar com fornecedores, de comprar pelo menor preço e vender por preço compensador, saber aproveitar as oportunidades de ganho, saber economizar, valorizar sua mercadoria, convencer o cliente a realizar o negócio, saber onde comprar, em quem confiar, saber cobrar os débitos. Era toda uma série de práticas e saberes que lhe seriam ensinadas na observação cotidiana dos adultos em ação.

Para o coronel Regino a vida austera, a disciplina rígida que impunha aos filhos e à mulher era também parte do aprendizado dos saberes que levariam os filhos a serem bem sucedidos. O período de educação escolar, onde aprendera o básico, era pré-requisito para a atividade do comércio. Com esse saber poderia ler as letras de crédito, fazer encomendas, ver tabelas de fornecedores, calcular os preços de compra e venda dos produtos, os juros a serem cobrados nas compras a prazo. Diferentemente do trabalho na fazenda, para essas atividades urbanas, como o comércio, algum saber escolar era imprescindível. Leônidas dá a entender que na cabeça do coronel Regino a trajetória dos filhos já estava há muito traçada, e a vida austera, disciplinada, a necessária e imprescindível passagem pela escola, a idade certa para iniciar-se na vida de comerciante. Tudo parecia fazer parte de uma prática já experienciada com os filhos mais velhos e depois repetida com ele.

Cristino Castelo Branco é outro menino que tem sua trajetória marcada pela vivência em espaços urbanos no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Nascido em Teresina no ano de 1892 e descendendo de famílias tradicionais ligadas ao criatório do gado, mas vinculado a um ramo familiar já em vias de desvincular-se das atividades rurais e firmar-se em atividades urbanas, como as funções de guarda-livro, comerciante e funcionário público, exercidas por seu pai, Cristino relata uma infância passada num meio provinciano, entrecortado de práticas rurais e urbanas.

Suas brincadeiras não se davam nos currais, nas campinas das fazendas, mas nas ruas da cidade, é na brincadeira de jogar pião, de empinar papagaios, de subir em muros e árvores da casa paterna e de vizinhos, que diz passar sua infância. Relata também seus passeios ao fim da tarde pelas ruas da cidade montado em seu carneiro. Ainda menino aos 7 ou 8 anos, já andava vestido de terno, com roupa idêntica à dos adultos, a anunciar certa precocidade na incorporação das crianças ao mundo adulto.⁶¹

Abdias Neves ao argumentar em favor de outra percepção das crianças na sociedade, critica veementemente essas práticas de querer, desde muito cedo, impor aos meninos e meninas vestimentas e composturas de adultos, a usar roupas que ele considerava impróprias à liberdade corporal, que favoreceria a atividade física desses corpos em desenvolvimento.⁶²Tais práticas parecem ser indícios de certa dificuldade da sociedade em análise de perceber a especificidade da infância como uma fase da vida humana com traços e características específicas.⁶³

Cristino aponta ainda para a presença do médico aos episódios em que apresentava doenças, como o sarampo, a catapora ou a gripes muito fortes, esse seria outro indício de distinção entre a vida infantil vivenciada no meio urbano de Teresina e de outras áreas do Piauí. Os relatos de Moura Rego sobre doenças e tratamentos terapêuticos desenvolvidos, na fazenda em que nasceu no sertão, dão conta de outras práticas, onde rezadores, e mesmo homens práticos, detentores de saberes apreendidos nos contatos cotidianos, procuravam com o uso de ervas medicinais promover a cura dos doentes. Na família de Cristino, por seu lado, as doenças ainda eram tratadas em casa, cuidar dos doentes era tarefa feminina, mas seu depoimento aponta para mudanças substanciais, pois os cuidados com a saúde tendencialmente migravam para a responsabilidade de profissionais legitimados

⁶¹ CASTELO BRANCO. Cristino. *Frases e Notas*. Rio de Janeiro: Pongeti, 1957.

⁶² NEVES, Abdias. Noções de Pedagogia Aplicada. *Diário do Piau*, Teresina, ano IV, n. 110, p. 2, 17 maio. 1914.

⁶³ Sobre a temática da percepção das sociedades tradicionais em relação às crianças ver: COSTA Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

por um saber acadêmico, por uma relação estreita com a escrita, que já se fazia presente na cidade. O saber médico, aos poucos, se insinuava no seio das famílias e impunha suas verdades seu conhecimento sobre os corpos. O referido processo não se dá de forma homogênea e muito menos sem conflitos com as práticas de cura das rezadeiras e toda uma série de saberes tradicionais relacionados à cura de doenças. É provável que recorressem aos médicos, que fizessem uso dos procedimentos por ele prescritos e, ao mesmo tempo, lançassem mão de rezadeiras, de benzeduras, e outros recursos em busca da cura.

Cristino Castelo Branco aponta ainda para as práticas educacionais, já, segundo ele, totalmente desenvolvidas fora do espaço familiar e por pessoas que se dedicavam à atividade educacional. Seus relatos nos levam a perceber que a oferta de educação infantil na cidade já se dava de forma a atender a demanda dos grupos de elite e médios da sociedade. As práticas educacionais relatadas por ele dão conta, no entanto, de professores marcadamente autoritários, adeptos de métodos, na sua visão, arcaicos, tudo indicando, porém, que totalmente legitimados pelas práticas familiares presentes na educação infantil: *Tive a desdita de ver e ouvir alguns pais, matriculando os filhos, dizerem, em cruel recomendação: seu Luiz [professor], meta o pau – era essa infelizmente a mentalidade pedagógica da época.*⁶⁴

Anos depois, já formado e diretor da instrução pública, será de Cristino uma das vozes que mais se levantará a favor da educação moderna, desenvolvida e aprendida na Escola Normal e que se voltava contra essa prática vivenciada por ele na infância.

A escola parece no relato de Cristino ser caminho sem atropelos, não relata no seu período escolar a presença de atividades vinculadas ao mundo do trabalho. Ao término das aulas primárias, engaja-se nos preparatórios do Liceu Piauiense, dando continuidade à formação escolar. No que diz respeito aos aspectos materiais, o fato de morar em Teresina, cidade que contava com aulas secundárias, assim como o de ter na família parentes que haviam alcançado a formatura superior, podem ter contribuído para que Cristino Castelo

⁶⁴ CASTELO BRANCO. Critino, op. cit. , p.125.

Branco não só concluiu os estudos secundários com apenas 15 anos, mas de ter, já nessa idade, ingressado no curso superior em Recife.⁶⁵

A trajetória do menino Bugyja Brito, nascido na cidade de Oeiras em 1907, mostra outra possibilidade de como se davam as práticas cotidianas de vivência da infância no período em análise. Particularmente no que se refere à fase de sua infância vivida em Teresina, podemos perceber, na sua fala, algumas diferenças em relação às trajetórias anteriormente apresentadas.

Os relatos de Bugyja são entrecortados por referências aos antepassados, e mesmo à convivência de várias gerações e de inúmeros agregados dentro do mesmo espaço da casa. Diferentemente da casa do menino Leônidas Melo, onde a presença de pessoas estranhas ao meio familiar nuclear, se davam de forma pontual e esporádica, a casa do menino Bugyja em Oeiras é caracterizada pela presença dos avós, de tias, e de muitos agregados, muitos deles ex-escravos ou filhos de ex-escravos da casa que continuavam trabalhando com a família, a ela se agregando.

A vida de Bugyja também transcorre no entremeio de referências de sociabilidades e práticas rurais e urbanas. É menino da cidade, mora em Oeiras e posteriormente em Teresina, no entanto, determinadas práticas marcadamente do meio rural se fazem presentes na sua trajetória, desde o nascimento. É assim que relata o fato de seu umbigo, como era prática no meio sertanejo, ter sido enterrado na porteira de um curral da fazenda Carcará com o objetivo de dar boa sorte ao menino no criatório de gado. *“Essa tradição bem piauiense significava o chamamento de prosperidade para a criança, que devia ter boa sorte na criação de gado”*.⁶⁶

Os sete primeiros anos de vida do menino se passam pelas ruas de Oeiras, nas redondezas da casa-grande posta na praça principal. Diferentemente de Leônidas Melo, a criação de Bugyja era feita com relativa liberdade transitando livremente entre as casas dos

⁶⁵ CASTELO BRANCO. Cristino, op. cit. , p.134.

⁶⁶ BRITO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977. p.78.

parentes, brincando nas ruas com meninos de sua idade, a empinar papagaios, a banhar no riacho Mocha, a fazer pequenas incursões aos arrabaldes da cidade em busca de pequenos animais: *peguei passarinhos, armei mundéus para apanhar preás, andei descalço pela praça da matriz, e nas ruas adjacentes, corri em cima de cavalo quando ia ao carcará [fazenda].*⁶⁷

No que se refere à sexualidade e suas práticas, Buggyja mostra-se mais expansivo, ao falar do assunto, do que Leônidas. Mesmo de forma muito velada, trata do assunto em suas memórias e coloca como seu primeiro despertar para tais assuntos as conversas com o menino Raimundo, quatro anos mais velho do que ele:

Eu já tinha sete anos, enquanto o Raimundo devia ter de 10 a 11 anos, portanto mais velho e mais sabido. A questão de sexo devia ter-lhe aflorado bem o espírito, por isso que foi-me explicar coisas que eu ignorava. Explicando esse assunto de sexo mostrava uma mulher semi-nua [e apontava-a] que assim estava por se achar trabalhando na água e em lugar semi-deserto.⁶⁸

Sua trajetória escolar inicia-se aos 7 anos de idade, quando a mãe começa a ensinar-lhe as primeiras letras para que ao se iniciar na escola já tivesse algum embasamento. Aos 8 anos, já morando em Teresina começa uma trajetória escolar diferente da seguida por Moura Rego, Leônidas Melo e Cristino Castelo Branco. Não passa pela experiência de estudar com mestres-escolas, matricula-se em escola pública, onde conta com professoras formadas pela Escola Normal. Nessas escolas a preocupação com a graduação dos conhecimentos e a divisão dos alunos por idade já era prática corrente. O trabalho de ensinar também ganhava outra conotação, preocupada com práticas pedagógicas modernas, em transmitir às crianças não só conhecimentos intelectuais básicos da escola primária como valores e princípios morais e cívicos.

A vivência de Buggyja Brito na escola primária aponta assim para o surgimento de

⁶⁷ BRITO, Buggyja, op cit , p. 99.

⁶⁸ BRITO, Buggyja, op cit , p. 92.

outras práticas em relação à escola. A presença das normalistas rompia com os métodos ríspidos, como o uso da palmatória. Segundo crônica de Caio Lima, as escolas estavam deixando de ser um lugar que causava medo às crianças, para ser lugar agradável.⁶⁹

Bugyja Brito passava, assim, por práticas e vivências da infância que guardavam algumas diferenças das vivenciadas em Oeiras. Além das novas práticas em torno da educação algumas novidades do mundo moderno que passarão a se fazer presentes no universo infantil do início do século XX, começavam a encantá-lo. Estamos falando, entre outras coisas, do futebol:

Em 1918 eu tinha 11 anos e tornei-me, como os meninos do tempo, em Teresina, um apaixonado de Futebol, eu mesmo tentei ser um jogador entre os companheiros da minha idade e gostava imensamente de assistir às partidas dos clubes.⁷⁰

A infância dos meninos de elite e dos grupos médios, em Teresina nos anos finais da década de 1910 e por toda a década de 1920, passava por mudanças substanciais e isso se fazia sentir pela decadência no uso de determinadas práticas infantis e pela incorporação de novos hábitos e sociabilidades. Entre as práticas infantis que estavam visivelmente em decadência, no início dos anos 1920, estava a de andar montado em carneiros, como relembra Bugyja:

No meu tempo de criança constituía prazer da meninada (de Oeiras) andar passeando a carneiro, de tarde; enquanto um adulto ou senhor que tinha realce na sociedade comprazia-se em passear a cavalo pelas ruas da cidade, um menor animava-se em usar o carneiro.

Imitando os meus colegas de idade (7 anos) que possuíam carneiros para passeios, eu gostaria de ter o meu, meses depois 1915 viajamos para Teresina; na capital piauiense já estava caindo de moda o uso do carneiro,

⁶⁹ LIMA, Caio. De relance. *Correio de Teresina*, Teresina, ano I, n. 42, p.2, 24 nov. 1913.

⁷⁰ BRITO, Bugyja, op. cit , p. 175

como montaria infantil.⁷¹

A percepção de que a brincadeira das crianças de usar carneiros como montaria estava caindo de moda em Teresina é percebida também por Elias Martins no livro *Fitas*⁷², no entanto, para Martins, a razão para tais mudanças no universo lúdico infantil deviam-se à influência do cinema, que estaria destruindo as práticas e sociabilidades infantis vivenciadas no mundo rural e criando de forma sedutora novas práticas lúdicas entre a criançada. Para Martins, os meninos incorporavam novas brincadeiras, ao repetirem os roteiros das fitas cinematográficas, abandonando brincadeiras já arraigadas no meio, como o andar de carneiro, o jogar pião e empinar papagaios. As referidas brincadeiras teriam sido substituídas pelo jogo do futebol, pelas brincadeiras de bandido e polícia, por dramas policiais, numa repetição dos roteiros das fitas de cinema.

A confissão de Buggy Brito mostra bem como o alarme de Elias Martins tem algum sentido, no entanto, o consumo dessas novas práticas e sociabilidades modernas não se dava de forma homogênea por toda a sociedade, e nem mesmo se dava pela exclusão das práticas lúdicas infantis já arraigadas no meio. É assim que Buggy Brito se diz apaixonado pelo futebol, mas também se diz como menino travesso que gostava de empinar papagaios, pescar, banhar no rio, armar arapucas para a captura de pássaros, práticas muito arraigadas como brincadeiras infantis.

No entanto, os espaços urbanos do começo do século disponibilizavam aos infantes experiências novas, que o mundo rural não propiciava, ou propiciava ao seu modo. Um bom exemplo desse raciocínio são as experiências que levavam ao despertar da sexualidade. Enquanto, para Moura Rego, menino do campo, o despertar da sexualidade ligava-se à experiência do cotidiano da fazenda, de ver a cobertura dos animais, para o menino Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, no mesmo período, ela surgia através de outros meios,

⁷¹ BRITO, Buggy, op. cit., p. 90.

⁷² MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de notícias, 1920. p. 27.

inimagináveis há poucos anos:

Eu era ainda muito criança, numa época em que se tem como impenetrável mistério o que há por baixo da saia da mulher o filme dizia respeito a uma senhorita muito bonita [...] que ao chegar em casa, cansada, muda de roupa e deita-se. Mas não consegue adormecer. Sente um fervilhamento no corpo. Levanta-se. Abre a luz. Tem a sensação da picada de uma pulga. E abre o roupão. Desce à frente, a camisola, deixando a nu grande parte dos seios. Faz pressão sobre o decote, com ímpetos de pô-los para fora. Depois o comichão vai à cintura. Transporta-se para as pernas. A rapariga senta-se à cama descalça as meias, quando sofre a alfinetada no alto da coxa. E levanta a veste, deixando ver, inteira a perna roliça. Levanta até que o quadro desaparece. [...] E quanto a mim, fiquei-me a perguntar: e o resto? E a pulga? O certo é que a cena me permaneceu na memória, como lembrança inapagável.⁷³

Provavelmente o despertar da sexualidade para o menino Luiz não se deu somente a partir do caso anteriormente relatado, possivelmente, sua iniciação sexual tenha se dado em outras experiências até mesmo próximas às relatadas por Moura Rego, no entanto, um dado novo se instalava nas experiências cotidianas das crianças, a assistência a fitas cinematográficas e a incorporação de novos elementos, apresentados nos filmes, ao seu universo de brincadeiras.

As meninas, por seu lado, contavam com práticas bastante específicas no seu aprendizado, para se tornarem mulheres. As provenientes dos grupos proprietários deveriam manter um certo recato no tocante à sua sexualidade. Segundo Muniz, à moça de família estaria reservado o afastamento das práticas sexuais; caracterizando-se por ser ignorante em matéria do uso do corpo. Ao lado disso, o aprendizado sobre o corpo seria feito em conversas com mulheres mais experientes, com amigas ou familiares, mas sempre de forma silenciosa, segredada.⁷⁴ Não competia a elas mostrarem-se experientes e sábias em assuntos libidinosos.

⁷³ GONÇALVES, Luis Mendes Ribeiro. Lembranças do Amarante. *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, Oeiras, n. 6, p. 75 -79, 1984.

⁷⁴ FALCI, Miridan Brito Knox. *A criança na Província do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras/

Para elas, as tarefas e brincadeiras assumiam outro perfil; segundo Miridan Falci:

Ser menina significava brincar de pular amarelinha, pular corda, brincar com bonecas de louça, ou ainda, de palha de milho, de sabugos, às meninas também estavam reservados o trabalho dentro da casa, junto às negras cozinheiras e com as sinhás, onde aprendiam a cozinhar, a cuidar dos irmãos mais novos, a limpar a casa, a costurar, bordar, fazer crochê.⁷⁵

Com as mulheres mais velhas, aprendiam também a cuidar dos doentes, dos irmãos mais novos, a manejar as ervas e a fazer chás e mezinhas curativas. Era todo um aprendizado de práticas voltadas à administração da casa e dos empregados. No convívio direto com as mais velhas, as meninas aprendiam a se tornarem mulheres.

Vale destacar que as diferenças entre os gêneros na infância se manifestavam, ainda, no tocante às expectativas quanto ao ingresso na vida escolar e no mundo das letras.⁷⁶ Se os meninos da elite começavam no final do século XIX a vislumbrar a possibilidade de dar continuidade aos estudos secundários e mesmo de ingressar em uma faculdade, às mulheres estavam reservadas as aulas de primeiras letras, as aulas de prendas femininas, como bordar, ou ainda, aulas de música que lhes trouxessem dotes adicionais. É assim que Abdias Neves retrata a personagem Júlia no romance *Um manicaca*, filha de um rico comerciante, cuja educação escolar se resume a dois ou três anos de estudo nas aulas de Sinhá Borges.⁷⁷

O que podemos inferir das trajetórias apresentadas é que não havia uniformidade nas práticas familiares com relação à infância nos grupos de elite e médios na sociedade. Algumas tendências, porém, são perceptíveis: o aprendizado escolar, pelo menos de primeiras letras, se impunha como norma nos grupos de elite e médios, no entanto, a mentalidade de encaminhar os filhos na vida prática, no aprendizado desenvolvido no fazer cotidiano com os

CEDHAL, 1991.

⁷⁵ FALCI, 1991, p. 9.

⁷⁶ COSTA FILHO, Alcebiades. *A escola do sertão*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2000. p. 76-77.

⁷⁷ NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

adultos, seja nas experiências de trajetórias urbanas ou rurais, parece ser um caminho ainda legítimo e incentivado. É assim que o genitor de Bugyja Brito aprende, com seu pai a ser farmacêutico, e que muitos meninos aprendiam a cuidar do gado e a comercializá-lo. Da mesma forma, Leônidas e seus irmãos deveriam aprender a ser comerciantes, seguindo ofícios e práticas aprendidas na relação com os mais velhos.

Outro traço apresentado era o de certo rigor na educação dos filhos e ainda a dificuldade em perceber a infância como uma fase específica da vida humana, que exigia certos cuidados e atenções especiais. O fato de vestirem, desde cedo, as crianças com roupas de adultos, e de encaminhá-las, ainda em tenra idade, a atividades produtivas são indícios dessa percepção.

A escola já se fazia presente, mas, à medida que as relações comerciais e as outras atividades urbanas se intensificavam, era preciso que assumisse outros modelos, que viesse a atender novas demandas, mudanças quanto ao aspecto quantitativo e qualitativo pareciam necessárias. O trabalho dos literatos, objeto de análise a seguir, parece apontar para propostas que vinham ao encontro dessas demandas.

No final do século XIX e início do século XX, as transformações em curso na sociedade apontavam para a gradual desarticulação do mundo patriarcal; ao tempo em que modelos de sociabilidades cidadinas e burguesas começavam a se fazer presentes de forma mais intensa em Teresina. Logo, políticos e intelectuais ligados aos ideais republicanos e à idéia de modernizar as estruturas sociais do Piauí passarão a incentivar e a divulgar a vivência cotidiana de novas práticas.

Literatos como Clodoaldo Freitas, Abdias Neves, Simplício Mendes e Luis Correia⁷⁸ egressos das academias superiores, imbuídos de uma cultura escrita e adeptos da idéia de restaurar a sociedade, de transformar as estruturas sociais, assumem papel importante

⁷⁸ Os referidos intelectuais não pertencem à mesma geração. No entanto o tema da reflexão sobre a infância e a escola é recorrente nas preocupações de todos eles mostrando como essa temática continuou a ser uma problemática social importante na longa duração.

na mudança da percepção da infância, à medida que passam a desenvolver intensa prática discursiva, escriturando, criando um saber, uma verdade sobre a infância, que seria legitimada pelo crivo da ciência, da formação superior, da palavra escrita. Fazer com que as idéias sobre a infância, sobre a necessidade de as crianças passarem por um processo de escolarização, que lhes possibilitasse criar relação estreita com a cultura escrita, chegassem a toda a sociedade e sendo por ela consumidas era o objetivo precípuo da pregação dos literatos.⁷⁹

Em síntese, o discurso dos homens de letras tem a intenção de caracterizar-se como uma prática escriturística que tem o objetivo de capturar a infância e impor a ela um padrão de comportamento, de dizer como as crianças devem ser percebidas e tratadas, de definir como os pais e as mães devem se comportar diante dos filhos. Passemos, então, a analisar as suas falas.

No discurso dos literatos, há duas vertentes de argumentos que apontam para novas formas de perceber e dizer as crianças na sociedade. O primeiro aspecto revelador da nova sensibilidade para com a idade infantil, que eles procuravam difundir na sociedade, diz respeito à objetivação dos infantes como seres frágeis, inocentes, que tinham direito de serem protegidos e alçados ao centro da vida familiar, assim sendo, os pais deveriam direcionar aos filhos a atenção, o carinho e as expectativas. Isso não significa dizer que os filhos não fossem desejados, esperados e queridos pelos pais até então. O que procuramos enfatizar é que os literatos acentuavam a necessidade da participação efetiva dos pais no trabalho de criar os filhos, vendo-os como razão central de suas vidas, direcionando para eles os desejos, as atenções e as expectativas.

Os literatos enfatizam deliberadamente o prazer que teriam os pais e as mães ao se dedicarem de corpo e alma aos filhos, e nessa fala, podemos perceber a condenação ao uso das amas-de-leite, das babás⁸⁰ e mesmo de uma prática muito arraigada, que era a dos pais darem

⁷⁹ CERTEAU, de Michel. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1996. p.163-189.

⁸⁰ Ver COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 225-264.

os filhos para que parentes, como avós e tios, os criassem. Essas eram práticas comuns⁸¹, demonstrando que a educação e os cuidados com a prole possivelmente fossem percebidos como uma atividade familiar coletiva, e não somente uma responsabilidade dos pais. Em síntese, os literatos procuravam acentuar o caráter único de cada filho, mostrando que cada um era insubstituível e que todos necessitavam de todo o carinho e atenção dos pais.

Para os literatos o primeiro aspecto de mudança na percepção da infância, ou seja, a construção da relação afetiva entre pais e filhos estaria diretamente vinculada às formas que deveriam assumir as relações entre os cônjuges no mundo moderno.⁸² À medida que as relações conjugais passavam a ser fundamentadas no amor e na livre escolha dos jovens casadoiros, e não mais nos interesses familiares, os filhos passavam a ser percebidos como os frutos concretos dessa relação de amor, de afeto.⁸³

No entanto, para Clodoaldo Freitas, a criança, mesmo sendo fruto de amores ilícitos, de relações eventuais, seria sempre uma dádiva divina.⁸⁴ Por isso mesmo, libertadora de toda a culpa moral que as mulheres pudessem vir a ter por sua geração. Na concepção deste autor, o sentimento materno com relação ao filho devia ser sempre de afeto, de espera ansiosa, de grande júbilo pela graça de ser mãe. É dessa forma que Clodoaldo retrata no conto *Mãe dolorosa* a história de uma mulher grávida, que elabora um discurso marcado pela ternura, e pelo afeto que já desenvolveu pelo filho que espera:

Tenho tanto desejo de ser mãe! Como hei de amar essa criança! Como deve

⁸¹ A referida prática pode ser entendida numa sociedade onde os laços familiares são amplos, onde não existe a idéia de que cada membro ao casar, passaria a criar um outro núcleo familiar. Alguns casos de meninos dados a criar pelos pais a tios e avós surgem na documentação: Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves diz em seu depoimento que se sentia muito mais filho da casa do tio que lhe havia criado do que dos seus pais; Leônidas Melo fala da sua irmã mais nova que havia sido criada pela tia que ficara viúva e com apenas um filho doente.

⁸² Os literatos desenvolvem intensa discussão sobre as práticas matrimoniais no final do século XIX e início do século XX, tecendo críticas às práticas tradicionais, escritas por eles como frutos de arranjos familiares, e apontando a livre escolha dos conjugues, o conhecimento prévio e uma certa dose de amor romântico como fatores fundamentais para a estabilidade e boa convivência do casal. Sobre a discussão a respeito do casamento desenvolvemos nossa análise sobre o discurso dos literatos no capítulo 05 do presente trabalho.

⁸³ BADINTER, Elizabeth. *O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p.127.

⁸⁴ FREITAS, Clodoaldo. Um infanticídio. In: _____. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 91-93.

ser adorável estreitar nos braços, entre carícias, esse entezinho, que é sangue do nosso sangue, alma da nossa alma!

Como será venturosa a hora em que beijar pela primeira vez o nosso filho!⁸⁵

O autor expressa no discurso quais os sentimentos e atitudes esperados de uma mulher que está prestes a tornar-se mãe. Ao filho, deveria direcionar seus afetos, sua atenção, as expectativas futuras. A espera pelo nascimento é marcada pela dedicação na confecção do enxoval do bebê, às roupinhas afetuosamente preparadas por ela. O filho é percebido como o desencadeador de novas venturas, de felicidade.

Convém enfatizar que as novas formas de objetivação das crianças no seio familiar não se esgotam nas demonstrações de carinho e afeto. As crianças passam a ocupar o centro das atenções familiares, também com relação à formação moral e ao seu caráter.⁸⁶ Principalmente das mães, são cobrados os olhares vigilantes, que observam comportamentos, hábitos, companhias, leituras, reprimindo o que for considerado indevido.

É assim que Clodoaldo Freitas no texto *Jesus e as crianças* define a criança, como ser frágil, em formação, que precisa ser moldado, direcionado, carente de atenção, de cuidados especiais. Para ele, as percepções da criança como ser puro, ingênuo, doce, incapaz de ter tendências ruins são uma caracterização sentimentalista e idealista, não condizente com as crianças do mundo real, que se mostram, muitas vezes, naturalmente viciosas, dadas a perversidades e preocupadas apenas com a satisfação de seus desejos pessoais. Diante dessa constatação, a família é alçada à condição de lugar apropriado onde as pequenas poderiam encontrar os estímulos necessários à boa formação do caráter. Para isso os pais e as mães deviam assumir posturas corretas, tais como abandonar os vícios, dar bons conselhos, inclusive utilizando castigos físicos, se necessários, para disciplinar os comportamentos infantis.

⁸⁵ FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. *Correio do Piauí*, Teresina, ano I, n. 61, 15 dez. 1921.

⁸⁶ BADINTER, op. cit. , p. 260.

Como a criança há de ter repugnância ao vício vendo-nos viciosos? Como há de temer o mal vendo nos maus? Os pais devem ser o espelho dos filhos. A paternidade exige este honroso sacrifício.⁸⁷

Amar e direcionar a formação moral dos filhos seriam duas vertentes que deveriam se fazer presentes nas práticas familiares. Aos filhos pequenos estão direcionados o afeto e as preocupações dos pais; os dois pontos são observados cuidadosamente como traços característicos da nova sensibilidade que se desenvolve em torno da infância.

O segundo aspecto presente na prática escriturística dos literatos sobre a infância diz respeito à necessidade de dar outro sentido à educação infantil. Não mais o aprendizado feito no mundo prático, na convivência com os adultos, no seio da comunidade, mas de criar e legitimar socialmente espaços segregados, as escolas, onde a formação das crianças se desse dentro de padrões pré-estabelecidos e que viesse a ter como resultado pessoas úteis ao Estado e à sociedade. Esse discurso é incorporado pelos governos republicanos que escolhem a escola e a consolidação de um processo de escolarização como marcas de diferenciação entre os tempos republicanos e o Império. A proposta era intensificar a construção de uma rede escolar e a formação de docentes, capazes de consolidar definitivamente a escola no Brasil. Intensificar as mudanças na forma de subjetivação das pessoas, via processo de escolarização, representava para os governos republicanos, um dos caminhos para romper com o atraso e promover o progresso e a regeneração nacional.

Sob este aspecto, as crianças eram percebidas como cidadãos do futuro, regeneradores da pátria brasileira, por isso precisavam de atenção especial. Nesse contexto, os governos procuravam criar outra imagem da infância, buscando legitimar outro espaço no qual pudesse ocorrer sua formação educacional. A República objetivava assim tirar da família a função de educar as crianças, passando essa responsabilidade à instituição escolar, com nova

⁸⁷ FREITAS, Clodoaldo. Jesus e as crianças. In: _____. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1996. p. 175-178.

roupagem na sociedade.

Nos textos voltados à discussão sobre o processo de escolarização, inúmeros artigos problematizam essa questão, apontam caminhos, procuram fazer com que a sociedade desperte para a importância e a urgente necessidade de perceber a escola como uma instituição valorosa e legítima para educar os filhos, para fazer deles no futuro, adultos bem educados.

Segundo Áries, infância e escola moderna são duas invenções simultâneas; à medida que a sociedade cria a infância como fase específica da vida, na qual o ser humano é percebido como ser frágil, que precisa de cuidados especiais, de orientação adequada para o seu bom desenvolvimento físico, intelectual e moral, cria também a escola, espaço institucional adequado para desenvolver as potencialidades do indivíduo em desenvolvimento. Em outras palavras, a nova percepção da infância é criada a partir de todo um saber que se vai consubstanciando e se moldando como saber pedagógico, como uma forma de organizar a escola, os métodos de ensino, de hierarquizar o aprendizado, que tinha como objetivo último controlar as pessoas, discipliná-las dentro de princípios morais.⁸⁸

A escola e a forma de ensino que estavam sendo gestadas nessa nova relação com a escrita, com o saber pedagógico institucionalizado e legitimado pelo viés da cientificidade, eram parte de um projeto de reforma social onde a proposta de implantação de um novo ordenamento social fundamentado na idéia de disciplinarização do corpo social, ganhava centralidade.

Nesse contexto, os políticos e literatos, engajados com as idéias republicanas de valorização da educação, de reinvenção da escola, tinham como objetivo fazer da referida instituição um dos mecanismos a ser utilizado na criação do novo ordenamento social. A estreita relação entre a construção do processo de escolarização e a invenção da infância nos leva a discutir algumas questões relacionadas às políticas educacionais. Por mais que a educação aparecesse desde os primeiros momentos dos governos republicanos como objetivo

⁸⁸ ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

prioritário, os resultados alcançados não eram satisfatórios. Os governadores que se sucederam nos cargos, nos primeiros vinte anos após a proclamação da República, eram unânimes em apontar a importância da educação para o crescimento e desenvolvimento do Estado, ao tempo em que reconheciam o pouco avanço das políticas públicas no setor, estando elas muito aquém do que seria desejável.⁸⁹

No que tange à escola era recorrente o desinteresse. A pouca necessidade do uso da palavra escrita, nas atividades produtivas cotidianas, levou muitas pessoas a não se interessarem pela formação escolar dos filhos, ou a demandarem apenas o aprendizado das primeiras letras, o que era resolvido com a contratação de professores conhecidos como mestres de varanda.⁹⁰ Diante disso, Estado e sociedade parecem dividir a responsabilidade pelo pouco desenvolvimento da escolarização.

Somente em 1909, com a criação da Escola Normal pela Sociedade Auxiliadora da Instrução, instituição que foi, em 1910, encampada pelo governo estadual, teve início a estratégia de atacar de frente o grave problema da falta de docentes capazes e preparados para executar o serviço do magistério. Literatos e políticos interessados em desenvolver a educação no Estado tiveram que criar os estatutos, definir os assuntos a serem lecionados, ministrar as aulas e ainda pensar os métodos de ensino que melhor se adaptariam ao tipo de aluno que eles queriam formar. A escola ia, assim, sendo forjada.⁹¹

Dentro da política de valorização social da escola, os prédios escolares foram, a partir dos anos 1920, ganhando sedes próprias que procuravam mostrar o valor daquelas instituições para o poder público e para a sociedade. Dessa forma, o Estado investiu altas somas de recursos na construção de alguns prédios escolares em Teresina e em algumas

⁸⁹ NOGUEIRA, Arlindo Francisco. *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí*, no dia 1º de junho de 1902. Teresina: Tipografia do Paiuí, 1902. p. 8-9.

⁹⁰ Sobre a educação escolar no Piauí novecentista ver: COSTA FILHO, Alcebiades. *A escola do Sertão*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2000.

⁹¹ Sobre a Sociedade Auxiliadora da Instrução e sobre a criação da Escola normal ver: OLÍMPIO, Matias *Rumos e atitudes*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1956. p.48; QUEIROZ, Teresinha. *Notas sobre a educação no Piauí*. Teresina: 1991. (Digitado) ; FERRO, Maria Amparo Borges. *Educação e Sociedade no Piauí republicano*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 78 -121.

idades do interior, com destaque especial para os prédios da Escola Normal, e no início dos anos 1930, do Liceu Piauiense. A grandiosidade da arquitetura tinha como objetivo impor respeito às instituições escolares, para legitimá-las simbolicamente no seio da sociedade. Os prédios deveriam ser percebidos como verdadeiros “templos da civilização”⁹², onde as crianças e os jovens seriam forjados, formados como homens e mulheres disciplinados, com corpos dóceis e prontos a serem úteis à sociedade.

A valorização das escolas, ao tempo em que tinha como objetivo legitimar as instituições escolares no seio da sociedade, procurava desestimular as famílias a continuarem educando as crianças no espaço doméstico ou em locais improvisados, ou ainda com métodos antigos, castigos físicos e extrema rigidez, que não condiziam com as propostas de modernização da sociedade.

No discurso dos literatos as escolas dos mestres-de-varanda apareciam nesse momento, como objeto de críticas, eram ditas como espaços insalubres e os professores definidos como homens rústicos, de tosca competência para a prática de formar meninos e meninas, educadores despreparados, sem formação adequada, prova disso seria a despreocupação com a formação moral e física dos aprendizes.⁹³ Na verdade, essa forma de prática educacional protagonizada pelos mestres-de-varanda era patrocinada e subordinada aos interesses familiares, à estrutura de poder e ao ordenamento social controlado pelos grupos familiares, sua continuidade tornou-se muito criticada pelos discursos que defendiam uma reforma social, que procuravam dar outro significado à escola, ao processo educativo, que buscavam impor novo modelo de sociedade e de ordenamento social fundamentado na cultura escrita.

No discurso dos literatos, o poder público deveria chamar para si a responsabilidade de educar as crianças, buscando com essa política diminuir o poder dos

⁹² Sobre a Arquitetura das escolas públicas ver: Gramática espacial e a construção da identidade cultural da escola primária IN: SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos da civilização*. São Paulo: UNESP, 1998. p.122-155.

⁹³ GOMES, op. Cit , p. 390.

grupos familiares sobre a formação de meninos e meninas, esvaziando assim a estrutura familiar patriarcal, à medida que teria como objetivo transformá-los em indivíduos, homens e mulheres aptos a ingressarem na vida adulta e a reproduzirem uma nova ordem social, onde os interesses individuais deveriam se sobrepor ao ordenamento social patriarcal e às práticas cotidianas rurais. Para alcançar tais reformas fazia-se necessário ainda repensar os modelos pedagógicos e as propostas implícitas nas práticas educacionais. Durval Muniz, no texto *De armazém a campo cultivável*, trata da questão da educação na sociedade espanhola do final do século XIX e mostra como aquela sociedade, ao buscar o caminho da república e do liberalismo, procurou montar uma estrutura educacional compatível com os novos rumos que deveria ter a sociedade. Refutava-se a educação fundamentada na idéia de instrução, educação voltada ao conhecimento livresco, baseado na memorização e em métodos de ensino rígidos e autoritários, tendo como objetivo central à manutenção das estruturas sociais tradicionais. As novas propostas fundamentavam-se na idéia de formação; a educação deveria preparar as crianças para viverem em um mundo no qual a competência e a igualdade de oportunidades seriam pontos centrais na organização social. Era preciso muito mais: inculcar valores, formar condutas, que pudessem preparar os alunos à observação, atuando no mundo a sua volta, desvendando-o a partir da sua ação. Era preciso ainda romper com a tradição da oralidade e impor a escrita, o conhecimento legitimado pela ciência como o padrão de saber aceito na sociedade. Os literatos, dessa forma, desenvolviam prática escriturística⁹⁴ procurando legitimar os modelos escolares e homogeneizar as práticas em torno do trabalho de ensinar, como também os resultados que deveriam ser alcançados pela escola.

Em síntese, o projeto dos literatos buscava romper com as práticas e valores presentes na sociedade sobre a formação das crianças, por considerá-los arcaicos, rústicos e inadequados. Se o objetivo era construir uma sociedade fundamentada em princípios liberais e burgueses, as crianças deveriam ser preparadas para agirem de forma diferente, incorporando

⁹⁴ CERTEAU, 1996, p. 224 -226.

novos valores, novas atitudes que fossem compatíveis com as propostas sugeridas.

Não bastava apenas universalizar a educação, era necessário fazê-la em outros moldes. As práticas tradicionais marcadas por relações extremamente hierarquizadas, autoritárias, em que aos alunos caberia apenas a repetição e a obediência, nas quais o professor não aceitava o debate, o conflito de idéias, em que o uso de castigos físicos era prática corrente, não mais seriam aceitáveis. Como o ideal era o de promover a construção de uma sociedade liberal, fundamentada em princípios de igualdade, onde as desigualdades e hierarquias fixas deveriam ser rompidas, em que o autoritarismo deveria ser deixado de lado, se fazia necessário pensar outra forma de fundamentar a subjetividade dos sujeitos.⁹⁵

Neste contexto, podemos entender as propostas de Abdias Neves, Luis Correia e Simplício Mendes sobre as mudanças necessárias nas práticas docentes e nos objetivos da educação a ser empreendida nas escolas. As propostas defendidas pelos referidos intelectuais apontam para modificações substanciais nas propostas educacionais a serem desenvolvidas nas escolas públicas e privadas. Abdias Neves propõe, em substituição a uma educação fundamentada na idéia de instrução e em métodos pedagógicos arcaicos, a formação integral das crianças, na qual o trabalho do professor não se resumiria a desasnar as crianças, a incutir em suas cabeças as primeiras letras, rudimentos de aritmética e outros conhecimentos.⁹⁶

Ao professor caberia o trabalho de auxiliar na formação das crianças de forma integral, física intelectual e moralmente. Para os meninos a proposta era fazer deles homens aptos a movimentarem-se no mundo moderno, disciplinados, competitivos e úteis à sociedade. A esse respeito, Neves faz longa descrição de práticas e princípios fundamentais no processo de formação dos novos homens. Em sua concepção, era preciso criar indivíduos aptos ao trabalho produtivo, e, dessa forma, úteis à sociedade. Por isso a prática de atividades físicas direcionadas, os princípios de higiene, os cuidados com a alimentação, com o vestuário, com

⁹⁵ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *De armazém a campo cultivável*. Barcelona. 2003. (Digitado).

⁹⁶ Os textos de Abdias Neves, discutindo as questões educacionais que trataremos no presente capítulo, estão principalmente em uma série de cinco artigos intitulados: “Noções de pedagogia”, publicados no *Diário do Piauí*, em 1914.

os horários tornavam-se fundamentais, à medida que contribuiriam para manter o corpo saudável e disposto ao desenvolvimento das atividades cotidianas, assim como seriam importantes na regulamentação de princípios de conduta social que fossem, em seguida, individualmente interiorizados, tornando-se eficazes meios de disciplina social.⁹⁷

Abdias Neves percebia nessas propostas o meio eficaz de romper com práticas tradicionais de educação que seriam prejudiciais ao desenvolvimento das crianças. Segundo ele, as crianças no Piauí eram muito presas, constantemente repreendidas com severidade, o que tiraria delas qualquer espírito de iniciativa e audácia. Cedo se vestiam como adultos, sendo-lhes exigidos comportamentos de adultos; em outras palavras, Abdias Neves procura chamar a atenção para a forma equivocada como a sociedade agia, não percebendo a infância como etapa específica da vida humana.

Para o referido autor, os meninos ainda conseguiam fugir às restrições familiares, mas as meninas seriam as maiores prejudicadas, tendo em vista que estas *“têm uma existência sedentária, ficam em casa, não fogem a nenhuma privação. Onde lhes resulta uma debilidade excessiva”*.⁹⁸

Na fala de Abdias essa suposta educação sedentária, dispensada às mulheres, as tornava fracas, tendentes a problemas nervosos, incapazes de resistir bem às exigências da maternidade. Outra crítica apontada à educação recebida pelas meninas no Piauí diz respeito aos precoces comportamentos adultos que lhes eram exigidos:

Desde muito pequenas, estão elas condenadas a uma comédia de compostura precoce enfeitadas como bonecas, com a vaidade estimulada pelos enfeites que lhes põem nos vestidos, pelos elogios que ouvem, emprestam-lhes maneiras de senhoras. Evitando-se que uma palavra sua, um gesto, um descuido mínimo prejudiquem o bom efeito da representação.⁹⁹

⁹⁷ SOARES, Carmen. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998. p.33-80.

⁹⁸ NEVES. Abdias. Noções de pedagogia aplicada. Da educação física direta. *Diário do Piauí*. Teresina, ano IV, n.129, p. 2-3, 09 jun. 1914.

⁹⁹ NEVES. Abdias. Noções de pedagogia aplicada. Da educação física direta. *Diário do Piauí*. Teresina Ano

De acordo com Abdias Neves, o problema da educação infantil no Piauí era a tendência a negar a natureza que existia nos corpos. A saída seria dar a liberdade para que essa natureza se manifestasse livremente e, em seguida, fossem moldando as necessidades orgânicas e os corpos a partir da educação e do uso da ginástica; nunca sufocando nos corpos as necessidades naturais, mas sempre direcionando as potencialidades e energias a objetivos úteis à sociedade.

Abdias define como questão importante na formação das crianças os princípios de higiene e de cuidados corporais, tais como o banho diário, a limpeza das roupas, das mãos, o corte das unhas e do cabelo, caracterizados como traços de civilidade, de grande importância nas novas formas de subjetivação desses novos homens e mulheres que deveriam movimentar-se no meio urbano. No discurso de Abdias Neves, pode-se perceber a forma como os novos homens e mulheres eram objetivados por sua prática escriturística. São corpos rijos, limpos, apolíneos, disciplinados e contidos que ele molda no seu discurso.¹⁰⁰

Os corpos aparecem como construção, moldados por um saber que procura impor-se como verdade, problematizados, esquadrihados. Os gestos mais banais são alvo de exame minucioso, que procura diagnosticar falhas, desvios, que, posteriormente, deveriam ser transformados a partir dos saberes legítimos que a Ciência Jurídica, a Higiene, a Medicina e a Pedagogia construíram sobre os corpos. A educação seria o meio de disciplinar as crianças ao tempo em que procurava também, a partir delas, alcançar os adultos. A escola devia instrumentalizar as crianças a conhecer hábitos de higiene, de salubridade, assumindo em seguida papel de multiplicador desses novos hábitos no espaço familiar.

A prática escriturística de Abdias Neves se estende mesmo às práticas que deveriam ser desenvolvidas pelos pais no próprio espaço doméstico. Era como se todo o saber, todas as práticas repassadas oralmente ou apreendidas na convivência cotidiana das

IV,
n.137, p. 2-3, 19 jun. 1914.

¹⁰⁰ NEVES. Abdias. Noções de pedagogia aplicada. Da educação física direta. *Diário do Piauí*. Teresina, ano IV. n.110, p. 2-3, 17 maio. 1914.

famílias, durante décadas, passadas de uma geração à outra, fossem nesse momento desqualificadas e percebidas como equivocadas: o literato definia no seu discurso até mesmo a forma correta de alimentar as crianças:

Em geral os pais gravitam entre dois extremos: o excesso e a deficiência da alimentação. Para uns, especialmente o sertanejo e as pessoas incultas, é preciso comer muito, comer demais donde os casos frequentes de dilatação do estômago observados no sertão. A alimentação ali é mais substancial que nutritiva. Para outros a alimentação parca, sujeitando as crianças a um regime que as enfraquece, deixando-as incapaz de resistir às mínimas moléstias.¹⁰¹

A condenação de Neves às práticas citadas anteriormente era, segundo ele, fundamentadas em estudos científicos que viam na alimentação correta uma pré-condição para formar homens e mulheres com iniciativa e coragem para produzir e inovar sendo úteis à sociedade.

Simplicio Mendes¹⁰² e Luis Correia¹⁰³ centram o foco dos seus discursos também sobre a necessidade de repensar as práticas em torno da educação. Se a sociedade tinha como objetivo a construção de relações sociais marcadas pelos princípios democráticos, não haveria mais espaço para velhas práticas pedagógicas tão em gosto, até aquele momento. Mais uma vez, são as relações verticalizadas e autoritárias entre professores e alunos, com o já combatido uso da palmatória e outros métodos percebidos como rudimentares, que serão questionados. Toda a discussão iniciava-se pela questão central: – qual a percepção de criança a sociedade moderna quer tornar hegemônica? Que tipo de homens e de mulheres se queria

¹⁰¹ NEVES. Abdias. Noções de pedagogia aplicada. Da educação física direta. *Diário do Piauí*. Teresina, ano IV.

n.110, p. 2-3, 17 maio. 1914.

¹⁰² Simplicio de Sousa Mendes, nasceu em União em 21-04 -1882 e faleceu em Teresina em 1971. Bacharel em Direito pela faculdade do Recife em 1908, foi professor da Faculdade de Direito do Piauí, escreveu em vários jornais de Teresina, foi Presidente da Academia Piauiense de Letras, Juiz de Direito, Desembargador e colaborou nas revistas: Litericultura, revista da Academia Piauiense de Letras e Almanaque da Parnaíba.

¹⁰³ Luis de Moraes Correia, nasceu em amarração em 23 -12-1881 e faleceu em Fortaleza em 1934. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará em 1910, foi Professor da Faculdade de Direito do Piauí, escreveu várias obras jurídicas, foi articulista de vários jornais em Teresina.

formar naquela sociedade?

Nos discursos de Simplício Mendes e Luis Correia¹⁰⁴, podemos observar a recorrência de algumas idéias já trabalhadas por Abdias Neves, estamos nos referindo às idéias de criar uma escola que eduque as crianças para tornarem-se pessoas adultas preparadas física, intelectual e moralmente para serem úteis à sociedade; pessoas de iniciativa, que se envolvam de forma integrada com o mundo do trabalho e com os espaços domésticos, dependendo das especificidades do seu gênero. A valorização do trabalho a sua percepção de forma positiva, como algo dignificante; para o qual as pessoas deviam estar fisicamente preparadas e disciplinadas, para competir em pé de igualdade com outros povos, era outra idéia recorrente.

A escola deveria ainda tornar-se centro de alegrias, onde a criança aprenderia princípios de cidadania; o aprendizado do amor pela pátria, por seus valores e símbolos era agora uma função da escola. A criança deveria ser ensinada a defender a pátria, a amá-la acima de tudo, todos os seus esforços no futuro deveriam direcionar-se para trazer confortos materiais à sua família, mas também para engrandecer a pátria.

Esse sentido patriótico que a escola assume no final do século XIX é muito presente nos discursos de formatura das normalistas, no qual o papel patriótico de educar o povo, e, particularmente, as crianças, a ser desenvolvido pelas professoras normalistas, é intensamente reproduzido. As normalistas são percebidas como baluartes do progresso e as escolas normais vistas como verdadeiros templos de civilização. A percepção das professoras primárias como civilizadoras, como responsáveis pela propagação da idéia de pertencer a uma nação, de ter uma pátria, é presente no texto de Antônio Sampaio, que, enquanto aluno das professoras primárias recém-formadas na Escola Normal de Teresina, guardou delas a lembrança de que ensinavam muitas coisas diferentes das ensinadas pelos mestres-escolas,

¹⁰⁴ Os textos de Luis Correia são três artigos publicados no Diário do Piauí em novembro de 1913 sob o título “O ensino primário”. As idéias de Simplício Mendes estão expostas no texto O problema da educação nacional. MENDES, Simplício: O problema da educação nacional. O Piauí, Teresina, ano XXXIII, n. 526, p.1, 24 nov. 1921.

que tinham ordem de não usar de castigos físicos com os alunos, e que ensinavam hinos patrióticos que eram cantados todos os dias na entrada e saída da escola.¹⁰⁵

As práticas das professoras, utilizando métodos mais brandos, criando uma imagem alegre e agradável da escola e do que ali era ensinado, bem como a divulgação de hinos patrióticos são demonstração de que as crianças e a sua formação estavam sendo objetivadas dentro de novos parâmetros.¹⁰⁶

No período em análise, a Igreja Católica também desenvolverá intensa prática discursiva, assim como empreenderá esforços no sentido de atuar na formação educacional das crianças em Teresina. Separada do Estado desde a proclamação da República, e vendo a orientação religiosa ser excluída dos currículos escolares da rede pública de ensino, a Igreja apressou-se em incrementar sua rede de escolas por todo o Brasil.¹⁰⁷

A seu modo, os colégios católicos eram investimentos importantes na consolidação da instituição escolar. As práticas de ensino confessionais eram parte da política de reestruturação da Igreja Católica no Brasil, ao tempo em que se mostravam como instituições capazes de elaborar e divulgar, no seio da sociedade, um discurso favorável à disciplina e ordenamento social, e, ao mesmo tempo, favorável à construção da idéia de nação e de pátria, interesses caros aos governos republicanos. Para os católicos, entretanto, somente a Igreja, com sua tradição milenar, com seu discurso fundamentado nos evangelhos, teria condições de oferecer princípios morais sólidos à boa formação do caráter das crianças:

Só a formação moral fundada nos princípios sólidos da religião de Jesus Cristo poderá plasmar o caráter dos filhos, tornando-os não somente bons cidadãos para a pátria, como também futuros habitantes do céu.¹⁰⁸

¹⁰⁵ SAMPAIO, op. cit , p. 55.

¹⁰⁶ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 89.

¹⁰⁷ PINHEIRO, Áurea Paz. *As ciladas do inimigo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002. p.61-90.

¹⁰⁸ SOBRAL, Adalberto Dom. *A família cristã*. Carta Pastoral do Arcebispo de São Luis, 1890. Petrópolis: Vozes, 1947.

No discurso de D. Adalberto, podemos perceber as preocupações da Igreja nesse momento; essa instituição não desistia da formação moral cristã, com sua atenção voltada à formação espiritual e transcendental da criança; ao lado disso, demonstrava a preocupação em mostrar-se e firmar-se como instituição controladora e propagadora de uma doutrina eficaz na subjetivação das crianças em homens e mulheres úteis à pátria, observadoras da ordem, respeitadoras das leis e das autoridades constituídas da nação. O que a Igreja procurava mostrar era que cristianismo e patriotismo não eram questões antagônicas, mas sim complementares.

Outro traço interessante da doutrina católica, relacionada à educação infantil, é a obrigação colocada aos pais de prover os filhos dos meios necessários para tornarem-se adultos com formação suficiente para ingressarem no mundo do trabalho, tornando-se pessoas úteis para a família e a pátria. O que nos chama a atenção é o aspecto utilitarista da proposição católica, fato que mostra como a Igreja procurava se posicionar ao lado do Estado na doutrinação para o ordenamento social, para o direcionamento ao trabalho produtivo.¹⁰⁹

A igreja não abria mão de seus princípios doutrinários, não sucumbia às propostas dos liberais e positivistas, concomitantemente defendia propostas de valorização do trabalho produtivo, percebendo-o como algo dignificante do homem, defendia o ordenamento social, o respeito às autoridades constituídas. No entanto, o foco central da educação desenvolvida nas igrejas e nas escolas confessionais eram o aprendizado e a doutrinação com base nos moldes cristãos. O aprendizado de orações, o respeito aos padrões morais, a vigilância para evitar os erros, os vícios.¹¹⁰

A prática da Igreja Católica se aproxima em grande parte dos princípios presentes

¹⁰⁹ CAES. André Luis. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas estratégias de reestruturação da Igreja Católica – 1890 -1934*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

¹¹⁰ PIMENTA, Dom Silvério Gomes. *Carta pastoral sobre a educação da mocidade*. Mariana, 1912. Petrópolis: Vozes, 1947.

nas escolas públicas, onde já existia a graduação dos assuntos a serem apresentados aos alunos, levando-se em consideração seu nível de dificuldade, a divisão das crianças por idade e principalmente a preocupação não só de aprimorar intelectualmente as crianças, mas também de desenvolver os aspectos da formação moral dos mesmos. Contudo, o grande objetivo dos católicos era divulgar os princípios da fé católica, utilizar-se da educação infantil para propagar sua doutrina no seio da sociedade.

Em Teresina, a prática educacional da Igreja encaixava-se muito bem na caracterização feita anteriormente. D. Joaquim, primeiro Bispo do Piauí, pouco tempo depois de tomar posse em 1906, criou as duas escolas confessionais: o Colégio Sagrado Coração de Jesus, dirigido por freiras e voltado ao público feminino e o Colégio Diocesano, dirigido por padres e voltado a atender a clientela masculina.

O colégio das freiras era empreendimento vultoso, fazia parte do projeto de estruturação da Igreja Católica no Piauí e tinha como objetivo instruir as meninas, bem como moldar os seus comportamentos, fazer delas meninas religiosas, apegadas aos valores cristãos e exemplo de moral e virtude na sociedade. O modelo a ser seguido era o das próprias freiras que estavam próximas e eram provas incontestáveis de abnegação, de virtudes, de sacrifícios em nome de um ideal maior que para a grande maioria das alunas deveria ser o casamento e o exercício da maternidade, atividades que as mulheres deveriam empreender com abnegação, fazendo dessas funções um verdadeiro sacerdócio.¹¹¹

A educação desenvolvida no Colégio Diocesano, voltada ao público masculino, tinha como preocupação central a educação moral lastreada nos princípios da religião. Como o redator do jornal *O Apóstolo* faz questão de enfatizar no artigo intitulado Pelo Colégio Diocesano, o grande diferencial da educação praticada pela escola era a presença do ensino da ciência aliada ao ensino da moral religiosa, do respeito às autoridades constituídas. Formar cidadãos, homens que respeitassem as autoridades e que fossem produtivos para a sociedade e

¹¹¹ PINHEIRO, op. cit. p. 71-78; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 57-83.

ainda bons cristãos. Esta parecia ser a principal finalidade da educação desenvolvida no colégio.¹¹²

Além das práticas diretamente envolvidas com a questão educacional, os colégios confessionais desempenhavam junto às crianças toda uma vivência da fé católica, presente na celebração de rituais religiosos, na prática da oração e da reflexão espiritual, assim como na celebração de sacramentos. Áries lembra a construção por parte da Igreja Católica de uma religiosidade imposta às crianças, em que a devoção ao Anjo da Guarda e, particularmente o ritual da Primeira Eucaristia, o qual se tornou a grande festa religiosa da infância, seriam os pontos principais da devoção.¹¹³

A vivência dos sacramentos, em especial da Primeira Eucaristia e da Confissão, eram estratégias eficazes no trabalho de divulgação dos valores e princípios católicos. O trabalho de catequese para a Primeira Eucaristia dava continuidade a um trabalho de ensinamento sobre as práticas e verdades do catolicismo; neste sentido, tornava-se fundamental para criar, nos meninos e nas meninas ainda pré-adolescentes, laços com a religião. As roupas brancas, as fotografias que imortalizavam o momento, o clima de sacralidade que se criava em volta do acontecimento deixavam marcas na memória das crianças e davam elevado grau de importância ao sacramento. Tudo isso dirigido pelas autoridades eclesiásticas, que se apresentavam no posto de comando da solenidade; fato que favorecia às práticas e idéias ultramontanas. Dessa forma, o Sacramento da Eucaristia e toda a preparação que o envolvia favorecia e consolidava a posição central que a Igreja e sua doutrina deveriam ter na vida familiar, fazendo-se presente nos acontecimentos familiares, na memória e na identidade das famílias.¹¹⁴

A terceira indagação que nos propomos a responder nesse capítulo será deliberadamente respondida apenas em parte nesse momento, já que se refere aos resultados,

¹¹² PELO Colégio Diocesano. *O Apóstolo*, Teresina, ano I, n. 41, p. 3, 1 de mar 1908.

¹¹³ ARIÉS, op. cit, p. 153.

¹¹⁴ GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Deus, à Igreja, e à Pátria: os estandartes da família católica no século XIX. In: *História*. São Paulo, n.11, p. 243-258, 1992.

ao consumo dos discursos elaborados pelos literatos. O que será feito também nos capítulos seguintes quando abordaremos a juventude e a vida adulta, pois é também nessas fases da vida, que muitas das propostas colocadas pelos literatos serão postas em prática.

Alguns indícios do consumo que a sociedade fazia dos discursos dos literatos podem ser percebidos na documentação. No livro de A. Sampaio, *Velhas escolas grandes mestres*, o autor fala da tradição das escolas dos velhos mestres-escolas e da transição para as escolas públicas, com aulas ministradas por professoras formadas na Escola Normal:

O aparecimento das escolas públicas, onde castigo é proibitivo, foi como espantinho para os mestres-de-varandas.

Fiquei tão alegre por sair das unhas de mestre Felix, que dava bolo zebu e metia a quina da palmatória na cabeça da gente, para ir esbarrar nas mãos de uma professora que trazia recomendação expressa de não bater em filho alheio, e que além das explicações que dava, sobre uma porção de coisas que os velhos mestres não sabiam, ainda nos ensinavam um bocado de cantigas, no começo e no fim de cada aula. Só muito tempo depois que fui compreender que aquelas cantigas eram hinos patrióticos.¹¹⁵

O que A. Sampaio guardou na memória foram as mudanças de método de ensino, menos ríspidos e violentos, no entanto marcados por formas de disciplinarização mais sutis que se faziam presentes na cobrança de horários, nos períodos de aulas intercalados de recreios. Outro traço que ficou marcado na memória de Sampaio foi o trabalho intensamente desenvolvido pelas professoras normalistas de criar a idéia de civismo, de patriotismo, de pertencimento a um todo, que era maior que as famílias, que as estruturas locais. A escola pública insinuava-se e procurava divulgar a idéia de pertença a uma nação, a uma pátria que estava em construção. Para isso apresentavam aos alunos mapas, bandeiras e principalmente hinos patrióticos.

As escolas públicas com o objetivo de atender às demandas das elites e dos grupos

¹¹⁵ SAMPAIO, op. cit., 25.

médios se consolida nas décadas de 1920 e 1930 e 1940, período em que vão sendo instaladas escolas públicas que contavam com professoras normalistas por várias cidades do Piauí. O que torna recorrente os relatos de homens e mulheres que passaram a infância no interior e que viveram a transição das escolas dos mestres, que davam bolos de palmatória para as escolas públicas com professoras normalistas, que usavam métodos de ensino mais brandos, que ensinavam hinos patrióticos, que exigiam a formação em fila dos meninos e meninas na entrada e na saída das escolas, que levavam os alunos(as) a participarem de eventos cívicos.

O processo de fortalecimento da escola pública, com professoras formadas pela Escola Normal, com suas preocupações de dar uma formação cívica aos meninos e meninas, que já podemos observar na trajetória de Bugyja Brito em Teresina nos anos 1917, 1918, começava a se propagar por outras cidades do Piauí.

No entanto, muitos homens apegados e acostumados a uma vida prática, a um mundo de economia e sociabilidades rurais, sem vínculos com a cultura escrita, não viam nenhuma utilidade no aprendizado escolar. É preciso compreender que a marca da ruralidade era muito presente na sociedade em análise e, dessa forma, a maioria dos trabalhos executados prescindia da aprendizagem escolar; muito mais útil seria ensinar os filhos a serem bons vaqueiros, a conhecerem as técnicas de cuidado com os animais, a aprender a cultivar a terra, a fazerem utensílios de corda e outras matérias-primas fartamente encontradas na região. O único ganho facilmente vislumbrado por muitos sertanejos ao mandar os filhos à escola resumia-se em aprender a assinar o nome, agregando assim um valor adicional a sua pessoa, o de eleitor.¹¹⁶

Mesmo nas cidades, muitos pais tinham dificuldade de entender a importância da escola, nem todos estavam convencidos do valor de educar os filhos. Muitos acreditavam que, após alguns anos de estudo, os meninos deveriam ingressar na vida prática, no comércio, ou em alguma atividade de escritório. A prática de encaminhar os filhos ao trabalho muito cedo

¹¹⁶ GOMES, op. cit , p. 392.

ocorria por um misto de dificuldades financeiras, para sustentar o ócio necessário à dedicação aos estudos, e pelo peso da mentalidade já consolidada sobre a maneira de formar os filhos, alicerçada em práticas que apontavam o aprendizado de um ofício e o engajamento no mercado de trabalho, desde tenra idade, como modelo e padrão adequado à sociedade local. Em grande parte o trabalho dos literatos era o de quebrar essa lógica e legitimar outras práticas.

Devido a esta realidade, aparece nas biografias de alguns literatos o exercício de atividades remuneradas, no comércio, quando crianças ou adolescentes. Alguns, com mais talento para o estudo, conseguiam conciliá-lo com o trabalho, acabando por ingressar em faculdades superiores fora do Piauí. Foi assim que Higino Cunha, aos dez anos, ingressou como aprendiz de caixeiro na loja de seu irmão e anos depois se formou em Direito no Recife.

Vale também comentar que Bugyja Brito, desde os 13 ou 14 anos, trabalhava ministrando aulas primárias em domicílio ou como ajudante de bar em Teresina. Anos depois, tanto Higino Cunha quanto Bugyja Brito conseguem formar-se em Direito. No entanto, o destino mais comum dessas crianças, que se engajavam como aprendizes em lojas e escritórios, foi aprender o ofício de guarda-livros, passando a trabalhar com escrituração comercial, ou mesmo continuar no trabalho de caixeiro, engajando-se, quando adultos, como profissionais. Esse foi o percurso seguido por Antônio Nogueira Castelo Branco, que, saindo de áreas rurais do Piauí, nos primeiros anos do século XX, indo morar na casa de seu tio Joaquim Castelo Branco, onde é enviado por alguns anos à escola, aprendendo posteriormente com o tio, o ofício de guarda-livro, profissão que lhe assegurou o sustento e criação dos filhos na vida adulta. Outro percurso possível era conseguir, através de favores políticos, algum cargo no serviço público, nesse caso, os anos de escola aliados ao aprendizado prático nos escritórios proporcionavam-lhes a experiência necessária para o engajamento no mercado de trabalho adulto.

Se observarmos outras trajetórias, como as de Edson Cunha, Lucídio Freitas,

Alcides Freitas e Cristino Castelo Branco, a lógica anterior não se repete, a formação dos pais, adeptos de uma nova mentalidade na forma de educar os filhos, possibilita que dispensem aos filhos outras práticas, mesmo que as dificuldades financeiras se fizessem presentes, como muitos pais alegavam. Dessa forma, mais uma vez a diversidade se impõe. Se a infância de Bugyja Brito é marcada pela dicotomia estudo-trabalho, a de Lucídio Freitas e de muitos outros parece apontar para outros caminhos quando observamos que, desde os 12 anos, os filhos de Clodoaldo Freitas juntamente com o colega Cristino brincavam de elaborar pequenos jornais manuscritos como o Orvalho e o Cri-cri.¹¹⁷

Os resultados alcançados eram limitados pelas condições estruturais do meio, pois todo o esforço dos intelectuais empenhados na propagação do ensino e dos investimentos públicos em educação não foi capaz de reverter radicalmente os baixos níveis de escolaridade no Piauí. Os dados da cidade de Teresina no ano de 1922, apontando para o índice de 83% de analfabetos, mostram que a infância era ainda maciçamente vivida fora dos quadrantes escolares. A escola reproduzia, desse modo, as estruturas sociais do Piauí, marcado por uma forte estratificação com a existência de dois blocos sociais distintos, onde uma pequena minoria concentrava a maior parte da renda gerada no Estado e os melhores níveis educacionais, e a maioria continuava com baixos níveis de renda e de educação. Entretanto, se pegarmos como corte de análise o século XX poderemos perceber que o discurso dos literatos, livre pensadores ou católicos, foi recorrente, tendo, no decorrer desse período, sido consumido por um grande contingente de pessoas, que continuaram a migrar de áreas rurais para áreas urbanas atrás da escola e de ascensão social.

A grande massa das crianças, provenientes das camadas populares, continuavam enredadas em um ciclo de não escolarização e de baixos níveis de renda. Essas crianças serão engajadas desde cedo no mundo do trabalho. Os meninos tornar-se-ão “os moleques de recado”, os aguadeiros e vendedores ambulantes de capim. As meninas serão as “molecas”

¹¹⁷ CASTELO BRANCO, Cristino. *Frases e notas*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1957. p. 121-180.

que, desde cedo, entrarão no mundo do trabalho doméstico, como crias da casa, trabalhando como arrumadeiras, como babás ou ainda na fiação, como foi o caso de Maria Francisca dos Santos, que, ao ficar órfã e vir morar em Teresina na casa de sua madrinha, entrou com sete anos na Fiação:

Eu era criança, ninguém queria me dar emprego, aí uma moça, uma colega minha pediu que me empregasse, que eu não tinha pai, não tinha mãe, não tinha quem me desse, não sabe? E precisava trabalhar, e não queria ir trabalhar na cozinha dos brancos, não sabe? Aí o gerente... disse emprega aí seja em que sala for. E me empregaram, com sete anos eu entrei na fiação, quem me criou foi a fiação.¹¹⁸

Para as camadas populares a indistinção entre infância e vida adulta continuava; a necessidade de ganhar o sustento, de engajar-se no mercado de trabalho fazia com que a vida adulta começasse muito cedo.

Em síntese, a diversidade na vivência da infância se impõe, e questões, como o nível de renda familiar, o gênero, e mesmo práticas familiares em torno da infância e da escolarização, serão de fundamental importância na definição das trajetórias de vida. Nas elites e nos grupos médios, a busca por melhores níveis educacionais se impõe como algo necessário para o engajamento no mercado de trabalho, principalmente entre aqueles que escolhem viver na cidade, e que percebem que o futuro dos filhos passa também pela escola e pelo aprendizado de competências indispensáveis ao bom desempenho das pessoas no meio urbano, como: saber ler, escrever e movimentar-se nesse mundo cada vez mais cortado pela cultura escrita. A escola começava a ser percebida como algo necessário e fundamental num processo de inserção e ascensão social no meio urbano.

À medida que a escola vai fazendo, de forma mais intensa, parte do dia-a-dia na

¹¹⁸ SANTOS, Maria Francisca dos. *Entrevista concedida a Pedro Vilarinho Castelo Branco*, Teresina, Abr. 1995. p. 02.

cidade, a partir dos anos 1920, a tendência, nos grupos médios e nas elites, é que as crianças começassem a ter na educação formal, um percurso não só legítimo, mas obrigatório. Muitos meninos e meninas, nascidos no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, e apenas iniciados na vida escolar, se tornam, nos anos 1920 e 1930, pais e mães de crianças que terão outra formação onde a escola se fará bem mais presente.

Dessa maneira, o Sr. Antonio Nogueira Castelo Branco, nascido em 1897 em áreas rurais do Piauí, e a sua prima Feliciano de Souza Castelo Branco, nascida em 1894 em Teresina, não passam mais do que poucos anos na escola, o suficiente para aprenderem a ler, escrever e fazer alguns cálculos aritméticos. No caso de Antônio Nogueira, serão de aprimoramento para o exercício da função de guarda-livro. Casados em 1922, terão quatro filhos entre 1923 e 1928 e conseguirão dar aos quatro filhos, níveis escolares melhores. Três se formam na Escola Normal e um faz um curso de comércio de nível ginásial, numa demonstração de que as condições de escolarização na cidade se tornavam mais propícias. O mercado de trabalho, por outro lado, se tornava mais complexo, oferecendo oportunidades de emprego em repartições governamentais, na rede pública e privada de ensino, ou ainda no comércio, espaços que seriam ocupados por pessoas provenientes desses grupos médios da sociedade, portadores da escolarização necessária.

2 JUVENTUDE

No presente capítulo, analisaremos como a sociedade foi, no final do século XIX, construindo também a idéia de adolescência, de juventude. As transformações em curso, nas sociedades modernas, que já apontavam para a necessidade de nova percepção da infância, sinalizam também para a necessidade de manter as novas gerações por mais tempo em espaços segregados, onde completariam sua formação. Propiciando, desse modo, uma preparação mais adequada ao futuro exercício da vida adulta.

A vida moderna que transcorria, principalmente, no mundo urbano, exigia de homens e mulheres uma formação cada vez mais aprimorada. A preocupação não era só em preparar melhor os jovens do ponto de vista intelectual, era fundamental que eles fossem saudáveis, que tivessem corpos rijos, livres de doenças, de vícios que poderiam comprometer seu desempenho e utilidade na sociedade, correndo o risco mesmo de contaminar a prole. Era preciso ainda que estivessem moralmente preparados para serem bons cidadãos, pais e mães zelosos, conscientes de seus deveres para com a família e com a pátria.¹¹⁹ Em síntese, que fossem homens e mulheres marcados pelo processo de escolarização, pela disciplina, conforme aparece na escrita dos literatos do período.

A instrução escolar terá, no caso da nova percepção dos jovens, papel central. Deste modo, se a escola primária foi aos poucos ganhando contornos de ser vocacionada preferencialmente ao público infantil, a escola secundária e mesmo a superior foram, diante dos novos conhecimentos de psicologia divulgados internacionalmente, no período, direcionadas preferencialmente aos jovens na faixa etária entre os 12 ou 13 anos e os 22, 23 anos de idade. Criava-se a idéia de um adiamento da vida adulta em nome da melhor preparação para a competitiva vida profissional no mundo urbano moderno.

¹¹⁹ BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 107.

Na prática escriturística dos literatos os jovens passam a ser percebidos como a riqueza social de uma nação, como os sujeitos que, devidamente moldados dentro de um processo de escolarização, seriam capazes de promover as mudanças sociais e políticas necessárias para alavancar o crescimento econômico, o progresso, para promover, afinal, a regeneração da nação.¹²⁰ O projeto dos literatos era formar uma elite dirigente que fosse capaz de, tendo recebido formação adequada, dar novo encaminhamento à sociedade. Esse era o diagnóstico de Matias Olimpio em 1920: *A falta de iniciativa, o amor à rotina, o pouco apego do piauiense em desenvolver as suas indústrias incipientes, explicam-se pela sua incultura. Não é um retrogrado ou um ser incapaz de aperfeiçoar-se, é um inculto.*¹²¹

A escola seria o único meio de regenerar a sociedade, de colocá-la nos trilhos do desenvolvimento, sem o que não seria possível os jovens se subjetivarem como homens e mulheres escolarizados, aptos a assumirem um papel multiplicador na sociedade, em conformidade com o seu gênero.

Ao lado dessa nova preocupação com a melhor formação escolar dos jovens, existia também, principalmente nos anos 1920, a elaboração discursiva de uma nova forma de subjetivação da juventude que era feita sobretudo pelos cronistas dos jornais, que, juntamente com as propostas que circulavam na cidade via revistas de moda e fitas cinematográficas, propunham novas formas de vivenciar a mocidade, através de modelos masculinos e femininos, que se aproximavam dos almofadinhas e das melindrosas, em que o namoro ganhava conotações mais próximas do flerte, e onde principalmente os rapazes eram incentivados a assumirem posturas esportivas.

Perceber como os rapazes e moças se comportavam diante das propostas apresentadas, como as novas propostas eram consumidas pela juventude interferindo na forma

¹²⁰ CARON, Jean Claude. Os jovens na escola, alunos de colégios e liceus na França e na Europa. [fim do século XVIII – fim do século XIX]. In: LEVVI, Giovane; SCHIMITT, Jean Claude (Org.). *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 139. v. 2

¹²¹ MELO, Matias Olimpio de. *A instrução pública no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1922. p. 93.

de subjetivação dos grupos sociais de elite e médios é o que interessa mais de perto ao presente capítulo.

O discurso e as propostas de cronistas como Max Linder entravam em conflito com as propostas conservadoras emitidas por literatos livres pensadores como Clodoaldo Freitas, mas, principalmente, por pessoas ligadas ao pensamento católico de inspiração Ultramontana, que propunha modelos mais contidos, disciplinados, sobretudo para o sexo feminino. Esse era um momento onde os papéis sociais masculinos e femininos estavam sendo redefinidos na sociedade, e onde os conflitos de interesses, de propostas, se tornavam mais acirrados. É sobre as práticas dos jovens no caminho de se subjetivarem como homens e mulheres modernos, vinculados ao mundo da escrita e à vida urbana, e sobre as propostas divergentes, que procuravam capturá-los ainda jovens e moldar seus comportamentos na vida adulta, que trataremos agora

Nesse contexto favorável ao alargamento do processo de escolarização, podemos entender a preocupação do poder público e da sociedade em geral com o desenvolvimento, não só do ensino primário, mas também com o ensino secundário e superior. No entanto, se a oferta de escola primária era pequena e não atendia à demanda da sociedade, o ensino secundário, que recebia menos recursos do poder público, e que se caracterizava mesmo como uma escola de elite, tinha números ainda menos expressivos.

Até os anos 80 do século XIX, o ensino secundário era quase inexistente no território piauiense, o que fazia com que os aspirantes ao ensino superior procurassem o ensino secundário em outras cidades próximas a Teresina. Esse foi o caminho seguido por jovens, como Clodoaldo Freitas e Higino Cunha, que, na década de 70 do século XIX, começaram a cursar o ensino secundário em São Luis do Maranhão.

Clodoaldo iniciou os estudos no Seminário das Mercês em 1871, onde se preparava para ser padre, saindo três anos depois para o Liceu Maranhense, a fim de cursar as disciplinas secundárias, com o objetivo de ingressar futuramente na Faculdade de Direito do

Recife. Higino Cunha, por sua vez, transferiu-se para São Luis em 1878, onde passou três anos, cursando disciplinas secundárias e preparando-se para ingressar no curso superior de Direito, também na Faculdade do Recife.

A existência do Seminário e também de instituições de ensino secundárias em São Luis faziam o ambiente cultural da capital maranhense diferente de Teresina. Ali, Clodoaldo e Higino tiveram experiências intelectuais, as primeiras incursões no mundo da Filosofia e do questionamento de verdades teológicas, que vão estar presentes de maneira acentuada na produção intelectual dos dois literatos na vida adulta. As trajetórias de Clodoaldo Freitas e Higino Cunha ilustram bem o percurso seguido por jovens, oriundos do Piauí e que conseguiram dar continuidade aos estudos e mesmo alcançar uma formatura superior.¹²²

Nos anos 1880, a cidade de Teresina passou a contar, além do Liceu Piauiense, que em alguns períodos funcionava precariamente, com algumas instituições privadas que se dedicavam também ao ensino secundário, merecendo destaque o Colégio Nossa Senhora das Dores de propriedade de Miguel Borges Leal Castelo Branco. Segundo Queiroz, o referido colégio serviu como modelo para outras instituições de ensino na cidade nas décadas seguintes.¹²³ O que nos interessa enfatizar também é o crescimento na oferta de oportunidades de acesso ao ensino secundário, com escolas que ofereciam vagas para alunos internos e externos, tornando a cidade um pólo de atração para muitos jovens provenientes do interior do Estado.

Os jovens provenientes da elite piauiense passaram a buscar as escolas secundárias em Teresina como forma de preparação para o acesso aos cursos superiores, em uma demonstração de que a escola começava a ser percebida como parte importante na formação de uma elite dirigente.

Esse processo de fortalecimento das instituições de ensino em Teresina ganha

¹²² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 57-70.

¹²³ QUEIROZ, 1994. p. 66.

impulso no final do século XIX, com a chegada de novos bacharéis, formados fora do Estado e que, em grande medida, tomarão parte nas iniciativas educacionais. Os bacharéis que voltavam de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro, formados em Direito, Medicina, Engenharia e Farmácia tornavam-se exemplos de que o percurso que levava à formatura superior era uma possibilidade real, que necessariamente passava por sacrifícios familiares, mas que poderia trazer ganhos compensadores. A maior oferta de ensino secundário propiciará que outros jovens vejam na escola um percurso possível e necessário ao aprimoramento e formação pessoal.

Dessa forma, os relatos de memórias e as biografias dão conta de homens que viveram sua juventude na Teresina do início do século XX e que tiveram suas trajetórias de vida marcadas pela escolarização. As histórias pessoais são múltiplas e mostram bem a diversidade de situações características do processo histórico em análise.

A trajetória de Leônidas Melo é significativa para corroborar o nosso raciocínio. Aos 12 anos de idade encontrava-se Leônidas totalmente engajado no seu aprendizado do ofício de comerciante. Trabalhava com o pai em sua loja na cidade de Barras, no entanto, a chegada de Arimatéa Tito, bacharel em Direito, recém-formado no Recife, despertou no menino o desejo de dar continuidade aos estudos, a formatura de uma pessoa próxima mostrou-lhe que existiam outros percursos na vida, diferentes do comércio. Ao assistir aos preparativos da festa de chegada do novo bacharel na cidade de Barras, Leônidas despertou para essa possibilidade:

Soou como uma voz dentro de mim, clara, alta, pausada a perguntar-me: “por que tu também não vais estudar?” voz que só eu percebia, que repetia insistentemente sem parar: por que você não vai também estudar? Tu não tens vocação para o comércio: pede a teu pai que te mande para um bom colégio, em Teresina. Ele relutará, mas deve insistir.¹²⁴

¹²⁴ MELO, Leônidas. *Trechos do meu caminho*. Teresina: COMEPI, 1976. p. 92-93.

Se a princípio a chegada festiva de Arimatea Tito trouxe a Leônidas o problema de despertar-lhe o desejo de continuar os estudos, trouxe também parte da solução, pois o novo bacharel fora nomeado promotor público da cidade de Barras, ali montou residência e abriu uma escola onde os meninos que já tivessem as primeiras letras poderiam dar continuidade aos estudos. Conseguindo Leônidas convencer o pai de que realmente desejava estudar, e diante da oportunidade ímpar dada por Arimatéa Tito à cidade, Leônidas foi matriculado na nova escola, onde aprenderia geografia, gramática portuguesa, e aritmética elementar. O rapaz teria que conciliar os trabalhos do comércio com a escola, dessa forma só lhe sobraria tempo para estudar as lições durante a noite.

O bom desempenho na escola, o discurso do professor ao final do ano letivo aconselhando os pais dos alunos premiados, entre eles Leônidas, a incentivarem os filhos para os estudos, além de insistentes pedidos do menino para o pai enviá-lo a Teresina para prosseguir nos estudos acabaram por dar resultado. O coronel Regino resolveu envidar os esforços necessários para mandar o filho para uma escola em Teresina. Aceitava o pedido de Leônidas com a ressalva de que não poderia sustentá-lo por muito tempo, tendo este que estudar e em seguida fazer um concurso para telegrafista.

Moço recebi sua carta e vou levá-lo comigo para Teresina, mas quero dizer-lhe que não poderei sustentá-lo nos estudos por muitos anos, para você se formar, como o Dr. Arimatéia. E não poderei por que não tenho recursos para isso. Lembrei-me então de dar-lhe um conselho. Você irá comigo, estudará este ano e no vindouro fará concurso para Telegrafista. Olhe, aqui por Barras têm passado muitos telegrafistas e todos vivem tranqüilamente, sustentam as famílias com conforto, tem promoção, tem aposentadoria, se você conseguir isto está arrumado.¹²⁵

Aos 13 anos de idade, Leônidas Melo era matriculado como aluno interno na Escola 21 de Abril em Teresina, ao final do ano letivo, com receio de que o pai cumprisse a

¹²⁵ MELO, Leônidas, 1976, p. 107.

promessa de não sustentá-lo em Teresina por mais tempo, pediu ao diretor e a alguns professores da Escola que escrevessem cartas ao coronel Regino recomendando que mantivesse o filho na escola. A tática de Leônidas deu resultados e ele fica em Teresina para concluir os estudos secundários seguindo depois para a Bahia e para o Rio de Janeiro, onde conclui o curso de Medicina.

A trajetória de Leônidas nos mostra o efeito multiplicador que uma formatura superior poderia ter. Em primeiro lugar, a alegria do retorno do filho bacharel, o prestígio, o respeito, e a aura de notoriedade que cercava os indivíduos formados despertavam em outras pessoas, como foi o caso de Leônidas, o desejo de também alcançar esse lugar de sujeito. Um segundo aspecto interessante é o efeito multiplicador que essas formaturas tinham em outro aspecto: Arimateia Tito volta formado e usa seus conhecimentos e capacidade para ensinar outros meninos, suprimindo demandas por escolarização reprimidas pela falta de oportunidades.

O coronel Regino, pai de Leônidas Melo, ao que parece, não mandava os filhos à escola secundária, pela ausência dessa instituição na cidade onde morava, e também por não estar convencido dos retornos que poderiam advir do investimento de mandar um filho para estudar fora. Colocara os filhos no comércio e todos se adaptaram, Leônidas foi o primeiro a vislumbrar outros horizontes, e aproveitou as primeiras oportunidades que teve para mostrar ao pai que a continuidade de sua escolarização seria um bom negócio, daria resultados, traria retornos à família.

As práticas familiares nos grupos médios e nas elites parecem apontar para a continuidade dos estudos dos indivíduos, que se mostrassem mais talentosos, que demonstrassem maior interesse pelo processo de escolarização. A falta de recursos para proporcionar a todos os filhos as mesmas condições, e o descaso mesmo de alguns em dar continuidade aos estudos explicariam as táticas familiares.

A trajetória de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves mostra que nem sempre o investimento em educação era feito pelos pais, mas por outros membros da família que

acreditassem no potencial de um sobrinho, afilhado, ou neto. É assim que toda a escolarização de Luiz Mendes é financiada pelo tio, Antônio Ribeiro Gonçalves, que lhe proporciona os estudos ginasiais em Teresina e em Salvador na Bahia, onde se formou em Engenharia Civil.

A gratidão de Luiz Mendes ao tio é expressa em seu depoimento biográfico onde relata o convite feito por seu professor para ingressar na faculdade da Bahia como professor assistente, justificando a recusa, com a necessidade de retornar ao Piauí para dar aos familiares um retorno dos sacrifícios empreendidos para sua formatura.

Cheguei a Teresina, depois segui para Floriano, onde me encontrei com meu Tio. Dar-lhe os agradecimentos e mostrar que não fui um homem perdido, fui um homem aproveitado, que ele não fez em vão o sacrifício de cuidar de mim¹²⁶

Luiz Mendes vinha de uma família onde a relação com a cultura escrita já era uma experiência presente. Isso não diminuía a alegria pela formatura de mais um membro familiar, mas possivelmente fizesse com que os familiares tivessem a compreensão e empreendessem esforços e sacrifícios para o financiamento da formação escolar do sobrinho, por ter a convicção deste ser um caminho possível, viável, já percorrido com sucesso.

A trajetória de Edson Cunha, que ingressa aos 13 anos no Liceu Piauiense para iniciar seu curso secundário, é também indicativa da relação já estreita da família com a cultura escrita. Filho de Higino Cunha, que é bacharel em Direito e professor do Liceu em Teresina, Edson Cunha relata no texto *Meu curso secundário* como a escola marcou sua trajetória de vida. Estudou no Liceu por quatro anos, cursando 12 disciplinas: português, francês, inglês, latim, história do Brasil, história natural, geografia, e físico-química. O que singulariza a trajetória de Edson Cunha no Liceu foi o fato de cursar disciplinas que seriam totalmente dispensáveis para a sua pretensão de ingressar em uma academia superior de

¹²⁶ GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. *Depoimento concedido a Manuel Domingos Neto*. Teresina, maio, 1984. p.32.

Direito. A explicação para tal fato é dada pelo próprio autor, ao relatar que essa era uma exigência de seu pai Higino Cunha, que fazia mais, conforme o próprio Edson relata:

Por ser muito novo, meu pai submeteu-me a um método assaz eficiente: estudava, permanentemente quatro disciplinas, mas fazia exames apenas de duas, ficando as outras para o ano seguinte, quando eram incorporadas outras duas. Assim fazia um curso de dois anos em cada um. Isto me valeu um curso secundário sólido, de notas distintas e plenas.¹²⁷

A trajetória de Edson Cunha mostra em primeiro lugar a preocupação de seus pais com a formação escolar do filho, no entanto, denota também a trajetória escolar de um garoto que, por ser jovem, provavelmente por não passar por dificuldades financeiras na família ou por contar com práticas familiares que viam na formação escolar dos filhos uma prioridade, poderia dedicar-se quase de forma exclusiva aos estudos. Edson, diferentemente de outros secundaristas no período, não relata a experiência simultânea de ser estudante e trabalhador. Trajetórias semelhantes são relatadas por Cristino Castelo Branco, ele e seus primos Lucídio Freitas, Alcides Freitas e Mario Couto, provenientes de famílias cuja relação com a cultura escrita e a escolarização parece apontar para a valorização da escola.

A biografia de Bugyja Brito é bem mais acidentada e marcada por dificuldades, entretanto, percebe-se claramente que a escola é uma fase específica, que ocupa centralidade na vida de Bugyja, determinando mesmo sua trajetória de vida. Em suas narrativas autobiográficas, a fase de escola é lembrada amiúde, as professoras, as matérias, os locais, as provas. Tudo parece ganhar centralidade e relevância, em uma demonstração de que a escola tem papel fundamental na definição do homem em que ele se torna quando adulto. O sucesso profissional, o papel de literato, a vida familiar parecem ser em grande parte tributárias da trajetória seguida.

Bugyja não conta com as mesmas condições de Edson Cunha, e, aos 13 anos,

¹²⁷ CUNHA, Edson. Meu curso secundário. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba, 1952. p. 115-127.

ingressa no mundo do trabalho como suplente de carteiro dos Telégrafos, em Teresina; posteriormente passa a trabalhar como balconista de um bar e ainda ministra aulas de primeiras letras em domicílio. Pode-se dizer que toda a sua vida de secundarista é marcada pela busca de conciliar trabalho e estudo. O próprio Bugyja esclarece que a sua prematura inserção no mundo do trabalho tinha, para ele, dois objetivos principais: auxiliar a família, que passava por sérias dificuldades financeiras e custear seus estudos. A obstinação com que persegue a formação secundária e como vislumbra o ingresso no curso superior ilustram o valor que uma formação escolar tinha na Teresina do início do século XX:

Concluir os estudos secundários naquela época constituía um fato de relevância. Fazer então os preparatórios era um galardão que se conquistava perante o público local, membros da família e amigos.

É possível que acudisse ao espírito dos meus pais o pensamento de eu me formar [formação superior] o que traria outras vantagens de ordem financeira e social à família. Uma formatura sonho da mocidade pensante do tempo e desejo ardente de muitos progenitores que possuíam recursos, que eram ricos ou remediados, não era nada anormal, todavia, para mim, a situação era diferente.¹²⁸

Convém enfatizar que, se as trajetórias escolares de Leônidas Melo, Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, Bugyja Brito e Edson Cunha, são marcadas por diferenças, são também trajetórias que se completam com a formação superior. No entanto, essa não era a regra para todos que ingressavam nas aulas secundárias em Teresina. Muitos jovens completavam a escola secundária e não tinham condições de dar continuidade aos estudos superiores, que até 1931, tinham que ser realizados fora do Piauí. O caso de Jônatas Batista, que nos anos 1920 e 1930, será conhecido como escritor e teatrólogo, é ilustrativo desses projetos de jovens candidatos ao bacharelado que não se concretizaram. No caso de Batista, o fato de ser o filho mais velho e de ter se tornado, muito cedo, responsável pelo sustento familiar é apontado

¹²⁸ BRITO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1977. p. 210.

como justificativa para o seu ingresso, de forma definitiva, no mercado de trabalho, na carreira de funcionário público. Sob este aspecto, os anos de estudo contabilizados, já muito acima da média, davam-lhe certa projeção no escasso mercado de trabalho local.¹²⁹

Muitos jovens passavam por processo de escolarização, por caminhos outros que não os da escola secundária e superior; podemos citar o caso de Antonio Vieira dos Sales que conheceu a escola na adolescência por seu viés profissionalizante, ingressando na escola de aprendizes e artífices onde aprendeu ofícios como o de ferreiro e o de pintor, notabilizando-se no segundo.

Os percursos dos jovens, na escola secundária, são também marcados pelas desistências; inúmeros rapazes destinados pelos pais ao mundo das letras, a uma formatura superior, recusavam esse destino e voltavam ao sertão. Fascinados pela vida no campo, ou considerando-se incapazes, desistiam dos estudos escolares e voltavam à vida das fazendas. A presença do meio sertanejo, o gosto pela vida do campo e do trato com o gado eram muito presentes no universo psicológico dos que iam estudar na cidade. Nas fazendas, tocavam os negócios, administravam o patrimônio familiar, entre eles as propriedades de irmãos, que seguindo outros percursos de vida, abandonavam a vida no campo, e tornavam-se cidadãos.

A trajetória de Augusto, primo de Raimundo Moura Rego, é outra possibilidade de exemplificação para a desistência da vida escolar. Filho de um grande proprietário de terras e gado, se sentindo atraído pela vida no campo desiste de voltar a Teresina e à vida escolar, com o irmão Roberto e o primo Raimundo Moura Rego:

A última vaquejada deve ter influenciado Augusto. Na proximidade de nossa volta aos estudos, declarou ao pai que não queria mais estudar. Já sabia ler e escrever alguma coisa além das quatro operações de aritmética, e esse pouco lhe bastava. Não queria ser doutor, nem comerciante, queria ser vaqueiro. O pai lhe desse uma fazenda de gado para dirigir e pronto: poderia

¹²⁹ QUEIROZ, Teresinha. Jônatas Batista e a paixão pelo Teatro. IN: *ACADEMIA Piauiense de Letras: Os fundadores*. Teresina: Meio Norte/APL, 1997. p.229-253.

economizar o dinheiro do colégio.

Não foi conosco desta vez. Senhô, o pai de Augusto, deu de papel passado, a ele e Roberto, a Fazenda Tamanduá. Mais tarde Roberto cedeu sua parte ao irmão, que assim passou a viver como era de seu agrado.¹³⁰

Se Augusto preferiu abandonar a vida na cidade e a escola preferindo subjetivar-se como vaqueiro, trabalhando com o gado, participando de vaquejadas, levando a vida no campo, na administração das Fazendas da família, Roberto, seu irmão, parte para Teresina e depois para o Rio de Janeiro, onde incorpora práticas citadinas subjetivando-se como homem urbano.

O pensamento dos três meninos: Moura Rego, Roberto e Augusto, mandados estudar em Teresina, no início da juventude, aos 13 anos de idade aproximadamente, parece, a princípio, muito próximo, a fazenda, a vida no campo era o lugar ideal para se viver. A cidade dita como agitada, novidadeira, marcada ainda pela vida escolar não parecia atrair nenhum dos três, no entanto, com o tempo, cada um deles foi se tornando sujeito e assumindo práticas diversas. As diferentes inclinações dos rapazes mostra bem que a escola secundária e o posterior curso superior, bem como a vida urbana ainda não se impunham de forma hegemônica. As famílias de origem rural, com vínculos e negócios no campo, precisavam que alguns dos filhos se dedicassem a dar continuidade aos negócios da família, ao criatório do gado, ao engenho. Dessa forma, a decisão de Augusto parece não trazer maiores transtornos e mesmo ser aceita com relativa facilidade pelos pais. Afinal de contas, Senhô, o pai de Augusto, também já havia em outro momento feito a mesma escolha, pois cuidava das fazendas de outros irmãos, que haviam seguido outros caminhos, deixando a vida no campo e assumindo a vida militar.

As trajetórias analisadas mostram que não havia consenso sobre a necessidade da escolarização para a formação dos jovens rapazes em homens adultos, no entanto, mostram

¹³⁰ REGO, Moura Raimundo. *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 116.

também que o acesso à escolarização e a formação secundária e mesmo a superior foram, no período em estudo, ganhando espaço como caminho de subjetivação possível, particularmente dos jovens rapazes dos grupos de elite e médios da sociedade. Caminho, algumas vezes, dificultado pelas resistências impostas pela mentalidade arraigada, que continuava acreditando que um homem se construía na vida prática, no aprendizado direto com os adultos.

É dentro desse raciocínio que podemos entender a freqüência com que as práticas familiares de fazer com que os rapazes ingressassem desde cedo na vida adulta, de ensinar-lhes um ofício, de dotar os filhos dos meios necessários para dar início à vida adulta, para poder constituir um novo grupo familiar e conseguir os meios de sustentá-lo condignamente continuassem práticas tão presentes. Essa preocupação está na fala do coronel Regino, pai de Leônidas Melo, quando se propõe a ensinar ao filho o ofício de comerciante, ou ainda quando lhe aconselha a fazer o concurso de telegrafista, a preocupação de Regino era dotar o filho dos meios necessários para se tornar um homem capaz de conseguir os recursos necessários para sustentar dignamente sua família quando adulto. Afinal de contas um homem deve trabalhar, deve ser provedor, é um elemento definidor da masculinidade.

O caso de Augusto, o filho de Senhô, que desiste de dar continuidade à formação escolar, também é ilustrativo do nosso raciocínio, nesse caso, a saída encontrada foi dotar o filho das terras e do gado necessário para iniciar o seu criatório. Augusto se subjetivaria como vaqueiro e administrador de fazenda, ofícios que já conhecia, e que aprendera com o pai e com os outros homens adultos nas práticas cotidianas.

Aos homens que seguiam o percurso da formação escolar, caberia a tarefa de escriturar esse percurso como um caminho legítimo de subjetivação masculina. Na prática de escriturar novos modelos de masculinidade citadinos, a formação escolar proporcionaria uma forma de projeção social, de subjetivação, para os rapazes, como detentores de conhecimentos especiais, que deveriam lhes assegurar bons postos no mercado de trabalho. Da mesma forma, proporcionariam que se notabilizassem pela relação estreita com o mundo da escrita, pela

respeitabilidade social, percebidos como homens cultos, letrados, inteligentes. Homens que estariam aptos e que muitas vezes se dedicavam à política, às letras, aos negócios, em síntese, que se projetavam nos espaços públicos, definindo e delimitando esses espaços como de ação masculina.

A escola terá como função na sociedade muito mais que fornecer instrução aos meninos que nela ingressarem. Será função sua também submeter os jovens a uma disciplina rigorosa que lhes ensinasse valores, que os fizesse despertarem para a observação e o respeito ao ordenamento social, ao trabalho produtivo, à obediência às autoridades constituídas, ao sentimento de pertencer a uma pátria.

Os literatos católicos, por exemplo, pregavam que, para educar os rapazes, com os rigores necessários, era preciso que a disciplina, que a vigilância e mesmo algumas ameaças de castigos futuros se fizessem presentes no processo educativo para dobrar o ímpeto dos mais indisciplinados. Para os literatos católicos, somente a instrução livresca não traria os resultados esperados, era preciso cuidar da formação moral, de inculcar valores, e nesse aspecto, nenhuma proposta seria, para os articulistas católicos, mais eficaz que a doutrina cristã.¹³¹

No entanto, o aprendizado da ordem, do respeito às autoridades era feito nas práticas cotidianas. Na exigência, na observação de horários, na cobrança de atividades escolares e mesmo em atividades que tinham como objetivo enaltecer e criar o respeito pelas autoridades constituídas na sociedade: *Ainda não faz um mês que os alunos do Colégio Diocesano, em formatura militar, fizeram continências de estilo ao Ex. Governador do Estado, prova de que recebem educação de paz e respeito [...] à pátria e a República.*¹³²

A preocupação com a disciplina, com o exercício cotidiano de práticas que

¹³¹ COMO deve ser a educação. *O Apóstolo*, Teresina, ano I, n. 31, p.1, 15 dez. 1907; COMO deve ser a educação. *O Apóstolo*, Teresina, ano I, n. 32, p.1, 22 dez. 1907.

¹³² BARRETO, Manoel D'Almeida. Pelo colégio Diocesano. *O Apóstolo*, Teresina, ano III, n.122, p.2, 10 out. 1909.

levassem os alunos a incorporarem valores e condutas morais na sociedade, podem ser percebidos em alguns relatos, como os de Leônidas Melo, quando fala da sua vida como interno no Colégio 21 de Abril. Ao ser apresentado ao aluno encarregado de manter a ordem e a disciplina na escola, assim como intermediar qualquer reivindicação com a direção da escola ocorreu o seguinte diálogo:

Ele (o rapaz) é aluno mas também Prefeito aqui no instituto. É quem fiscaliza o comportamento dos alunos e recebe seus pedidos e reclamações. Para qualquer coisa que você queira, pode procurá-lo.

- O rapaz chamou-me, acrescentando à palavra um aceno de mão:

- Vamos, venha comigo.

Conduziu-me ao alojamento dos internos, uma série de quartos espaçosos, comunicando entre si por largas aberturas, em arco, nas paredes divisórias, cada quarto para cada quatro alunos. [...] O rapaz me explicou que durante o dia as redes teriam que ficar desarmadas e, enroladas e penduradas em um dos armadores. Somente à noite seriam usadas, e reforçou a explicação:

-Durante o dia não é permitido rede armada.¹³³

Em outros trechos Leônidas trata dos horários de estudo, de recolhimento aos aposentos, e dos horários interditos de conversas entre os internos. Em síntese, os homens também seriam alvo de um discurso disciplinador dos seus comportamentos, no entanto, o enfoque central não parece ser somente com referência aos deveres e funções familiares. A preocupação com as práticas ordeiras, disciplinadas, produtivas dos homens se dirigem ainda e principalmente às atividades masculinas nos espaços públicos, no exercício da cidadania, na participação política como homens disciplinados, ordeiros, na vivência do mundo do trabalho como homem produtivo, honesto. Essas seriam facetas das práticas cotidianas masculinas que deveriam ser alcançadas com o processo de escolarização.

As trajetórias femininas, mesmo nos grupos de elite e médios no final do século

¹³³ MELO. Leônidas, op cit., p.115.

XIX e nos primeiros anos do século XX, apontam para práticas pouco preocupadas com a formação escolar. A personagem Júlia no romance *Um manicaca* ilustra bem a forma como as mulheres eram educadas, somente aos 13 anos de idade a moça é matriculada pelo pai no curso de primeiras letras de Sinhá Borges. Lá aprende rudimentos de escrita, leitura e de aritmética. Estuda por apenas dois anos e se volta para casa, para as lides domésticas, para a vida cotidiana à espera de um pretendente à altura de sua posição social. As mulheres retratadas por Clodoaldo Freitas, no romance *Coisas da vida*, são também mulheres com poucos anos de formação escolar, apenas o necessário para não serem consideradas analfabetas.¹³⁴

O relato de Buggy Brito sobre sua tia Maria Stella de Souza Brito, reafirma essas práticas de pouca preocupação com a educação feminina. Nascida em 1893, a exemplo de inúmeras mulheres, suas contemporâneas, passa poucos anos na escola de primeiras letras. Alguns refinamentos que se faziam presentes na boa educação feminina nos grupos de elite, como aprender rudimentos de francês e algumas música vocal e instrumental são aprendidos por ela no próprio espaço da casa, com o pai e com a cunhada respectivamente.¹³⁵

A pouca escolaridade feminina passou a ser no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX alvo de críticas por parte de literatos como Higino Cunha, Clodoaldo Freitas e Abdias Neves, que passavam a desenvolver uma prática escriturística apontando as falhas e definindo o que seria uma formação escolar feminina adequada. Por trás desse discurso havia a intenção de redefinir o conteúdo das funções femininas, as mulheres não deixariam de ser mães e esposas, no entanto era preciso que dessem a essas funções já tradicionais, outra roupagem. Precisavam, portanto, estar preparadas para o exercício da nova maternidade, em que a dedicação, o amor e a boa vontade já não seriam suficientes. Essa preparação incluía o aprendizado de noções de higiene, de nutrição, de cuidados curativos,

¹³⁴ NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985; FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. *A notícia*. São Luis, ano XXXIX, n. 10.606, 16 dez. 1908.

¹³⁵ BRITO, Buggy. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977. p. 65-74.

fundamentados em princípios científicos. A nova maternidade tinha como princípio básico a regeneração da nação, era um compromisso familiar e patriótico, por isso era preciso que a formação feminina ocorresse dentro de novos parâmetros.¹³⁶

A prática escriturística dos literatos será no sentido de apontar a necessidade de melhorar a formação feminina. Higino Cunha diz que as mulheres precisavam passar por um processo de escolarização, entrar em contato com a ciência, com a cultura escrita, dessa forma a escola com seus métodos, com a disciplina e com a cultura escrita que lá seria apresentada às alunas poderia fazer delas as mães e companheiras desejadas:

O que é preciso antes de tudo, é preparar mães de família, verdadeiras donas de casa, companheiras leais do homem na ventura ou na adversidade. E esse preparo deve obedecer a corrente das idéias modernas, aos destinos superiores da civilização, sem exageros e sem desfalecimentos, não seguindo um credo anacrônico e obscurantista, mas segundo os preceitos da ciência.

[...] ela é bem capaz de identificar-se com o espírito livre dos tempos presentes, sem prejuízo dos encargos domésticos, que devem ser a sua preocupação.¹³⁷

Clodoaldo Freitas, no romance *Coisas da vida*, representa também a educação dispensada às moças, como muito precária, sendo, muitas vezes, desenvolvida dentro do próprio espaço doméstico, não dando às mulheres o treinamento disciplinar necessário para o exercício da vida adulta, o que as levava a se deixarem influenciar facilmente por discursos galanteadores. Os riscos da quebra do equilíbrio e da moral familiar apareciam na escrita de Clodoaldo, como possibilidades reais e iminentes:

As senhoritas divertiam-se durante o dia no trabalho ou lendo algum romance dos mais sentimentais e devotos. [...].

¹³⁶ BESSE, op. cit., p.113.

¹³⁷ CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano VIII, maio 1924. p.49.

Nessas leituras prejudiciais, funestas aos espíritos juvenis, sem o contrapeso de uma educação séria, as três moças saturavam-se de impressões violentas e carnavais. A vida para elas era embrutecedora.¹³⁸

Para Clodoaldo, a educação das mulheres sem uma vivência escolar apropriada, sem os freios morais lastreados num aprendizado disciplinado, que favorecesse o exercício da continência, aliada às idéias fantasiosas, recolhidas nos romances onde amores idealizados, paixões avassaladoras davam asas à imaginação e aos desejos, poderiam levar as jovens a criarem ilusões sobre a vida adulta, distanciando-as da vida real de mãe e de esposa.

O espaço criado e dito como mais apropriado à formação feminina, respaldado em princípios científicos e afastado de qualquer inspiração confessional, será a Escola Normal, surgida em 1910, com a missão de propiciar uma formação que possibilitasse às mulheres, uma educação escolar adequada, libertando-a de credices, permitindo-lhe entrar em contato com princípios e métodos científicos e também com valores morais. Tratava-se de impor uma disciplina que imprimisse nova percepção do corpo escolarizado, a partir de conhecimentos sobre psicologia infantil, higiene, didática e outros saberes considerados fundamentais, no exercício das funções, não só de professora, mas também de mãe e esposa, o que, para alguns, eram funções impossíveis de ser conciliadas.

As moças também serão objeto da ação escriturística da Igreja Católica, que desenvolverá toda uma argumentação em favor de modelos femininos lastreados em princípios religiosos e na vivência da fé cristã. Essa prática discursiva se dará no sentido de condenar qualquer iniciativa educacional da mocidade que não fosse alicerçada em princípios católicos, e na condenação também das práticas modernas ligadas a propostas de emancipação da mulher, da divulgação de modelos femininos muito marcados pela vaidade e mundanismo.

Elias Martins será um dos articuladores dessa prática de escriturar, de definir quais os parâmetros para uma boa educação feminina. A crítica de Martins se estende

¹³⁸ FREITAS, Clodoaldo. Coisas da vida. *A notícia*. São Luis, ano XXXIX, n. 10.606, 16 dez. 1908.

principalmente às escolas leigas, onde, para ele, a falta da religião, com seus princípios norteadores de uma vida disciplinada, acabaria por levar à derrocada moral da juventude:

Na Escola Normal, onde a mulher é a parte mais influente, por ser a preferida do ensino primário, a idéia de Deus foi interdita o que quer dizer que outros princípios vão obscurecer e transviar aquelas angelicais criaturas. E o perigo está iminente, não é uma quimera, porque os mestres na sua maioria, não tem fé, são adversos à religião.

Se um homem sem crenças é incompreensível para nós, a mulher toma as proporções de um absurdo; perdendo o perfume das virtudes cristãs, deixa-se fatalmente saturar pela atmosfera do modernismo.¹³⁹

A educação lastreada em princípios religiosos seria, para Martins, a única saída viável para a boa formação das mulheres. Ele não se colocava em posição contrária ao aprendizado de saberes fundamentados em princípios científicos, o que não aceitava era a exclusão dos princípios católicos, compreendendo que, se as mulheres não aprendessem o apego à religião, elas se tornariam muito mais vulneráveis aos apelos do mundanismo.

Para Martins, a instituição melhor credenciada para desenvolver a formação escolar das moças era, sem dúvida nenhuma, o Colégio Sagrado Coração de Jesus. Escola criada em 1906, pelo primeiro Bispo do Piauí, e que representava uma das estratégias da Igreja Católica para fazer mais forte sua presença no cotidiano da cidade, tornando-se, um pólo de atração de moças não só de Teresina, mas também de muitas cidades do interior do Piauí e Maranhão.

A referida instituição contava com alunas internas e externas; e mesmo dedicando-se majoritariamente ao ensino infantil, estendia sua grade curricular por sete anos; ou seja, as mulheres entravam crianças, aos sete, oito ou nove anos de idade, e saíam aos 15, 16 ou 17 anos de idade, prontas a ingressarem no mercado matrimonial. Somente nos anos 1930, o colégio das freiras contaria com o ensino normal e com as aulas de prática comercial.

¹³⁹ MARTINS, Elias. *Guerra sectária*. Teresina: Tipografia do Apóstolo, 1910. p. 2.

As práticas disciplinares desenvolvidas na escola tinham como objetivo transformar as moças em mulheres devotas, contidas, que, saturadas pela vivência de um cotidiano onde o esquadramento do tempo, dos espaços, das práticas rotineiras, atingissem a subjetivação como moças recatadas, devotas e futuras mães de família e esposas dedicadas à causa da Igreja e da família. A vida austera do internato, a busca da reclusão, do silêncio, da continência, indicava a oração e o desprezo à vida profana e festiva, como o caminho a ser seguido.

O relato da Sra. Miriam de Carvalho mostra a vida cotidiana de disciplina e orientação religiosa a que as alunas internas do colégio das irmãs eram submetidas. Segundo seu depoimento, as irmãs levantavam-se às 5 horas da manhã, às 05h30 tocavam uma segunda campainha, que acordava as alunas. A meia hora seguinte era marcada pela arrumação da cama, a dobra de lençóis, à toalete e arrumação pessoal, atividades que eram exercidas simultaneamente à recitação de orações. Às 6h, as alunas subiam ao refeitório, onde tomavam o café silenciosamente enquanto ouviam leituras instrutivas, às 08:00 horas começavam as aulas. Todo o dia era ocupado com atividades relacionadas ao estudo ou à oração. A preocupação era homogeneizar ao máximo os comportamentos, em manter a ordem e o respeito às autoridades escolares e aos regulamentos, premiando os bons comportamentos e punindo as indisciplinas, com admoestações verbais ou com punições disciplinares.

Toda a austeridade que as freiras procuravam passar no ambiente escolar era segredadamente alvo de brincadeiras, por parte das alunas, que procuravam burlar a rigidez da disciplina, dando apelidos aos professores e professoras, cultivando, às escondidas, atitudes de resistência ao ambiente disciplinado da escola:

As garotas gostavam de apelidar os professores e até mesmo as irmãs. Só que nem eles, nem elas sabiam. Assim o professor de Francês era o Chinês, o professor de matemática [muito magro] era o Tripa Escorrida, a professora de Inglês era a Baratinha. Entre as irmãs havia uma italiana explosiva, seu

apelido era Vesúvio. Outra que falava alto e reclamava de tudo era a Espalha Brasa.¹⁴⁰

A fala da Sra Miriam mostra, ainda, facetas do código disciplinar que impunha às moças comportamentos contidos, afastados da vaidade e de práticas de lazer consideradas perniciosas e imorais, como, por exemplo, a frequência aos cinemas. É possível que essas mulheres da mesma forma como, sigilosamente, burlavam os códigos disciplinares dando apelidos aos professores e freiras, bem como criando paródias e sátiras aos códigos disciplinares da escola, acabassem, também, por encontrar outras formas de burlar vigilâncias comportando-se como bem entendessem.

O colégio das freiras tinha como objetivo não só instruir intelectualmente as moças, mas principalmente moldar os comportamentos, criar mulheres religiosas, apegadas aos valores cristãos e exemplos de moral e virtude na sociedade. Para alcançar os objetivos de bem formar moralmente as alunas, o colégio lançava mão ainda de associações religiosas, tais como a Pia União das Filhas de Maria, que fora criada e funcionava dentro do próprio colégio e que deveria auxiliar na construção e divulgação de padrões morais rígidos entre as moças.

Segundo o manual da referida associação, esta se direcionava exclusivamente a mulheres jovens, de no máximo 30 anos de idade. O ingresso na associação se dava muitas vezes, logo após as solenidades da Primeira Eucaristia. As meninas, especialmente vestidas para receber Cristo, pela primeira vez, eram, em seguida, levadas para fazer parte da Pia Associação. O ar solene da Primeira Eucaristia tinha continuidade com o ingresso no grau de aspirante à Filha de Maria; o ambiente sacralizado convidava a um encontro íntimo com Deus, à vivência cotidiana e contínua da fé. Esses eram os principais objetivos das Filhas de Maria, conforme podemos observar no trecho transcrito do manual da associação:

¹⁴⁰ CARVALHO, Mirian O. Jales de. *Pequena história das alunas internas do colégio Sagrado Coração de Jesus (1937 – 1944)*. Teresina, 2002.

A Pia União procura, com suas práticas e seus conselhos, formar moças religiosas com verdadeiro espírito de pureza, de caridade, de abnegação e de humildade; ela quer dar ao lar filhas dedicadíssimas a seus pais, e esposas verdadeiramente cristãs, que fomentem em seu meio o amor a virtude e a piedade.¹⁴¹

A associação contava com rígido código de disciplina e exigia das afiliadas que assumissem cotidiana e ininterruptamente os deveres de boas filhas de Maria. O exemplo a ser seguido pelas moças seria o de Maria Santíssima, ou ainda, o de Santa Inês¹⁴² – patrona da Associação. As duas santas são exemplos de mulheres que teriam na castidade, na obediência cega aos desígnios de Deus, suas qualidades supremas.

Das Filhas de Maria, cobrava-se, em primeiro lugar, que cumprissem rigorosamente as funções familiares, que respeitassem os pais e as regras determinadas pela família. E, em seguida, que fossem filhas de Maria continuamente, que se comportassem com recato no convívio social, evitando comportamentos reprováveis, tais como faltar aos compromissos religiosos, orações, missa e comunhão diárias.

Sentir-se a Filha de Maria no seu verdadeiro papel, permitindo-se danças levianas e até indecorosas? Poderá ela guardar sobre seu coração a sua medalha, quando o seu vestuário atestar o esquecimento do que seja o pudor de uma cristã? Que se poderá dizer de uma Filha de Maria que escandalize pela nudez de seus trajés? ¹⁴³

O recato, a não freqüência a lugares de moral duvidosa, a decência no vestuário, a obediência aos pais, ao diretor e a devoção fervorosa eram características insistentemente colocadas para as Filhas de Maria. A todo o momento elas deveriam dar provas de recato, de

¹⁴¹ FEDERAÇÃO DAS FILHAS DE MARIA DO RIO DE JANEIRO. Manual das pias uniões das filhas de Maria, Petrópolis: Vozes, 1959, p.15.

¹⁴² Santa Inês viveu no Século III da era Cristã e morreu como mártir aos 13 anos, depois de recusar os insistentes pedidos de casamento de um jovem aristocrata romano. Sua recusa estaria supostamente ligada à sua fervorosa convicção no valor supremo da castidade. Maiores informações sobre Santa Inês podem ser encontradas em VARAZZE, Jacoro de. *Legenda Áurea. Vida de santos*. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p.183 –187.

¹⁴³ FEDERAÇÃO DAS FILHAS DE MARIA DO RIO DE JANEIRO, op. cit , p. 46.

devoção à causa divina. Algumas práticas modernas, como o flerte, os namoros sem compromisso, apenas por divertimento, eram percebidos como práticas mundanas, vulgares e terminantemente proibidas às Filhas de Maria.

Em síntese, esta associação tinha como objetivo principal auxiliar na formação espiritual e moral das moças, fazendo-as perceber o valor da vivência fervorosa da fé católica, o apego aos sacramentos, o quão positivo seria aos olhos de Deus a vivência de valores, como a abnegação, a obediência, o pudor, a simplicidade e o recato. Valores que, após introjetados na mente, deveriam se fazer presentes no corpo, na vida, nas experiências diárias. As moças deveriam ser percebidas e ditas, a partir dos valores cristãos. E assim deveriam guiar suas trajetórias de filhas, esposas e mães.

A sociedade moderna revelava-se, cada vez mais, marcada por novos saberes institucionalizados, legitimados pela idéia de racionalidade, de cientificidade. Afinal, para acessar esse novo mundo adulto era preciso que os rapazes e as moças fossem adequadamente preparados. E a escola seria o espaço onde o aprendizado dos novos saberes iria acontecer. Além disso, a escola – e não a família e a vivência com a comunidade – deveria direcionar a formação da juventude. Os saberes tradicionais, por seu lado, agora perdiam legitimidade, eram percebidos como arcaísmos, como saberes menores diante da potência do novo saber científico.

Algumas formas de sociabilidades como as visitas, os passeios à fazendas e chácaras eram momentos privilegiados de convivência e aproximações entre os jovens. Foi em um desses passeios que Maria Amélia Freitas conheceu o futuro esposo, Clóvis Beviláqua. O jovem estudante de Direito no Recife veio ao Piauí acompanhando os colegas João Alfredo e Otávio de Freitas, e, ali, no convívio constante, entre passeios a cavalo, banhos de rio e piqueniques, resolveu desposar uma das irmãs dos colegas anfitriões. O seu interesse e pedido inicial recaiu sobre a irmã mais nova, contudo aceitou, por imposição do pai das moças, casar-se com Maria Amélia, a irmã mais velha que tinha a preferência do pai para assumir o

matrimônio. O episódio do casamento de Clóvis e Amélia Bevilacqua é bem representativo das práticas familiares de escolhas conjugais no final do século XIX e início do século XX.

Clodoaldo Freitas ao retratar as férias escolares de dois estudantes de Direito do Recife, numa fazenda piauiense recria situações próximas às vivenciadas por Clovis Bevilacqua e Maria Amélia Freitas. No entanto as aproximações entre os rapazes já bem encaminhados na vida, na medida que eram futuros bacharéis, e as moças já em idade de casar, aos 15, 16 anos de idade, apontam sempre para os futuros interesses matrimoniais. As práticas dessas visitas se apresentam como momentos privilegiados de contatos entre jovens disponíveis no mercado matrimonial, com o objetivo de criar aproximações, de fazer escolhas, de firmar compromissos. Se os rapazes eram bons partidos, as moças não ficavam atrás, eram filhas de famílias bem postas na sociedade, o que fazia das possíveis escolhas colocadas aos jovens, uma boa oportunidade de se integrar a um grupo familiar, de estreitar laços, de somar patrimônios.

Essas práticas passaram a ser, no período em análise muito questionadas e problematizadas pelos literatos. Dessa forma a prática escriturística dos literatos se fazia presente também, no que diz respeito a pensar a afetividade, o namoro, as formas que assumiam o jogo da convivência e das aproximações entre rapazes e moças. Assim, as práticas tradicionais na sociedade, como as visitas, os passeios a fazendas e chácaras, ocasiões perfeitas para o convívio mais próximo entre rapazes e moças, passaram a ser questionadas pelos literatos. O grande problema levantado por eles relacionava-se à formação inadequada que rapazes e moças recebiam. A falta da escolarização, da introjeção de valores disciplinares, que impusessem limites às vontades, aos desejos corporais, fazia com que os encontros a sós se tornassem sempre muito perigosos para os princípios e a moralidade familiar.

Dessa forma, as práticas tradicionais teriam necessariamente de apontar para a manutenção de certas distâncias entre rapazes e moças, mas principalmente para uma vigilância acirrada das mulheres, com o objetivo de evitar que elas tivessem qualquer contato

sexual pré-matrimonial. Aos homens o caminho a ser seguido seria o envolvimento com mulheres de outros grupos sociais, desde que percebessem que elas não serviam para o matrimônio.

Circunstâncias e relatos sobre a preocupação com a vigilância e os cuidados sempre tão presentes nas situações de aproximações entre rapazes e moças podem ser encontrados em obras de Clodoaldo Freitas e de Abdias Neves. No romance *Um Manicaca*, Abdias se utiliza do personagem Júlia para tratar da fragilidade dos mecanismos de vigilância tradicionais. A trajetória da referida personagem ilustra bem essas preocupações em vigiar a virgindade feminina até o casamento. Júlia contava 19 anos de idade e se mostrava cada vez mais ansiosa em encontrar um casamento. Apaixonando-se por Luis Borges, funcionário da loja do pai, apresenta-o como seu pretendente, sofrendo veemente recusa paterna, que julgava Luis Borges muito aquém das possibilidades da filha. A negativa do pai deixou a moça muito revoltada, afirmando que não agüentava mais a vida de solteira e que daria um jeito de resolver a situação.

O pai, temeroso das possíveis atitudes da filha cerca-a de cuidados, de vigilâncias, e acreditando que as ameaças de Júlia não teriam mais efeito, certificando-se de que a filha não se envolveria com o pretendente rejeitado, relaxa a vigilância. No entanto, na primeira oportunidade de encontrar-se longe dos olhares paternos, Júlia recebe secretamente Luiz Borges em seu quarto, onde é flagrada pelo pai.

Pedro Gomes (pai de Júlia) fora ao quarto onde dormia a filha, No mesmo instante, porém recuara levando as mãos aos olhos. Devia estar doido. Não compreendia aquilo. Diante dele Júlia abraçava a Luis Borges, em desalinho, os cabelos soltos manchando os ombros nus, os pés descalços, um dos seios rompendo da camisa. Vinha tudo isso num relance e compreendia, imediatamente o que se passara. Não estava doido, a filha se prostituía.¹⁴⁴

¹⁴⁴ NEVES, 1985, p. 36.

O relato de Abdias Neves mostra que as oportunidades de contatos corporais íntimos entre rapazes e moças eram sempre um perigo para as estratégias matrimoniais das famílias. A vigilância excessiva, única estratégia de evitar que os corpos se unissem indevidamente, se mostrava muitas vezes inócua.

Em *Coisas da vida*, Clodoaldo Freitas retrata também os encontros de jovens, em fazendas e chácaras, no entanto, ao recria essas relações, mostra que esses espaços não eram tão seguros como pensavam os familiares. Clodoaldo relata encontros noturnos entre rapazes e moças onde a pouca luminosidade da noite, os pomares próximos à casa grande, ou outros lugares tornavam-se espaços que possibilitavam encontros íntimos onde os corpos entrelaçados davam vazão aos desejos.

Na hora aprazada, debaixo dos jambeiros, encontrei Rosina e a mesma cena divinal fez nossos corpos se saturarem de um gozo, que nem os bem aventurados experimentam no céu. Esses encontros se reproduziam freqüentemente ai. Ao meu quarto que tinha entrada reservada pela horta, de vez em quanto ia Camila.

Tais aventuras me traziam assustado, cheio de dolorosas apreensões. Se fosse pego? E jurava não reincidir. Mas não podia conter-me.¹⁴⁵

A intenção dos literatos ao representar a ineficácia das estratégias tradicionais de vigilância era a de demonstrar que as práticas em torno das relações entre os jovens precisavam ser questionadas e assumir outras formas de estratégias.

Para Clodoaldo Freitas, as moças e rapazes, muitas vezes, não estavam preparados para conviver com certa liberdade. Daí os riscos da convivência, a necessidade das constantes proibições e vigilâncias. O medo do adultério, do defloramento, da entrega antecipada da mulher ao noivo, o perigo parecia sempre iminente, se os dois fossem deixados em situação propícia. O problema estava na falta de formação feminina; em outras palavras, não havia uma

¹⁴⁵ FREITAS, Clodoaldo, 1908, p. 43.

disciplina dos corpos via processo de escolarização, não havia intermediações discursivas entre os corpos.

Clodoaldo Freitas e outros literatos do período vão dando vazão em seus escritos a nova sensibilidade em torno do amor e da sexualidade. As sociabilidades modernas, procurando evitar o contato direto dos corpos e o risco que isso traria para o ordenamento social, gestaram novas formas de sensibilidade e de vivência do amor. Na prática, criavam mecanismos discursivos que pudessem intermediar as relações entre rapazes e moças, afastando os corpos. O que deveria entrar em ação de forma intensa era a imaginação.¹⁴⁶

A nova forma de amor romântico caracterizava-se principalmente pela idealização do ser amado, pela cortesia e o respeito presente na relação. Em lugar do contato carnal, dos gozos corporais, instauravam-se a idealização, as delícias do sofrimento mental, as fantasias, os sonhos de felicidade futura quando o amor fosse finalmente concretizado. Desejar, sonhar, suspirar, eternizar as emoções no papel em forma de palavras e versos caracterizavam a principal forma de vivenciar o amor romântico.

Com o desenvolvimento da vida urbana e das sociabilidades modernas, com a nova forma que assumiam as relações sociais, onde a família tornava-se, progressivamente, um grupo de consumo de bens e serviços oferecidos pela cidade, em que os espaços públicos ganhavam certo requinte e demandavam a presença dos jovens, tornando os contatos, as conversas, coisas inevitáveis. Fazia-se necessário que a juventude fosse de maneira crescente, incorporando novos valores, e uma autodisciplina que resguardasse os corpos. Nesse universo, o discurso a favor do amor romântico tornava-se fundamental.

Esse modelo de amor romântico ganhou vida real, principalmente no universo feminino e entre os homens de personalidade mais sensível, capazes de se deixarem levar pelos encantos dos sonhos e fantasias de um amor idealizado. Os poetas descreviam, em seus escritos, cenas de amor, de convivência entre enamorados em encontros furtivos, em visitas a

¹⁴⁶ D'INCÃO, Maria Ângela (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 57-71.

familiares ou em bailes. O poema – *Num baile* – publicado em 1906, ilustra bem essas descrições de contatos sutis, de fantasia entre casais apaixonados.

Ao som da música, o amor era confidenciado de forma sutil. O olhar dizia muito, provocava desejos; passava cumplicidade, era veículo que comunicava reciprocidade de afeto. É disto que o poeta trata no seguinte verso:

E mutuamente pela voz do olhar,
A confiança tímida e ditosa
Do nosso amor fizemos, a gozar.
A doçura de um sonho cor-de rosa.¹⁴⁷

O amor romântico tinha algo de puro, de casto, de leveza, e os encontros, nas danças, propiciavam breves contatos corporais, servia como fundo musical de um momento mágico, único. A sutileza e brevidade dos encontros eram percebidos; cada toque, cada pequeno gesto eram entendidos como prova de amor, de reciprocidade. O poeta expressa a sintonia e a cumplicidade capazes de comunicar sem palavras, de entender o não dito, de ler pensamentos.

Senti o frio de tua mão tremente.
Preso na minha e em tua face pura,
O peito refletiu-se de repente.¹⁴⁸

Para os literatos, à medida que as mudanças em curso na sociedade levassem os jovens a se desvencilharem de algumas amarras familiares, e a construírem seu processo de individuação, a se perceberem não como parte de uma corporação familiar, a quem deveriam submeter-se, mas como indivíduos autônomos, as escolhas conjugais passavam a contar com outros ingredientes que não os interesses familiares. Os jovens reivindicavam mais liberdade

¹⁴⁷ NUNES, Sobreira. Num baile. *Andorinha*, Teresina, ano I, n. 1, 1906. p.13.

¹⁴⁸ NUNES, Sobreira. Op cit. p.13.

na escolha dos futuros cônjuges, no entanto, era preciso que estivessem preparados para isso.

O ingresso dos afetos, do amor, nas escolhas conjugais, era sinal de ruptura com as normas de namoro e sociabilidade familiar anteriores; porém, tudo ocorria dentro de parâmetros aceitáveis e acordados na sociedade. Os jovens tinham liberdade de escolher os namoros, os futuros cônjuges, desde que o fizessem dentro de determinados limites, onde a origem familiar e os níveis sociais fossem compatíveis e próximos.

Os cronistas sociais, como Max Linder, desenvolveram também intensa prática escriturística sobre as relações afetivas entre os jovens, no entanto, seu enfoque direcionava-se ao flerte, prática moderna de namoro, tão ao gosto dos espaços de convivência social urbana, como o passeio público, os bailes e as salas de espera dos cinemas. Em 1919, o cronista Max Linder, do jornal *O Piauí*, definiu a nova forma de namoro entre os jovens da seguinte forma:

O flerte é uma conquista da civilização, é o namoro chic, é o amor distração, que não se confunde nunca com o pieguismo de outrora. Começa por um olhar, um sorriso, uma palavra [...] a uma troca de expressões delicadas e enganadoras, de frases e promessas fingidas, e tem a duração efêmera de poucas horas, a delícia rápida de um instante. É a moda dos salões, uma instituição nos clubes, nos jardins, em qualquer parte, enfim onde haja moças e rapazes.¹⁴⁹

Os literatos abordados até aqui não são os únicos a lançarem propostas de como deveriam ser as práticas da juventude, novas possibilidades eram apresentadas também por cronistas de jornais, pelo cinema, por revistas de moda, que chegavam a Teresina. O cinema e as revistas produzidas em áreas mais dinâmicas do capitalismo mostravam modelos de vivência da juventude ousadas, abertas às novidades, ficando explícita a relação entre juventude e a idéia de transgressão de valores tradicionais. Nos anos 1920, ser jovem deveria ser cada vez mais identificar-se com nova mentalidade, marcada pelo progressivo prestígio da

¹⁴⁹ LINDER Max. Movimento social – Filmes. *O Piauí*, Teresina, ano XXX, n. 283, p. 2, 18.maio 1919.

prática de esportes, do uso de novas vestimentas leves e coloridas, em saber dançar os novos ritmos agitados; era, enfim, assumir postura vivaz, elétrica. Tudo o mais que não se enquadrasse na definição anterior passa, então, a ser percebido de forma pejorativa, como sendo velho, decrepito, impotente.¹⁵⁰

Outro aspecto de mudança, apresentado como definidor de uma nova forma de vivência da juventude, são as novas modas. Enquanto as roupas do final do século XIX e início do século XX acentuavam as diferenças entre homens e mulheres, marcando as distinções e os papéis na sociedade, as novas modas aproximavam os sexos, causando, para os mais conservadores, confusão entre as identidades masculinas e femininas.¹⁵¹

A intensificação da presença dessas propostas se dará principalmente a partir da década de 1920, quando os modelos de comportamento moderno chegam a cidades menores, como Teresina, via revistas de moda, mas principalmente pelo cinema, no qual as estrelas hollywoodianas davam o tom do que seria chique e moderno. As moças que não quisessem parecer provincianas teriam que se adequar aos ditames da moda. Os jovens mostravam-se mais receptivos a essas mudanças. E é a eles que os cronistas de jornais se referem em crônicas que problematizam os novos modelos de vestuário, os novos cortes de cabelo, as novas posturas em público, tudo é notado e comentado nos jornais.

Os cronistas na sua prática escriturística teciam críticas às jovens, que não se enquadrassem no rigor da moda. Sendo percebidas como provincianas, ou como mulheres tristes, que não se permitiam as ousadias das novas modas:

Silenciosa, caminhando vagarosamente, passa mademoselle [...]

Nos seus olhos, deve estar esculpida uma mágoa profunda, um mistério atordoador, porque mademoselle tem sempre delineada na fisionomia uma tristeza aniquiladora, um constrangimento atroz. [...]

¹⁵⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 34.

¹⁵¹ BESSE, op. cit.

Ela não frequenta as reuniões da sociedade, o seu temperamento vive em desacordo com as modernices da época atual.

Vestidos curtos, colados no corpo, cabelos a la garçonne, decotes são futilidades que vivem em completo desacordo com as suas idéias. E é na doce ilusão de que a moda antiga volte, que vive mademoselle.¹⁵²

Ser melindrosa e ser almofadinha eram padrões de feminilidade e masculinidade que deveriam ser seguidos pelos jovens que não quisessem ser rotulados de provincianos. Cada vez mais, os modelos masculinos e femininos se aproximavam dos seus contemporâneos nas áreas centrais do capitalismo. A ruptura entre o passado e o presente era notória. A juventude, melhor escolarizada, deveria ainda estar aberta ao novo, passando a ver com menos pudor e constrangimento a chegada de máquinas, que começavam a se impor ao cotidiano, a construírem novo padrão de vida e de consumo.

Os católicos também desenvolvem intensa prática escriturística objetivando definir quais os caminhos que deveriam ser seguidos pelos jovens, principalmente pelas mulheres. A prática católica terá como proposta a negação de modelos que não levassem em consideração os valores cristãos. Dessa forma, questionavam as propostas dos livres pensadores para a formação da juventude onde a idéia de Deus e de religião era desprezada, mas combatiam igualmente as propostas modernas, elegendo a moda, as danças e o cinema como os alvos preferenciais.

Eles foram escriturando uma série de prescrições que tinham como objetivo principal definir os comportamentos compatíveis com a vivência da fé cristã. O alvo principal eram as mulheres, escrituradas como seres frágeis, “com exaltada imaginação e natural pendor para o proibido.”¹⁵³ Diante disso, os modelos católicos apontavam a modéstia, o acautelamento nas ações, o aborrecimento com as vaidades, o amor aos atos de piedade como práticas que deveriam se fazer presentes no cotidiano das jovens. O espaço da casa, onde deveria se

¹⁵² VIDA social. Mademoselle X. *O Piauí*. Teresina, ano XXXIII, n. 77, p. 4, 8 abr. 1926.

¹⁵³ MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do jornal de notícias, 1920. p.17.

dedicar aos familiares, a auxiliar a mãe na labuta cotidiana, seria o espaço por excelência da vida de uma moça cristã.

O modelo de feminilidade juvenil dos católicos via sempre com fortes restrições a freqüência aos bailes, onde as danças modernas, como o tango e outras formas musicais excitantes se faziam presentes. Esses espaços marcados pelos contatos corporais, pelo risco das tentações e insinuações de desejos carnavais não eram apropriados para as moças de família que seguiam princípios cristãos e que pertenciam a associações religiosas, como As Filhas de Maria.

Sentir-se a Filha de Maria no seu verdadeiro papel, permitindo-se danças levianas e até indecorosas? Poderá ela guardar sobre seu coração a sua medalha, quando o seu vestuário atestar o esquecimento do que seja o pudor de uma cristã? Que se poderá dizer de uma Filha de Maria que escandalize pelos seus trajes?¹⁵⁴

A jovem católica não deveria se entregar às vaidades, às modas que procuravam enaltecer partes do corpo feminino, despertando, nos homens, desejos. O corpo teria que ser percebido como a morada do Espírito Santo e, como tal, deveria ser respeitado, com práticas que demonstrassem recato e pudor. É o que se observa numa paródia elaborada pelas moças internas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, satirizando os objetivos disciplinares do Colégio católico :

Garotinhas internas, meninas das freiras.
Somos todas do Colégio Sagrado Coração.
Somos todas coradinhas como flor de algodão.
Não vamos nunca ao cinema, e não pintamos os lábios.
Nem as faces, não usamos jóias para não atrair.¹⁵⁵

O texto citado por Miriam Carvalho mostra facetas do código disciplinar imposto

¹⁵⁴ FEDERAÇÃO DAS FILHAS DE MARIA DO RIO DE JANEIRO. Op. cit , p.45.

¹⁵⁵ CARVALHO, 2002. p.10.

às alunas do Colégio de Freiras, contudo, expressam o modelo de feminilidade católico. Não usavam maquiagem, não iam ao cinema, não pintavam os lábios, não usavam jóias, sempre com o objetivo de não parecerem vaidosas, de diminuir os atrativos corporais.

Na prática escriturística dos católicos, o acesso a alguns espaços de lazer também deveriam ser restritos, principalmente a freqüência ao cinema. A sala escura, dificultando a observação dos comportamentos, os enredos dos filmes enaltecendo modelos femininos marcados pela vaidade, pelo mundanismo, mostrando cenas de contatos afetivos, onde a libido era exaltada por cenas de beijos, de insinuações de contatos íntimos, em síntese, onde comportamentos modernos e contrários aos princípios católicos de pudor e recato eram enaltecidos.

O que podemos deduzir das colocações feitas até aqui, é que rapazes e moças se tornavam alvo de propostas conflituosas que procuravam definir como deveria ser a vivência da juventude. A sociedade passava por redefinições dos papéis sociais masculinos e femininos, por redefinição de valores, de padrões de comportamento. Isso estava ligado diretamente ao crescimento do intercâmbio entre Teresina e a dinâmica comercial e cultural do restante do país, e ainda, as mudanças no cenário urbano da cidade, advindas do estreitamento desse intercâmbio. É essa a principal razão de, na segunda metade da década de 1910 e na década de 1920, ocorrerem tantas mudanças nas sociabilidades urbanas em Teresina. O cinema ganha espaço próprio, a Praça Rio Branco se torna um passeio público, com jardins e iluminação elétrica, onde os jovens passam a fazer o footing às quintas-feiras e aos domingos. O entorno da Praça ganha alguns bares e cafês, onde a sociabilidade familiar se desenvolve.

Acrescente-se, às mudanças já elencadas, algumas novidades no setor educacional, como a criação da Escola Normal, com sua sede própria e alguns incrementos na oferta de educação secundária, e teremos o cenário urbano, onde circularão novas idéias vindas das áreas centrais do capitalismo.

A juventude dos grupos de elite e médios da sociedade incorporam muitos dos novos produtos, frutos da modernidade e isso terá implicações diretas na forma que assume a subjetivação dos indivíduos como homens e mulheres modernos. Muitos jovens assumem posturas e comportamentos que tenderão a se aproximar dos modelos presentes em áreas de economia mais dinâmicas. Os modelos eram veiculados pelas revistas de moda e, particularmente, pelo cinema, que trazia novos valores e padrões de comportamento, de indumentária e de diversão, que serão, de alguma forma, consumidos pela população local e incorporados à vida cotidiana e às formas de subjetivação masculina e feminina.

Entre os produtos novos que chegam à cidade e que são consumidos pela população dos grupos médios e de elite da sociedade estão os produtos ligados a uma crescente indústria fonográfica. Os novos ritmos como o foxtrote, o jazz, o tango, o maxixe, que, presentes nas fitas cinematográficas, logo são ofertados em forma de discos, que, aliados às vitrolas, possibilitam dar novo formato aos bailes e às danças. Os bailes, que sempre foram o espaço por excelência dos encontros e aproximações entre rapazes e moças,¹⁵⁶ ganham outros ritmos, novas formas, com o tango e outras danças, mas não perdem sua função anterior, conforme expressa o cronista Glauco na crônica, *Leves, quase alados*. Em princípio, Glauco descreve certo estranhamento, diante de novos modelos femininos, que passam a se fazer presentes nos bailes, tais como as cores dos novos trajes das mulheres; comenta também o estilo não muito cortês de alguns rapazes à moda dos almofadinhas, ao se aproximarem das moças para dançar:

Foi num baile [...] eu estava meio entontecido pelas luzes, pelas cores das vestes femininas e pelo burburinho de vozes e de risos. [...] de súbito, porém, rompeu o Jazz saltitante, desvairado, numa mutação vertiginosa de sons em que guinchos, zurros, e todos os gritos bárbaros da natureza. E os rapazes se atiraram às moças.¹⁵⁷

¹⁵⁶ ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 354-367.

¹⁵⁷ VIDA Social - Leves, quase alados. *O Piauí*, Teresina, ano LX, n. 270, p. 4, 10 dez. 1926.

Em momento seguinte, Glauco descreve os pares dançando e descobre que, mesmo com o ritmo agitado, os bailes continuam a cumprir sua função social de aproximar os casais de enamorados, momento de aproximação e até de romantismo:

Passavam pares enlaçados, uns aconchegados, outros afastados. Aqui era um par que vinha bailando leve, unido, elevado; ali outros que lá se iam indiferentes, atentos somente à cadência da música; além, outro que me atraía a atenção, porque ele se esforçava por se achegar, enquanto ela o repelia delicadamente. Muitas vezes surpreendi olhares irados, de senhoritas para cavalheiros que cortejavam outras, ou então, olhares de desejo, olhares de ciúme, ou de carinho. Distraía-me com os galanteios, às vezes replicados, entre sorrisos.

De repente minha atenção concentrou-se num par, ela bailava como uma garça que fascinava. Aproximaram-se leves, quase alados. Ele dizia-lhe, baixinho, palavras certamente muito doces. Aproximavam-se, passavam bem perto de mim e não me notaram. Um pouco adiante vi que ela fechava lentamente os olhos e que lhe depunha na fronte um beijo furtivo. E continuaram a dançar leves, quase alados.¹⁵⁸

O jazz, o tango e as outras danças modernas rompiam, como o cronista expõe, a princípio, com os aspectos cerimoniosos que as danças anteriores tinham, e davam outro ritmo e padrão de contatos corporais entre os jovens. As quadrilhas, por exemplo, tão presentes nos bailes do começo do século em Teresina, não propiciavam contatos intensos.

A reação dos mais conservadores contra o caminho que os bailes tomavam aparece também nos jornais, em forma de carta de pais de adolescentes que tentam mostrar sua postura contrária ao novo modo de dançar. Em 1920, uma senhora, identificada como mãe de uma jovem moça, escreve ao jornal *O Nordeste*, protestando contra as novas danças. Ela argumenta que os rapazes precisavam entender as diferenças entre os comportamentos aceitáveis nos cabarés e nos salões familiares, tendo em vista que os espaços eram diferentes, e as mulheres, nos dois espaços referidos, seguiam padrões morais muito diferentes e isso

¹⁵⁸ VIDA Social - Leves, quase alados. *O Piauí*, Teresina, ano LX, n. 270, p. 4, 10 dez. 1926.

precisava ser respeitado. *“E é justamente por isso que o tango é dançado diferente nos salões de famílias e nos salões menos iluminados. E o que está se dando o que falar é querer se igualar tudo.”*¹⁵⁹

A mãe missivista argumenta ainda que os pais são também responsáveis pelo que está acontecendo nos bailes, acusa-os de negligentes com as filhas e apresenta a sua fórmula de educar a filha adolescente como um modelo possível e adequado:

Tenho uma filha de quinze anos, inteligente e muito viva, que deverá estar ainda como interna no colégio das boas Irmãs Catarinas, mas que, segundo o costume da terra, vai aos bailes e dança, aliás, muito, mas com um certo recato. Tem ordens minhas e de meu marido, muito severas, para se não deixar asfixiar pelos rapazes. Caso contrário, ela está avisada de que voltará, internamente, para o colégio por mais dois ou três anos. O receio do castigo e ainda mais um certo regime de educação que adotamos faz com que ela não se exponha ao ridículo das danças excessivas.¹⁶⁰

A formação moral recebida pela moça na escola de freiras já devia dar a ela os meios necessários para saber manter a distância dos corpos masculinos, saber se comportar como mulher direita e evitar os excessos, no entanto, como reforço a essa formação, a mãe mantinha sob ameaça de penalizações disciplinares qualquer excesso cometido pela filha. Dessa forma, o internato aparecia como uma punição às que se mostrassem fora dos padrões comportamentais esperados.

No que diz respeito ao consumo das propostas apresentadas ao público jovem das elites e dos grupos médios, o que se percebe é a diversidade. No entanto, algumas tendências podem ser apontadas. Nenhuma das propostas apresentadas aos jovens se torna hegemônica na sociedade, os livre pensadores, os católicos e os cronistas dos jornais defensores de modelos masculinos e femininos ousados e cada vez mais próximos dos padrões de consumo

¹⁵⁹ SENHOR redator. *O Nordeste*, Teresina, ano I, p. 5, 3 jul. 1920.

¹⁶⁰ SENHOR redator. *O Nordeste*, Teresina, ano I, p. 5, 3 jul. 1920.

e vivência da vida social em áreas mais dinâmicas do mundo capitalista. O que vence é um reagrupar de idéias onde as mulheres adaptam as propostas das novas modas, assumindo padrões contemporâneos de vestuário, de apresentação corporal com os cortes de cabelo curtos e com outros requintes que não seriam deixados de lado pela vaidade feminina. Afinal de contas, as moças teriam que buscar o equilíbrio entre se mostrarem belas, arrumadas, e assim, à altura das concorrentes no mercado matrimonial, e ao mesmo tempo não parecerem vulgares ou excessivamente melindrosas.

Os bailes, o cinema as novas danças, o passeio público são consumidos pela juventude, dentro dos limites que as circunstâncias, que a formação moral incorporada por eles no processo de escolarização, e que suas inclinações pessoais permitissem.

Consumidas por muitos e, por isso mesmo, assumindo parte importante na forma de subjetivação de muitas jovens, destacam-se as crenças e princípios religiosos. Cronistas da época, desolados, criticam o fato de a Praça Rio Branco, espaço de convivência da juventude, ter ficado esquecida no dia da festa de Santa Inês, padroeira da Associação das Filhas de Maria, pois as moças estavam, na sua grande maioria, reunidas nas comemorações religiosas à jovem santa. O episódio é muito revelador da dimensão diversificada do consumo das propostas apresentadas. Em outras crônicas, a tentativa de moças em conciliar a vida festiva e mundana com as práticas religiosas é também expressa. Elas participam das festas religiosas e ao mesmo tempo do carnaval, vão ao cinema, não aceitando as proibições regulamentares das associações religiosas. É nesse contexto que podemos entender o relato do cronista do jornal *Piauí* sobre o comportamento de uma Senhorita:

Mademoisele mesmo é um exemplo. Ainda outro dia, quando quis gozar a encantadora loucura pagã das festas de Momo, a quem foi que se dirigiu para poder ter, no pecado, a paz de espírito e a alegria da alma? Foi à sua consciência? Foi a seus pais?

Não foi em São Benedito, em cuja Igreja nós a vimos entrar domingo de

carnaval, à tardinha, humilde e contrita, como se lhe houvesse transfundido na alma a tristeza solene da luz agonizante.

Mademoisele rezou e depois foi à festa dos Fanfarrões¹⁶¹

O comportamento da referida senhorita que não abria mão de se subjetivar como uma mulher religiosa, apegada aos valores cristãos, mas que, ao mesmo tempo, assumia padrões modernos, no vestuário e na forma como participava das festividades consideradas mundanas pela Igreja, parece ser o caminho de subjetivação mais presente no meio feminino.

As estratégias mais intransigentes usadas principalmente pela Igreja Católica, que procurava homogeneizar os comportamentos femininos, afastando as mulheres de espaços considerados como impróprios para elas, como o carnaval e os cinemas, é que parecem ter sido, muitas vezes, desrespeitadas. O caso comentado pelo redator do jornal *O nordeste*, da moça associada às Filhas de Maria, que deixou a congregação, depois de ter sido punida por participar de festas carnavalescas mostra que a Igreja tinha grande influência sobre os comportamentos das mulheres, que, em grande parte, aceitarão as idéias católicas e se subjetivarão como mães e esposas devotadas à família. Elas, porém, não abriam mão, particularmente enquanto solteiras, de participar dos momentos de convivência social onde rapazes e moças podiam se encontrar e começar algum tipo de aproximação.

As mulheres parecem consumir muito mais que os homens as idéias de disciplina, de recato. As vigilâncias diminuem até porque a dinâmica social moderna exige que elas freqüentem os espaços públicos, que saiam de casa para ir às escolas, e a outros locais de sociabilidade familiar. Se, muitas vezes, a presença de familiares acompanhando as moças mostra a continuidade de práticas tradicionais, e uma certa desconfiança na eficácia das novas estratégias disciplinares, as oportunidades de burlar essa vigilância familiar se multiplicam.

No entanto, para as mulheres terem a oportunidade de freqüentar e se movimentar nos espaços públicos, foi preciso que elas se subjetivassem como mulheres disciplinadas, que

¹⁶¹ VIDA Social. *O Piauí*. Teresina, ano XXXVIII, n. 50, p. 4, 05 mar. 1926.

a todo momento dizem por suas posturas e comportamentos corporais que são mulheres direitas, moças de família, sérias e que devem ser respeitadas e tratadas como tal. Incorporar essas posturas seria fundamental para as mulheres se distinguirem, no meio social, daquelas que não se enquadrassem no modelo de moça de família.

Era preciso que as mulheres estivessem atentas aos comportamentos, pois, para elas, os riscos de algum prejuízo moral sempre existia, tendo em vista que, exagerar no flerte, brincar com vários rapazes em uma mesma tarde de passeio, era interpretado como comportamento inadequado para moças de família, flertar excessivamente, sem constância nos pares, era, para alguns cronistas, um sinal de hipocrisia, o que não era aconselhável a uma moça. *E então não é hipocrisia? E então fazer o flerte com dois, três, cinco, inúmeros rapazes, finalmente, é um procedimento impecável? Quem diria? Ninguém, talvez eu, por exemplo, julgava o seu temperamento diferente.*¹⁶²

Quanto aos rapazes, os avisos, os interditos, as preocupações com os limites aceitáveis nos contatos corporais, ao que tudo indica, não faziam os mesmos efeitos. Acostumados a não obedecer a limites rígidos, eles dão continuidade a velhos hábitos de saídas noturnas, de uma vida mais folgada, onde as brincadeiras, a freqüência a bailes de subúrbios e mesmo de cabarés, tudo isso, aliado, ou não, ao consumo de bebidas alcoólicas, parece fazer parte da subjetivação masculina.

O importante era que percebessem os limites dessas relações, que distinguissem entre as moças de família reservadas ao casamento e as outras, com as quais teriam a liberdade de dançar abraçados, de se envolver sexualmente, desde que não se comprometessem demasiadamente, ou seja, emocionalmente, ao ponto de provocarem maiores transtornos aos familiares, o que nem sempre acontecia.

¹⁶² VIDA social. *O Piauí*, Teresina, ano XXXVIII, n. 60, p.4, 17 mar. 1926.

3 UNIVERSO MASCULINO ADULTO.

A vivência da masculinidade surge como problema na escriturística dos literatos, a partir do final do século XIX e início do século XX. As mudanças advindas com o fim da escravatura, com a implantação do regime republicano e mesmo com um processo de urbanização e aburguesamento de parte das elites contribuíram para que as identidades de gênero fossem repensadas, significadas dentro de outros formatos. Sentia-se a necessidade de repensar as relações entre homens e mulheres, redefini-las em outros parâmetros. É nessa perspectiva que podemos entender as práticas discursivas dos literatos.

As práticas escriturísticas dos intelectuais procuravam redefinir a masculinidade, acenando com a necessária censura para algumas práticas presentes no universo masculino tradicional, que lhe conferiam significado. Por outro lado, valorizavam outras práticas que redefiniam a masculinidade e apontavam a relação do homem com o mundo da cultura escrita, da política, do trabalho e da paternidade, como elementos diferenciadores entre as novas formas de vivência da masculinidade e as tradicionais, delimitando as diferenças entre o masculino e o feminino. É sobre as formas que assumiam essa problematização da masculinidade no discurso dos literatos e como esses discursos eram consumidos, significados e incorporados pela sociedade que este capítulo trata.

Clodoaldo Freitas é um dos literatos que problematizam em seus escritos a masculinidade. No romance *Palácio de lágrimas*, apresenta o personagem Jerônimo de Pádua como um homem de comportamentos e práticas senhoriais. Em seus domínios, ele controla a todos, familiares, agregados e escravos, decide os destinos, os casamentos, sua vontade é suprema, esperando dos outros, apenas a obediência e a subserviência à sua vontade imperiosa. Diante da fragilidade das instituições públicas de poder, arroga-se o poder de

distribuir a justiça entre os que estão sob sua tutela, decidindo sobre punições, tendo o poder de vida e de morte sobre as pessoas. A forma como Jerônimo de Pádua se comporta em sua fazenda é ilustrativo de suas práticas senhoriais, utilizando um código próprio, decide sobre as punições que são aplicadas sobre os corpos dos tutelados:

O Jerônimo chegou e todos foram tomar-lhe a bênção. Ficando a sós com o Feitor perguntou.

– Há faltas a castigar?

– O José Carneiro fez-me um desaforo no serviço, mandando-me, com o devido respeito...

– Dê-lhe cinqüenta açoites no banco. Eu quero assistir. O que mais?

– A Margarida anda dizendo que está prenha do senhor.

– Vinte tacadas. Não: ela pode abortar. Dê-lhe uns seis bolos.¹⁶³

Descrito como senhor absoluto dentro dos seus domínios, Jerônimo se utiliza também dos corpos das pessoas sob sua tutela para usufruir sexualmente deles, é assim que seduz as escravas, prometendo-lhes a liberdade ou uma vida amena na escravidão. No entanto, a verticalidade da relação entre senhor e escravas não deixa, muitas vezes, margem de manobra para elas; dessa forma, estas cedem às vontades do senhor pelo medo do açoite ou pelo desejo de concretizar as promessas do sedutor. Essa relação é expressa em várias passagens do romance, como a que relata o início das investidas de Jerônimo sobre Joaquina, uma mulata jovem, que passaria, por algum tempo, a ser sua preferida.

A Joaquina levantou-se e dirigiu-se para onde o senhor esperava.

Joaquina pôs-se a chorar. O Jerônimo abraçou-a com força, beijou-lhe com furor a boca formosa [...].

Por que tu choras, tola? Perguntou o Jerônimo ameigando-a.

É por que dizem que o senhor bole com a gente promete alforriar e mil coisas, e depois, manda a gente para o sítio, para a taca e a palmatória do feitor.

¹⁶³ FREITAS, Clodoaldo. *O palácio das lágrimas. Jornal a noticia*, São Luis, ano XLI, n. 11.096, p. 2, 25 jun. 1910.

Só mando as que não me agradam.

São calunias dessas negras. Eu nunca falto ao que prometo. Hás de ver. Eu farei a tua felicidade tão completa que será invejada por todas as minhas escravas.¹⁶⁴

Ter relações sexuais com mulheres socialmente inferiores, contrair doenças venéreas eram demonstrações inequívocas de virilidade e macheza. Dessas relações, surgiam inúmeros filhos bastardos, que, mais tarde, poderiam ser ou não reconhecidos, mas que quase sempre eram incorporados aos interesses da Casa-Grande.¹⁶⁵ A forma como Jerônimo utilizava livremente os corpos das escravas, dentro do próprio espaço da casa, não demonstrando nenhum respeito por aquela que fazia as vezes de esposa, e mãe de seus filhos, era para Clodoaldo uma prática caracterizadora de um modelo de masculinidade senhorial, e por isso mesmo, condenável.¹⁶⁶ A presença da escravidão, a forma verticalizada das relações entre senhores e escravos seria, para Clodoaldo Freitas, fator que favoreceria a vivência dessa sexualidade fora dos padrões aceitos pelo discurso familiar moderno.

Patriarcal seria a forma como Jerônimo de Pádua controlava os destinos dos filhos, decidindo os casamentos, é assim que escolhe casar a filha Efigênia com o sobrinho Galdino, que, a partir daí, daria continuidade aos negócios, ao nome familiar que ele havia construído.

Completando a construção de seu personagem Jerônimo de Pádua, como modelo masculino patriarcal, Clodoaldo o caracteriza ainda como homem rico, porém, de hábitos rústicos, senhoriais; suas relações afetivas enquadravam-se dentro de práticas bastante presentes nas sociedades que não haviam ainda incorporado os padrões de moralidade familiar burguesa. Não casa legitimamente, não tem nenhum respeito pela mulher que faz às vezes de

¹⁶⁴ FREITAS, Clodoaldo. O palácio das Lágrimas. *Jornal a notícia*, São Luis, ano XLI, n. 11.096, p.2, 25 jun. 1910.

¹⁶⁵ Sobre práticas de masculinidade em sociedades tradicionais ver: FALCI, Miridan Brito Knox. *A criança na província do Piauí*. Teresina: APL, 1991; CASTELO BRANCO, Moisés Filho. *A família rural do Piauí*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de artes gráficas, 1983; ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *O engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rego*. [Campina Grande 199-] Digitado.

¹⁶⁶ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. p. 47-48.

sua esposa, à medida que a mesma continua sua escrava, e também pelo fato de ter inúmeras outras amantes dentro do próprio espaço doméstico. Sua casa é habitada por inúmeros escravos dentre os quais estavam as amásias e filhos ilegítimos e ainda escravos. Dessa forma, a casa não contava com os traços aceitáveis de uma família legítima e carinhosa, conforme se pode observar, quando, em determinado momento, o autor coloca o personagem Jerônimo a refletir:

Sentia agora o vácuo que se fazia em roda dele, só na vida, rico e sem família. Compreendia como era triste sua existência passada no meio do dinheiro e de escravos, partilhando amores ilícitos com suas escravas, tendo filhos que estavam no cativeiro. O dinheiro não lhe dava confortos morais, paz de espírito, um ninho de bondade feminina, os gozos da família, o carinho dos filhos.¹⁶⁷

Clodoaldo Freitas afirma de forma enfática que as relações familiares modernas deveriam ser marcadas pelo conforto moral, pela paz de espírito, proporcionando equilíbrio emocional e laços de afetividade que permeariam as relações entre os esposos e os filhos, sendo assim relações muito superiores às práticas familiares vivenciadas pelo personagem do seu romance. De nada adiantaria ter um poder absoluto no espaço doméstico se não tivesse o carinho da esposa e dos filhos, de nada adiantaria ter várias mulheres, quando, na verdade, não tinha a nenhuma.

A angústia do personagem Jerônimo, sentindo falta do aconchego familiar, do amor dos filhos e da esposa, era dificultada naquela sociedade, em que homens e mulheres embrutecidos pelas relações escravas se utilizavam da força, da violência e das práticas autoritárias como elementos necessários para a manutenção da ordem social e familiar. A escravidão deixava marcas profundas nas práticas cotidianas das famílias, infiltrados continuamente na casa, assumindo funções ligadas à amamentação, das crianças, e à higiene

¹⁶⁷ FREITAS, Clodoaldo. O palácio das lágrimas. *Jornal a notícia*, São Luis, ano LXI, n. 11.098, p. 2, 28 jun. 1910.

pessoal dos senhores, os escravos estavam muito próximos, impunham formas de convivência inter pessoal que dificultavam a vivência e a valorização do sentimento de intimidade e privacidade nas famílias.¹⁶⁸

As posturas autoritárias, características das relações entre senhores e escravos ou entre senhores e agregados, eram também a marca das relações desses patriarcas dentro do espaço familiar. Homens duros, que assumiam a paternidade não como espaço privilegiado de afetividade, mas sim como função familiar que tinha, no compromisso com a honra e o nome da família, e na defesa dos interesses econômicos do grupo, os deveres primordiais.¹⁶⁹ Exigindo de todos o respeito e a obediência. Nos livros de memórias, os descendentes desses senhores objetivam as relações entre homens e mulheres, entre pais e filhos; são relatos marcados por conflitos e posturas intransigentes.

As práticas do Senhor Raimundo Francisco, bisavô de Bugyja Brito, com relação aos filhos é ilustrativa de como esses homens senhoriais agiam. Tivera o desejo de que os filhos homens, em número de sete, fossem todos padres; três foram ordenados, o quarto morreu no seminário. O quinto, de nome Joaquim, não quis atender o desejo paterno; Joaquim, por essa desobediência, recebeu castigo físico, razão pela qual decidiu fugir precipitadamente para o Amazonas, de onde nunca mais deu notícias à família. A fuga de Joaquim teria levado o Sr. Raimundo Francisco a rever a decisão quanto ao resto da prole.¹⁷⁰

A intransigência dos patriarcas fazia-se sentir também nas escolhas conjugais dos filhos. A procura por pessoas que viessem a acrescentar o prestígio e a riqueza familiar deveria ser a tônica das escolhas. Nesse sentido, os interesses individuais não podiam ser levados em consideração; muitas vezes eram motivos de atitudes violentas ou mesmo de repúdio a algum membro familiar que desobedecesse às regras familiares. Os relatos de Bugyja Brito sobre os conflitos entre o bisavô materno e a filha Maria são ilustrativos dessas

¹⁶⁸ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 94-95.

¹⁶⁹ COSTA, Freire Jurandir. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 240.

¹⁷⁰ BRITO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1977. p. 47.

práticas. Maria iniciou uma aproximação e namoro com um rapaz, ao procurar o pai para oficializar o relacionamento, recebeu resposta negativa. Diante da recusa paterna, o namorado, contando com a anuência de Maria, articula e realiza o seu rapto, efetivando em seguida o casamento com a moça. Como resposta à desobediência o pai nunca mais quis falar com a filha Maria considerando-a morta.

Em síntese, os homens tradicionais são objetivados, pelos literatos, como homens duros, sem refinamento, muitas vezes apenas iniciados na cultura letrada por algum mestre de varanda dentro do próprio espaço da fazenda, e que, além disso, não aceitavam a desobediência, a negação à sua autoridade. Homens de caráter senhorial, acostumados a mandar e a serem obedecidos, que não se acostumavam a acatar a ordens, a submeter-se a vontades outras. Acreditavam caber-lhes a decisão sobre escolhas matrimoniais, sobre alianças familiares, sobre o encaminhamento dos filhos na vida. Esse modelo de masculinidade, tão presente nos grupos de elite, passa, no final do século XIX, a ser questionado e a sofrer a concorrência de outros modelos de masculinidade, caracterizados pela polidez e refinamento, proporcionados pelas novas condições de subjetivação masculina, ligadas à vida urbana e ao processo de escolarização.

A definição dos novos modelos masculinos fundamentava-se nas idéias e na moralidade familiar burguesa, na divisão do espaço de ação social em esferas separadas; a casa se caracterizava como o espaço da privacidade, da intimidade entre os familiares, lugar de afetos, onde a mulher reinaria soberana e cumpriria sua função social de administrar o mundo doméstico, de educar os filhos, de ser a boa esposa, fiel, compreensiva e sempre pronta a seguir as orientações do esposo.

Os homens, por sua vez, teriam nos espaços públicos seu campo principal de ação, atuando no mundo dos negócios, nas disputas políticas, no mundo da cultura escrita, onde projetariam interesses e esforços em busca de conseguir os meios necessários para o sustento familiar. Esse é seu espaço vital, no qual marcam a identidade masculina, definem seu gênero,

diferenciando-os do universo feminino.

A prática de escriturar os novos modelos de masculinidade faz-se presente nos trabalhos de Abdias Neves, literato do começo do século. Para ele a nova masculinidade definia-se pela polidez, pela boa formação intelectual e cultural. Os novos homens seriam escolarizados, por isso mesmo caracterizados não só por uma relação com a cultura escrita, como também teriam o corpo moldado pela disciplina. São homens marcados pela cultura acadêmica, pelo saber científico que rompia com os valores e saberes tradicionais. Sua formação lhes traria o discernimento necessário para atuar na sociedade moderna, para ocupar funções públicas, para bem orientar a família e cumprir seu papel de provedor material, de responsável pelo sustento familiar. Esses novos homens seriam, segundo Neves, os mais preparados para divulgar, no seio da sociedade, novos valores necessários para romper com o passado colonial percebido agora como atrasado e rústico.

Dentro dos parâmetros expostos até aqui, podemos situar alguns personagens masculinos construídos por Abdias Neves no romance *Um manicaca*, Começando por Praxedes, personagem que Abdias Neves apresenta como modelo paradigmático das novas posturas masculinas.

Praxedes é, na obra de Abdias Neves, o modelo mais bem acabado desses novos padrões de masculinidade. Bacharel em Direito, homem culto, conhecedor das leis, da ciência e socialmente refinado. Respeitado pela formação acadêmica e pela maneira segura como se envolvia em disputas verbais e escritas, sempre sustentando com firmeza e competência sua argumentação. Sofisticado ao ponto de não perder a cortesia diante dos adversários, polido, educado com as mulheres, incapaz de gestos rudes, incivilizados. Os bacharéis são também objetivados por Abdias Neves como homens detentores dos conhecimentos necessários para reformar a sociedade, para orientar a esposa e os filhos corretamente, afastando-os do erro, das superstições religiosas, das idéias infantis.

A formação de Praxedes deu a ele o treinamento, a capacidade de conhecer o

espírito humano, por isso sabe escolher com perspicácia a mulher que seria sua esposa, não se deixa levar pelas aparências, pela beleza externa, sabe escolher aquela que seria boa esposa e mãe, que saberia ser cordata, respeitando a orientação do marido. Para Abdias Neves, a autoridade masculina sobre a mulher continuava inquestionável; no entanto, a fundamentação para essa autoridade mudava radicalmente. As posturas masculinas senhoriais, o servilismo da mulher ao homem, o controle masculino mantido através do uso da força física, da agressividade não teriam espaço no mundo moderno.¹⁷¹ O novo homem deveria fundamentar sua autoridade na melhor formação e no preparo intelectual.

Os literatos propõem modelos de masculinidade que seriam contrários aos padrões presentes no sistema familiar patriarcal, onde as figuras masculinas ocupavam não só a centralidade nas relações, mas também monopolizavam os interesses de toda a família, lançando mão, se necessário fosse, da força física e de certa violência para fazer valer sua vontade.¹⁷²

Contudo, os modelos de masculinidade enaltecidos apontavam para a construção de homens que continuavam a ter uma séria dificuldade em aceitar divergências de opinião e comportamento, seja por parte da mulher ou dos filhos. É assim que Praxedes age, sua relação com a esposa é cordial, é serena, para que ela se resignasse a aceitar sua orientação, a vê-lo como um homem capaz, preparado, passando a admirá-lo e respeitá-lo.

Na vida doméstica, não são as idéias da esposa que devem predominar, são as do marido. Este é mais culto, em geral mais talentoso, mais experiente. [...] ele tem, não digo o direito, digo a obrigação de dirigi-la, de encaminhá-la, como a encaminha em todos os atos da vida, desde a escolha de suas relações até o modo de educar os filhos.¹⁷³

¹⁷¹ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: *História da vida privada*. Vol. 04. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.124-125.

¹⁷² Sobre a masculinidade nas sociedades patriarcais, ver: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p.153-190; ALBUQUERQUE JR., Durval muniz. *A invenção do falo*. Maceió: Catavento, 2003.

¹⁷³ NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 200.

Nos trabalhos de Higino Cunha encontramos também a construção discursiva de trajetórias masculinas, particularmente na sua autobiografia. Nas imagens que tece sobre sua personalidade, sobre seu comportamento social estão expressas formas de dizer a masculinidade bastante ilustrativa do pensamento do autor e da forma como procurou construir sua imagem como homem moderno, educado, polido.

Higino Cunha, ainda quase criança, com apenas dez anos de idade, sai da casa paterna e inicia seu processo de individuação masculina, começando como aprendiz no comércio. Envolve-se com o mundo dos negócios, com a escrita comercial; ainda adolescente é enviado a São Luís no Maranhão para fazer os preparatórios e futuramente ingressar na Faculdade de Direito do Recife. Seu relato é tipicamente uma trajetória dos filhos homens dos grupos médios e de elite no Piauí no final do século XIX e início do século XX. Escolhido entre os irmãos como sendo o mais talentoso para o mundo das letras, soma esforços familiares e pessoais para ingressar em um curso de nível superior. O caminho é o de construção de um futuro que lhe trouxesse projeção social, que o encaminhasse na política, no exercício da advocacia, e que proporcionasse recursos materiais e sucesso nos espaços públicos. Esses seriam ganhos fundamentais para sua subjetivação masculina.

Em São Luis e, posteriormente no Recife, Higino toma contato com outra visão de mundo, com outros modelos de masculinidade urbana, com verniz de civilidade mais acentuado. A intensa vida cultural, participando da imprensa, assistindo a apresentações artísticas, o envolvimento com homens cultos, polidos fazem com que ele incorpore valores sociais, princípios filosóficos, todo um modo de vida urbano e civilizado, que iria moldando a sua forma de subjetivação masculina.

Nesse mundo de homens de letras, as guerras e batalhas permitidas utilizam outras armas, as feridas não são feitas com a espada, mas com as palavras; a agressividade e violência masculina são agora canalizadas para um mundo de formas simbólicas, no qual idéias e palavras serão ferramentas e armas importantes. A masculinidade afirmava-se pela

capacidade de argumentar, de ser vitorioso em embates de idéias, por sua cultura e capacidade argumentativa. É assim que homens como Silvio Romero, Tobias Barreto, Clóvis Bevilacqua e Coelho Neto são apontados como valorosos, brilhantes, admiráveis, símbolos dessa nova masculinidade.

A masculinidade nesse mundo de letrados, em que ingressa Higino Cunha, é refinada, assumindo mesmo o gosto pela arte e pela música, adaptada a novas formas de sensibilidade. São homens cortados pela idéia de cultura, de civilidade, que se expressam de diferentes formas. Nas disputas em que se envolvem esses novos exemplares do sexo masculino não devem existir inimigos, mas adversários, que se batem por idéias, por posições políticas contrárias, em que a agressividade e a violência devem ser contidas e nunca extravasadas para a agressão corporal, para o uso da força física. Esse é o tipo de vivência social que devia ser valorizada por esses novos homens e que segundo Higino Cunha eram praticados no meio literário de Teresina. Ele próprio diz ter tido disputas e polêmicas com Clodoaldo Freitas, Elias Martins e com Antonino Freire, mas diz, também, que sempre manteve pelos mesmos o respeito devido entre cavalheiros educados, dados ao trato das letras e que reconhecem e estimam o valor de cada um.¹⁷⁴

Tratam-se de homens que, quando comparados aos seus contemporâneos sertanejos, apresentam-se amolecidos, desfibrados, até mesmo com modos femininos. Homens que desenvolvem o gosto pela arte, particularmente pela música, como Higino Cunha, que se mostra um apaixonado pelo piano, gosto que desenvolveu no Recife, no contato com outros homens que se permitiam tais refinamentos de gosto e sensibilidade.

Estranhas ao meio sertanejo são também as idéias e a nova sensibilidade que Higino Cunha desenvolve e expressa de forma escrita, em seu texto intitulado: Proteção aos animais. O menino que passava os dias nas redondezas da casa-grande paterna a armar arapucas, a fazer pequenas caçadas com os moleques da sua idade, mostra-se, ao tornar-se

¹⁷⁴ CUNHA, Higino. *Memórias: traços autobiográficos*. Teresina: imprensa oficial, 1939. p. 57.

adulto e tomar contato com outras formas de cultura, permeadas pela escrita, envolvido com idéias de proteção aos animais, com a idéia de que a crueldade dispensada a outros seres constituiria um ato de barbárie, de incivilidade. Mostrava-se, dessa forma, capturado por novas formas de subjetivação, estranhas ao seu meio de origem.¹⁷⁵

Higino Cunha define, ainda, os lugares públicos e o engajamento em atividades urbanas, como espaço por excelência da nova masculinidade. Desse modo, formado em Direito, volta ao Piauí e se engaja na vida profissional como jurista e jornalista. O envolvimento com o mundo do trabalho é outro pilar de sustentação desses novos modelos de masculinidade. Higino procura construir sua auto-estima no reconhecimento profissional, aí encontra o foco principal de sua autobiografia. É como intelectual, jornalista e jurista que ele quer ser dito, ser lembrado. Constrói, ainda, na sua escrita a positividade do trabalho, do sustento material adquirido, a partir do esforço individual como valor a ser perseguido pelos homens.

A dimensão privada familiar, também é escriturada com outros contornos na subjetivação dos homens nas sociedades modernas. Os homens não assumirão a função de patriarcas, de detentores de um poder senhorial, no entanto, devem assumir o papel de provedor material e de orientador da família. Por outro lado, a paternidade surgia também como ponto central na definição da nova masculinidade, entretanto, sob outros parâmetros. As pessoas não mais objetivavam o pai como o chefe militar capaz de defendê-las de ataques de grupos inimigos, nem mesmo um pai que usasse de força física para castigar e assim manter a escravaria, os agregados e os membros familiares sob o temor da violência. O pai requisitado era ordeiro, trabalhador, voltado à manutenção material e afetiva do lar. Consciente dessas funções familiares, Higino Cunha diz ter encaminhado sua vida para adquirir os meios materiais necessários para tal empreitada:

¹⁷⁵ QUEIROZ, Teresinha. Homens, animais e sensibilidades. In: _____. *Literatura, história e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 29-40.

Desde que pensei em casar-me, tratei logo de obter colocação, que me assegurasse os meios de subsistência no futuro. Preferi a magistratura, para a qual tinha aptidões especiais, bastante capacidade de trabalho e independência de caráter.¹⁷⁶

Na vida familiar, diz ter encontrado dificuldades principalmente pela interferência do sogro e pelo comportamento da esposa. Considerava-se, ao casar, apto à vida familiar, a assumir suas funções como pai e esposo, não percebendo, no entanto, o mesmo na esposa, que, acostumada à vida fácil e rica da casa paterna, não se adapta às dificuldades da vida de casada, ao trabalho de dona de casa e de mãe, com os apertos financeiros da vida familiar. Para Higino Cunha, o casamento não lhe trouxe o equilíbrio, a paz de espírito necessária para direcionar suas energias e preocupações ao mundo do trabalho, da realização profissional.

Ele reconhece o peso de um lar bem estruturado, como lastro necessário ao bom desenvolvimento das atividades profissionais masculinas nos espaços públicos. Nos padrões de família moderna, o homem deveria tornar-se o provedor familiar, garantir o sustento de todos na casa; no entanto, deveria contar com o apoio da mulher, sempre pronta a sanar os conflitos familiares, os problemas domésticos. O homem não deveria se aborrecer com coisas desse gênero.

Como homem moderno, diz ter se preocupado com os filhos, sabendo o valor da educação escolar, encaminha-os para o estudo, conseguindo êxito completo apenas com o filho Edson Cunha, que se forma em Direito e segue os passos do pai, envolvendo-se com o meio jurídico e literário da cidade. Suas duas filhas seguem caminhos possíveis a uma mulher de classe média na Teresina do início do século XX; uma se casa e a outra se habilita como musicista. Dar aulas de música era possibilidade honesta de uma mulher adquirir renda monetária para o sustento.

Quanto à vida conjugal, mesmo sendo conturbada pelas interferências do sogro, e,

¹⁷⁶ CUNHA, 1939. p. 99.

com isso, lhe trazendo contrariedades e mesmo certa revolta, Higino não se afasta da família, mantém a estabilidade do laço conjugal, como se a força dessa união não estivesse somente no afeto mútuo, na felicidade individual, mas em tiranias sociais que o levavam a ver com preconceito a idéia de uma possível separação, ou ainda perceber na continuidade do matrimônio, da união com a mulher fator de estabilidade emocional para ele e para os filhos.

A masculinidade nas sociedades modernas seria caracterizada ainda pela permissão que alguns homens se davam de viver experiências novas com relação aos aspectos afetivos. É assim que repercute positivamente na sociedade a forma carinhosa de Félix Pacheco ao escrever sonetos, dedicando-os à Marta, filha recém-nascida e musa inspiradora. A paternidade agora era lugar de afetos. Muitas vezes, as demonstrações de carinho por parte dos homens ainda eram veladas, mas faziam-se presentes na preocupação em registrar a imagem dos pequenos em fotografias, e mesmo de ofertá-las aos parentes.

As demonstrações de sensibilidade e afeto surgiam também nas relações entre os homens e as mulheres, segundo Clodoaldo Freitas, os novos homens permitiam-se viver experiências novas, valorizando o amor romântico. Clodoaldo enfatiza, em alguns personagens, seu caráter sensível. É o caso de Carlos, no romance *Por um sorriso*; rapaz bem educado, fino e sincero nos amores, nas relações afetivas com as mulheres, sabendo respeitá-las e amá-las. Deste modo, Carlos constrói a relação com Teresa, entrega-se a esse amor, coloca a mulher amada como centro de seu mundo, sua musa inspiradora, não tendo olhos para mais nada:

A proporção que o amor o dominava, sentia-se cada vez mais incapaz de uma manifestação intelectual. Passava-se nele justamente o que se passava com Teresa. O seu amor por ela transformava-se em verdadeira obsessão. Fora dela não havia universo para ele. [...].

Um instante em que Teresa separava-se dele parecia-lhe um século. Seu ser absorvia-se no influxo do ser dela. Pensava que se ela lhe faltasse o sol lhe

faltaria. Tudo quanto emanava dela tinha para ele seduções incríveis.¹⁷⁷

Fenelon Castelo Branco e Da Costa e Silva são dois outros exemplos de homens que se permitiam dar vazão aos sentimentos que nutriam pelas esposas. Nos dois casos, os versos são de saudade, de dor pela morte da mulher amada. O livro de Fenelon, denominado *Anno de luto* – maio de 1901 – maio de 1902, é uma coletânea com 35 poemas escritos por ele durante os 12 meses seguintes à morte de sua mulher. Recém-casado, com apenas 4 meses de vida conjugal, Fenelon foi surpreendido pela prematura morte da esposa, a quem chamava de Nicota. Nos textos que compõem o livro, o tema recorrente é a dor de amor, é a saudade, como no trecho do poema Saudades de Nicota:

[...]Se para mim nada mais no mundo existe,
 Desde a hora fatal em que partiste,
 A não ser a saudade que me mata?!
 Só teu nome eu magoado pronuncio.
 Nicota! Só teu nome balbucio!
 Só teu rosto em meu peito se retrata!¹⁷⁸

Com relação a Da Costa e Silva, em *Imagens do amor e da morte*, o poeta escreve poemas marcados pela saudade e pela dor da perda da mulher amada. Os poemas são caracterizados pela idealização do amor perdido, pelas dúvidas diante da vida futura. A casa e a convivência com a esposa são descritas de forma idealizada, como espaços de amores e afetos contínuos. A preocupação do poeta com relação aos filhos que perdiam a doce mulher que era a mãe, completa o quadro de homem vinculado à vida familiar e conjugal, preocupado com o bem estar dos filhos, com o seu equilíbrio emocional.¹⁷⁹

Convém destacar, no momento, a liberdade com que esses homens expressam os

¹⁷⁷ FREITAS, Clodoaldo. Por um sorriso. *Correio do Piauí*, Teresina, ano I, n. 10, 13 out. 1921.

¹⁷⁸ CASTELO BRANCO, Fenelon. *Ano de luto - maio 1901 – maio 1902*. Picos-MA: Tipografia do Município, 1902. p. 29.

¹⁷⁹ SILVA, Da Costa e. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p.277-305.

sentimentos, sua dor pela perda da mulher. Deixando-se levar pela sensibilidade, fato incomum no meio masculino, tendo em vista tratar-se de um território marcadamente feminino. As mulheres tinham mais liberdade, permitiam-se sonhar, desejar, criar ilusões e idealizações com relação ao amor. Para os homens mais arraigados aos modos de vida patriarcais, isso pareceria sintoma de amolecimento, de desvirilização; no entanto, passava a ser uma possibilidade de comportamento masculino que se legitimava socialmente.

As novas expressões da masculinidade, entretanto, assumiam, às vezes, conotações diferentes. Alarico, personagem criado por Clodoaldo Freitas, no romance *Coisas da vida*, retratava aqueles homens que preferiam usar da cortesia, bons modos e boa educação para seduzir as mulheres. O jovem estudante necessitava das conquistas amorosas, era caçador nato, à procura de presas femininas, encantadas por sua polidez e gentileza, armas do seu talento de sedutor. Ele precisava da competição, dos jogos de sedução, para sentir-se conquistador. “[...] Amo todas as mulheres antes de conquistá-las. Pudessem ver uma por uma em meus braços, todas as mulheres formosas da terra, e, vos juro, amaria a todas”.¹⁸⁰

As formas descritas até aqui retratam os modelos que os literatos construía para os novos padrões de masculinidade, homens polidos, educados e com sensibilidade, que expressavam uma nova forma de vivenciar a masculinidade.

Em síntese, na trajetória de Higino Cunha e em vários escritos elaborados pelos literatos retratando perfis e biografias masculinas, alguns pontos são ditos como caracterizadores da masculinidade moderna: a construção de uma relação com o mundo das letras, da ciência; o envolvimento com a política; a relação com o mundo do trabalho; e a vivência, dentro de novos parâmetros da paternidade e da vida privada. A masculinidade seria definida não só pelo que deviam ser os comportamentos masculinos, mas também pelas margens, pelo que era condenável, pelo que não se enquadraria dentro dos parâmetros aceitáveis para os comportamentos masculinos disciplinados.

¹⁸⁰ FREITAS, Clodoaldo. Por um sorriso. *Correio do Piauí*, Teresina, ano I, n. 23, 28 out. 1921.

Os pontos elencados anteriormente, como definidores da masculinidade, perpassam a produção literária desenvolvida no começo do século XX e definem não só a masculinidade, como também o feminino. As identidades de gênero se definiam de forma relativa e reativa, pois uma das preocupações dos literatos era delimitar os espaços de atuação masculinos e femininos, não permitindo a confusão nos papéis de gênero.

Ao direcionar o foco da análise para as práticas presentes na documentação, e que seriam definidoras da nova masculinidade é possível perceber o quanto esse universo é multifacetado. No mundo da política e da disputa pelos postos de poder institucional, espaço de ação exclusivamente masculina nesse momento, os homens encontram campo de ação importante para a construção de sua identidade. Se o poder institucional, se a ocupação de cargos e funções públicas há muito eram espaços masculinos, não se caracterizando como atividade social nova para os homens, ela se torna importante para a construção da sua identidade, por ser uma atividade central nos espaços públicos, nos quais os homens tinham seu campo de ação principal. Daí a funcionalidade dos discursos que significam as práticas masculinas, então hegemônicas, como rústicas, arcaicas, tradicionais, não adaptadas aos novos tempos. Os bacharéis, os literatos estes sim seriam homens aptos, adaptados aos novos tempos. A eles deveria estar reservada a atuação política.

A nova relação que se firmava com o mundo da cultura escrita trazia a política para o centro dos embates na imprensa. O desenvolvimento da vida urbana trouxe ao jogo político também a necessidade de convencer a opinião pública das verdades das facções políticas. O que era feito, principalmente, através de discursos escritos nos jornais. Tornava-se cada vez mais admirado o articulista que sabia manobrar as idéias em forma de palavras escritas, usar o tom mordaz ou conciliador, dependendo do calor da discussão no momento.

A leitura dos jornais, das notícias políticas transformou-se em hábito masculino nas classes altas e médias que agora eram letradas. Seria através dos comentários masculinos que o resto da família deveria se inteirar das questões políticas, dos interesses que estavam em

jogo.¹⁸¹

Através da imprensa, homens como Abdias Neves, Antonino Freire e Miguel Rosa farão a exposição de suas idéias, formando opinião, lançando-se como nomes viáveis a carreiras políticas vitoriosas; e, ainda, onde Clodoaldo Freitas e Higinio Cunha colocarão a sua capacidade literária a serviço do combate ideológico, das paixões partidárias. Por causa dessas paixões, a decantada polidez dos literatos, tão apregoada por Higinio Cunha em sua autobiografia, foi, muitas vezes, esquecida, deixada de lado, para que a escrita assumisse seu viés mais ácido, mais incivilizado e mesmo descortês.

Teresinha Queiroz, ao discutir as práticas políticas no Piauí da primeira República, mostra que, diferentemente das imagens civilizadas, cordiais que alguns literatos constroem sobre o relacionamento entre os que se digladiavam nos embates políticos, a realidade apontava para relações em que as demissões sumárias de cargos e funções públicas, as perseguições, obrigando os vencidos a afastarem-se do Estado em busca de espaço profissional e de sobrevivência material em outros lugares, e mesmo a violência física contra os adversários eram traços caracterizadores das práticas políticas no período. Quando somente as palavras não convenciam, não se mostravam eficazes, os métodos autoritários, antigos, as práticas condenáveis pela civilidade entravam em ação.¹⁸²

Bom exemplo do que dissemos anteriormente pode ser visto nas práticas de Miguel Rosa quando Governador do Estado em 1912-1916. Moura Rego, que conheceu Miguel Rosa no interior do Maranhão quando esse advogava uma causa de terras para seu tio Senho, o descreve como um homem fino, educado, advogado competente, que se destacava dos homens do meio sertanejo por sua polidez, delicadeza e bons modos, se enquadrando perfeitamente bem no perfil de homem cidadão e bem formado. No entanto esse mesmo homem descrito como polido, educado, cortes, mostra-se capaz de tomar atitudes duras,

¹⁸¹ ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa. *A vocação do prazer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 58.

¹⁸² QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/Editora Universitária – UFPB, 1998. p.302-305.

autoritárias e desrespeitosas com os adversários políticos. É o mesmo Miguel Rosa que manda empastelar o jornal católico O Apóstolo que lhe, fazia oposição e que persegue Higino Cunha, exonerado por ele do cargo vitalício de Procurador dos Feitos da Fazenda Estadual, de Professor do Liceu e da Escola Normal, vendo-se mesmo obrigado a migrar temporariamente para o Acre em busca de melhores condições de vida.¹⁸³

Esses níveis de agressividade, de violência, de detratações morais eram ainda usados pelos literatos, como justificativas para manter a política como assunto masculino. Só os homens seriam moralmente adaptáveis a esse nível de conflito e violência. O jogo da política enquanto campo de ação masculina era jogado com o objetivo de anular o outro, de fazer calar quem incomodava. Os homens mostravam-se despreparados para conviver com as diferenças, com o desacordo de suas opiniões, a mentalidade senhorial e suas práticas ainda estavam fortemente presentes no cotidiano.¹⁸⁴

Para os homens modernos, a participação em eleições continuava a ser prerrogativa masculina, as mulheres saberiam das disputas e dos interesses em jogo através da opinião do marido ou do pai. Conceder o direito de voto às mulheres seria romper com práticas tradicionais que delimitavam os espaços masculinos e femininos, seria dar mais um passo para subverter o ordenamento de gênero e provocar confusão nas identidades femininas e masculinas.

À reivindicação por parte das mulheres, em ingressar no âmbito público, os literatos respondiam negativamente, objetivando a política como algo sujo, imoral, em que as paixões e os interesses mais vis predominavam, havendo, dessa forma, incompatibilidade entre a política e a moral das mulheres.

A mulher política, a mulher eleitora ou candidata a cargos eletivos, nunca! E nós os homens, para que permitirmos que as mulheres se enfrontem nessa

¹⁸³ QUEIROZ, 1998. p. 301.

¹⁸⁴ NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 73-99.

trama de degradações e de misérias, que é a política.

A política que rebaixa o homem, que o subjuga, tirando-lhe o caráter e a vergonha, roubaria, de resto, todas as qualidades belas da mulher.¹⁸⁵

Outra argumentação contrária diz respeito à confusão que isso traria aos lares, à medida que as mulheres não cumprissem suas funções adequadamente, e mesmo quando buscassem ter opiniões próprias, argumentando com o marido, procurando convencê-lo das razões que justificassem sua escolha.

[...] Imaginem os senhores a complicação nos lares, quando o marido, vexado para almoçar porque já está sendo feita a chamada da eleição a que tem de ir, pedir providência à mulher, e esta lhe bradar aos queixos que também está vexada, porque igualmente vai votar [...] e quando as opiniões políticas divergirem votando a mulher em candidato contrário ao do marido?¹⁸⁶

Demarcar os espaços sociais masculinos e femininos era fundamental para os homens em um momento de transição, no qual o modo de organização familiar e os modelos sociais masculinos e femininos estavam sendo elaborados de forma diferente, nos discursos e nas práticas cotidianas. Daí o desejo de muitos homens em criarem fronteiras bem definidas entre os campos de ação masculinos e femininos.

Na elaboração discursiva de sua trajetória, uma das grandes preocupações de Higino Cunha foi se apresentar como homem de letras, como literato, como cidadão que participava ativamente do meio cultural da cidade, Higino Cunha foi membro fundador da Academia Piauiense de Letras, jornalista atuante, e professor, do Liceu Piauiense e de muitas outras instituições. Ser dito como intelectual, como homem culto é um dos traços definidores de sua subjetivação. A participação no mundo das letras era um dos pontos centrais da nova identidade masculina: em primeiro lugar demarcava a diferença com os modelos masculinos

¹⁸⁵ CHAVES, Antonio. O feminismo em Teresina. *O Piauí*, Teresina, ano XXXI, n. 433, 9 dez. 1920.

¹⁸⁶ COMENTOS e notas *Gazeta*, Teresina, ano XVII, n. 762, p. 1, 17 fev. 1927.

tradicionais, uma vez que quase a totalidade dos homens era apenas iniciada no mundo das letras: em segundo lugar, diferenciava-os também das práticas femininas, à medida que pouquíssimas mulheres enveredavam pelo mundo das letras, sobretudo pela prática da escrita em jornais.

A prática da escrita e a formação superior davam a esses homens notoriedade, respeito social, imagem pública de homens cultos. Muitos que não tinham a mesma possibilidade de escrever, de publicar, procuravam, pelo menos, participar como consumidores dessa produção cultural escrita, mostravam-se interessados nas discussões, eram leitores de jornais e livros, o que, nessa sociedade que começava a incrementar seus contatos com a cultura escrita, já lhes propiciaria um certo verniz de intelectualidade.

Essa identificação entre a masculinidade e a participação no mundo da cultura escrita, levava mesmo alguns rapazes a procurarem se iniciar no mundo das letras. É assim que Bugyja Brito, em meados dos anos 1920, se aproxima de Antônio Neves, um jovem literato de 23 anos que abrigaria à sua sombra jovens elementos que desejavam iniciar-se na literatura.

O Lábaro (jornal), que teria de ser mantido financeiramente pelos redatores circulou efetivamente em 1º de abril de 1926. O jornalzinho de jovens ia fazer sucesso na vida social da cidade, não só por que ia trazer versos e crônicas dos estrepantes, como porque a seção jornalística – cacos de vidro – era o veículo revelador dos namoros e das paixões de moços e moças do meio.¹⁸⁷

Iniciar-se como literato num jornal de jovens, auto-financiado, seria o início de um percurso que buscava a inserção no meio literário, buscava a subjetivação a partir da construção dessa relação com o mundo da cultura escrita, da vida intelectual.¹⁸⁸

¹⁸⁷ BRITO, Bugyja. *Traços em cinco biografias*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1987. p. 60.

¹⁸⁸ Sobre a vida cultural no Piauí do final do século XIX e início do século XX ver principalmente: QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/Editora Universitária, 1998; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária*.

Outro campo de ação masculino nos espaços públicos é o mundo do trabalho; no discurso dos literatos a presença do engajamento no universo do trabalho tem uma ligação direta com a subjetivação masculina, é fator de elevação da auto-estima e de definição da masculinidade,¹⁸⁹ Pois nele conseguiriam os recursos necessários para cumprir sua função de provedor. A relação masculinidade e trabalho é apontada mesmo como um dos pilares de sustentação da masculinidade no mundo da modernidade.¹⁹⁰

A trajetória de Higino Cunha expressa a importância da relação entre a masculinidade moderna e o mundo do trabalho, pois, para Higino, ser homem significava ser capaz de engajar-se no mercado de trabalho, de suprir as necessidades materiais daqueles que estivessem sob sua tutela e responsabilidade após o casamento e de constituir um patrimônio que trouxesse tranquilidade e estabilidade financeira à família que pretendia formar.

Clodoaldo Freitas também escritura, em vários momentos, essa relação entre homens e trabalho como um fator de afirmação da masculinidade. No romance *Memórias de um velho*, o trabalho é apresentado como fator de regeneração de um homem moralmente decaído, à beira da marginalidade. Através do personagem Milo, Clodoaldo enaltece o vínculo com o trabalho como algo dignificante e constitutivo da masculinidade. Milo, após sofrer vários infortúnios, como a perda de toda a família, a doença e ainda o abandono pela noiva, que viaja para a Europa, entrega-se ao mundo dos vícios, incorpora-se a um grupo de ciganos e passa a ter vida errante, até que, se dizendo chamado pelos valores de família e de respeito ao trabalho aprendidos com a mãe, resolve mudar de vida:

Compreendi que devia arcar nobremente contra os revezes da sorte, e que só podia triunfar pela virtude e pela tenacidade na resistência e no trabalho porfiado. Entendi salvar-me com as minhas mãos e amassar a minha tortura com o suor de meu rosto [...] Sentia que dentro de mim, um altar iluminado, velava a imagem santa de amor de minha mãe, a lembrar-me de meus

Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1997.

¹⁸⁹ MUNIZ, Durval. *A invenção do falo*. Maceió. Catavento. 2003. p.128.

¹⁹⁰ NOLASCO Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.50-66.

deveres de homem e a responsabilidade do nome honrado que usava. Compreendi que devia lutar energicamente, para não ser tragado novamente pela onda do infortúnio. Tomada a resolução, precisava acertar na escolha de uma profissão honesta que me subministrasse o pão.¹⁹¹

O trabalho seria o meio disponível ao personagem de Clodoaldo de restaurar a auto-estima, de incluir-se na sociedade, de reafirmar sua masculinidade. Essa capacidade de cair socialmente, de entregar-se a uma vida marginal, desvinculada dos valores familiares, do mundo produtivo, dos quadrantes da ordem estabelecida, e soerguer-se através do trabalho, surge, nos escritos dos literatos, como característica masculina, as mulheres são sempre tratadas como seres moralmente frágeis, incapazes de tal movimentação social sem a tutela masculina.

Os católicos também desenvolvem intensa prática escriturística, apontando a relação dos homens com o trabalho como uma relação legítima, necessária ao equilíbrio familiar e útil à sociedade. Dois aspectos são apontados como principais, nesse vínculo entre homem e trabalho: a aquisição dos recursos necessários ao sustento material da família, e o engajamento no sistema produtivo, como trabalhador disciplinado, que reproduziria a lógica do sistema, que seria ordeiro, conhecedor de suas possibilidades na sociedade e resignado diante das funções que lhe coubessem. Deste modo sua dignidade estaria vinculada à relação com o mundo do trabalho, mesmo que a atividade desenvolvida fosse um ofício simples.¹⁹²

Contudo, muitos homens terão ainda dificuldade de adequarem-se ao trabalho urbano. Mentalmente ligados ao mundo patriarcal e suas práticas, relutam em adaptar-se às sociabilidades urbanas modernas, aos novos valores que devem estar presentes nos comportamentos masculinos. O nosso raciocínio fica explicitado quando abordamos a relação entre masculinidade e trabalho no mundo moderno, onde o trabalho e a entrega ao seu

¹⁹¹ FREITAS, Clodoaldo. Memórias de um velho. *Jornal pátria*, Teresina, ano IV, n. 230, 15 dez, 1905.

¹⁹² GAËTA, Maria Aparecida Junqueira Vieira. A Deus, à Igreja, e à Pátria: os estandartes da família católica no século XIX. *História*. São Paulo: n. 11, 1991. p. 243-258.

exercício são um traço definidor da masculinidade no mundo burguês que se instala. Por conseguinte, muitos homens viriam a ter dificuldade em se adaptar ao meio social de trabalho em que possivelmente assumissem posições subalternas, sendo assim obrigados a obedecer. A herança patriarcal havia ensinado esses homens a dar ordens, a serem obedecidos e não a obedecer¹⁹³. O exemplo do pai de Bugyja Brito é ilustrativo desses homens do início do século. Eles têm resistência aos empregos, às funções em que recebem ordens. *Os empregos tinham chefes e, portanto, qualquer funcionário estaria sujeito à obediência regulamentar [...] quer se ser obedecido, mas não se quer ser obediente.*¹⁹⁴

No caso relacionado do pai de Bugyja Brito, o que se destaca é a dificuldade de alguns homens em conseguirem se adaptar ao meio urbano. Oriundos de grupos de elite em seus locais de origem, foram ensinados a mandar, a serem obedecidos e não a obedecer, a receber ordens. Obedecer a um superior, seria, para esses homens, uma prática servil, e assim sendo, incompatível com a sua formação. Dessa forma, o pai de Bugyja Brito é despedido do emprego da Farmácia Collect, pois não concordava com as exigências feitas pelo sócio do patrão. Outros homens não se subordinarão à rigidez de horários, às cobranças dos patrões, preferindo trabalhar como autônomos na atividade de guarda-livros, ou ainda abrir pequenos negócios de venda de alimentos e bebidas, sendo assim proprietários de seu próprio negócio. Essa foi a escolha do Senhor Antônio Nogueira Castelo Branco, originário de áreas rurais do Piauí, que migra para Teresina por volta de 1910. Ainda menino, aprendeu com familiares a prática comercial, assumindo, em seguida, a função de guarda-livro, torna-se depois proprietário de seu próprio negócio, um pequeno comércio de gêneros alimentícios e bebidas. Sobre o referido comerciante, os registros da memória familiar o apresentam como um homem, que conseguira ter seu próprio negócio, que se vangloriava de ser pobre, mas não ter patrão, não receber ordens de ninguém, não ter horários a cumprir.¹⁹⁵

¹⁹³ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A invenção do falo*. Maceió: Catavento. 2003. p.56.

¹⁹⁴ BRITO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1977.

¹⁹⁵ O Sr. Antônio Nogueira Castelo Branco residiu em Teresina na primeira metade do século XX, e entre seus descendentes encontra-se o Senhor José Ferreira Castelo Branco, que nos transmitiu oralmente essas

A prática escriturística dos literatos definem o mundo do trabalho como espaço masculino, também, ao negar, ao procurar deslegitimar a presença feminina nos espaços públicos e nas atividades produtivas ali desenvolvidas. Clodoaldo Freitas é enfático ao abordar o assunto da inserção feminina no mundo do trabalho:

Estamos em um momento em que a mulher entra conosco, resolutamente, na grande peleja pela vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio [...].

Tenho a propósito, teorias antigas e profundamente radicais no meu espírito. Quando encontro um virago, suponho tratar com um homem como eu, ou pelo menos com um ser epiceno. Adoro a esposa, a mãe, a irmã, a filha, mas olho sempre com prevenção invencível para essa espécie de macho, que não quer se conformar com os deveres do seu sexo.¹⁹⁶

O objetivo de Clodoaldo é desqualificar a presença feminina nesse espaço que deveria se caracterizar como definidor da masculinidade. No trabalho, o homem se tornaria produtivo, útil, ganharia condições de se tornar o provedor material da família, enquanto a presença feminina seria para elas fator de masculinização, de envolvimento com atividades que não eram compatíveis com o ser feminino, o que provocaria confusão entre as identidades de gênero, na forma como era pensada pelos literatos do início do século.

O discurso dos literatos também aponta os riscos que o envolvimento com o jogo e com o álcool trariam para o desempenho dos homens no mundo do trabalho e, conseqüentemente, na prática de seu papel de provedor material da família. O álcool e o jogo surgem na prática escriturística dos literatos como uma ameaça ao exercício de uma masculinidade responsável, disciplinada, ordeira, voltada ao lar e à família.

Dessa forma, a vivência cotidiana em espaços de sociabilidade masculina, tais como os prostíbulos, os botequins e as salas de jogos de azar, prática desenvolvida por muitos

informações.

¹⁹⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 71-73.

homens da elite e dos grupos médios, desde a juventude, é condenada pelos literatos e pela Igreja. Nesses espaços os homens desenvolvem a solidariedade e os jogos de masculinidade; encontram com seus iguais em ambiente sem as formalidades, sem as etiquetas, que impõem limites morais. Desenvolvem conversas, aprendem na convivência com os outros, trocam experiências, escutam histórias e se comportam como homens, falando de mulheres, gabando-se das conquistas, do seu potencial de macho conquistador, de avantajados dotes físicos, da força política dos seus candidatos, das vantagens obtidas em algum negócio, mostrando-se mais macho, mais viril, mais esperto, mais resistente ao álcool, procurando ser superior aos que se deixavam inferiorizar. Sempre prontos, nessa disputa velada com os outros homens a enaltecer os aspectos que lhe interessassem e onde supostamente fosse superior. No entanto, esses espaços eram para eles também espaço da camaradagem, de brincadeiras, de convivência agradável entre amigos que se consideravam, onde os mais sensíveis e mais inspirados poderiam recitar poesias em voz alta, fazer discursos inflamados, contar piadas picantes. A possível presença feminina possibilitaria ainda que os homens mostrassem seus dotes de conquistadores, assumindo posturas desinibidas e toda a sua desenvoltura no trato com as mulheres.

Esses espaços de sociabilidade masculina vão diretamente contra a moral familiar moderna, uma vez que os modelos apontam para um homem contido, voltado ao trabalho produtivo, às relações familiares, às responsabilidades como pai e marido. O envolvimento com o álcool, com o jogo e com as prostitutas era o inverso do que se esperava dos homens modernos. Eles serão alvo de um discurso moralizador, elaborado por médicos, religiosos e outros que se engajavam em campanhas de moralização e que viam nos vícios elencados anteriormente, um meio de degeneração física e moral do homem e da família.

Sob este aspecto, tentava-se convencer os homens de que o jogo, o álcool e as prostitutas os levariam ao não cumprimento de seus papéis de provedor material da casa, posto que se entregar a esses vícios era colocar o bem-estar da família em risco. O homem,

através do envolvimento com prostitutas, poderia contaminar-se com doenças sexualmente transmissíveis e, em seguida, infectar mulher e os filhos. O álcool e o jogo poderiam levá-lo a gastar os recursos que seriam utilizados na manutenção da casa, na alimentação e educação dos filhos, levariam-no a uma perda da noção de limite, possivelmente tornando-o um mau trabalhador, improdutivo e mesmo passível de perder o emprego.¹⁹⁷

O exemplo de Higino Cunha é bastante esclarecedor, ele conhece os males que os vícios trariam às relações familiares, mas, como relata na autobiografia, entrega-se ao vício do álcool e do jogo: “Persisti durante três anos e fui obrigado a abandonar para sempre o jogo de cartas, malferido na bolsa e na reputação, convenci-me da minha incapacidade para tão arriscado mister”.¹⁹⁸

A relação de Higino Cunha com o jogo e com o álcool mostra ainda a ambigüidade presente nas trajetórias masculinas, pois, mesmo homens que passaram por um processo de escolarização, que se tornaram educados, que sabem dos males que o jogo, o álcool e a convivência com prostitutas poderiam acarretar para o modelo familiar que incorporavam como seu, não conseguem se desvencilhar e fazem uso da dupla moral presente na sociedade em favor dos homens. As ambigüidades características da trajetória de Cunha mostram tanto as diferenças entre práticas e discursos, na constituição do modelo de masculinidade burguesa, quanto os limites da disciplinarização. Isto porque os mesmos homens que combatem os jogos, as bebidas, a prostituição, em favor de um modelo de homem ordeiro, polido, trabalhador, disciplinado, pai e provedor familiar, experienciam as práticas condenáveis.

É assim que na velhice, ao elaborar sua autobiografia, Higino Cunha retrata sua experiência no mundo do jogo, condenando-a, passando a ver nele apenas o espaço de degradação do caráter. Higino assume o ideal do trabalho produtivo, do emprego das energias produtivas em atividades lícitas, que não precisavam da trapaça, da desgraça alheia. O

¹⁹⁷ MATOS, Maria Izilda. *Meu lar é o botequim*. São Paulo: Nacional, 2001.

¹⁹⁸ CUNHA, 1939. p. 76.

trabalho deve ser encarado pelos homens como único meio pelo qual alguém poderia vencer na vida honestamente, deve ser percebido como positivo, dignificante, caracterizador da masculinidade.

A paternidade é outra das funções masculinas que ganha contornos novos nas propostas dos literatos. O engajamento no mundo do trabalho seria fundamental para que os homens pudessem conseguir os recursos necessários para assumir o papel de provedor material da família, no entanto, as responsabilidades masculinas nos modelos familiares modernos não se encerravam nesse ponto. Nos espaços privados os homens deveriam assumir os papéis de pai e esposo, e com eles algumas responsabilidades novas. O homem deveria assumir o comando da mulher e dos filhos, esse controle porém não deveria estar lastreado na coerção física, no possível uso da violência, sua autoridade deveria emanar da sua melhor formação, dos seus exemplos de vida, da sua dedicação a casa e aos filhos.

Nesta perspectiva, tanto para os livre pensadores, como para os católicos, os homens deveriam assumir o comando da casa, deveriam encarnar a autoridade no seio familiar, assim como deveriam saber respeitá-la nas outras esferas da sociedade. O aprendizado do respeito às autoridades, ao ordenamento familiar, onde cada membro era chamado a exercer funções específicas e a respeitar a autoridade paterna, serviria como exercício de respeito às autoridades constituídas da nação.¹⁹⁹ Afinal, o que se esperava dos homens era que fossem honestos, trabalhadores, que fossem avessos a qualquer tipo de sublevação ou desordem, que voltassem suas atenções e preocupações para a casa, para o cuidado com os filhos e a companhia da esposa. Para isso era preciso que se afastassem dos vícios, dos bares, dos salões de jogos, do alcoolismo e dos prostíbulo.²⁰⁰

A paternidade ganha nos discursos dos literatos, uma dimensão nova, onde o poder discricionário dos pais sobre os filhos tendia a diminuir, e uma nova forma de vivência

¹⁹⁹ GAËTA, op cit, p. 248.

²⁰⁰ CAES, André Luis. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas estratégias de reestruturação da Igreja (1890-1934)*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

dessa experiência marcada por um viés mais afetivo, que não se manifestava necessariamente pela troca de carinhos, de afagos, mas que se traduziria muitas vezes em cuidados, atenções e preocupações quanto ao bem-estar e à formação da prole. As expectativas em fazer dos filhos, futuros homens e mulheres úteis à sociedade, ordeiros, preparados para atuarem nos papéis definidos para o seu gênero, capazes de se engajarem na vida profissional e familiar, e aí obterem êxito, era uma expectativa que cada vez mais passava a povoar as cabeças masculinas.²⁰¹

Os literatos definiam a nova masculinidade também pelas margens, ou seja, pelo que não devia ser, o que, ao mesmo tempo, ilustra o perfil multifacetado da vivência cotidiana da masculinidade no período. É, principalmente, nos trabalhos de Abdias Neves e Clodoaldo Freitas que encontramos personagens exemplares desse tipo de homem que não se enquadra nos modelos desejados. Neves define assim o personagem Pedro Gomes, homem proveniente do meio rural e que ganha muito dinheiro, através de pequenas marretagens, tornando-se comerciante estabelecido na cidade. Entretanto, suas práticas o definem como um pai autoritário, que acaba por decidir o casamento da filha Júlia sem levar em consideração os interesses da moça. Ganancioso, vendo no enlace matrimonial da filha a possibilidade de realizar um bom negócio, decide, contra a vontade da moça, acertar seu casamento com um homem mais velho e que era seu sócio. Ao escolher o noivo levou em conta os seus interesses comerciais, já que casava a filha com o sócio, unificando dessa forma o capital da empresa. O casamento revelou-se um desastre, marcado por intrigas, traições e terminando mesmo com a fuga da moça com um amante, homem pobre, mas desde o princípio, o escolhido de Júlia para marido.

O segundo personagem masculino apontado por Neves como exemplo de não vir a ser masculino é Antônio Araújo. No romance, Araújo incorpora uma masculinidade decaída: homem fraco, desfibrado, sem vontade própria, a tudo cede, não conseguindo se impor no

²⁰¹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A invenção do Falo*. Maceió: Catavento, 2003. p.62.

trabalho, e nem em casa, enquadrando-se perfeitamente bem no papel de manicaca, de homem dominado pela mulher. Como pai era uma figura relapsa, não demonstrando nem uma preocupação com a formação, nem com o futuro da filha. Seu corpo envelhecido é fraco diante da mulher jovem; não conseguia satisfazê-la sexualmente, não conseguia a firmeza de caráter para controlar seus impulsos, para dominá-la nem mesmo dentro de casa. Sobre sua relação conjugal, a personagem faz a seguinte reflexão:

Usarei da minha autoridade de chefe de família a fim de obrigá-la a falar. É preciso usar de certa energia. De que me serve andar de calças?
 – Teve um sorriso triste de desânimo.
 – O chefe! Sou o chefe, mas apenas de nome. É ela quem dirige tudo e manda sobre minha pessoa. É ela o marido, a mulher sou eu.²⁰²

A postura do personagem Araújo, na forma como representada no romance de Abdias Neves, era incompatível com a expectativa que se tinha para um homem, como ele próprio deixa claro na sua fala, quando expressa sua fraqueza, fragilidade, falta de pulso e de firmeza de caráter. Como ser o chefe da família, como controlar e orientar a todos no espaço doméstico com tamanha debilidade física e moral? Tais comportamentos masculinos levariam, segundo os literatos, as demais pessoas da casa, como, no caso, a esposa Júlia, a incorrerem em falhas morais graves. Para Abdias, a responsabilidade pelos desregramentos morais da moça eram em grande parte o marido, que não se impunha como homem, que não se mostrava viril e forte o suficiente.

O mencionado autor cria no personagem Araújo uma masculinidade fragilizada e, por isso mesmo, negativa, demonstração cabal do não-vir-a-ser masculino. O primeiro aspecto abordado por Neves para caracterizar a desvirilização de Araújo diz respeito à relação entre masculinidade e participação política. No romance *Um manicaca*, o personagem Araújo procura utilizar-se do envolvimento em um pleito eleitoral para mostrar-se independente e

²⁰² NEVES, Abdias da Costa. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 88.

e elevar sua auto-estima masculina. Para sentir-se forte diante da mulher, a saída encontrada seria retomar uma velha paixão por eleições, dessa forma, entra em plena atividade eleitoral, comprando e cabalando votos, participando de reuniões políticas, voltando tarde da noite para casa depois de agitadas movimentações pré-eleitorais.

Ao envolver-se com a política, tratava de um assunto que não dizia respeito à mulher, sobre o qual não precisava lhe dar nenhuma explicação; além do que, a intensa atividade pública e a proximidade com os que ocupariam o poder, traziam-lhe a sensação de potência, de estar vivo e de passar a contar com a estima dos outros homens, de ter seu valor reconhecido por eles, como um igual, como batalhador por uma causa masculina. Esse reconhecimento dos outros homens seria de extrema importância nessa busca do personagem Araújo de restaurar sua masculinidade, na medida em que a constituição da masculinidade se dá a partir também do reconhecimento dos outros homens.

Sua participação como cabo eleitoral possibilitaria que, finalmente, rompesse com a humilhante situação de manicaca, fazendo com que os outros homens o percebessem como regenerado na sua virilidade, no seu desejo de potência, de mostrar força, poder de comando, ter voz ativa dentro de casa. Quando a esposa consegue arruinar todo o seu plano, ao prendê-lo num quarto na manhã da eleição, impedindo-o não só de votar, mas de acompanhar seus eleitores, sinal do seu prestígio e do seu poder eleitoral, ela consegue dar um golpe mortal na sua auto-estima questionando sua condição de homem. Ao ser solto pela esposa às 05h00 da tarde, após ter transcorrido todo o processo de votação, sai da sua clausura sem forças nem para zangar-se; está humilhado, não só diante da esposa, mas também diante dos outros homens. Como encará-los agora, como justificar sua ausência?²⁰³

O segundo aspecto, abordado por Neves, como de desvirilização do personagem Araújo, diz respeito ao fato de ele ser traído pela mulher. Os homens modernos continuavam extremamente intransigentes quanto ao adultério feminino, de aceitarem deslizes morais por

²⁰³ NEVES, 1985, p.86-96.

parte das mulheres e das filhas. No recato e na moral irretocável dos membros femininos da família, residia a honra familiar e masculina. A traição da esposa, para o universo masculino, estaria ligada não somente ao fato de ser enganado, mas também à idéia de ser incapaz de satisfazer sexualmente a esposa, de não ser homem o suficiente, de não ter a potência necessária para isso.²⁰⁴

O terceiro aspecto, apontado por Neves, como de negação da virilidade por parte de Araújo, diz respeito à forma como ele fracassa no mundo dos negócios. Seu comércio vai à falência. Mais uma vez a idéia de potência, de vencedor, de quem consegue prosperar, ter sucesso, tão presente no imaginário masculino é respondida por Araújo, de forma negativa. Dessa forma, ele se enquadra como o exemplo mais bem acabado do não vir a ser masculino.²⁰⁵

As relações familiares eram muitas vezes marcadas por práticas masculinas que não eram condizentes com os modelos modernos, muitos homens continuavam a reproduzir o universo senhorial. Acreditavam que a casa, os problemas domésticos, a criação dos filhos eram problemas das mulheres, que eles nada tinham a ver com eles, desconsideravam a paternidade como lugar de afetos, e faziam mesmo questão de explicitar isso como uma forma de confirmar sua masculinidade para o grupo de homens de suas relações.²⁰⁶

O cronista do *Correio de Teresina*, em um texto, abordando as relações conjugais, explicita como muitos homens da sociedade em análise encaravam as obrigações familiares:

Bem sabes que, em Teresina, cada um de nós procura esconder do outro o apego ao lar. Cada qual quer parecer mais livre, mais senhor, mais homem. Adorar a família, repartir com a mulher os direitos de fidelidade e de carinho é ser manicaca, e ser manicaca é expor-se aos alfinetes do ridículo.²⁰⁷

²⁰⁴ MATOS, Maria Izilda. *Meu lar é o botequim*. São Paulo: Nacional. p. 73-74.

²⁰⁵ NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

²⁰⁶ NOLASCO, op. cit., p. 88.

²⁰⁷ MEU caro João da Roça. *Correio de Teresina*, Teresina, ano III, n.130, 09 ago. 1915.

O medo de ser enquadrado como manicaca²⁰⁸, de ser ridicularizado como um homem fraco, incapaz de controlar os ímpetos da mulher, de manter a casa sob seu comando, levava alguns homens a manterem distanciamento afetivo da família.

O texto de Clodoaldo Freitas, relatando o encontro de dois ex-colegas de escola, que tinham na vida seguido caminhos diferentes, assumindo formas de subjetivação diversas, embora socialmente legítimas como percursos de subjetivação masculina, mostra a existência de diferentes temporalidades, convivendo simultaneamente na sociedade. Os dois homens adultos, bem-sucedidos financeiramente, constituíam, entretanto, exemplos diferentes de possibilidades de vir a ser masculino. O Dr Armênio deu continuidade aos estudos, completou seu processo de escolarização, tornando-se um bacharel, homem disciplinado, voltado por ofício, ao mundo das letras, à vida urbana, enquanto seu amigo Feitosa que não suportava a vida na escola, e que voltou para o sertão para cuidar dos negócios familiares se subjetivou como um criador e mercador de gado, vivendo no campo, na lida com os rebanhos, e com os peões que lhe auxiliavam. As marcas da diferença estavam até mesmo no corpo, cada um levando consigo sua história, os resultados de como foi subjetivada sua masculinidade:

Ao meio dia estava o Dr. Armênio descansando, em viagem de Teresina para Valença, à sombra das ingazeiras do Buriti da Cruz, quando aí chegou, também para descansar, o Feitosa. Era agora um homem muito barbado, alto, corpulento e de má dentadura.

Havia perdido os dentes da frente e tinha a pele tostada pelo sol inclemente do sertão piauiense. O Armênio era um rapaz alvo, delicado, de pequeno bigode preto, maneiroso e simpático. Vendo chegar o Feitosa, Armênio, apesar de tudo, o conheceu. Saltou para fora da rede e correu para ele de braços abertos.

- Afinal, depois de vinte anos, te encontro! Disse ele.
- É verdade! Vinte anos! Como o tempo passa depressa!
- Mas o que é feito de ti meu Feitosa?

²⁰⁸ Manicaca era um termo muito utilizado em Teresina, no final do século XIX e início do século XX, para designar os homens controlados pela mulher.

– Estou feito o que estás vendo: um negociante sertanejo, que vende fazenda e compra bois, a mourejar debaixo do sol e da chuva nas costas de cavalos, a cavar a vida com a tenacidade de um ambicioso. [...] Tenho acompanhado nos jornais a tua brilhante carreira de advogado, regozijando-me com os teus sucessos.²⁰⁹

O período em análise consiste em momento de transição, no qual temporalidades diversas convivem no meio social, e mesmo que a escriturística masculina diga que os homens eram capturados por novas possibilidades de vivenciar a masculinidade, estes ainda se deixavam levar por caminhos diversos aos da disciplina, aos de uma relação mais estreita com a cultura escrita.

Ao final desse capítulo, o que podemos concluir é que mais uma vez a diversidade se impõe. O projeto dos literatos era definir novos modelos de masculinidade, de procurar capturar os homens dentro de novas propostas, utilizando para isso estratégias discursivas, expressas num processo de escolarização. Contudo, estratégias, como a divulgação de novos saberes e novas propostas para a vivência da masculinidade, de condenar práticas que tradicionalmente davam significado à masculinidade na sociedade não conseguem se impor de forma hegemônica. O exemplo de Higino Cunha, homem que se diz capturado pelas novas propostas de masculinidade e que, ao mesmo tempo, se entrega aos vícios do jogo e do álcool, mostra ainda que o consumo das novas idéias não se dava de forma homogênea, integral. Ao que nos parece, a diversidade predomina, pois o que observamos, é a convivência de diferentes modelos e temporalidades. Assim, ao lado das práticas respeitadas com os adversários convive também a violência dos pleitos eleitorais, ocorrendo até o envolvimento de grupos armados, espancamentos, empastelamento de jornais, que faziam oposição aos vencedores.

Ou ainda, ao lado de homens que se mostravam preocupados com os filhos, com a

²⁰⁹ FREITAS, Clodoaldo. As taras. *Litericultura*. Teresina, ano I, n. 6, p.34-43, 1 jun. 1912.

boa formação, demonstrando sensibilidade e afeto para com os familiares, conviviam homens que assumiam práticas diferentes, que significavam esse modelo de masculinidade ordeira, disciplinada como algo desvirilizador, temendo mesmo a idéia de serem percebidos e ditos como manicacas.

4 UNIVERSO FEMININO ADULTO

Em 1911, Clodoaldo Freitas publicou no livro *Em roda dos fatos*, a crônica O feminismo, onde expressa sua angústia e preocupação com as propostas modernas para as mulheres. Acreditava o literato que os papéis sociais masculinos e femininos deviam ser bem delimitados, cabendo à mulher as funções de mãe e esposa devotada ao lar. Defendia mudanças na educação feminina, acreditando que a melhor formação da mulher seria indispensável para que ela pudesse desenvolver de forma adequada seu trabalho de educar os filhos, de cuidar da casa. No entanto, o que angustiava Clodoaldo Freitas eram algumas propostas modernas que apontavam para a emancipação feminina, para o seu ingresso de forma decisiva no mercado de trabalho, disputando espaço com os homens nos foros, nos hospitais, participando de eleições, das disputas políticas, vivendo mais para o mundo que para o seu lar e filhos. A isso se opunha com veemência, fazendo mesmo uma franca condenação.²¹⁰

No que se refere à problemática dos comportamentos femininos, Clodoaldo se colocava ao lado de outros cronistas de variada concepção filosófica, mas que se irmanavam em torno da idéia de que a emancipação feminina seria um erro e um desastre para a família. As muitas crônicas nos jornais voltadas a problematizar a condição feminina discutiam quais seriam os espaços sociais femininos, quais as práticas legítimas para uma mulher honesta, como deveria ser sua educação, o comportamento nos espaços de sociabilidades públicas, as práticas como esposas, como mães, a necessidade de se resguardar, de criar em torno de si uma imagem de recato, de pudor, se afastando das práticas mundanas. Em síntese, as mulheres se tornaram um problema para a sociedade no final do século XIX e no início do

²¹⁰ FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 71-73.

século XX. Daí porque os literatos passaram a desenvolver intensa prática escriturística²¹¹ com o objetivo de definir quais as formas que deveriam assumir as práticas femininas, quais os limites a que as mulheres deveriam obedecer, para não enveredarem por caminhos não legitimados, que poderiam levá-las a assumirem práticas transgressoras.

Deste modo, o objetivo deste capítulo consiste em analisar os discursos dos literatos e suas estratégias de ação com o objetivo de produzir, de escrever, de definir os corpos femininos, de criar subjetividades²¹², assim como identificar o consumo dessas idéias, desse saber que procurava disciplinar, definir o que seria legítimo e aceitável para as práticas femininas.

No final do século XIX as idéias de emancipação feminina começam a se fazer mais presentes nas sociedades ocidentais. As mulheres passavam cada vez mais a forçar os limites do que lhes era permitido. É, assim, que vão, aos poucos, rompendo preconceitos e entrando nas escolas superiores de Direito, de Medicina, de Farmácia ou ainda na escola normal, haja vista que o trabalho feminino como docente, particularmente com crianças, ganhava legitimidade. As mulheres ainda ameaçavam os homens em campos, que eles procuravam delimitar como eminentemente masculinos, estamos nos referindo ao campo das letras, ao trabalho de escrever em jornais de ter uma relação estreita com o mundo da escrita. Como se não bastassem esses avanços femininos em territórios até então ditos como masculinos, as mulheres passam ainda a reivindicarem o direito de participar da política em pé de igualdade com os homens. Esses avanços das conquistas e reivindicações das mulheres faziam estremecer os parâmetros em que a sociedade sustentava e delimitava as identidades masculinas e femininas, provocando conflitos, na medida em que muitos homens se sentiam ameaçados, invadidos nos seus territórios existenciais.

Ainda que as mulheres em Teresina não se mostrassem engajadas em reivindicações feministas, algumas mudanças nos comportamentos femininos ligadas à

²¹¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.224-226.

²¹² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 123 -204.

melhoria nos níveis educacionais e mesmo na participação em formas de lazer modernas, que começavam a existir na cidade, particularmente na década de 1920, levavam alguns literatos a se mostrarem preocupados, percebendo, nessas mudanças, o início de transformações mais radicais que viessem a colocar em cheque as distinções de gênero e mesmo a pôr em risco o equilíbrio das relações familiares.

Diante da ameaça de emancipação feminina, os literatos desenvolverão todo um saber, objetivando definir o que seria legítimo, correto e, mesmo, segundo eles, adequado às condições orgânicas das mulheres. Na elaboração desse saber legitimado pela autoridade da ciência, na perspectiva dos liberais e dos positivistas, ou ainda, pelos princípios e verdades teológicas para os católicos haveriam divergências, mas também muitas coincidências.²¹³ A fala de Clodoaldo Freitas, liberal e anti-clerical histórico, ao tratar das modificações modernas nos comportamentos femininos, e das propostas de emancipação das mulheres é sintomática:

Contra esse desastre da família, contra a imolação da mulher, que deserta do lar, é que eu protesto. Se a civilização é isto, se nossos costumes, para nos darem foros de sábios, devem ser, assim, alterados, prefiro que nos isolemos como a China e vivamos na santidade cristã dos nossos antepassados, tolos mas honrados, no lar feliz, junto da esposa analfabeta, mas pura, rodeado da prole nédia. Salvemos a família, embora se arruine essa falsa civilização paganizada e imoral.²¹⁴

Decididamente, para os literatos, o mundo feminino era o espaço doméstico, onde ela desenvolveria sua capacidade de ser afetiva, de ser sentimental, utilizando essas qualidades para tornar-se o anjo tutelar da casa, aquela que zela pelo bem-estar de todos, que

²¹³ Segundo Riolando Azzi, as principais coincidências entre o pensamento católico e o positivista, com relação à condição feminina e as relações familiares, dizem respeito, em primeiro lugar: à definição e separação das esferas de ação social de homens e mulheres, os homens ocupando os espaços públicos, envolvidos com o trabalho, com a política, e as mulheres voltadas à vida no lar e os cuidados com os filhos; e segundo: a necessária manutenção de uma estrutura hierárquica dentro da casa, sendo a autoridade paterna um princípio inquestionável. AZZI, Riolando. *Família e valores no pensamento brasileiro (1870 – 1950)*. Um enfoque histórico. In: RIBEIRO, Ivete (Org.) *Família e valores*. Sociedade brasileira contemporânea. São Paulo: Loyola, 1987.

²¹⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 73.

se ocupava em cuidar do marido e dos filhos, em estar atenta aos que se desviavam, que estava sempre pronta para ser condescendente com as falhas do esposo. Abnegada, deveria colocar os cuidados e as demandas dos filhos e do marido como prioridades na sua vida.

Na prática escriturística dos literatos, a mulher deveria ainda ter a firmeza de caráter necessária para ser a doce, a sincera e cordata esposa, a mãe de família firme, ativa e afetiva, ao tempo em que não se entregaria às vaidades e às frivolidades, preocupando-se excessivamente em aformosear-se. As mulheres muito sensuais, que inspiravam desejos lascivos nos homens, se tornavam um perigo para o equilíbrio familiar. As casadas deveriam se subjetivar como mulheres desligadas da vaidade excessiva, da vontade de se exhibir, de evidenciar os seus dotes físicos, a rigidez de suas carnes, suas formas corporais.

O corpo feminino deveria estar à disposição para juntamente com o esposo procriarem e, em seguida, alimentar os filhos, aquecê-los e aconchegá-los com carinho. O corpo da mulher deveria ainda levar consigo sua história de mãe, de reprodutora, corpos assexuados, segredados, modelados pela maternidade. Na definição dos padrões de feminilidade, os literatos acenavam ainda com a necessidade de as mulheres serem cordatas, terem o espírito plástico a ponto de se adaptarem às opiniões e interesses do marido, tendo em vista que caberia à mulher adequar-se ao homem; elas deveriam ser educadas a ceder, a serem flexíveis diante das vontades do esposo. Na nova ordem social que os literatos buscavam estabelecer, o ordenamento familiar caracterizado pela autoridade paterna e pela resignação feminina e filial à vontade masculina era imprescindível.²¹⁵

Na escrita dos literatos encontramos algumas personagens femininas que se adequariam ao modelo proposto. É assim que Abdias Neves constrói na personagem Mundoca o seu paradigma da feminilidade, é a forma como ela se subjetiva como mulher, são as suas práticas que levam Neves a dizê-la como mulher digna de ser escolhida para ser esposa.

²¹⁵ AZZI, Riolando. Família e valores no pensamento brasileiro (1870 – 1950). Um enfoque histórico. In: RIBEIRO, Ivete (Org.) *Família e valores*. Sociedade brasileira contemporânea. São Paulo: Loyola, 1987. p.100.

Mundoca não era bonita, não se arrumava no rigor da moda, não gostava de frivolidades, de festas; sua vida eram os afazeres domésticos, a administração da casa, o cuidado com o pai e, depois de casada, com o marido. Era ainda uma mulher cordata, pronta a ser companheira, a não questionar as opiniões do bacharel Praxedes, seu esposo, por perceber que se tratava de homem refinado, culto, com formação superior, e, assim, capaz de orientá-la na vida. Resignava-se diante da orientação masculina, não como uma imposição, mas por reconhecer no marido o preparo para a vida, e a autoridade familiar a ser obedecida, obedecera durante toda a vida de solteira ao pai, a ele dedicava seus cuidados, suas preocupações, nada mais sensato que se resignar, depois de casada, ao marido.

É assim que Mundoca, aceitando as opiniões do noivo maçom e ateu, vê no casamento católico apenas formalidade, uma tradição. Ao ser questionada por uma amiga sobre a cerimônia de casamento religiosa responde:

- Não te casas na Igreja?
- Já estou casada. A ida à Igreja é uma simples formalidade, sem valor. Quem casa é o Juiz, não é o Padre. E foi sentar ao lado do marido.²¹⁶

Higino Cunha concorda com os modelos femininos propostos por Abdias Neves e Clodoaldo Freitas, no entanto, nos seus escritos, enfatiza a necessidade de educar as mulheres, de dar a elas uma formação adequada. Ao problematizar os comportamentos femininos adultos, condenava, em especial a forma como muitas mulheres da classe alta e dos grupos médios se subjetivavam como mulheres desligadas dos afazeres domésticos, procurando viver em um mundo, dito por ele como irreal, onde eram educadas para participar das sociabilidades elegantes, dos bailes, da vida de salão e conversação, não se cogitando educá-las de forma mais apropriada para cumprirem de forma competente as obrigações domésticas.

Para Cunha, tal forma de subjetivação feminina tinha reflexos negativos na

²¹⁶ NEVES, 1985, p. 127.

administração da casa e mesmo nas relações conjugais, uma vez que as mulheres acabavam por provocar transtornos no âmbito doméstico. Educadas em um meio de fantasias e de sonhos, sem receber orientação para assumir seus futuros compromissos como esposa, mãe e dona de casa, a mulher tornar-se-ia, após o casamento, uma eterna insatisfeita.²¹⁷

Os pais nada ensinam às filhas sobre a realidade da vida, sobre seus deveres conjugais sobre sua futura família. Nada sabem elas da prática e dos encargos do regime conjugal. Ao contrário, afastam-nas do serviço da casa, como de um mister incômodo, penoso e indigno delas. [...] como se alguns dos mais nobres deveres domésticos, como o serviço da cozinha, a amamentação e a criação dos próprios filhos fossem aviltados como trabalhos servis.²¹⁸

Um segundo aspecto, apontado por Higino Cunha como grave defeito na educação feminina, diz respeito à indiscriminada leitura de romances, em que são descritas paixões avassaladoras, explosões de um amor romântico, que leva as moças, apontadas por ele como impressionáveis, inexperientes e de espírito fraco, à fantasia de viver sensações e felicidades eternas na relação conjugal.

As mulheres casadas precisavam afastar-se das expectativas fantasiosas, dos romances e encarar a vida real, os amores, as afeições reais que existiam e que levavam aos casamentos e que não alcançavam, segundo o autor, a mesma intensidade dos romances. As práticas cotidianas levavam homens e mulheres a vivenciarem casamentos muito mais marcados por obrigações conjugais, pela maternidade, o cuidado com a casa e todo o desgaste que advém dessas relações e da vivência conjugal.

Na escrita de Higino Cunha as mulheres que não se adequavam ao mundo dos

²¹⁷ Jurandir Freire Costa denomina essas mulheres de mundanas: preocupadas com a aparência, com a moda, com os prazeres das festas, elas seriam mal vistas pelo discurso médico, pois não queriam amamentar e nem cuidar dos filhos, deixando-os aos cuidados de babás e mães de leite, o que era um hábito condenável para o discurso médico do século XIX. Conferir em FREIRE, Jurandir Costa. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1999. p. 265 -269.

²¹⁸ CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. *Revista da academia piauiense de letras*. Teresina, p. 39, jan 1924.

casamentos reais e que não tinham a firmeza de caráter necessária para renunciar às fantasias, aos desejos sexuais acabariam por colocar em risco o casamento e o lar, que, destruído pela insatisfação feminina advinda da não compreensão e aceitação das funções domésticas, faria grande número de vítimas. Tais vítimas seriam os homens, posto que – além da possível traição, do desgaste moral, da perda de tempo e de energia, com as disputas nos espaços domésticos – suas casas não mais estariam sendo o recanto de descanso confortável, de aconchego. Os filhos também seriam vítimas, frutos de um lar desequilibrado, tornando-se, muitas vezes, homens e mulheres com desvio de caráter, inseguros, sem o equilíbrio emocional suficiente para as lutas da vida.

Em síntese, na sua prática escriturística, Higino Cunha definia como responsabilidade feminina a estabilidade do casamento e da família. Qualquer fracasso nos relacionamentos seria um fracasso pessoal atribuído à mulher. Em nome da família e dos filhos, deveria sacrificar sua vida, resignar-se diante das atitudes masculinas, ser ponderada e voltada ao lar. Em nome do bem-estar do grupo, deveria manter sob limites estreitos sua vida social.

Para Higino Cunha, a solução para o referido despreparo da mulher na vivência da vida adulta só seria resolvido com uma formação escolar adequada, que fizesse as mulheres se subjetivarem de outra forma, lhes possibilitando entrar em contato com a ciência, nos laboratórios de química e física, emancipando-se, assim, das crenças religiosas, das superstições, das crendices, das abusões. Ao tornar-se um espírito emancipado, a mulher, no entanto, deveria colocar-se sob a tutela do esposo, usando sua melhor formação para melhor saber educar os filhos, tratá-los com maior eficácia.²¹⁹

A escrita do feminino não é preocupação exclusiva dos literatos vinculados às idéias positivistas e liberais. Elias Martins, católico fervoroso, assim como os livre pensadores Abdias Neves e Clodoaldo Freitas, preocupou-se em escriturar, em definir o que seriam

²¹⁹ CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, p. 37–52, Jan 1924.

comportamentos e práticas legítimas para as mulheres. A fala de Martins é marcada por aproximações e distanciamentos quando comparada com os literatos de definição filosófica diversa. Sua formação católica ultramontana, o leva a ver na boa formação cristã, no apego aos princípios e exemplos religiosos o modelo a ser seguido pelas mulheres:

Temos mais uma vez provado o poder de resistência da mulher cristã. Dedicada e meiga, inteligente e conciliadora, quando não pode domar as funestas inclinações dos que a rodeiam sofre com paciência, ora em silêncio, na esperança de que eles voltarão ao bom caminho, atraídos pelo carinho, vencidos pela doçura.²²⁰

Martins define a mulher como o ponto de equilíbrio, de sustentação da família. A mulher deveria se subjetivar como alguém que encontrava na fé e na prática da oração a força suficiente para ser incansável, na luta serena e contínua para vencer as dificuldades familiares, para manter a tranquilidade no lar, para ser bem sucedida na tarefa divina de educar os filhos, de encaminhá-los na vida. Lastreada nessa base sólida da vivência da religião, a mulher teria a capacidade de saber a tudo perdoar, e assim, assegurar aquele que deveria ser seu interesse maior: o equilíbrio e a união familiar, a boa formação religiosa dos filhos e a conscientização dos familiares da necessidade de buscarem a salvação eterna e de vivenciarem a fé. Para os católicos, a forma como as mulheres reagiam diante de eventuais grosserias e infidelidades masculinas seria fundamental para definir sua salvação ou sua condenação eterna.²²¹

Há filhas e esposas que sabem suportar com heroísmo e abnegada coragem os seus infortúnios conjugais, tornam-se grandes e sublimes aos olhos de Deus, ao passo que a que se revolta, e que possuía de ressentimento, procura vingar-se, imitar o esposo e faltar aos seus deveres, rebaixa-se, desce de sua dignidade, torna-se merecedora do desprezo, porque na sua alma não existe a fibra da moral e da virtude, faltava-lhe a envergadura das

²²⁰ MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de notícias, 1920. p. 15.

²²¹ CASTELO BRANCO. Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p.112.

grandes almas dispostas ao sacrifício.

E é no sacrifício, filhas que existe a verdadeira virtude, essa virtude feérica e inquebrantável, que faz as sublimes heroínas e mártires.²²²

O discurso católico enfatiza ainda a necessidade de as mulheres perceberem o casamento e sua subjetivação como esposa, como espaço de sacrifícios, de provação da sua fé, e de seu compromisso com a igreja e com os princípios morais que lhe haviam sido ensinados.

Os literatos, na busca de definir os comportamentos femininos esperados, procuram escriturar também o que não devia ser. Dessa forma, se a personagem Mundoca, a quem fizemos referência anteriormente, foi criada por Abdias Neves como o vir a ser feminino, como o modelo exemplar, a Sra Eufрасina, personagem da mesma obra, é dita como uma forma de ser feminina percebida como equivocada. As práticas de Eufрасina, bem como a forma como esta se subjetiva constituem um exemplo bem acabado desses anti-modelos femininos. Mulher insubmissa, que não aceita as orientações do marido, que procura ter opiniões próprias, quase sempre divergentes do esposo, fazendo da casa e do relacionamento conjugal um espaço de conflito. Eufрасina e o marido, o Sr. Chaves, protagonizam no romance um casal dito por Neves como desequilibrado:

O Chaves riu-se [...] tinham lhe dito que a mulher se confessava todos os meses. Proibira. Dona Eufрасina, sem lhe dizer nada, vestiu-se na mesma hora, e saíra para voltar mais tarde e dizer-lhe que vinha dos pés do padre. Acrescentara que, nestes assuntos, o seu diretor não era ele, era o Padre Jacinto. [...] E não se submetia. Abandonava todos os deveres domésticos para correr às missas, aos terços, aos sermões.

[...] se o Chaves lhe chamava a atenção para os desarranjos domésticos: descomposturas todas as noites quando o Chaves voltava da maçonaria: discussões.²²³

Para Neves, as práticas de Eufрасina mais condenáveis eram a sua insubmissão

²²² PALAVRAS de Maria a suas filhas. *O Piauí*, Teresina, ano LX, n. 244, p. 1, 6 de nov 1926.

²²³ NEVES. Abdias da Costa. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 201.

com relação ao marido, não era cordata, fazia questão de afrontar o esposo, de buscar o conflito, o enfrentamento. Graves para Neves também eram o abandono da casa, o fato de não dispensar às obrigações domésticas, funções ditas como femininas por excelência, o tempo e o empenho necessários.

Em outra oportunidade, o autor faz uma comparação entre as atitudes dos personagens Eufрасina e Mundoca, retratando o comportamento da segunda como o mais adequado a uma mulher casada. Enquanto Mundoca traz a felicidade e o equilíbrio conjugal, o equivocando comportamento de Eufрасina provoca inúmeros transtornos ao casamento com o Chaves:

Uma voz muito meiga chamou o Bacharel Praxedes [esposo de Mundoca] à porta de João Sousa: – Vamos?

– Vamos, e despedindo-se dos companheiros disse: Seu Chaves tome a lição, parece que precisa e afastou-se!

– Se precisava! Quando viu Praxedes afastar-se com Mundoca, feliz e carinhoso, ao lado da mulher. Suplicou invejando-o. Fez mentalmente, o confronto entre a companheira do Bacharel e a sua. A comunhão de idéias aproximava-os ainda mais. Em vez dos atritos constantes de D. Eufрасina, arvorada em defensora do clero, uma existência tranqüila, sem agitações, sem nuvens, sem desconfianças.²²⁴

Um segundo personagem na obra de Abdias Neves que pode ser definida como modelo do não vir a ser feminino é Júlia. Mulher de temperamento excessivamente lascivo, aliado a sua impetuosidade, que faziam dela uma mulher problemática, vivia uma relação conjugal marcada por constantes desequilíbrios. Júlia não se enquadrava nos arquétipos esperados para uma doce e cordata esposa e mãe de família. Quando solteira, entrega-se ao namorado, como artifício para obrigar o pai a aceitá-lo e a realizar o casamento; após casar com outro homem, por imposição paterna, passa a traí-lo, a ter relações e encontros com o

²²⁴ NEVES. 1985.p. 201.

antigo namorado dentro da própria casa. E mais, traz o marido sob rígido controle, desmoraliza-o diante de estranhos, fazendo dele um homem moralmente emasculado.

A forma de subjetivação feminina assumida por Júlia é uma ameaça constante aos modelos familiares, à autoridade masculina, viesse ela do pai ou do esposo. Seu comportamento colocava em cheque os próprios papéis familiares masculinos e femininos, nos quais o homem deveria ser o cabeça do casal, dirigindo a mulher, controlando-a, orientando-a. Para Abdias Neves, Júlia assume mesmo postura patológica, seu caráter vingativo e agressivo seria totalmente incompatível com a doçura, com a passividade, com a candura que os padrões familiares modernos, escriturados pelos literatos, apontavam como traços característicos e naturais das mulheres:

Júlia não amava o marido; queria-o, entretanto, preso aos seus caprichos. Não suportava a idéia de que ele um dia pudesse libertar-se. Habitara-se a tê-lo às suas ordens, a abusar da sua fraqueza, a dirigi-lo, uma questão de amor próprio. Parecia-lhe que, se ele se emancipasse, decairia no conceito das pessoas de suas relações. Dominá-lo, expô-lo em público, para que ninguém ignorasse a sua situação, no casal, era um dos maiores prazeres que lhe trouxera o casamento. Encontrava um gozo infinito em saber que se comentava o seu despotismo, e se troçava o que havia entre eles.²²⁵

Para Neves, as práticas de Júlia procurando inverter a autoridade dentro do espaço da casa, fazendo do marido um fantoche, um joguete diante de sua vontade, a forma como procurava vingar-se do marido por ter aceito casar-se com ela contra a sua vontade, e ainda a prática do adultério em que se envolvia eram sintomáticas de uma subjetividade patológica, de um não vir a ser feminino.

O personagem Júlia pode ser dita ainda como vítima das relações familiares tradicionais. Não escolheu livremente o esposo, foi obrigada a casar com o homem indicado pelo pai. Seu comportamento desviante era, na verdade, a negação a esse casamento imposto,

²²⁵ NEVES. 1985. p. 95.

à vida conjugal que não escolheu.

Nos trabalhos literários de Clodoaldo Freitas, as figuras femininas maduras ganham também espaço relevante. O autor enfatiza a dependência das mulheres em relação aos homens, haja vista que precisam deles para conseguir espaço legítimo e digno na sociedade. Deste modo, impossibilitadas de desenvolverem processo de individuação, sem contar com acesso ao mundo da educação e do trabalho, precisam competir no mercado matrimonial, manterem-se dignas, fugindo das tentações diante de homens mais audaciosos. Nesse movimento, no campo do amor e da sedução, não podem vacilar, as falhas podem levá-las à desonestidade e à derrocada moral.

É nessa linha tênue de equilíbrio que Teresa – personagem do romance *Por um sorriso*, mulher jovem, mas já viúva, e nessa situação tendo que conciliar as experiências e vivências de mulher casada com a volta ao mercado matrimonial, encontra-se na trama entre os amores de Carlos e Alarico, dois jovens rapazes. Para Carlos, Teresa é vista sob o aspecto da mulher ideal, por ser bonita carnal e espiritualmente, por apresentar a ele, naquele momento, modos amorosos e castos. Mulher de bom caráter. Parecia sincera em seus sentimentos e atitudes, isso seria fundamental na análise que Carlos faz sobre Teresa. A forma como procura agradá-lo, mostrando-se aberta e receptiva aos gostos, às idéias e opiniões de Carlos, percebendo-o como mais culto, bem instruído, capaz assim de orientar os caminhos, as crenças e a vida da mulher:

Não tinha desejos contrários aos de Carlos. Até suas crenças religiosas foram modificadas por causa dele. Teresa usava uns bentinhos e, como Carlos lhe dissesse que aquilo era verdadeira superstição [...]
Quando Teresa voltou, já estava sem os bentinhos no pescoço.
– Pode ser religiosa sem beatice; crente sem fanatismo.
– Educa-me, instrui-me, Carlos.²²⁶

²²⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. *Correio do Piauí*, Teresina, ano I, n.7, 8 out. 1921.

Clodoaldo via na resignação feminina diante das idéias masculinas ponto central para a realização conjugal. A mulher que não aceitava as opiniões do esposo, que procurava impor suas opiniões em detrimento das crenças e idéias do marido era percebida como um problema ao equilíbrio da relação conjugal. No entanto, a grande preocupação de Clodoaldo na problematização do universo feminino está direcionada à firmeza moral, ao caráter, seriedade e à consistência diante dos compromissos e das escolhas.

Por isso mesmo, Teresa, descrita anteriormente como musa inspiradora de Carlos e mulher ideal aos olhos do bacharel, mostra-se, em um segundo momento da trama, uma mulher interesseira e volúvel, dividida entre os amores de Carlos e Alarico; dá preferência ao segundo, por ser esse homem rico; faz a escolha errada, em uma demonstração de insensatez, pois é, em seguida, abandonada por Alarico. Carlos, por sua vez, conhecendo melhor o caráter de Teresa não mais a procura. O abandono é a punição pela volubilidade da mulher, pelo fraco caráter moral, pelo apego interesseiro ao dinheiro.

O destino dado por Clodoaldo à Teresa, na seqüência da trama, é sintomático das opiniões do autor acerca dos comportamentos femininos e sobre as possibilidades de existência das mulheres na sociedade. Viúva e sem encontrar um homem com quem possa constituir uma nova vida conjugal, Teresa vê-se obrigada a aceitar protetores, que irão caracterizar sua queda moral até à prostituição. A falta de caráter e a ausência da tutela masculina levaram-na à degradação moral e, em seguida, à degradação física e à decadência total.

No mesmo texto em que retrata o caso de Teresa, Clodoaldo descreve também a personagem Maria. Mulher inicialmente infeliz, pois, sendo vítima de um casamento malogrado, vê-se obrigada a procurar, de forma ilícita, outros homens que lhe proviessem o sustento. Maria diferencia-se de Teresa, principalmente por seu caráter, mesmo vivendo por contingências da vida, uma situação moralmente degradante, é mulher de bons valores, é desinteressada, sabe amar verdadeiramente e tem bom coração; esses traços da personalidade

de Maria levam-na a reencontrar a felicidade, um homem que lhe dê o sustento, uma família estável, equilibrada e um nome.

As trajetórias de Teresa e Maria mostram os limites do pensamento de Clodoaldo no que diz respeito às possibilidades femininas na sociedade. Ao perderem a tutela masculina, seja do esposo, do pai ou de algum parente, e não contando com recursos que lhes mantivessem honestas, o único caminho para a sobrevivência seria o da queda moral, que poderia se traduzir na vivência de uma relação ilícita. No mundo que se articulava, principalmente a partir do final da década de 1910, a melhoria na formação escolar feminina traria outras possibilidades às mulheres.

Desde o final do século XIX, a discussão sobre a necessidade de escolarizar as mulheres fazia-se presente, e uma das principais justificativas para essas mudanças seria o exercício da maternidade. Das mulheres, passava-se a cobrar não só que tivessem boa vontade e dedicação para com os filhos, mas também que tivessem disciplina, que estivessem fisiologicamente preparadas para uma boa gestação, que fossem saudáveis, para que não transmitissem doenças aos filhos e, mais que isso, que tivessem noções de higiene, de nutrição, de enfermagem. Seria todo um aparato de saberes novos, legitimados pela ciência, que precisavam ser incorporados pelas mulheres na prática da maternidade.²²⁷

Das novas mães, era esperado e seria cobrado comportamento de devoção aos filhos. A maternidade seria percebida agora como um sacerdócio, como uma função a ser exercida com a total entrega da mulher aos filhos.²²⁸ As obrigações femininas não acabariam nos cuidados nutricionais e higiênicos, não bastava apenas preservar a vida e a boa formação física dos filhos. A mulher seria responsabilizada também pela formação moral e espiritual da criança. O artigo publicado no jornal a imprensa dá bem a dimensão das responsabilidades que a sociedade depositava nos ombros das mães:

²²⁷ BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*. São Paulo: EDUSP, 1999, p.109.

²²⁸ Sobre a valorização das práticas femininas em torno da maternidade ver: A nova mãe In: BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado*. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984, p.201.

Como deve ter cuidado na educação moral, religiosa e civil dos filhos. Uma mãe deve ser incansável no cuidado dos filhos, não deve ser negligente, nem roubar o tempo em visitas e passeios inúteis, deixando os filhos em companhia de criados e de pessoas suspeitas.

A casa é uma escola, e a mãe de família é uma mestra, não deve se fiar somente nas professoras; deve educar, aconselhar, ensinar!

A casa é um templo e a mãe uma sacerdotisa. Da mãe será cobrado que ensine os primeiros sentimentos de religião, de temor a Deus, de caridade para o próximo e de amor filial.²²⁹

Se a maternidade era a missão feminina, o compromisso que as mulheres assumiam com Deus e com a Pátria, o não cumprimento dos deveres inerentes a esse verdadeiro sacerdócio era encarado como falha grave, como desvio de comportamento imperdoável. Dessa forma, a discussão sobre a incúria materna ganha vários artigos de jornal, em que casos de falta de atenção e cuidados maternos são apontados como motivações primeiras para os desvios dos filhos, que se entregam desde cedo à vadiagem, às bebedeiras, ao jogo, aos prostíbulos.²³⁰

Para Elias Martins, somente a formação dentro dos ditames da doutrina cristã daria às mulheres a força de espírito e o comprometimento necessário para não fugirem às obrigações maternas. As preocupações de Martins ganham tom dramático, diante do mundo da modernidade, no qual, segundo ele, as seduções e os vícios campeavam pela sociedade, conquistando adeptos, e, entre eles, a mulher, objetivada por Martins como ser frágil e facilmente impressionável:

O cinema abriu espaço no meio familiar, para desvirtuá-lo, destruí-lo. [...] É a mulher que mais padece dessa enfermidade. Exaltada imaginação, natural pendor para o fruto proibido, circunscrita à labuta doméstica, sem as

²²⁹ A MISSÃO da mulher na família. *A Imprensa*, ano I, n. 50, Teresina, 06. fev. 1926.

²³⁰ Sobre a discussão a respeito da incúria materna, Elizabeth Badinter diz que o mesmo movimento de criação discursiva que definiu a maternidade como algo natural e inerente à mulher, criou também a idéia de que qualquer falha no caráter dos filhos deve ser cobrado em primeiro lugar a ela. A boa formação física e moral dos filhos passava a ser de inteira responsabilidade feminina. BADINTER, op cit, p.238.

decepções do meio exterior, campo em que se ferem as competições da conquista do pão, deixa-se embalar pelas regiões da fantasia, praticando a tarefa diurna com indiferença, sem a peculiar atenção e inata competência com que administra seu venturoso reino.²³¹

Desviada dos deveres familiares, entregando-se ao mundo da fantasia, a mulher incorreria, segundo Martins, no grave erro da incúria materna, o desprezo do lar e dos que nele vivem e esperam a orientação moral feminina, o desvelo, o equilíbrio diante das dificuldades. Para Martins, a mulher seria mesmo o facho de luz que mostra os caminhos que devem ser trilhados pela família. Se ela não exerce suas funções condignamente, a queda moral será concretizada nos passos seguintes dos filhos:

Vazio o lar, nublado o astro que o regulariza e aclara, vagueiam os filhos descurados e soltos, sem guia, sem conselhos, campeões dos jogos e dos teatros, lustrosos bonecos dos saraus e dos passeios, às vezes defrontando os pais na mesa do tapete verde ou em equívocas situações, ainda mais depressivas e niveladoras.²³²

Se a mãe precisava ter cuidados com todos os filhos, preocupar-se com seu encaminhamento na vida, com sua formação moral, os cuidados eram redobrados quando as atenções maternas se direcionavam às filhas, posto que mulheres como elas eram também percebidas como seres facilmente impressionáveis, frágeis, embora puras, e assim precisando ser mantidas até o casamento. Se a virgindade das filhas era ponto central para a manutenção da honra familiar, a culpa por qualquer desvio era, em primeiro lugar, das mães que não souberam orientá-las. A mãe deveria ser a amiga, a conselheira, aquela para quem as filhas não teriam segredos, a única a quem a intimidade sentimental e corporal deveria ser revelada. E, por isso mesmo, a principal responsável pela orientação das moças.

À mãe caberia a missão de formar a mulher, de prepará-la para aceitar o destino de

²³¹ MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de notícias, 1920. p. 17.

²³² MARTINS, op cit, p.17.

ser mãe e esposa, de entender que suas obrigações com relação a casa, ao marido e os filhos levariam-na a ter uma vida caracterizada mais por obrigações, deveres, sacrifícios, abnegações do que por direitos e deleites.²³³

Para Clodoaldo Freitas, a maternidade teria uma aura de sacralidade, capaz mesmo de redimir as mulheres dos erros morais. No conto Mãe dolorosa, ele retrata uma mulher chamada Maria, que teve um caso amoroso, vindo a engravidar, sendo, em seguida, abandonada pelo amante. O narrador da história aproxima-se de Maria e encanta-se por sua gravidez, e passa, a partir daquele momento, a procurar convencer a mulher de que o filho seria sua redenção. O que Clodoaldo explicita no conto é a força e a sacralidade da maternidade, que poderia apagar os deslizes morais e ser o motor de uma transformação na vida de Maria: “Um filho seria a minha remissão e me daria coragem para o trabalho honesto.”²³⁴

Em 1911, na crônica Um infanticídio, Clodoaldo Freitas retoma suas opiniões sobre a maternidade, enfatizando a aura de santidade que a recobre. “Mesmo nos casos fora da lei, a maternidade é sempre santa para mim”. As atenções do cronista se dirigem para enaltecer a força moral, a intensidade do amor materno, capaz de redimir culpas, de entregar-se aos filhos de corpo e alma, de anular-se, de desistir de viver para que o outro tenha vida. É assim que Clodoaldo usa a força de suas palavras para descrever o amor materno, que seria, na sua visão, algo natural, instintivo nas mulheres. A intenção de Clodoaldo Freitas é exaltar o amor materno como algo presente no espírito e no corpo feminino, algo naturalizado, inerente ao ser mulher. Diante da maternidade, a filha de Eva, pecadora, luxuriosa, que sempre procurava colocar os homens em tentação, e que, por isso, precisava ser prontamente vigiada, sucumbe. A maternidade encheu a imagem feminina de valores positivos, altruístas,

²³³ BESSE, op. cit., p. 114-115. Sobre o papel das mães na subjetivação das filhas Elisabeth Badinter faz o seguinte comentário: “É a mãe quem se encarregara do adestramento da menina. E lhe ensinará que a dependência é um estado natural às mulheres. Ela a habituará a interromper suas brincadeiras sem protestar, e a mudar seus planos para se submeter aos de outrem. Desse bom hábito resultará uma docilidade de que as mulheres têm necessidade durante toda a sua vida”. BADINTER, op cit, p.245.

²³⁴ FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. *Correio do Piauí*, Teresina, ano I, n. 61, 15 dez. 1921.

colocando-a no centro da família e dos afetos ali presentes:

A mãe é uma providência viva, que não descansa e não tem vida própria, embevecida no amor dos filhos. Esse amor é o laço misterioso que une a alma materna à alma dessa criança a quem transmite, em carícias, toda a seiva bendita de seu coração, todos os eflúvios de sua alma. O amor de mãe tem alguma coisa de divino, porque se parece com a divindade na extensão, na bondade, na pureza e na infinidade. O amor materno é o único sentimento humano que não tem refolhos, não tem egoísmo, não teme os sacrifícios, não mede obstáculos.²³⁵

A valorização e a idealização que o amor materno recebe e a forma constante como os cronistas voltam à problemática do amor materno, como algo natural e instintivo nas mulheres, leva também a que os crimes de infanticídio ganhem relevância na crônica criminal. Os casos se sucedem e são usados para ilustrar os comportamentos incompatíveis com a moral familiar, como também são sintomáticos da forma como a sociedade começava a valorar positivamente a infância e o amor materno, ou seja, dois pilares dos novos padrões de família que passavam a ser valorizados na sociedade.²³⁶

O caso do crime de infanticídio, cometido por Maria Adriana, é ilustrativo da dimensão escandalosa e condenável que esses comportamentos sociais, incompatíveis com as novas sensibilidades e valores familiares passavam a receber. A referida mulher, algum tempo após a morte do marido, passou a encontrar-se com um rapaz, acabando por engravidar. Ao saber da gravidez, o amante terminou o relacionamento, deixando toda a responsabilidade da gravidez por conta da mulher. Maria Adriana escondeu a gestação até o final, quando deu à luz uma criança do sexo masculino, que, imediatamente após o parto, foi morta e enterrada no

²³⁵ FREITAS Clodoaldo. Um infanticídio. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

²³⁶ Sobre a divulgação dos crimes de infanticídio, Joana Maria Pedro diz que os mesmos tinham um caráter pedagógico, “Seria para assustar as moças casadoiras das famílias distintas, são peças pedagógicas na instituição dos papéis de gênero, e definem o que não é correto no comportamento feminino.” PEDRO, Joana Maria. As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas. MATOS, Maria Izilda e RACHEL, Sohiet. (Org.) *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, ano 2003. p. 166.

chão do quarto. Descoberto o crime, a cidade fica chocada, a notícia ganha espaço nos jornais, levando Maria Adriana à execração pública e à cadeia.²³⁷ Em outros casos noticiados pela imprensa, a nota é sempre de indignação e os termos como: mãe fera, desalmada, indigna dão o tom da condenação às atitudes das infanticidas.

Os crimes de infanticídios levam a entender o caráter multifacetado que a vida das mulheres e o exercício da maternidade tinham na sociedade, mostrando que nem todas as mulheres haviam sido capturadas pela idéia do amor materno. O discurso da maternidade regeneradora das falhas morais femininas, capaz de santificar as mulheres que soubessem exercer esse sacerdócio, ainda não havia capturado de todo o universo feminino.

Se os infanticídios se sucediam como prática feminina, era porque os filhos continuavam a ser a prova material de deslizes condenáveis pela sociedade, ou ainda um peso que dificultaria a continuidade da respeitabilidade moral da mulher. Dessa forma, em três crimes de infanticídio retratados na documentação, a situação civil das mulheres envolvidas pode ajudar a entender a motivação do crime. Maria Adriana era viúva; a segunda mulher, cujo nome não é citado pelos jornais, era casada e o marido se encontrava em viagem há mais de um ano; e a terceira era uma mulher jovem e solteira. Contudo, não foram retratados casos de infanticídio em que as mulheres fossem casadas e em pleno exercício da vida conjugal. Nos três casos, os filhos eram provas materiais de deslizes morais e colocavam em risco a respeitabilidade feminina, fato que acabou por motivar as mulheres a procurarem esconder, com a morte, o fruto dos amores ilícitos.

De modo igualmente enfático, a documentação informa que a maternidade não era apenas o lugar de santificação feminina, do desvelo da mãe pelo filho que precisa dela para sobreviver. Ela era vivida também de forma angustiada, até mesmo levando ao crime, ao abandono, às tentativas de aborto. A insistência dos literatos em exaltar a maternidade como algo inerente à mulher e a recorrência da crítica às que caíam nas práticas da incúria materna

²³⁷ A MARIA Adriana. *O nordeste*. ano I, n. 8, Teresina, 17 jan de 1920. p.17.

deixam margem para que percebamos que nem todas as mulheres haviam sido capturadas pelo discurso de valorização da maternidade. Muitas, ainda, lançavam mão de práticas condenáveis pela higiene e pelo discurso médico como o uso das amas-de-leite, como também não cuidavam dos filhos com o desvelo esperado.²³⁸ A documentação mostra, assim, os limites do consumo das idéias dos literatos sobre o discurso em favor da maternidade.

Se os avanços na escolarização feminina foram importantes para preparar melhor as mulheres dos grupos médios e de elite, para exercerem com competência os novos ditames da maternidade, acabaram também por potencializar o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Pelo menos em algumas áreas, como, por exemplo, o magistério primário que se consolidava como campo legítimo e aberto às mulheres. A inserção até poderia ocorrer como atividade temporária, ou ainda por contingências da vida que obrigassem a mulher a trabalhar para sustentar-se honestamente, mas, de uma forma ou de outra, essa inserção ia aos poucos tornando-se realidade.

Ao lado disso, na prática cotidiana, o que podemos perceber é que, na segunda metade da década de 1910 e na década de 1920, as mulheres formadas pela Escola Normal foram gradualmente ocupando espaços no mercado de trabalho, como professoras primárias, ou ainda como funcionárias de repartições públicas.

A inserção no mundo do trabalho docente estaria limitada à educação de crianças. Seriam professoras primárias, e aliariam os saberes adquiridos na formação escolar aos predicados supostamente naturais nas mulheres para o cuidado com crianças, que seriam a afetividade e a meiguice inerentes ao instinto materno, para bem desenvolver o trabalho de educar. A aceitação do trabalho feminino como docente passa pela compreensão do mesmo como maternidade simbólica. A relação entre as professoras primárias e os alunos era simbolicamente maternal, seriam mães intelectuais, mães espirituais das crianças que estariam sob seus cuidados.²³⁹

²³⁸ COSTA, op. Cit, p. 153-170.

²³⁹ LOPES, Antônio de Pádua C. *Beneméritos da instrução*. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia)

Em 1920, quando o poder público estadual prepara uma reforma da instrução pública, um dos pontos mais polêmicos foi o trabalho feminino como professora. A questão central da problemática era a suposta incompatibilidade entre a maternidade, sacerdócio feminino para com a sociedade e a família, e o exercício do magistério que, mesmo sendo uma atividade profissional, era percebido pela sociedade, também como sacerdócio, no qual a participação da mulher seria fundamental, desde que não prejudicasse sua missão como mãe. Sendo assim, ou as moças casavam e tornavam-se mães, ou seriam professoras, o exercício das duas funções seria incompatível.

O magistério, então, com seu caráter de maternidade simbólica, adaptar-se-á perfeitamente bem às mulheres solteiras, sem filhos biológicos, e que poderiam se dedicar de corpo e alma à formação das crianças que recebessem como alunos. No que se refere às mulheres casadas, com filhos, o trabalho fora do espaço doméstico era percebido como prejuízo incalculável à boa formação da prole.²⁴⁰

Polêmicas à parte, podemos notar que muitos homens, ao casar, exigiam que as mulheres deixassem o magistério e se dedicassem exclusivamente à casa e aos filhos; outros viam no trabalho remunerado da mulher um passatempo que lhe ocuparia apenas parcialmente o tempo, não valendo o custo do desgaste de obrigar a mulher a exonerar-se da função. Em outros casos, como o da Sra. Ana Bugyja, professora de música na Escola Normal, o trabalho remunerado da mulher assumia maior importância diante da exigüidade do orçamento doméstico e das dificuldades do marido em adaptar-se ao mercado de trabalho.²⁴¹

Se nos grupos médios o trabalho das mulheres casadas era visto como algo a ser proibido ou, na melhor das hipóteses, como complemento ao orçamento doméstico, a mesma percepção não cabia quando as mulheres adultas encontravam-se viúvas ou solteiras. Nesses casos, o trabalho remunerado passava a ser, muitas vezes, uma necessidade para garantir o

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996. p. 57.

²⁴⁰ MELO, Matias Olimpio de. *A instrução pública no Piauí*. Teresina: papelaria piauiense, 1922. p.128.

²⁴¹ BRITO, Bugyja, *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1977, p. 178.

orçamento doméstico e a sobrevivência da família. É assim que a Sra. Severa Marques, ao ficar viúva, passa a anunciar nos jornais os seus trabalhos de professora de primeiras letras:

Chamamos a atenção dos senhores pais de família para o anúncio da Exma. Senhora Dona Severa de Castro Marques, viúva do provector professor Antônio Marques da Costa, propondo-se a lecionar o curso de primeiras letras [...].²⁴²

A falta da figura masculina que as tutelassem mais que justificaria o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, desde que fosse em função digna e honesta que não viesse a denegrir a imagem familiar.²⁴³

O ingresso das mulheres de elite e dos grupos médios, no mercado de trabalho fez com que elas ocupassem espaços sociais antes reservados apenas aos homens. A relação entre mulheres e espaços públicos tinha, na sociedade, conotação negativa para a moral feminina, tendo em vista que a expressão mulher pública era sinônimo de prostituta. Diante da nova realidade, em que as mulheres passavam a ter maior visibilidade nos espaços públicos, era fundamental que elas assumissem posturas e comportamentos que as distinguissem das prostitutas.²⁴⁴

A inserção feminina no mundo do trabalho dava continuidade ao processo de abertura dos espaços públicos para as mulheres, processo que já se iniciara com o aumento da oferta de vagas escolares e mesmo de oportunidades de acesso ao lazer urbano. Essas mudanças não se dão sem conflitos, e prova disso são os artigos escritos e publicados em livros e jornais, questionando a nova realidade das mulheres e do mundo do trabalho. Na crônica *O feminismo*, Clodoaldo Freitas dá a exata dimensão do mal-estar que essas novas possibilidades femininas provocavam no universo masculino e no seio das famílias.

²⁴² PROFESSORA. *O tempo*. ano I, n. 43, Teresina, 04 de dez. de 1905, p.2.

²⁴³ LEITE, Miriam Moreira. A mulher das camadas médias entram no mercado de trabalho. In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 91-122.

²⁴⁴ LEITE, op cit, p. 193.

Segundo Clodoaldo Freitas, a mulher devia ser educada para ser mãe de família e para viver no lar, esse seria seu destino natural, o seu próprio corpo estaria histológica e fisiologicamente adequado à maternidade. Para este autor, o exercício da maternidade seria o grande diferencial feminino, fora daí, elas seriam uma igual aos homens:

Eu só admiro a mulher na santidade do lar, tratando da família. Quanto maior é o número de filhos que uma senhora cria com desvelo e solicitude, mas a considero sábia e santa, Adoro a esposa, a mãe, a irmã, a filha, mas olho sempre com prevenção invencível para essa espécie de macho, que não quer se conformar com os deveres do seu sexo.²⁴⁵

Críticas à parte, o aumento do custo de vida e a demanda crescente por consumo das famílias, principalmente no decorrer da década de 1920, levaram algumas mulheres a entrarem no mercado de trabalho. Evidentemente que os conflitos não se davam apenas de forma escrita, mas também nas práticas familiares cotidianas, onde os maridos mais conservadores colocavam obstáculos à entrada das mulheres no mercado de trabalho.

Em princípio, o ingresso nos espaços públicos traria às mulheres preocupações novas. Era preciso que soubessem ser mais vigilantes com relação a suas posturas, às vestimentas, à fala, as atitudes deviam ser minuciosamente trabalhadas no sentido de deixar explícito o recato; a postura da mulher deveria ser distante o máximo possível das prostitutas. Vale destacar que a presença feminina em espaços públicos passariam a criar a possibilidade de assédios masculinos, e era preciso que as mulheres, principalmente as casadas, estivessem vigilantes para repudiá-los, melhor, evitando qualquer situação em que eles se fizessem possíveis.²⁴⁶

As mulheres solteiras também deviam estar sempre alertas, a defender sua moral, principalmente dos homens mais audaciosos, que estariam prontos a insinuações. Em uma

²⁴⁵ FREITAS, Clodoaldo. _____. O feminismo. In: *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 71.

²⁴⁶ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 578-606.

cidade pequena, onde os conhecidos eram muitos, o risco de que alguém flagrasse alguma atitude indevida era sempre uma possibilidade.

Na documentação, pudemos encontrar comentários sobre encontros casuais, que chamavam a atenção e despertavam a maledicência alheia; provavelmente isso aconteceria por não ser algo tão corriqueiro. O comentário do cronista Íris, no ano de 1926, sobre um desses encontros furtivos ilustra o modo como a sociedade percebia esses movimentos e a forma como as mulheres reagiam a eles com educação e recato:

Mademoselle, desembaraçada e estralando perfumes leves e deliciosos, entrara na Livraria Santos, procurando, um tanto vexada, um número novo da vida doméstica ou da “Fom-Fom” para presentear uma amiguinha. Após escolher a revista, despediu-se do livreiro, risonha e sedutora e no seu porte de *girl* a *la garçonne*, elegante até a medula, ia saindo quando um cavalheiro, que me ofereceu a curiosidade, ou melhor, a maledicência [...], lhe tolheu o passo com um cumprimento refinado de *gentleman*. Mademoselle corou, mas num sorriso de requintada sedução estendeu-lhe a aristocrática mãozinha de fada, que ele apertou triunfal e febrilmente, em seguida mademoselle foi-se, deixando o rapaz magnetizado a olhá-la até o fim da rua.²⁴⁷

O comportamento das mulheres deveria ser de recato, de domínio sobre as ações corporais, em uma demonstração que o seu corpo era moldado pela disciplina, por normas morais que lhe levavam a agir de forma quase instintiva.

A fala dos cronistas nos jornais a condenar também atitudes de mulheres das camadas populares a dizer que essas assumiam práticas licenciosas, e mesmo escandalosas, como receber homens em casa, ficar nas portas das ruas até altas horas da noite a conversar e a soltar gargalhadas estridentes, a frequentar botequins fora dos horários permitidos a mulheres de família, a se aventurar em passeios às margens dos rios, a se envolverem em brigas com vizinhos ou ainda com os esposos, em escândalos e crimes passionais, tinham também o

²⁴⁷ VIDA social, *O Piauí*, Teresina, ano XXXVIII, n. 22, 28 jan. 1926.

objetivo pedagógico, de dizer para as mulheres das elites e dos grupos médios o que não era permitido para elas, que práticas seriam condenáveis para uma mulher de família ou para uma senhora casada.

Assumir as mesmas práticas era se colocar à margem da sociedade como as mulheres que protagonizavam essas práticas condenáveis se encontravam, era tomar atitudes típicas de mulheres, que, para os padrões de classe média, eram desclassificadas, sem família e sem moral.

A forma de subjetivação feminina aceitável como compatível com a moral social era, em grande parte, produto das estratégias de doutrinação da Igreja católica. Desde a infância, as mulheres eram ensinadas a obedecer, a assumirem posturas de recato, de simplicidade, de resignação, de reservas com o corpo, de não tomar atitudes demasiadamente expansivas, principalmente quando estivesse nos espaços públicos.

A prática escriturística dos católicos teve papel importante na divulgação e incorporação desse discurso disciplinador dos comportamentos femininos. As pregações nos sermões, nas aulas de catecismo, nos retiros espirituais, mas principalmente nas escolas confessionais e nas Associações Religiosas Marianas foram importantes meios de divulgação de um saber que tinha como objetivo definir quais as práticas femininas aceitáveis nos espaços públicos.

Era ensinada e exigida das mulheres uma rígida disciplina corporal, na qual a moral feminina estava ligada diretamente à idéia de continência, de negação dos desejos sexuais; a mortificação do corpo estaria no centro de uma política de valorização da vida espiritual e da busca da santificação e da conquista da salvação eterna. A vivência da sexualidade só seria permitida às mulheres casadas dentro de rígidas normas e exclusivamente com fins de procriação.

O discurso dos literatos católicos ultramontanos²⁴⁸ parece ter obtido boa

²⁴⁸ Sobre o catolicismo ultramontano ver: WERNET, Augustin. *A igreja na sociedade paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987; CAES, André Luis. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas*

receptividade no meio feminino à medida que o apego das mulheres ao catolicismo foi uma tendência muito presente na sociedade e bastante refletida na documentação analisada. Os católicos souberam com muita eficiência criar mecanismos de divulgação de suas doutrinas e de seus princípios sobre a vivência da fé, e sobre os comportamentos e práticas familiares femininas. Se a Associação das Filhas de Maria congregava as jovens e faziam toda uma doutrinação que se mostrava eficiente, conseguindo agregar grande quantidade de moças católicas nos seus quadros, as mulheres adultas e casadas se ligavam ao Apostolado do Sagrado Coração de Jesus. São as práticas dessas mulheres que nos levam a dizê-las como mulheres apegadas à vivência da fé católica, é a frequência a missas, à comunhão, ao confessionário, é a participação em retiros espirituais, as cerimônias de entronização do Coração de Jesus nas residências católicas, a forma como participavam de eventos religiosos ou ainda como eram convocadas pelo Bispo Diocesano para participar de uma grande cruzada em favor da imprensa católica, que nos permitem dizer que a tendência de aproximação entre mulheres e Igreja, tão presente no mundo ocidental desde a segunda metade do século XIX, se apresentava também em Teresina.²⁴⁹

Essa relação entre a Igreja e as mulheres se faz perceptível mesmo nas lembranças, em velhos papéis e pertences dessas mulheres ainda existentes sob a guarda de parentes. Fitas do Coração de Jesus, da Associação das filhas de Maria, patentes de Agregação ao Apostolado da oração, anotações sobre retiros espirituais, e mesmo imagens e quadros do Coração de Jesus e de outros santos são testemunhos dessa estreita relação entre Igreja e mulheres.

Ainda no que diz respeito às práticas cotidianas das mulheres adultas, podemos dizer que a diversidade se impõe, assim como no meio masculino dos grupos de elite e

estratégias de reestruturação da Igreja (1890 – 1934). 1995. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

²⁴⁹ Sobre a relação entre a Igreja Católica e as mulheres no século XIX ver: GIORGIO, de Michela. O modelo católico. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Org.). *História das mulheres: O século XIX*. Porto/ São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL. 1991.

médios, a escolarização ainda não era uniforme. Se muitas mulheres começavam a ter maior acesso à formação escolar, tendência que se acentua a partir da década de 1910, muitas mulheres dos grupos sociais aqui analisados, contavam apenas com poucos anos de escolarização, tendo ainda sua formação centrada principalmente no aprendizado das prendas domésticas. O casamento, os filhos, a casa, onde assumiria as funções de esposa e mãe parecem ser o espaço vital que as mulheres buscam e sonham em concretizar. Se subjetivam como mães, como esposas, como mulheres devotas apegadas ao santuário do lar e à religião. Nesses espaços da casa e na relação conjugal centram suas vidas. Na prática, as relações conjugais se formavam e eram vivenciadas ao sabor dos temperamentos de homens e mulheres, se tornando espaço de afetos, de conflitos, de entrega, de resignação, e possivelmente de infidelidades.

Para muitas mulheres, o casamento assim como, os filhos, apareciam como objetos de desejos, como compensação a uma vida conjugal bem distante do que fora imaginado.²⁵⁰

Nesse mundo onde o casamento, a vida conjugal e a maternidade ganhavam centralidade nas práticas femininas, e onde as mulheres eram ditas como esposas e mães, as que não casavam ou que não vivenciavam a maternidade não se adequando aos modelos, ditos legítimos, serviam também para definir o não vir a ser feminino e ainda para mostrar a diversidade nas possibilidades de existência das mulheres. As solteiras surgem, assim, como mulheres que, de alguma, forma se marginalizavam na sociedade.

Aos dezessete ou dezoito anos, as mulheres passavam a estar prontas para assumir uma relação conjugal. Mesmo as que, por interesses próprios ou familiares, tivessem continuado os estudos até terminar a Escola Normal ou os preparatórios, encontravam-se, nessa idade, prontas a abrirem-se ao amor, a encontrar um homem que lhes preenchesse a vida, que lhes desse uma situação social, filhos e as realizassem como mulher casada. Para

²⁵⁰ As relações conjugais e as relações entre pais e filhos serão objeto de discussão no capítulo 5 do presente trabalho.

muitas, começava uma longa espera, pontilhada de decepções, de expectativa; para algumas, terminava na falta de afetos, estas teriam que se resignar a uma vida solteira.

Enquanto no universo masculino, esse período inicial da vida adulta, em que o casamento ainda não ocorreu, é marcado pelo aprendizado dos amores carnais, passageiros, das noites nos bares, nas brincadeiras com amigos ou em noitadas nos bordéis, para o universo feminino das elites e dos grupos médios, onde o acesso a esse tipo de vida folgada e livre era vetado, o padrão a ser seguido era o do recato, o da espera paciente no espaço da casa.²⁵¹

Nas sociedades tradicionais, as mulheres que não casassem agregavam-se aos que habitavam a casa, sob a proteção dos patriarcas, engajavam-se no trabalho doméstico, ajudando a criar os sobrinhos, integrando-se à labuta feminina, na produção da subsistência da casa. Nas sociedades modernas, à medida que as relações familiares vão sofrendo mudanças, que o espírito de privacidade, de intimidade e de individualidade vão tomando conta das relações familiares, a situação das mulheres solteiras, que não têm condições de sustentar-se por seu trabalho ou por suas rendas, torna-se difícil. A idéia de que não integra a família, de que não faz parte dela vai se tornando cada vez mais presente.

A imagem que Clodoaldo Freitas faz das solteironas é ilustrativa do imaginário do começo do século XX. Clodoaldo retrata um mundo no qual as mulheres não mais casavam pelos arranjos familiares, mas sim por escolhas pessoais. Homens e mulheres casadoiros atraíam-se por seus encantos, por seus dotes espirituais ou estéticos. Dessa forma, a solteirona é representada por Clodoaldo como mulher sem atrativos, não conseguindo levar os homens ao casamento. É assim que ele apresenta a personagem Santinha no romance *Por um sorriso*:

Era uma senhora de cerca de quarenta anos, aloirada, baixa, gorda, feia, iletrada, de gênio irritadiço e muito nervosa, como toda solteirona. Vivia então na fagueira ilusão de ser amada por um rapaz, guarda-livros de uma casa comercial.²⁵²

²⁵¹ PERROT, Michele. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p. 293.

²⁵² FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*, *Correio do Piauí*. Teresina, ano I, out. 1921.

Clodoaldo contempla, em sua descrição, os elementos caracterizadores do estereótipo da solteirona, presente no imaginário da sociedade em análise. São mulheres sem atrativos físicos, posto que não se enquadram nos padrões de beleza: são feias, excessivamente gordas; não têm dotes espirituais, que mostrem ser mulheres inteligentes, pois são mesmo caracterizadas como iletradas; além disso, ainda contam com os traços psicológicos de uma solteirona: irritação e nervosismo.

A descrição de Clodoaldo Freitas reflete o imaginário social sobre a solteirona também no que diz respeito às expectativas matrimoniais. Aos quarenta anos, ainda não desistiu de casar; no entanto, suas fantasias não mais imaginam um rico fazendeiro, ou um bacharel em direito bem situado profissionalmente. Diante das circunstâncias, casar com um rapaz mais novo, guarda-livros de uma loja comercial, capaz de proporcionar-lhe apenas uma vida modesta, passa a ser seu sonho.²⁵³

As solteironas também são problematizadas em crônicas nos jornais. Em 1926, o cronista do jornal *O Piauí* chamava a atenção para as mulheres que não casavam, na sua argumentação dirige-se para a percepção dessas mulheres como frustradas, principalmente, por não procriarem, por não se realizarem como mães:

É mesmo desolador passar pela vida e no meio do perfume, da beleza, do tom e da harmonia e não se embeber nela com o ímpeto dionisíaco. É o caso da solteirona, porque a missão da mulher na terra é a maternidade e se assim não acontece, ela, como a árvore ingrata, não deu a sua sombra a seres vivos, não floresceu os seus galhos, e não sazonou os seus frutos.²⁵⁴

Na documentação analisada, o tom é sempre o mesmo, a solteirona é dita como frustrada por não casar, por não ter vida sexual, por não procriar. Essa é a leitura que a sociedade que tanto valoriza o casamento e a maternidade faz dessas mulheres. O caráter

²⁵³ ANNAES de uma solteirona. Recorte de Jornal desconhecido, colado na caderneta de anotações de Antônio Nogueira Castelo Branco.

²⁵⁴ VIDA solteira [solteironas]. *O Piauí*, Teresina, ano XXXVIII, n. 33, 10 mar. 1926.

irritadiço, os nervos em frangalhos são, segundo Susan Besse, possíveis resultados de uma situação de recalque, de perceber-se à margem dos modelos de vida feminina idealizados.²⁵⁵

Se os novos modelos familiares apontavam para o fortalecimento da idéia de família conjugal, valorizando a intimidade, a privacidade e os laços afetivos entre seus membros, não podemos esquecer que a sociedade em análise está passando por um processo de transição, o que favoreceria a ainda forte presença das sociabilidades tradicionais. Dessa forma, muitas mulheres tinham clareza que seus vínculos familiares e suas obrigações eram, em primeiro lugar, com os pais já encaminhados na velhice. Assim, muitas vidas femininas afastadas da conjugalidade podem ser explicadas, de um lado, pelo interesse feminino em continuar na família paterna, cuidando dos pais; e, de outro, pelo interesse dos pais em continuar com algum dos membros femininos da família à sua disposição para cuidar deles na velhice.²⁵⁶

Outra possibilidade de justificativa para o celibato feminino seria ainda a incompatibilidade social entre as mulheres das classes médias e altas e os possíveis pretendentes. Casar-se com um homem de classe social inferior significaria perder prestígio social, ariscar-se a uma vida difícil do ponto de vista financeiro, e muitas não estavam dispostas a pagar esse preço.²⁵⁷

Por fim, o que pudemos perceber, também, na documentação, é que a sociedade valorizava os novos padrões de relacionamento familiar; por conseguinte, algumas solidariedades típicas das famílias de origem rural continuavam muito presentes na sociedade; e que principalmente os membros femininos que não casavam eram beneficiados por essas redes familiares de proteção mútua. Muitos homens continuavam, mesmo que de forma velada, a assumir o papel de tutor dos familiares que apresentavam carências financeiras. É nesse contexto que podemos entender como muitas mulheres solteiras ou viúvas, mães, irmãs

²⁵⁵ BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 53.

²⁵⁶ FONSECA, Cláudia. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do [não-] casamento entre pequeno-burguesas no início do século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 18. p. 99-120, 1989.

²⁵⁷ FONSECA, op. cit., p. 118.

ou tias poderiam contar com assistências familiares, que se traduziam em oferta de moradia, de agregação ao núcleo familiar de irmãos, tios e sobrinhos, ou apenas com auxílios financeiros que lhes viabilizassem a existência. Como bem argumenta Michele Perrot, era muito mais fácil para as mulheres, da primeira metade do século XX, livrarem-se do casamento do que da tutela masculina.²⁵⁸

No entanto, a melhora nos níveis de escolarização, no decorrer dos anos 1920 e 1930, começavam a abrir caminhos pelos quais as mulheres poderiam garantir certa independência financeira na falta de figuras masculinas. Estamos nos referindo ao trabalho das mulheres como professoras, assim como funcionárias em repartições públicas, como os Correios e Telégrafos ou em outros órgãos públicos. Algumas mulheres dos grupos médios e das elites quando solteiras se subjetivavam fora dos modelos de mãe e esposa, em outros casos procuravam conciliar a vida de mãe e dona de casa com a vida de professora como foi o caso da Senhora Ana Bugyja. Essas mulheres ocupavam espaços nas áreas públicas, mas procuravam manter uma aura de recato em seus comportamentos, mostrando-se como mulheres honestas, distantes de comportamentos que seriam reprováveis aos olhos da moral média da sociedade .

A documentação aponta ainda para outras possibilidades de existência feminina nos grupos médios e de elite na sociedade. Toda a preocupação dos literatos em escriturar as mulheres como mães e esposas, como pessoas que deveriam se subjetivar a partir dessas práticas devia-se, possivelmente, ao fato da vida feminina não transcorrer apenas dentro dos limites desejados pelos literatos. Nem todas as mulheres se subjetivavam como mães e esposas, ou como mulheres religiosas e recatadas que se entregavam à busca da salvação eterna, ou como professoras ciosas do respeito necessário à profissão, ou ainda como mulheres solteiras resignadas a uma vida solitária, celibatária e voltada aos cuidados com familiares. A vida das mulheres era também marcada por desejos e fantasias que não se

²⁵⁸ PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários: *História da Vida privada*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.v.4 p.281-303.

enquadravam no casamento e na maternidade, e que algumas delas se permitiam realizar.

Se o casamento era um espaço de segurança, de estabilidade para as mulheres, ele também poderia servir como um véu de respeitabilidade social, como proteção contra comentários que lhes viessem ferir a moral. É por trás dessa aura de respeitabilidade social que algumas mulheres aproveitam para transgredir, para secretamente vivenciar aspirações que o casamento, como relação institucionalizada, não permitia ou não proporcionava. É assim que Camila, jovem casada com o comendador Herculano se envolve com o jovem Netário, estudante, amigo da família, que estava de férias em sua casa. Sentindo-se seduzida por aquele homem jovem, galanteador, aproveita-se da sua situação de casada para envolver-se com ele. Mantido o sigilo e o segredo da relação, os riscos seriam bem menores, que os enfrentados por mulheres solteiras, não precisando se preocupar com uma possível gravidez, fruto desse romance, pois sendo mulher casada, ninguém haveria de estranhar o fato de estar grávida.

Dona Júlia é outra senhora que aproveitava da sua situação de casada para vivenciar aventuras extraconjugais, as práticas tradicionais que aceitavam a presença constante de estranhos no espaço da casa, serviam como justificativa para a presença de seu amante de forma tão próxima: era empregado do seu marido, era caxeiro da loja, morava na casa do patrão e, em sua ausência, tornava-se amante de Júlia no próprio espaço doméstico. Enquanto Júlia se mantivesse como esposa, todas as portas estariam abertas para ela. Ninguém ousaria afastá-la do convívio coletivo, seriam apenas suspeitas, como muitas outras, passíveis de serem inverdades.²⁵⁹

Maria Adriana, mencionada, neste trabalho, como infanticida, pode também ser percebida de outra forma. Ao ficar viúva não se subjetiva conforme as normas morais da sociedade. Possivelmente até procurasse se mostrar pura como as virgens e vigilante como as casadas. No entanto, a gravidez e o posterior assassinato da criança trouxe à tona o que

²⁵⁹ NEVES, 1985, p. 189-200.

cuidadosamente tentara manter em segredo, a vivência de novos amores, a consumação de desejos que procurava manter em sigilo. Suas práticas mostram que as mulheres, ao contrário de terem comportamentos homogêneos, são múltiplas, seus corpos carregam sentimentos ambíguos, a mesma mulher pode ser simultaneamente, religiosa e adúltera, mãe e amante.

Os desejos femininos não se resumem aos aspectos afetivos, algumas mulheres querem se entregar de forma mais profunda aos estudos, querem fazer os preparatórios para o ingresso em níveis superiores de ensino, sonham em ser advogadas, médicas, em romper com os limites de formação escolar impostos ao seu gênero. No jornal *A Borboleta*, periódico que circulou em Teresina nos primeiros anos do século XX, podemos perceber o discurso feminino em defesa de maiores espaços na escolarização formal. É assim que Maria Amélia Rubim, uma das articulistas do *Borboleta*, conclui os preparatórios para o ingresso no curso de Direito em 1907. No entanto, a educação superior continuará um caminho difícil para as mulheres. Poucas o percorrerão até os anos 1960.²⁶⁰

O que essas mulheres nos mostram é a multiplicidade das possibilidades de vivência feminina. É importante dizer que o não consumo²⁶¹ dos discursos se dava também pela não vivência da maternidade, como definida pelos discursos dos literatos, a existência de amas-de-leite e o eventual descaso de algumas mulheres com os filhos mostra que os discursos da maternidade como algo natural, intrínseco à condição feminina, não chegava ou não era consumido na sua integralidade pelo público feminino.

É sobre esse universo multifacetado que os literatos procuram atuar e dar homogeneidade, mas que, no entanto, se mostra de resultados parciais, pois o próprio discurso escrito se esgarça, se reconstrói, incorpora outras verdades na interação com as práticas cotidianas.

²⁶⁰ Sobre a educação feminina em Teresina ver CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2004.

²⁶¹ A idéia de consumo presente no texto é fundamentada em CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1996.

5 RELAÇÕES FAMILIARES

Passamos a analisar as sociabilidades familiares e o espaço da casa. O casamento, as relações conjugais e as práticas de convivência familiar estão no centro das discussões e dos escritos dos literatos. O empenho com que desenvolvem toda uma argumentação condenando comportamentos percebidos como inadequados e a forma como procuram dar outros significados para as relações conjugais, para o espaço da casa e para a convivência e criação dos filhos são algumas das questões que abordaremos aqui. Começemos a argumentação pela análise de um trecho lapidar de Clodoaldo Freitas, onde, utilizando-se do personagem Jerônimo de Pádua, aborda várias das questões que vão estar no centro da discussão sobre as relações familiares:

Jerônimo seguiu e entrou em casa. Aí onde o não esperavam as carícias de uma esposa, os afagos de filhos queridos, a suave influência da ventura da família e onde era senhor absoluto.

Sentia, agora, o vácuo que se fazia em roda dele, só na vida, rico e sem família. Compreendia quanto era triste a sua existência passada no meio do dinheiro e de escravos, partilhando amores ilícitos com suas escravas, tendo filhos que estavam no cativo, como, entre muitos outros, esse Bartolomeu. O dinheiro que lhe servia pra tanta coisa, não lhe dava confortos morais, paz de espírito, um ninho de bondade feminina, os gozos da família, a bem aventurança dos carinhos dos filhos.²⁶²

O trecho do romance *O palácio de lágrimas*, de Clodoaldo Freitas, retrata a angústia do protagonista Jerônimo de Pádua, diante da solidão que se abatia sobre ele. Acostumara-se à vida no meio dos escravos, a aplicar punições severas aos corpos dos

²⁶² FREITAS, Clodolado. O palácio de lágrimas. *Jornal a notícia*. São Luis, ano LXI, n. 11094, p. 2. 22 jun. 1910; FREITAS, Clodoaldo. O palácio de lágrimas. *Jornal a notícia*. São Luis, ano LXI, n. 11098, p. 2. 28 jun. 1910.

cativos, a se utilizar dos corpos das mulheres para saciar suas vontades, seus desejos, a escolher, entre as muitas escravas, sua favorita eventual, gerando filhos para viverem em cativeiro. O que mais angustiava o personagem de Clodoaldo era a sua incapacidade de ter construído uma família, um lar, uma casa confortável, onde o carinho da esposa e dos filhos lhe traria o descanso, a paz de espírito, a confiança de sentir-se querido, confortável, aconchegado no meio dos seus. Uma família onde os laços de afetividade e de respeito unissem pais e filhos.

Clodoaldo Freitas coloca no pensamento e nos desejos de Jerônimo de Pádua o padrão familiar moderno. O que ele desejava era uma família nuclear, onde a casa representasse o espaço de intimidade, de convivência reservada, separada do resto do corpo social, onde a família, formada por pai, mãe e filhos, pudessem conviver intimamente; onde a esposa fosse a companheira legitimada por uma relação conjugal, moldada na livre escolha dos cônjuges, onde o amor, o afeto e o respeito se fizessem presentes, onde os filhos completassem esse cenário familiar ocupando espaço central na vida dos pais, e ainda, onde homens e mulheres pudessem exercer a paternidade e a maternidade com desvelo e atenção.

A família, como definida anteriormente, está no centro da prática escriturística desenvolvida pelos literatos. É esse modelo familiar moderno que eles prescrevem à sociedade como o mais adequado, como o modelo que traria maior equilíbrio emocional às pessoas e que se adaptaria também ao novo ordenamento social em construção. Essas novas idéias sobre a família mostram que o discurso dos literatos estava ligado a toda uma teorização sobre a família, desenvolvida por filósofos europeus nos séculos XVIII e XIX. Nesse período a família foi alçada à condição de célula base da sociedade, sendo percebida como centro irradiador do novo ordenamento social, tornando-se para pensadores ocidentais objeto de saber e poder. Filósofos como Kant, Hegel, Guizot e depois Comte e Spencer, ou ainda teóricos ligados ao catolicismo dedicaram parte de seus escritos e preocupações à família. Acreditavam que tal instituição era importante demais para ser deixada ao acaso. Na verdade

procuravam elaborar saberes que influenciassem as práticas familiares cotidianas, no sentido de transformá-las, adequando-as a padrões discursivos impostos como verdades, como padrão hegemônico.²⁶³

Influenciados por essas idéias provenientes de uma cultura escrita, os literatos concentrarão esforços na definição e divulgação de idéias que balizassem as relações de gênero e as relações familiares. Entre as propostas defendidas pelos literatos estava a definição das fronteiras entre os espaços públicos e privados. Em sua escrita as distinções entre essas esferas da vida social deveriam ser bem marcadas, os espaços públicos caracterizavam-se como o espaço da política, dos negócios, do trabalho produtivo, tornando-se espaço de ação masculina por excelência. Os homens ditos pelos literatos como de maior vigor físico e assim naturalmente aptos aos trabalhos que necessitam de decisão e esforço intelectual estariam mais ajustados aos espaços públicos.

Os espaços privados, por seu lado, seriam ditos como lugar privilegiado da vida doméstica, da vivência familiar, de felicidade, de paz, de aconchego, tranquilidade e segurança. Neles as mulheres ditas como sensíveis, modestas e recatadas encontrariam o espaço perfeito para exercitarem a maternidade, para criarem os filhos, com afeto e segurança. A casa seria espaço de convívio da família, reservado à privacidade de seus membros, resguardado de influências mundanas.

Os historiadores que analisam as relações familiares na transição das sociedades tradicionais para a modernidade afirmam que as transformações nas relações familiares se davam em três aspectos: primeiro, no aspecto já tratado, da construção de uma nova idéia da casa como espaço de intimidade, de convivência reservada, separada do resto do corpo social, por parte dos membros da família; segundo uma nova forma de percepção e vivência da relação conjugal, onde a idéia de amor, de livre escolha entre os cônjuges, tornava-se o novo eixo das ligações familiares; e em terceiro, a nova forma de relacionamento que passava a

²⁶³ PERROT, Michelle. A família triunfante. In: PHILIPPE, Áries; GEORGES, Duby. *História da vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. v. 4. p.93-103.

existir de maneira mais intensa entre pais e filhos, na forma do amor materno e paterno. Os três aspectos apontam para a construção da vivência de relações familiares modernas.²⁶⁴

A análise se desenvolverá partindo inicialmente dos três pontos apresentados anteriormente e, em seguida, trataremos de outro ponto que aflora de forma intensa na documentação, que é a discussão sobre a institucionalidade das relações conjugais.

Os literatos que assumem a prática de escriturar²⁶⁵, de definir, de prescrever à sociedade a forma que as relações familiares deveriam seguir, constroem um saber, uma verdade sobre essas relações que tinha como objetivo ajustá-las a padrões discursivos que buscavam se impor como hegemônicos. Definiam o que seria legítimo, aceitável, mas também, o que seriam práticas condenáveis, que deveriam entrar em desuso, serem abandonadas como coisas rústicas, ultrapassadas, velhas. Hábitos arraigados nas sociabilidades, na forma de convivência provinciana e quase coletiva que era a marca da sociedade, onde os literatos atuavam.

A literatura surge assim como um meio, como uma estratégia de ação que seria utilizada pelos literatos para entreter, para ser consumida com prazer, mas também para educar. Teria um sentido didático, faria a propaganda de modelos familiares, de formas de convivência. As formas assumidas por essa prática escriturística, bem como o seu consumo é o que interessa de perto a nossa investigação.

Na documentação analisada, a casa não parece ser significada pelas pessoas como sendo lugar de intimidade, de privacidade dos membros da família. De portas e janelas abertas para a rua, às casas parecem manter com os espaços públicos uma relação interativa. Casa e rua formam uma unidade na Teresina do final do século XIX e início do século XX. As pessoas penetravam nas residências vizinhas, sem muita cerimônia, sem se fazer anunciar

²⁶⁴ Os historiadores que nos fundamentamos para fazer essa afirmação são: SHORTER, Edward. *A formação família moderna*. Lisboa: Terramar. 1975; FLANDRIN, Jean Louis. *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade tradicional*. Lisboa: Estampa. 1995; MACFARLANE, Alan. Amor e capitalismo IN: *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1987. p 158-179.

²⁶⁵ Sobre a idéia de prática escriturística ver: DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.

previamente, sem avisar de sua entrada e não percebiam nisso nenhuma inconveniência, nem uma transgressão das normas sociais de convivência.

Outro hábito sintomático da falta de percepção da casa como espaço de intimidade diz respeito à constante presença de pessoas estranhas a dividir com os familiares o espaço da casa. No romance *Um manicaca*, o personagem Luiz Borges é empregado da loja de Araújo e mora nos fundos da casa do patrão, fazendo as refeições juntamente com a família. Bugyja Brito, ao falar de sua família, às vésperas de mudar-se de Oeiras para Teresina, retrata a convivência de várias gerações da família vivendo no mesmo espaço doméstico. Cristino Castelo Branco fala da presença de alguns primos que, vindos do interior do Piauí, passavam a residir na casa agregando-se ao grupo familiar. A diversidade parece ser a regra, nem a idéia de família nuclear, nem tão pouco a percepção da casa como espaço de intimidade e privacidade parecem ser a regra da sociedade nesse momento.

Um terceiro fator que dificultava a intimidade e privacidade dos moradores da casa eram as próprias condições físicas dessa construção. Muitas vezes, seguindo concepções arquitetônicas antigas, caracterizavam-se pela presença de alcovas, de meias paredes, de portas com trancas frágeis ou mesmo inexistentes. O hábito de trancar-se determinava a imposição de limites às outras pessoas, era a demarcação de um espaço segregado aos da casa, e isso não era bem visto na mentalidade da sociedade tradicional.²⁶⁶

Na prática de escriturar, de dar novos significados a casa, os literatos definiam as novas sociabilidades, apontavam para a distinção entre espaços públicos e privados. Cada vez mais as atividades produtivas e mesmo as de lazer deveriam migrar para os espaços públicos, restando à casa, tornar-se um lugar mais reservado, onde a família pudesse usufruir de sentimentos novos, caros às sociabilidades familiares modernas, como a sensação de intimidade e de privacidade.

No romance *Um manicaca*, Abdias Neves dá vazão à prática de definir

²⁶⁶ GAY, Peter. *A educação dos sentidos: A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 320.

escriturísiticamente essa nova concepção dos espaços sociais, estabelecendo distinção entre espaços privados e públicos. Procurando didaticamente apontar para novos comportamentos e para a inconveniência de determinadas situações tão usais na sociedade, o autor mostra-se capturado pela idéia burguesa de privacidade, pela positivação da intimidade na vida conjugal e familiar, e ainda, por um pudor com relação ao corpo e à sexualidade.²⁶⁷

O espaço da casa é então ressignificado por Neves como lugar de repouso, reservado à família onde a presença de estranhos deveria ser algo eventual e seguir ritual de apresentação. As práticas tradicionais, no entanto apontavam para certa indistinção entre o que era público e o que era privado. Por isso, Abdias recorre à representação de algumas situações para mostrar sua reprovação a essas atitudes.

Reprovável para ele era o comportamento do personagem Pedro Gomes, que, ao chegar em casa à noite, entra no quarto da filha Júlia sem avisar. “Sem refletir na inconveniência do que ia fazer, fora ao quarto onde dormia a moça e abriu a porta.”²⁶⁸ Ao rotular tal situação como inconveniente, o autor acena para a idéia de que o quarto de dormir deve ser percebido como espaço de intimidade, devendo ser preservado dos olhares. O segundo fator de inconveniência na atitude de Pedro Gomes é o fato de entrar desavisadamente no quarto de uma mulher, o pudor que deveria cercar esse espaço de intimidade feminina não permitia que fosse violado principalmente por pessoas de outro sexo.

Um segundo momento em que Abdias Neves trata da inconveniência da presença de pessoas estranhas aos espaços privados retrata a forma sem cerimônia como as pessoas entravam na casa onde residiria o futuro casal Praxedes e Mundoca, a atitude não causa nem uma estranheza nem ao proprietário da casa, nem aos visitantes, que pareciam estar cumprindo um ritual corriqueiro e usual na cidade:

²⁶⁷ ARIÉS, Philippe. Por uma história da vida privada. *História da Vida Privada*. São Paulo: Companhia das letras, v.3. 1992.

²⁶⁸ NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: projeto Petrônio Portela, 1985, p. 38.

Desde 11 horas da manhã apareciam visitantes, apesar do sol que escaldava a rua. Entravam sem cerimônia, por toda parte, vendo tudo, dando a procedência de alguns objetos, discutindo o preço de outros, fazendo alusões, abusando da ausência do noivo para não deixarem coisa alguma sem exame rigoroso. A todo o momento estalavam risos pela casa, sonoramente acentuando pilhérias mais ou menos picantes. [...]. Todo mundo, senhoras e moças especialmente, ali entravam e saíam, muito naturalmente, sem pensar na impertinência da visita, desculpadas pela opinião que sancionava esse costume. Fazia-se, com o Dr. Praxedes, o que se fazia com os outros noivos.²⁶⁹

Em outro trecho do romance, Abdias utiliza-se do personagem Ernesto, aluno de Direito na Faculdade do Recife, rapaz que freqüentara outros meios, aprendera novas formas de sociabilidades e agora comentava da inconveniência, do atraso de certos hábitos usuais na cidade no começo do século XX. Desta feita, a crítica de Abdias direciona-se à exposição do leito nupcial de Praxedes e Mundoca aos mexericos e comentários:

O Piauí será sempre o Piauí, Capitão; jamais será outra coisa. Todos os dias encontro novo sintoma de atraso e fale-se que é um Deus nos acuda! A festa está correndo regularmente. Mas uma coisa está encabulando-me. Quer saber?

Diga-me, você que conhece melhor a terra: para que aquela cama exposta, bem às vistas de todos? Tinham seguido conversando e achavam-se sentados, frente a frente, na alcova. [...] Para quê? Diga! – Fica em exposição, defronte das janelas, preparada, cheirosa, à espera dos noivos
- [...] Ontem vi duas senhoras sentarem-se aí. Riam-se apalpando os colchões, revolvendo os travesseiros. Que alegria era essa?

- [...] Não são apenas essas duas ou três moças. Os rapazes andam pior. Vi alguns se sentarem aí, fazendo as mais cruas observações.²⁷⁰

Abdias procura com sua escrita dar novos significados aos espaços domésticos, defini-los como espaços privados, onde a presença de pessoas que não pertencessem a casa

²⁶⁹ NEVES, 1985, p.101

²⁷⁰ NEVES, 1985, p. 131.

seria um incômodo, uma atitude descortês. No entanto, faltava à população a compreensão da inconveniência de certas atitudes. Determinados espaços da casa como o quarto, deveriam se tornar espaços de privacidade, onde se daria de forma escondida, segredada o enlaçamento íntimo do casal, esse lugar deveria ser preservado de comentários, de indiscrições, de visitas abusadas, que procuravam usar da imaginação para desvendar os momentos íntimos, os primeiros contatos entre os esposos.

A vida íntima do casal a eles pertencia, a sexualidade deveria tornar-se assunto íntimo, reservado, que, deveria fazer parte de seu segredo mais escondido. O pudor em torno da noite de núpcias e da vida afetiva parece se instalar como valor nas sociedades burguesas. É a esse sentimento que Abdias se refere, quando Mundoca é intimada pelas amigas solteiras, a lhes revelar os acontecimentos da noite de núpcias. Mundoca, para livrar-se da insistência das amigas, promete contar-lhes tudo o que ocorresse durante a noite, no dia seguinte, entretanto, nada revela. Seu silêncio sobre a noite de núpcias é enaltecido por Abdias Neves como uma atitude correta, o segredo da vida conjugal mantêm-se entre o casal.²⁷¹

A fala de Abdias procura dar outros significados também à vida conjugal e à sexualidade. Os literatos condenavam a indiscrição das pessoas em indagar sobre a noite de núpcias, sobre a vida sexual do casal, para ele esse espaço íntimo da vida conjugal deveria ser respeitada pelos demais.

Abdias Neves critica ainda a atitude das amigas de Mundoca em outro momento. Quando a noiva se preparava para a cerimônia de casamento, as amigas a acompanharam dentro do quarto e, ainda mais: sem perceberem nenhuma inconveniência na situação, observaram todo o ritual de tomar banho e de arrumar-se da noiva. Abdias vê nessa atitude uma grande intromissão na privacidade das pessoas, e demonstra todo o seu incômodo no seguinte trecho: *Mundoca, entretanto banhava-se na presença de Rosinha e Emilia Figueiredo que tinham vindo passar o dia em sua casa. Não houve meio de evitar que a*

²⁷¹ GAY, op. cit, p. 319-324.

*acompanhassem ao banheiro e lá estavam tagarelando.*²⁷²

A crítica de Abdias Neves se estende também à frequência de pessoas estranhas no espaço da casa. Os hábitos coloniais que contavam com a presença de inúmeros serviçais e agregados, que faziam da família grupo de pessoas que iam muito além do marido, da mulher e dos filhos, reunindo indivíduos que não tinham entre si nenhum laço de consangüinidade²⁷³ eram percebidos por Neves, como fator de risco à privacidade dos membros da família. É assim que os boatos sobre supostas intimidades entre Praxedes e Mundoca, antes do casamento chegam até à feira e espalham-se como rastilho de pólvora, através da indiscrição de uma serviçal: “a criada contou na feira e espalhou-se.”²⁷⁴

A presença de estranhos, de serviçais é sempre apontada pelos literatos como motivo de desequilíbrios, de quebra da ordem, como provocadores de conflitos. É assim que Abdias critica a presença de Luiz Borges, funcionário de Araújo, que vai morar num quarto na casa do patrão. Divide com a família os mesmos espaços, convive cotidianamente, com todos, aproximando-se perigosamente de Júlia e acabando por envolver-se com a mulher do patrão, se tornando seu amante. Para Abdias Neves, os encontros dos amantes eram possibilitados pela proximidade e convivência que Luiz Borges tinha dentro da casa do patrão.

Clodoaldo Freitas também expressa a mesma opinião em seus romances. Em *O palácio das lágrimas*, a casa de Jerônimo de Pádua, rico comerciante e dono de muitos escravos, é caracteristicamente marcada pela falta de intimidade e privacidade entre o proprietário e seus familiares. A casa era habitada por parentes, por escravas que cuidavam das tarefas domésticas cotidianas e de uma produção de rendas e bordados, o que serviam sobretudo, para Jerônimo escolher suas favoritas ao posto de amantes.

O romance mostra que a privacidade da casa torna-se ainda mais fragilizada diante da chegada do novo sócio de Jerônimo que, atendendo a convite do anfitrião, traz para o

²⁷² NEVES, 1985, p.109.

²⁷³ COUTINHO. Maria Lúcia Rocha. *Tecendo por trás dos panos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.31-35.

²⁷⁴ NEVES, 1985, p.126.

convívio da casa, a mulher, as cunhadas e os filhos pequenos. A casa torna-se espaço de brigas, de interesses, de amores ilícitos, culminando com o assassinato de Jerônimo de Pádua dentro da sua própria casa.²⁷⁵

Em *Por um sorriso*, Clodoaldo Freitas volta mais uma vez a criticar a inconveniência da presença de pessoas estranhas no espaço familiar. Desta feita é o jovem estudante de Direito, que, ao passar as férias na fazenda da família de um amigo, torna-se motivo de inúmeros distúrbios, ao envolver-se secretamente com a madrasta do colega. Mais uma vez é a presença de pessoas de fora que promove conflitos e desarranjos.²⁷⁶

As condições de construção das casas são ainda um fator que dificultava a vivência da privacidade. No romance *Um manicaca*, Abdias retrata como as portas mal fechadas e frágeis foram responsáveis pela descoberta dos segredos íntimos da personagem Júlia. Quando moça, o pai flagra o seu encontro íntimo com o namorado no quarto de dormir, depois de casada é o marido quem flagra seu encontro com o amante. Entretanto, as condições materiais de moradia poderiam, por outro lado, facilitar e encobrir determinadas atitudes ousadas. É assim que a escuridão da noite e a fraca iluminação das casas, bem como o hábito de manter pequenos pomares nos quintais, ou ainda a construção de estábulos, de depósitos nos fundos das casas, serviriam para encontros entre amantes audaciosos.²⁷⁷

Na prática escriturística dos literatos, a família deveria ganhar ainda outros significados, ao incorporar às suas práticas novas sensibilidades entre os seus membros. Deveria se tornar um lugar quente de afetos, onde pai, mãe e filhos deveriam vivenciar a troca de carinhos e atenção. Não significa dizer que essas sensibilidades, as trocas de carinho e apreço mútuo só passaram a existir no período em estudo, mas que as novas sensibilidades se impunham no discurso dos literatos como norma social pela qual as pessoas passariam a ser

²⁷⁵ FREITAS, Clodoaldo. O palácio das lágrimas. *A notícia*. São Luis, ano XLI, n.11093 a 11.100, 21 jun. 1910 a 30 jun. 1910.

²⁷⁶ FREITAS, Clodoaldo. Coisas da vida. *Diário do Maranhão*, São Luis, ano XXXIX, n. 10.628 a 10.660, 16 dez. 1908 a 23 jan. 1909.

²⁷⁷ NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

cobradas.

No mundo de sociabilidades familiares modernas, que os literatos escrituravam como corretas, como apropriadas, certas práticas familiares presentes nas sociedades tradicionais assumiam caráter condenável. Deveria entrar em declínio o universo social tradicional onde os interesses individuais sucumbiam diante das vontades familiares representadas pelos homens na função de pai, em que os casamentos não tinham como motivação principal os desejos sentimentais dos nubentes, não sendo espaço de paixões, de encantos e realizações amorosas.

As práticas tradicionais permitiam que acertados os pontos de interesses dos grupos familiares, se fizessem casamentos entre pessoas que não tinham grandes afinidades, a não ser o fato de pertencerem a um mesmo grupo social, ou mesmo familiar. A disparidade de idades, que era uma barreira na aproximação e na construção de laços afetivos entre o casal, tornava-se prática condenada pela escrita dos literatos.

No entanto, nessa sociedade, a relação de subordinação das mulheres às figuras masculinas até mesmo exigia essa diferença etária, posto que, muitas vezes, viria a favorecer a construção de uma relação de submissão feminina, pois diante de homens maduros, as mulheres, quase meninas, assumiam uma postura respeitosa. Ainda no início do século XX, as mulheres não perceberão no esposo um igual, a ele sempre estarão reservadas algumas regalias, maior liberdade de ação social, melhores lugares, melhores refeições, um certo ar de reverência ao marido senhor. Mesmo no aspecto da vivência da sexualidade, os homens continuarão a ter regalias inimagináveis às mulheres.²⁷⁸ No entanto, certas práticas, como o envolvimento sexual dos esposos com as mulheres serviçais da casa, passava a ser uma prática desrespeitosa e socialmente condenável, a esposa-mãe, legitimada pelo casamento, deveria agora ser respeitada no espaço da casa.

Nos romances, nas crônicas e nas poesias dos literatos encontramos considerável

²⁷⁸ RAGO, Margareth. *Os prazeres da Noite*. São Paulo: Paz e Terra, 1991. p.47.

quantidade de textos que objetivavam condenar as práticas tradicionais em torno das sociabilidades familiares, ao tempo em que valorava positivamente as propostas modernas.²⁷⁹

Diante dessa nova dimensão que a sociedade ocidental estabelece para as relações familiares, a temática do amor ganha espaço na escrita dos literatos, problematizada de forma bastante profícua, apontada como altamente desejável nas relações entre pais e filhos e entre os casais. Dessa forma, Clodoaldo Freitas, em várias oportunidades, constrói reflexões sobre o amor, sobre sua importância e relevância, vai assim definindo tipologias, escriturando as formas de amor que seriam mais apropriadas aos relacionamentos conjugais, assim como as que poderiam ser vivenciadas fora da conjugalidade.

Ao tratar do amor entre um homem e uma mulher, ele define a existência de três tipos de amor possíveis. Em primeiro lugar, o amor presente na vida das pessoas íntegras, fortes, indivíduos são de corpo e espírito; essas pessoas são capazes de nutrir pelo ser amado um amor terno, calmo, paciente superior e resistente a todos os sofrimentos e dificuldades. Um segundo tipo de amor definido pelo autor o amor vibrante, ruivinho, doentio, pois tornava as pessoas capazes de cometer suicídio, ou de matar o ser amado. É o amor dos crimes passionais. A terceira e última forma de amor descrita por Clodoaldo Freitas é o amor vulgar e banal, marcado pelo desejo intempestivo, lascivo e efêmero, “que uma noitada sacia e a ausência de um dia apaga”.²⁸⁰

Para Clodoaldo, as pessoas deveriam compreender a natureza dos sentimentos e, a partir daí, buscarem o amor terno, calmo, somente ele poderia trazer o equilíbrio às relações familiares. Na sua problematização há, também, a clara intenção de disciplinar os afetos, de legitimar e prescrever como mais apropriados alguns tipos de amor, mais contidos, brandos e de condenar as paixões onde o desejo, os prazeres ligados excessivamente à libido, e por isso mesmo, capazes de provocar transtornos aos princípios disciplinadores das relações entre os

²⁷⁹ D'INCÃO, Maria Ângela. O aburguesamento da família e as novas formas de sensibilidade. IN: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: UNESP/Contexto, 1997.

²⁸⁰ FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. *Correio do Piauí*. Teresina, ano I, n. 61, 15 dez. 1921.

sexos.

As mulheres são definidas por Clodoaldo Freitas como as maiores vítimas dessas relações amorosas que só visam saciar os desejos da carne. Ditas como fisiologicamente frágeis e sem contar com formação moral apropriada para resistir aos instintos carnis acabam sendo vítimas de homens inescrupulosos, de uma gravidez indesejada decaindo socialmente e moralmente diante das tiranias sociais que a desqualificam. Clodoaldo ilustra os perigos da referida forma de amor em *Mãe dolorosa*, através da personagem Maria, grávida e abandonada pelo amante:

Todo mundo ama assim, por que deseja assim o sexo oposto. Encontram-se duas criaturas e apaixona-se uma pela outra. É o cio, é o desejo carnal, é a ânsia pelo gozo material. O cio passa de ambos os lados com a saciedade, que o verdadeiro amor desconhece. Daí o esquecimento, o tédio, o abandono, a tão fadada ingratidão. Tu amaste assim, não foi?

Todos nós amamos assim. E porque amaste e foste amada assim, esqueceste e foste esquecida!²⁸¹

Em 1904, em artigo na coluna *Em roda dos fatos*, Clodoaldo Freitas apresenta um crime passionai, onde dois jovens apaixonados pela mesma moça duelam entre si, o resultado da peleja foi a morte de um dos rapazes, e o julgamento e posterior prisão do outro, ficando a moça livre para escolher um terceiro rapaz. Diante de tão desastroso e insensato acontecimento, Clodoaldo aproveita para, mais uma vez, problematizar a questão do amor. Desta feita aborda a questão enfatizando a combinação desastrosa das paixões avassaladoras em pessoas insensatas e desequilibradas. Segundo ele, um amor violento que levava ao suicídio ou ao assassinato tornara-se há muito uma enfermidade, fugindo totalmente aos limites da normalidade. Termina a sua argumentação enfatizando que as paixões e as decepções amorosas precisam ter as suas conseqüências contidas pela polidez, pela civilidade.

²⁸¹ FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. *Correio do Piauí*. Teresina, ano I, n. 61, 15 dez, 1921.

Matar, destruir o outro física e moralmente é deixar-se levar pelos instintos animais que depõem contra a civilidade.

Clodoaldo também afirma que o amor romântico precisava respeitar alguns limites, caso contrário, a dor e o sofrimento fariam-se irremediavelmente presentes. No romance *Os Burgos*, a dor e o sofrimento são provenientes dos excessos do amor romântico em um caso extremo, a relação incestuosa entre os irmãos Burgos, que apaixonados, embebedos pela doçura do amor paixão, enveredam por uma relação incestuosa, rompendo com os limites morais da sociedade. Pagam com a morte, a infâmia e a infelicidade por tal ousadia. A relação moralmente condenável sofre, na perspectiva do autor, também sanções da natureza, à medida que os filhos da relação incestuosa nasciam mortos. Relações infrutíferas, fadadas à infelicidade. As escolhas amorosas deveriam recair sobre relações sadias, respeitando os princípios morais, e os ensinamentos da ciência, que condenava as relações entre parentes próximos.²⁸²

Seguindo na tarefa de esclarecer sobre as formas corretas de vivenciar a afetividade, Clodoaldo cria inúmeros casos em que o amor é encarado de forma positiva. Objetivado por ele como um sentimento calmo, paciente, capaz de resistir à distância e ao tempo. É esse amor verdadeiro que une Santinha e Emílio no romance *Memórias de um velho*, a distância, os inúmeros desencontros da vida afastaram os dois por muito tempo, fazendo com que se reencontrassem já na proximidade da morte de Santinha, que morre tranqüila, serena, na certeza de ter consigo o amor de Emílio. O verdadeiro amor é escriturado por Clodoaldo Freitas como algo que não busca apenas saciar os instintos carnis, é coisa de pessoas de espírito íntegro, que amam o corpo, mas, também, o espírito, pessoas que sabem cuidar, proteger, compreender, perdoar e esperar.²⁸³

As opiniões de Max Linder, cronista do jornal *Piauí*, sobre o amor e a paixão,

²⁸² FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos I. Litericultura*. Teresina, v. 1, p. 22-31, jan.1912.

²⁸³ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho. Jornal pátria* Teresina, ano IV, n. 254 a 272. 17 jan. 1906 a 09 fev. 1906.

aproximam-se muito das idéias de Clodoaldo Freitas. Max Linder diz o amor como algo sereno, brando, que tem fundas raízes no coração. O amor e sua serenidade só seriam interrompidos, no seu equilíbrio, pelo ciúme. A paixão, por seu lado, é dita pelo cronista como algo tempestuoso e perigoso que deveria mesmo ser evitado. Mais uma vez o que parece interessar aos cronistas é a valorização dos comportamentos contidos, disciplinados, o amor desejável e sábio é dito como algo suave, as manifestações avassaladoras, capazes de provocar transtornos nas relações afetivas, deveriam ser abandonadas:

Cuidado, Malle! Aquele incêndio no coração de Mr. mais parece paixão que amor. O amor falo-ia resignado, quando algum indiferentismo notasse e indicaria outros meios de reconciliação que não o desespero.²⁸⁴

Os católicos também problematizam o amor e o apontam como algo imprescindível para as escolhas e motivações conjugais. No entanto, o amor paixão seria reprovável, só servindo para incendiar os corpos e colocá-los a procura de satisfazer os desejos, devendo assim, ser evitado como motivação principal no casamento. Dito como algo efêmero, passageiro, era visto como o responsável por muitos casamentos que acabavam em separações e conflitos. O amor era indispensável numa relação conjugal, no entanto o sentimento que seria desejável seria uma forma de amor calmo mais intenso, duradouro, que seria capaz de resistir às renúncias, a todos os sacrifícios da vida conjugal.

No entanto um grupo social que durante séculos viu nas escolhas conjugais um assunto de família, que envolvia interesses econômicos, a transmissão do patrimônio familiar e mesmo a criação de novas unidades produtivas; ou ainda o momento propício de fortalecer as alianças com outros grupos familiares de elite, não passará, a não ser de forma gradual a outras motivações nas escolhas conjugais. A prática de casamento entre parentes ou dentro do mesmo grupo social continuará ainda muito presente na sociedade, no entanto, os rapazes e as

²⁸⁴ LINDER, Max. Movimento social filmes . *Piauí*. Teresina, ano XXX, n. 284. 29 mai. 1919.

moças seriam agora treinados para fazer as próprias escolhas.

Ao observarmos atentamente a documentação, podemos perceber a multiplicidade das práticas presentes nas escolhas conjugais na cidade de Teresina, no período em análise. Lançaremos inicialmente os exemplos criados por Abdias Neves no romance *Um manicaca*. Abdias discute em várias passagens do texto as relações conjugais, condenando determinadas atitudes como tradicionais, antigas, e por isso mesmo incompatíveis com os novos modelos de sociabilidade moderna. È assim que inicia suas críticas aos modelos tradicionais apontando a desigualdade nas idades e as escolhas que levaram em consideração os interesses familiares em detrimento das vontades individuais.

O caso da personagem Júlia é ilustrativo dos interesses que estavam em jogo nas escolhas conjugais. Júlia é filha de Pedro Gomes, comerciante relativamente bem aquinhado na cidade, podendo sonhar com um genro que fosse comerciante, ou bacharel, um homem que desse continuidade ao processo de ascensão social que ele vinha conseguindo. No entanto, a escolha da filha recai sobre Luis Borges, empregado no comércio na função de guarda-livros. Ao apresentar o pretendente ao pai, a reação desse foi de completa contrariedade, não aceitando a hipótese de casar a filha com um simples empregado do comércio. A escolha da moça foi prontamente rechaçada pelo pai que via no casamento da filha, não a sua realização pessoal, a felicidade conjugal, mas, uma moeda de troca, capaz de propiciar a ele uma boa aliança familiar. Pedro Gomes acaba casando a filha com Araújo, um homem mais velho que Júlia, um tipo sugestionável, porém com boa situação financeira. A moça casa, mesmo contra sua vontade.

O referido casamento é assim construído por Abdias Neves como uma relação viciosa desde a sua origem. Além da falta de afinidade entre os noivos, a desigualdade nas idades seria outro fator negativo. Araújo, mais velho, não poderia corresponder aos anseios de uma mulher Jovem como Júlia.

Precisava de um marido de vinte anos e o que lhe fora imposto pela vontade paterna estava em condições de adotá-la como filha. Precisava de um homem são, e o pai que não quisera atendê-la, havia lhe dado um moribundo, para quem a sepultura escancarava, como numa gargalhada de zombaria, a boca desdentada.²⁸⁵

Se Araújo torna-se manicaca, se, além disso, é traído pela esposa, isso se devia aos vícios de origem do relacionamento. Júlia, por seu lado, é descrita por Abdias como vítima do jogo de interesses do pai, das normas sociais patriarcais que davam aos homens poder excessivo e discricionário sobre os filhos.

Um segundo casal retratado por Abdias Neves no romance é o casal Praxedes e Mundoca. A relação dos dois aparece no texto de Neves como modelo paradigmático, casal formado a partir da livre escolha, pela admiração mútua, pelo conhecimento prévio e pelo estudo dos comportamentos e idéias de ambas as partes. Além do já exposto, Mundoca nutre devotado respeito às opiniões e idéias de Praxedes, o que dá ao casal o equilíbrio necessário para a manutenção da relação. Não há imposição familiar para o início da relação, porém os dois fazem escolhas totalmente compatíveis para os seus grupos familiares. Para a família de Mundoca, a filha casava muito bem, um rapaz de boa família, de boa formação, capaz de sustentar a moça e de trazer prestígio social à família da noiva, afinal de contas era um bacharel.

A escolha de Praxedes por seu lado era totalmente aceitável, Mundoca era mulher reservada, serena, boa filha, capaz de tornar-se uma boa esposa e mãe exemplar. Além disso, era filha de um rico comerciante, bem situado na cidade, o que tornava Mundoca uma mulher bem dotada para ser a esposa de um bacharel de futuro.

Se o exemplo de Praxedes e Mundoca é retratado por Neves como caso exemplar, onde dois jovens de idades e condições sociais equivalentes iniciam um relacionamento de aproximação de onde brotam sentimentos e desejos mútuos, que acabam por desaguar na

²⁸⁵ NEVES. 1985, p. 192.

felicidade conjugal, o caso de Júlia e Araújo, cujo casamento nascia da imposição paterna, e não dos desejos e sentimentos dos cônjuges, e onde a diferença de idade, de mais de dezesseis anos, se impunha como outro empecilho, é criado pelo autor como uma relação doentia, viciosa, fadada à infelicidade e à infidelidade conjugal.

O casamento de Higino Cunha bem como o de Abdias Neves, dois bacharéis em Direito, se aproximam muito do casal Praxedes e Mundoca. Os dois são formados em Direito e casam-se com filhas de um rico comerciante em Teresina. Se Higino Cunha tivesse se contentado com seu emprego inicial do comércio, se não tivesse contado com o apoio familiar e de amigos para dirigir-se ao Recife, onde cursou a Faculdade de Direito, teria conseguido conquistar a sua esposa? Possivelmente não teria tido condições para entrar na disputa pelo amor da rica senhorita, ou pelo menos não teria tido a mesma receptividade da família da moça.

A prática bastante comum nas famílias piauienses do enlace matrimonial de parentes, principalmente entre primos e entre tios e sobrinhas, continua presente no período em análise.²⁸⁶ O caso do Sr. Fenelon Castelo Branco mostra que a prática de enlaces matrimoniais entre pessoas aparentadas começava a apresentar novas motivações. No dia 02 de fevereiro de 1901, Fenelon Castelo Branco casou-se com Ana Fortes Castelo Branco, sua parenta próxima. O matrimônio dos dois teve vida curta, pois, em 09 de maio de 1901, Ana veio a falecer. Após a morte da esposa, Fenelon, parece ter entrado num luto marcado pela dor de saudade da mulher amada. Escreve 35 poemas de amor dedicados a sua falecida esposa. Em maio de 1902, publica o livro *Ano de Luto*, com os poemas que escreveu para a primeira mulher. Fenelon mostra-se, dessa forma, homem capturado pela idéia do amor romântico, pelas novas formas de masculinidade, marcadas pela sensibilidade e pelo investimento

²⁸⁶ BRANDÃO. Tanya. *A elite colonial piauiense*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. p.130-159; CASTELO BRANCO FILHO. Moyses. *Manuel Tomaz Ferreira: Um patriarca Castelo Branco*. Rio de Janeiro, Tipografia Batista de Souza. 1979. p. 13-37.

emocional na relação conjugal.²⁸⁷

No final do século XIX, a dor que se expressa pelos mortos, particularmente pelos cônjuges, era testemunho do amor que se dedicava a eles em vida. Quando as relações familiares tradicionais começaram a se esgarçar, e a surgir novas formas de relacionamento, onde a família tinha como característica a idéia de intimidade, de afetos entre os membros, a mulher passa a ser objetivada como a companheira, como aquela a quem se ama, com quem se compartilha não só um patrimônio, uma vida em comum, mas, também afetos, carinho, atenção, onde havia uma certa igualdade entre os cônjuges, nessa nova relação caberia sim a dor pela perda do cônjuge e luto prolongado. Nas novas sociabilidades familiares pareceria mesmo uma grosseria não guardar o luto pela morte do cônjuge.²⁸⁸

Em 07 de Junho de 1902, Felon casa-se em segundas núpcias com a cunhada, Lina Fortes Castelo Branco. Essa última prática de Felon que retratamos aqui era comum nas relações familiares tradicionais, onde os viúvos casavam-se com as cunhadas. Seria uma forma de dar continuidade aos laços familiares construídos com o primeiro matrimônio. Para concluir a análise da vida conjugal de Felon Castelo Branco, queremos ressaltar que a sua trajetória mostra como as pessoas conciliavam, nas práticas cotidianas, elementos antigos e modernos. Casa-se por amor, vive com intenso pesar a dor pela perda da mulher amada, e nessa prática ele expressa, de forma eloqüente, alguns elementos novos, que estavam sendo incorporados aos relacionamentos familiares: a livre escolha, a presença dos afetos na relação, o respeito à mulher.

Entretanto, o mesmo Felon, se mostra apegado a valores tradicionais ao casar-se com uma pessoa do seu ciclo familiar, e depois de viúvo, recebe em segundas núpcias uma cunhada, prática usual nas sociabilidades familiares tradicionais. O consumo dos novos

²⁸⁷ Os dados sobre Felon Castelo Branco e seus dois casamentos podem ser encontrados em CASTELO BRANCO, Felon. *Ano de Luto*. Picos-MA: Editores Lemos & Lima, 1902. Assim como em CASTELO BRANCO FILHO. Moyses . 1979. p.14.

²⁸⁸ FLANDRIN. Jean Louis. *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade tradicional*. Lisboa: Estampa, 1995 . p.126.

padrões culturais que se faziam presentes nas práticas sociais se dão dessa forma, marcados por ambigüidades, por rearranjos de práticas já usuais e pela incorporação do novo.²⁸⁹

Fenelon expressa com eloqüência em seus poemas, que, além da morte física da mulher, ocorreu-lhe também a perda do sonho da felicidade conjugal, da construção de uma vida a dois e da futura construção de uma família com filhos. A felicidade conjugal passava a ser objetivo da vida, fator central na realização pessoal dos indivíduos.

O fato de as escolhas conjugais serem agora lastreadas em afetos, no amor, não transformam necessariamente a vida conjugal em espaço de felicidade. Os conflitos, o mal querer, as disputas, a infidelidade, a distância entre homens e mulheres continuam a ser uma possibilidade na vida de casados.²⁹⁰ A trajetória de Laura, personagem da peça teatral *Astúcia de mulher*, ilustra bem os desejos e as angústias de muitas mulheres recém-casadas:

É realmente para desesperar!... casa-se a gente esperando um paraíso de delícias, um céu constante de gozos e felicidades, para depois, mal passado os quinze primeiros dias ter saudade da vida de solteira. Ainda não tenho seis meses de casada, e já me queixo da sorte. Noites inteiras completamente isolada, a me rolar na cama, ouvindo o tic-tac monótono do relógio, enquanto Jorge (o esposo) cruel e desumano vive do clube para as farras, dos bailes para o jogo! Hoje ainda não veio jantar. Diz que precisa se divertir é muito natural; mas eu vegeto, envelheço de insipidez, morro de tédio, de aborrecimento.²⁹¹

A história de Laura e Jorge é ilustrativa dos conflitos de interesses e desejos em torno da vida conjugal. As mulheres por um lado se deixavam capturar pela idéia do casamento como lugar quente de afetos, de sensibilidades, a idéia da família moderna parece ser aceita com mais facilidade pelas mulheres. Afinal de contas, as novas sociabilidades

²⁸⁹ Para Certeau o consumo de bens culturais se dá sempre de forma ativa, o consumidor incorpora os novos valores às suas práticas modificando-o, num processo de bricolagem, entre o que lhe era familiar e o novo. CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1996.

²⁹⁰ COUTINHO. Maria Lúcia Rocha. *Tecendo por trás dos panos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

²⁹¹ BATISTA. Jônatas. *Astúcia de mulher*. *O Piauí*. Teresina, ano XXXVI, n. 88, p. 4, 16 abr.1925.

familiares a colocavam em situação de certa igualdade com os homens. O fato das escolhas matrimoniais atenderem à vontade dos cônjuges, aos interesses sentimentais do casal, parece ser uma demonstração de que o poder masculino sobre as escolhas matrimoniais está diminuindo, e que as mulheres, estão participando dessa escolha de forma mais igualitária.²⁹²

Em grande medida elas parecem aceitar a nova condição feminina, a principal queixa das mulheres é a falta de reciprocidade masculina. Ao aceitarem o jogo do amor romântico, ao se entregarem a uma vida conjugal onde os maridos são agora escolhidos livremente, elas esperavam que os afetos, que a atenção, que o envolvimento emocional fossem recíprocos. No entanto, a insistência masculina em não se deixar capturar pelas normas de convivência familiar modernas, por insistirem na vivência cotidiana de uma dupla moral que lhes possibilitava maior movimentação social, se tornava, em alguns casos, ponto de conflito entre os casais.

Para neutralizar a possível insatisfação feminina diante de uma vida conjugal que se mostra, na prática cotidiana, longe das idealizações, dos sonhos e dos padrões vivenciados nos romances, se articula um discurso apregoando a necessária e sábia resignação feminina diante das práticas morais masculinas.

A mulher é dita como ponto de equilíbrio da relação conjugal, por isso deve ser educada para resignar-se diante das atitudes do marido, saber perdoar eventuais infidelidades e infortúnios na vida conjugal. Como centro emocional da família, ela deve pensar no bem-estar de todos, e estar pronta para ter uma vida de sacrifícios, de abnegações:

Ah! Filhas e esposas que sabes suportar com heroísmo e com abnegada coragem os seus infortúnios conjugais. Tornam-se grandes e sublimes aos olhos de Deus, ao passo que a que se revolta, e que possuída de ressentimento procura vingar-se, imitar o esposo e faltar aos seus deveres rebaixa-se [...], torna-se merecedora do desprezo, por que na sua alma não existe a fibra da moral e da virtude, faltava-lhe a envergadura das grandes

²⁹² ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A invenção do falo*. Maceió: Catavento, 2003. p. 60-75.

almas dispostas aos sacrifícios.²⁹³

Muitas mulheres incorporavam o discurso relatado anteriormente e resignavam-se à sua vida conjugal e familiar esquecendo os pequenos deslizes, aceitando como normal que os homens tivessem a necessidade de mais liberdade de ação, e até mesmo de eventuais aventuras amorosas.

Bane do teu espírito a idéa do teu ciúme, que além de ridículo, importa em fraqueza de tua parte. Se descobrires defeito em teu companheiro, sobretudo se este for motivado por uma pequena infidelidade, oculta-lhe o que sabes, não dê ouvidos ao maldizente.²⁹⁴

No entanto nem todas as mulheres reagiam da mesma forma diante dos homens que continuavam a freqüentar bordéis e outros locais de licenciosidade. Não se conformavam com o que consideravam um excesso de liberdade e um abuso por parte dos homens. É dentro desse raciocínio que podemos entender o comportamento da Senhora Letice casada com o senhor Tunas, caso que ilustra bem os possíveis conflitos conjugais.

A tia Letice era muito ciumenta, enquanto meu tio Tunas passava por peralta. Se ele saía de casa às seis horas da tarde, ela julgava que ele não deveria voltar depois das dez horas da noite, tempo suficiente para uma palestra com um amigo, ou uma partida de bilhar no clube [...]. Nas duas vezes que aconteceu ele não chegar em casa até às dez horas da noite, a tia Letice resolveu ir procurá-lo. O tio Tunas estava numa espécie de Cabaret ou “pensão de mulheres da vida alegre”. Letice arrancou-o de lá [Tunas estava dançando quando ela entrou no lugar] puxando-o pelo braço e lançando-lhe admoestações severíssimas.²⁹⁵

O caso de Letice e Tunas mostra como o casamento não era apenas espaço de

²⁹³ PALAVRAS de Maria a suas filhas: deveres como esposa. *O Piauí*. Teresina, ano LX, n. 244. 06 nov. 1926.

²⁹⁴ CONSELHOS a uma noiva. *Gazeta*. Teresina, ano II, n. 40, 1905.

²⁹⁵ BRITO, Bugyja. *Narrativas Autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1977. p.26.

afetividade e de convivência pacífica. Não eram sequer espaço somente de resignação das mulheres aos modelos masculinos e femininos apontados como os mais legítimos, ou mais aceitáveis. Letice não aceita o modelo de vida conjugal que Túnas procura vivenciar, revolta-se, arma escândalos, vivendo assim modelos femininos que não seriam muito bem vistos, ainda mais pela exposição pública de questões que deveriam ser resolvidas na esfera privada. Provavelmente dava conotações mais vivas a relações conjugais que nem sempre tinham na resignação feminina a norma.

A respeito das relações entre os esposos existem outras questões onde havia perfeita consonância entre católicos e livre pensadores. Estamos nos referindo à autoridade que as figuras masculinas na função de pais e esposos deveriam manter dentro do espaço da casa. Os católicos viam nessa questão um fator fundante para a estabilidade da família: “ É o pai o chefe supremo da família, o defensor de seus direitos, sobre cujos ombros repousam os seus magnos destinos.”²⁹⁶

A mulher e os filhos deviam resignar-se diante da autoridade paterna, deveriam evitar atitudes impertinentes. Contudo, os católicos escrituravam também limites e modos de agir aos homens, nas funções de pai e esposo. A firmeza de caráter, a respeitabilidade moral, a honestidade e um equilibrado espírito de justiça seriam fundamentais aos homens, para que cumprissem condignamente seus papéis familiares. A idealização dos modelos de paternidade mostra o que se desejava dos homens na sociedade, que encarnassem a autoridade no seio familiar e que soubessem respeitar as outras esferas da sociedade.²⁹⁷

Os literatos na sua prática escriturística prescreviam às famílias um modelo de relacionamento marcado pela ordem e pela hierarquia, onde as figuras masculinas deveriam continuar comandando o grupo familiar. As mulheres, por seu lado, deveriam aceitar resignadamente a orientação do marido, se não concordavam com suas idéias, deviam pelo

²⁹⁶ SOBRAL. Dom Adalberto. *A família Cristã*. Carta Pastoral do Arcebispo de São Luiz. 1890. Petrópolis: Vozes, 1947. p. 21.

²⁹⁷ COMO o deve ser. *O Apóstolo*. Teresina, ano III, n. 12, p.01. 04 ago. 1909.

menos, tolerantemente respeitá-las e não buscar o confronto.

È essa compreensão da relação entre marido e mulher que Clodoaldo Freitas diz faltar no personagem Guilhermina, esposa de Emílio, do romance *Memórias de um velho*. Emílio havia escolhido Guilhermina para esposa por perceber nela uma mulher modesta, econômica, simples e trabalhadora. Depois de algum tempo de casada, ela se revelou uma mulher autoritária, que procurava controlá-lo, querendo mandar em tudo, desautorizando o marido em público, o que provocava conflitos freqüentes entre o casal e, finalmente, a separação. Para Clodoaldo, a relação conjugal entre Emílio e Guilhermina perde seu ponto de equilíbrio, quando a mulher insensatamente não aceita a orientação do esposo, não aceita sua autoridade de chefe da família e passa a enfrentá-lo, a questioná-lo de forma ameaçadora e desrespeitosa.²⁹⁸

No conto *Por um sorriso*, Clodoaldo Freitas volta à discussão sobre a necessidade de resignação feminina diante do homem, desta feita utiliza a relação entre os personagens Carlos e Teresa. Carlos sentia-se mais atraído por Teresa, por ela se mostrar resignada à sua orientação, mesmo em assuntos ligados à religião: “Não tinha desejos contrários aos de Carlos. Até suas crenças religiosas foram modificadas por causa dele”.²⁹⁹

A postura de Teresa mostrando-se resignada, aberta a orientações masculinas, percebendo o homem como mais instruído e, assim, mais apto, a saber o que seria correto, parece ser o padrão de comportamento feminino escriturado por Clodoaldo Freitas como o mais adequado.

Para muitas mulheres as possíveis intrigas e infortúnios na relação conjugal seriam compensados com o exercício da maternidade. Aos filhos, as mulheres direcionavam, com grande intensidade, seus afetos, suas atenções.

O terceiro aspecto escriturado pelos literatos, onde as transformações, nas

²⁹⁸ FREITAS, Clodoaldo. Memórias de um velho. *Jornal Pátria*. Teresina, ano IV, n. 248 a 255. 17 jan. 1906 a 09 fev. 1906.

²⁹⁹ FREITAS, Clodoaldo. Por um sorriso. *Correio do Piauí*. Teresina, ano I, n.10, 13 out. 1921.

sociabilidades familiares, deveriam se fazer presentes, diz respeito às relações afetivas entre pais e filhos. A excessiva autoridade paterna sobre os membros da família, decidindo os destinos, as escolhas conjugais, não aceitando contrariedades passava a ser questionada. As relações entre pais e filhos estavam longe de livrar-se totalmente do viés autoritário, no entanto, começavam a ser ditas e prescritas pelos literatos de outra forma. À medida que a família voltava-se à convivência privada e íntima de seus membros e que a conjugalidade passava a estar associada à idéia de livre escolha dos noivos, os filhos frutos desse amor, que um dia levou à união do casal, deveriam ser desejados, sonhados, eram a materialização do amor entre os cônjuges. É dentro desse contexto que podemos entender as novas propostas para as relações entre pais e filhos.³⁰⁰ Não queremos dizer que esse tipo de relação marcada pela presença de afetos e carinhos seja algo novo, vivenciado apenas em famílias que incorporavam valores familiares modernos, queremos dizer que esse tipo de comportamento se torna a norma social esperada e pela qual as pessoas seriam cobradas.

Começamos nossa análise das relações afetivas entre pais e filhos pela história da menina Teresinha de Jesus. No dia 28 de junho de 1930, um sábado, às 23 horas, nascia Teresinha de Jesus, filha de Antônio Nogueira e Feliciano Castelo Branco, a caçula do casal, que já contava com quatro filhos. Logo depois de completar oito meses de vida, a menina começou a apresentar sinais de debilidade na sua saúde, vindo a falecer 36 dias depois segundo o relato de seu pai:

Teresinha de Jesus, que nasceu a 28 de junho de 1930, evoluiu-se à mansão celeste a 07 de abril de 1931, às seis horas da manhã, com 09 meses e 09 dias de idade, depois de um sofrimento de terríveis moléstias durante o espaço de 36 dias. Eternas saudades dos seus pais e irmãos.³⁰¹

Os dias que se seguiram à morte da menina foram de muito pesar e dor na casa. A

³⁰⁰ BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 178.

³⁰¹ Caderneta de anotações de Antônio Nogueira Castelo Branco.

senhora Feliciano, percebendo na filha que morreu, um ser insubstituível, chora por muitos dias a sua perda, passa a visitar o túmulo da menina com frequência. O relato da morte e da tristeza que tomou conta da mãe de Teresinha guardou-se na memória familiar como prova de que os filhos eram agora percebidos como indivíduos, como seres únicos e insubstituíveis. A dor provocada pela perda denota ainda a intensidade dos afetos que se faziam presentes nas relações familiares no começo do século XX. Pai e mãe reagem com pesar a perda da filha, no entanto, enquanto Antonio Nogueira sofre de forma reservada, provavelmente por entender que, na sua função familiar de chefe, de pai, teria que se mostrar forte diante do revés, Feliciano entrega-se às lágrimas, a ponto de ser repreendida pelo marido. Contudo, seu sofrimento, como mãe e mulher, era compreendido como um comportamento possível e desejável. As demonstrações de sensibilidade eram uma marca das novas relações familiares, a perda de um filho deveria ser agora algo vivido com muita dor e pesar, essa era a norma social prescrita, fazendo-se, porém, muito mais presentes no universo feminino.

Os pais deveriam se sentir responsáveis pelos filhos, principalmente no que tange ao sustento, aos ganhos materiais suficientes para dar abrigo, alimentação e formação adequada a eles. Assumiriam o exercício da autoridade paterna no espaço familiar, trazendo ordem e disciplina a casa, exigindo o tratamento respeitoso e cerimonioso de Senhor, era assim que os filhos deveriam se referir aos pais. Nas famílias mais religiosas o pedido da bênção era outro ritual de respeito à figura paterna, no entanto, muitos deles tinham dificuldade de exercer os aspectos afetivos da paternidade, não se permitiam viver essa experiência masculina com intensidade.

Para os homens, a transição das sociabilidades familiares antigas para as modernas era, provavelmente, mais complexa e dolorida, visto que eles perdiam poder nas relações familiares. Continuavam no comando, eram, pelo menos teoricamente, a cabeça do casal, encarnavam a autoridade, mas quando comparados com os senhores tradicionais encontravam-se diminuídos no seu poder, na sua autoridade. Não eram mais detentores do

saber necessário para dar continuidade à produção e sobrevivência familiares, não detinham o controle sobre a educação da prole, e teriam que entender que os filhos, depois de crescidos, possivelmente, buscariam autonomia, procurando se situarem como indivíduos independentes da sua tutela. A paternidade surgia no mundo moderno como função familiar marcada mais por deveres e compromissos com a casa e os filhos, do que por direitos.³⁰²

As mães, por sua vez, ganham maior importância no universo familiar, se os homens devem ocupar-se nos espaços públicos, onde, engajados no mundo do trabalho, conseguirão os recursos ao sustento da casa, as mulheres devem voltar sua vida aos cuidados com o esposo e os filhos. Ela deve ser o centro irradiador dos afetos e dos cuidados no espaço da casa, cada vez mais voltados à convivência íntima e privada da família.³⁰³

A mãe torna-se o principal elo de ligação dos pais com os filhos, mas também interlocutora privilegiada com algumas instituições modernas, que cada vez mais irão se fazer presentes e necessárias na vida cotidiana moderna, estamos nos referindo à escola e à medicina. As crianças, cercadas de atenções, tendo grande parte dos interesses familiares voltados à sua formação integral [intelectual, física e moral] terão nas mães o seu principal ponto de apoio e interlocução familiar. Se as escolas serão responsáveis pela formação intelectual e moral dos filhos, caberia às mães complementar essa formação e mesmo supervisionar e acompanhar todo o percurso escolar dos filhos, observando os rendimentos, auxiliando, encaminhando ao pai somente os problemas mais sérios. Às mães caberia também a interlocução com os médicos, elas acompanhavam a vida cotidiana dos filhos, estavam presentes e atentas aos perigos à saúde das crianças. Essas seriam as principais funções que se esperavam das mulheres, mães carinhosas, vigilantes, dedicadas, sem restrições quanto aos cuidados e atenção com os filhos. Os afetos seriam assim expressados não só em manifestações de carinho explícitas, mas principalmente em preocupações, em zelo, em

³⁰² COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p.240.

³⁰³ COSTA, Op cit, p.255.

cuidados.³⁰⁴

Na escrita dos literatos, a família vai sendo dita como uma instituição fundamental na criação das crianças. Dos pais seria cobrado a formação do caráter, da moral das crianças, assim como os cuidados necessários para a manutenção da vida material dos filhos. No entanto, a família é dita pelos literatos como incapaz de, sozinha, levar a bom termo a formação dos filhos, necessitando de orientação nessa tarefa tão importante. Precisava de auxílios para educar os filhos, pois os saberes que norteavam as práticas familiares com relação à infância, a partir daí, seriam questionados. Abdias Neves reprovava as práticas em torno da alimentação, do vestuário, mas, principalmente, as práticas em torno da educação moral, intelectual e física das crianças. Os pais eram ditos como incapazes de, por si mesmo, darem boa formação aos filhos, precisando, assim, aceitar que a escola, que as professoras, preparadas especialmente para esse trabalho de formar as crianças, se encarregassem dessa tarefa.

Os literatos questionavam, também, os saberes que norteavam as práticas familiares, no que diz respeito à saúde das pessoas. Práticas seculares eram desaprovadas, ditas como ineficazes, ou ainda como supersticiosas e em seu lugar iam ganhando espaço e legitimidade na sua escrita, práticas de cura prescritas por um outro tipo de especialista, portador de saberes especiais, estamos nos referindo aos médicos e a suas práticas de cura.

Os literatos católicos também desenvolvem intensa prática escriturística, significando a família como o espaço primeiro em que deveria se dar a formação moral e religiosa das crianças, mas, também, alertando que os pais sozinhos não seriam capazes de desenvolver a tarefa de formar os futuros cidadãos e cristãos, precisando assim da orientação e participação do clero, do orientador espiritual, bem como das escolas confessionais e das

³⁰⁴ COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. *Tecendo por trás dos panos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

associações religiosas, que seriam meios eficazes de auxílio, na tarefa de bem formar a prole.³⁰⁵ Para os católicos, a família precisava de uma presença mais intensa da hierarquia eclesiástica, a orientá-la, a aconselhá-la, a guiá-la no meio do turbilhão e da diversidade de propostas do mundo moderno.

Os literatos procuravam ainda incentivar a vivência de relações conjugais legítimas, que se enquadrassem dentro de normas e princípios escritos e definidos, seja pela idéia de sacramento para aos católicos, seja pela idéia das normas legislativas escritas no código civil.³⁰⁶ O importante era definir as práticas conjugais lastreadas na idéia de ligações consensuais, de mancebia, de concubinato, como práticas de pessoas sem costume, sem moral, hábitos de pessoas rústicas, e, por isso mesmo, reprováveis.

Na escrita dos literatos o casamento aparece como instituição fundamental para o ordenamento social. A vida de solteiro é sempre descrita como uma vida fora dos padrões ideais. Os homens, quando solteiros, entregavam-se a vícios que poderiam trazer constrangimentos à futura vida familiar. Entregavam-se ao álcool, ao jogo, ao trato com prostitutas e a amores ilícitos, tendo como possíveis resultados, filhos bastardos, e em alguns casos, fortes desilusões amorosas. As mulheres, por seu lado, são percebidas principalmente como mulheres frustradas, que não se realizavam como mães e esposas, não se estabeleciam numa relação conjugal.³⁰⁷

É assim que Clodoaldo retrata o caso do personagem Bernardo, que, formado em Direito, mas solteiro, envolve-se com uma mulher de nível social inferior ao seu, tendo como fruto dessa relação, um filho. Noivo de uma rica senhorita, passa pelo constrangimento de ver a amante entrar na igreja com o filho nos braços, à hora do seu casamento. O constrangimento

³⁰⁵ GAETA, Maria Aparecida Junqueira Vieira. À Deus, à Igreja, e à pátria: os estandartes da Igreja católica no século XIX. *História*. São Paulo: n. 11, p. 243 – 258. 1991.

³⁰⁶ No período em estudo Católicos e Livre pensadores desenvolvem intenso debate sobre o casamento, discutindo a validade do casamento civil e do religioso. O divórcio será outro tema bastante presente nessa discussão. Deliberadamente não abordaremos essas questões bastante polêmicas e interessantes, concentrando a nossa análise apenas nos aspectos sentimentais e afetivos das relações familiares.

³⁰⁷ Sobre a vida das mulheres solteiras conferir capítulo 04 do presente trabalho: Universo feminino adulto.

foi geral, resultando no adiamento da cerimônia. Pouco depois, a amante, já com a saúde bastante abalada, morre. A noiva de Bernardo aceita o filho do futuro esposo e incorpora-o à família que construiria.³⁰⁸

Em *Memórias de um velho*, Clodoaldo volta a discutir a questão das possíveis infelicidades que cercavam essas relações ilícitas, quando o personagem Emílio, vivendo amasiado com uma mulher, flagra a amante a relacionar-se sexualmente com outro homem:

Voltei um dia, inesperadamente, a casa, em busca de uns papéis, de que me esquecera, quando, ao entrar em meu quarto, encontrei Margarida em flagrante delito de adultério com o meu escravo José, um crioulo de uns vinte e cinco anos.³⁰⁹

Clodoaldo Freitas utiliza-se da situação para tecer o seguinte comentário sintomático da percepção que ele tinha do matrimônio e das relações afetivas vividas fora do âmbito legítimo do casamento e de como queria significar cada uma dessas coisas:

A minha história era a história de todos os homens que vivem nessas uniões ilícitas. Se Margarida fosse minha esposa, eu não oscilaria um instante, aceitando, filosoficamente os fatos, acreditando que não há fidelidade conjugal possível, que a carne pode sempre mais que o espírito e que, de balde, procuramos contrariá-la com os paliativos de uma moral caduca.³¹⁰

As relações ilícitas eram ditas por Clodoaldo como sempre vivenciadas por pessoas que não tinham firmeza de caráter, que não se curvavam diante das idéias, para ele elevadas de moral, de ordem e de disciplina. Não viam no casamento o espaço legítimo e único para o envolvimento afetivo íntimo entre homens e mulheres, deixavam-se levar pelos impulsos da carne, pelos desejos, não tinham a firmeza de caráter e espírito forte o suficiente para controlar seus impulsos.

³⁰⁸ FREITAS, Clodoaldo. Queda de um anjo. *Correio do Piauí*. Teresina, 12 dez. 1921.

³⁰⁹ FREITAS, Clodoaldo. Memória de um velho. *Jornal Pátria*. Teresina, ano IV, n. 260, 25 jan 1906.

³¹⁰ FREITAS, Clodoaldo. . Memória de um velho. *Jornal Pátria*. Teresina, ano IV, n. 260. 25 jan 1906.

Em outros momentos, Clodoaldo significa essas relações íntimas fora do casamento como vícios, como taras, que perturbavam o ordenamento social e familiar, só trazendo consigo a dor e o crime. Essas pessoas são definidas por ele como pessoas que se deixavam levar por impulsos doentios, anormais, ou ainda, por sentimentos de amor paixão, que não deviam ser vivenciados. É o caso dos irmãos Burgos, a declaração de amor feita por Cristina ao irmão mostra a intensidade da paixão que nutria por ele.

Compraz-me viver isolada na solidão desta casa. Que me importa que os outros do mundo, reparem no nosso relacionamento? Não tenho satisfação a dar-lhes e não me importa que falem de nós. Que se rasguem de falar. A minha única felicidade é estar só contigo, segregando-te de todos, para só eu ter a ventura desse meu amor, que nem tu mesmo podes medir a intensidade e a ardência.³¹¹

Na fala de Cristina, Clodoaldo coloca um amor intenso, vibrante, no entanto, com forte conotação possessiva. Em frases como “a minha única felicidade é estar só contigo” ou “segregando-te de todos”, fica explícita a conotação doentia, patológica, que o autor quer dar a esse relacionamento, que não leva em consideração a sociedade, seu ordenamento, seus valores. Clodoaldo define os sentimentos de Cristina, como doentios também porque são egoístas, só querendo o ser amado para si, procurando afastá-lo de tudo e de todos, fazendo dele uma propriedade, um objeto sobre o qual tem ou busca ter a posse.

A sexualidade desses amores ilícitos são também escrituradas, definidas como doentias e infrutíferas. É assim que todos os quatro filhos dos irmãos Burgos nascem mortos, como também em outros textos criados por Clodoaldo os filhos ilegítimos são abortados.

Os católicos também desenvolvem intensa prática escriturística em favor das relações conjugais legitimadas pelo casamento, para eles, um sacramento. A Igreja procurava articular um discurso sobre a conjugalidade e sobre a necessária disciplina dos corpos e das

³¹¹ FREITAS, Clodoaldo. Os Burgos I. *Litericultura*. Teresina, v. I, p. 22-31. Jan. 1912.

práticas sexuais. Somente dentro dos quadrantes da relação conjugal institucionalizada e legitimada pelas bênçãos religiosas, a sexualidade seria aceita, desde que fosse vivenciada de forma controlada, com objetivo definido, que era o da procriação, dessa forma ela seria controlada, respondendo aos ditames do catolicismo, favorecendo o ordenamento social. O exercício da sexualidade não deveria ser visto como momento de satisfação, de prazer, mas como cumprimento de uma obrigação, de um dever pertinente à vida de casado. À medida que a Igreja inscreve essa verdade sobre o uso dos corpos, sobre a prática da sexualidade, ela procura construir uma sexualidade sem desejo, sem prazer, o sexo legítimo é dito como obrigação, como débito conjugal, não como fruto de desejos.³¹²

Em síntese, os literatos tomam a vida familiar como um problema que precisa ser repensado, significado dentro de outros parâmetros. Na documentação, o incômodo dos literatos com algumas atitudes da população mostra que havia um descompasso entre algumas práticas cotidianas da sociedade e as propostas apresentadas pelos literatos ao corpo social. No entanto, não podemos dizer que as propostas dos literatos foram repudiadas, ou que não foram incorporadas pela população. As propostas de significar os espaços públicos e privados como distintos, a idéia de intimidade, de privacidade, a interferência dos afetos nas escolhas conjugais, de valorização dos filhos e mesmo o propósito de fortalecer a legitimidade dos vínculos conjugais são propostas que se tornarão muito presentes na sociedade nas décadas subseqüentes.

A força das práticas já arraigadas na sociedade procura adequar as novas propostas aos velhos costumes, é assim que a relação entre casa e rua só muito lentamente vai se modificando, até considerar-se um incômodo, as visitas sem aviso prévio. As portas foram se fechando, alguns espaços da casa sendo significados como íntimos, definindo de forma patente a distinção entre o que era público e o que era privado, familiar. Outro aspecto em que podemos constatar algumas mudanças diz respeito às práticas em torno das escolhas

³¹² DEL PRIORE, Mary. O matrimônio como forma de adestramento. In: *Ao sul do corpo*. São Paulo: companhia das Letras, 1992. p. 105-123.

matrimoniais. Se tomarmos como padrão de análise, a descendência do Sr. Manuel Tomaz Ferreira, percebemos que os casamentos entre primos, e mesmo entre tios e sobrinhas, se faziam presentes entre seus filhos e netos, nascidos até as primeiras décadas do século passado, perdendo força no decorrer do século XX ao ponto de se tornarem raros.³¹³

O crescimento da relação com a escola e a maior presença da cultura escrita no meio social da cidade, aliados à continuidade da vivência no meio urbano, possibilitará que as propostas dos literatos sejam incorporadas à vida cotidiana. No entanto, esse processo se dará dentro das condições e do ritmo em que a cidade de Teresina foi historicamente se inserindo no mundo da cultura escrita, no mundo da modernidade, marcado pelas relações capitalistas. A presença ainda forte das sociabilidades rurais, do mundo tradicional, e a fragilidade das atividades econômicas urbanas impunham limites, faziam com que o discurso dos literatos, propondo mudanças nessa vivência familiar, não fossem incorporados nas práticas e vivenciados com o ritmo e a intensidade que tinham em outros centros urbanos maiores, onde as relações com o mundo capitalista eram mais intensas.

³¹³ CASTELO BRANCO, Moyses. *Manuel Tomaz Ferreira: um Patriarca Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, 1979.

CONCLUSÃO.

A nossa pesquisa reuniu um grande volume de artigos de jornal, crônicas, contos e romances, que se propunham a discutir as relações familiares, os comportamentos masculinos e femininos, trazendo críticas a práticas já arraigadas, e à forma como rapazes e moças eram educados, e, sobretudo ao descaso da população local no que diz respeito à educação escolar.

Ao utilizar, aos poucos, essa documentação, colocamos mentalmente a sociedade para funcionar e assim nos responder a questões que considerávamos pertinentes. Ao final desse processo, podemos concluir que os literatos tinham, entre outros objetivos a serem alcançados com a sua escrita, empreender uma reforma da sociedade, fazer com que as pessoas significassem de forma diferente as suas vidas, a partir da ruptura com práticas tradicionais, com uma mentalidade rural fundamentada na oralidade, começando a incorporar nas suas práticas cotidianas relação mais próxima com a cultura escrita, com as sociabilidades citadinas e com a escola, para, assim, se subjetivarem de outra maneira.

Durante todo o decorrer da argumentação, procuramos identificar e analisar os discursos dos literatos, fossem eles livre-pensadores ou católicos como uma prática escriturística, onde eles chamavam para si a função de sujeito senhor. Para isso, contavam com a formação superior e com a relação estreita que mantinham com a palavra escrita. Daí passaram, escriturísticamente, a definir como deveriam se dar as relações familiares, como deveria ser a relação da sociedade com a escola e com a cultura escrita, a fim de moldarem novos significados para as formas de vivência cotidiana.

Centramos a argumentação em duas questões, para nós, fundamentais, na fala dos literatos. A primeira diz respeito a uma nova relação com a cultura escrita, com a legitimação da escola como espaço onde se daria a formação das novas gerações, onde meninos e meninas

aprenderiam a ser pessoas úteis à sociedade, onde se subjetivariam como pessoas disciplinadas, adaptadas a uma vida urbana, à nova ordem social que procurava se impor, a partir dos governos republicanos.

A segunda questão está ligada a uma reformulação das identidades de gênero e das relações familiares, onde homens e mulheres deveriam assumir espaços sociais definidos e diferentes. Os homens deveriam se subjetivar como pessoas disciplinadas, cidadãos úteis à pátria, a aceitarem fortes vínculos com o mundo do trabalho, da política, dos negócios, das letras e mesmo uma nova forma de vivenciar a paternidade, mais preocupada em prover a casa dos recursos materiais necessários, de cuidar e de ser mais responsável com a criação dos filhos e com sua formação. Essas eram práticas que dariam significado ao masculino.

As mulheres, por seu lado, deveriam se restringir aos espaços privados à vida familiar e às funções de esposa e mãe. No entanto, para bem exercer essas funções, cobrava-se das mulheres que tivessem uma relação mais próxima com a escola e com a escrita, que estivessem prontas a exercer suas funções familiares de forma mais competente, absorvendo noções de higiene e de nutrição.

Na escrita dos literatos, as relações conjugais também ganham novo conteúdo, as escolhas conjugais deveriam ser lastreadas no amor, nos afetos, na livre escolha dos cônjuges. As práticas familiares deveriam também significar a casa de outra forma, como um espaço privado, íntimo, reservado aos membros da família. Espaço aconchegante, caloroso, onde os filhos seriam criados com amor e desvelo, e onde os pais se dedicariam sem reservas aos filhos.

O que concluímos no percurso dos cinco capítulos é que o projeto dos literatos não consegue se impor de forma hegemônica. As mudanças estruturais na sociedade, como a nova dinâmica da economia piauiense e o processo de urbanização de Teresina, mostravam-se incipientes, não criavam as condições necessárias para que o projeto de aburguesamento da sociedade se desse de forma intensa. Assim a incorporação de novos valores citadinos, a

valorização da escola, das sociabilidades urbanas, da idéia de privacidade e intimidade, vão sendo incorporados pela sociedade local num ritmo próprio, sem a velocidade presente em outros centros urbanos, onde as relações com o mundo capitalista assumem grandes proporções.

Se o discurso dos literatos não consegue se tornar hegemônico tampouco podemos dizer que se trata de um conjunto de discursos derrotados, de projetos vencidos. As práticas de inúmeros jovens migrando para Teresina à procura de melhores condições de escolarização, o empenho de muitas famílias em somar esforços para viabilizar a subjetivação dos filhos como homens educados, letrados, polidos, capazes de circularem por esse mundo onde a escrita se impunha como uma necessidade, constituem uma demonstração inequívoca de que o discurso dos literatos também fazia adeptos, somava forças e provocava rupturas e deslocamentos nas sociabilidades tradicionais.

Se a trajetória escolar não se universaliza, não atende a todo o corpo social, pelo menos nas elites e nos grupos médios ela vai se impondo como norma, como percurso a ser seguido.

O que concluímos, portanto, é que a diversidade se impõe. No final do período em análise, a cidade continuava marcadamente um espaço onde várias temporalidades conviviam e marcavam seu cotidiano. Ao lado de indivíduos que se subjetivavam como homens letrados polidos, com verniz de urbanidade, conviviam famílias recém-egressas do campo, que traziam consigo seus valores, sua visão de mundo, seus hábitos. Pessoas que migravam em busca de melhores condições de educar os filhos mudavam para a cidade, mas, quase sempre não perdiam os vínculos com as origens, continuavam proprietárias de terras e delas tiravam a renda necessária para manter os filhos na cidade.

No que se refere às relações familiares propriamente ditas, podemos dizer que as mulheres serão majoritariamente capturadas pelo discurso que apontava para elas a vivência das funções familiares, como esposas e mães. Mesmo as mulheres dos grupos médios que

ingressavam no mercado de trabalho, como funcionárias de repartições públicas ou como professoras, não abriam mão de se subjetivarem como mães e esposas, procurando conciliar a vida profissional com a vida doméstica.

Os homens acostumados a uma vida marcada mais por direitos que por obrigações, terão dificuldade de se adaptarem às novas propostas de sociabilidades familiares, que lhes cobravam maiores responsabilidades e cuidados com a casa e a prole. No universo masculino, a diversidade de temporalidades parece mais visível. Ao lado de homens que se subjetivam como pais e esposos zelosos, voltados aos afazeres do trabalho e aos cuidados com a família, existiam também os que continuavam a cultivar hábitos que passavam a ser percebidos como indisciplinados. É o caso de frequência a bordéis, gosto por relações extra-conjugais e mesmo o vício do álcool.

Contudo, para os que migram para a cidade à procura de melhores condições de vida e nela fixam moradia, a escola e a subjetivação como cidadão são caminhos necessários. O meio urbano exigia cada vez mais o aprendizado de competências indispensáveis ao bom desempenho das pessoas nesse meio, pois a ascensão social, o ingresso nos empregos públicos em atividades urbanas mais rentáveis exigiam boa formação escolar, boa apresentação pessoal e um certo padrão de polidez e urbanidade. Dessa forma, se analisarmos na longa duração do século XX, podemos perceber que os discursos dos literatos, aqui analisados, tornam-se no decorrer do processo histórico, um discurso recorrente e por isso, ainda que num ritmo próprio, ainda que com outros interlocutores, acabam sendo incorporados às práticas cotidianas na cidade.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

INSTITUIÇÕES DE PESQUISA.

Arquivo público do Piauí – Teresina-PI

Biblioteca Des. Cromwell de Carvalho – Teresina-PI

Biblioteca Particular Professora Teresinha Queiroz - Teresina-PI

Biblioteca Particular Padre Raimundo José Airemorais – Teresina-PI

Instituto Dom Barreto – Teresina – PI

Núcleo de documentação e memória – DGH-UFPI – Teresina-PI

Biblioteca da Universidade Federal do Piauí – Teresina-PI

Biblioteca da Academia Piauiense de Letras – Teresina-PI

FONTES

JORNAIS:

O apóstolo, Teresina, 1907 -1912.

Borboleta, Teresina, 1905-1906.

O Nordeste, Teresina, 1919-1921.

O tempo, Teresina, 1905.

Jornal de Notícias, Teresina, 1917-1920.

O Piauí, Teresina, 1900-1903, 1906-1909, 1911-1914, 1916-1917, 1919-1928.

Gazeta, Teresina, 1905-1907, 1926-1927, 1929-1930.

Correio do Piauí, Teresina, 1921.

Diário do Piauí, Teresina, 1913.

Correio de Teresina, Teresina, 1913,1914,1915.

Jornal Pátria, Teresina, 1905.

Diário do Maranhão, São Luis,1909.

A notícia, São Luis, 1908, 1909, 1910.

DEPOIMENTOS:

GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. *Depoimento concedido a Manuel Domingos Neto*. Rio de Janeiro, maio, 1984.

SANTOS, Maria Francisca dos. *Entrevista concedida a Pedro Vilarinho Castelo Branco*. Teresina, abril, 1995.

MEMÓRIAS:

BRITO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro. Folha Carioca. 1977.

CARVALHO. Miriam O. Jales de. *Pequena história das alunas internas do Colégio Sagrado do Coração de Jesus. (193 –1944)*. Teresina, 2002.

CUNHA, Higino. *Memórias traços autobiográficos*. Teresina, 1939.

RÊGO, Raimundo de Moura. *As mamoranas estão florindo*. Teresina. Projeto Petrônio Portela, 1985.

MELO, Leônidas de Castro. *Trechos do meu caminho*. Teresina. COMEPI. 1976.

CUNHA, Edson. Meu curso secundário. Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*. p.115-127, 1957.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS, LIVROS E TESES.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *História a arte de inventar o passado*. Campina Grande, 199_ .(Texto digitado).

_____. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme. (Org.) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

_____. *Nordestino uma invenção do falo*. Maceió. Catavento. 2003.

_____. *O engenho de meninos: literatura e historia de gênero em José Lins do Rego*. [Texto digitado].

_____. *De armazém a campo cultivável*. Barcelona, 2003. [texto inédito].

ALMEIDA, Ângela Mendes de. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

ARANTES, Antonio Augusto. *Colcha de retalhos*. Estudos sobre a família no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo. Ática, 1986.

BADINTER Elizabeth. *Um amor conquistado*. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de Universidade*. São Paulo: Editora Convívio/ EDUSP, 1986.

BASTOS, Cláudio. *Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí*. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

BATISTA, Jonatas. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*. São Paulo. EDUSP, 1999.

BRITO, Bugyja. *Traços em cinco biografias*. Rio de Janeiro: Folha Carioca editora, 1987.

BOUTIER, Jean & JULIA Dominique. (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAES, André Luiz. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: A família nas estratégias de reestruturação da igreja (1890-1934)*. 1995. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 1995.

CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória das estudantes universitárias em Teresina. (1930 – 1970)*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2004.

CARVALHO, Marta M. Chagas. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTELO BRANCO, Cristino. *Frases e Notas*. Rio de Janeiro. Pongetti. 1957.

CASTELO BRANCO, Cristino. *Homens que iluminam*. Rio de Janeiro. Aurora. 1946.

CASTELO BRANCO, Cristino. *Escrito vários assuntos*. Rio de Janeiro. Pongetti. 1968.

CASTELO BRANCO, Fenelon. *Ano de luto: maio de 1901 – maio de 1902*.

Picos: Tipografia do Município, 1902.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: A condição feminina em Teresina na 1ª República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

CASTELO Branco. Pedro Vilarinho. Desejos, tramas e impasses da modernização. Teresina: 1900 -1930. *Scientia et Spes*, Teresina, v.2, p.295-314. 2002.

CASTELO BRANCO, Renato. *A Civilização do Couro*. Teresina. D.E.I.P.,1942.

CASTELO BRANCO FILHO. Moysés. *A família rural do Piauí: Ciclo do vaqueiro*. Rio de Janeiro. Companhia brasileira de artes gráficas, 1983.

CASTELO BRANCO FILHO. Moysés. *Manuel Tomaz Ferreira: Um patriarca Castelo Branco*. Tipografia Batista de Souza. Rio de Janeiro. 1979.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA FILHO. Alcebíades. *A escola do Sertão*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

COUTINHO. Maria Lúcia Rocha. *Tecendo por trás dos panos*. Rio de Janeiro. Rocco. 1994.

CUNHA, Higino. A educação feminina e o regimen conjugal. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano VII, p-37-52, maio, 1924.

D'INCÃO, Maria Angela. (Org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto. 1999.

_____. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: UNESP/ Contexto, 1997.

_____. *Ao sul do corpo*. Rio de Janeiro: José Olympio. Brasília: EDUNB, 1993.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUBY, Georges; Áries, Philippe. *História da vida privada: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. *História da vida privada. Da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FALCI, Miridan Brito Knox. *A Criança na Província do Piauí*. Teresina. Academia Piauiense de Letras/CEDHAL, 1991.

FALCI, Miridan Brito Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In: Del Priori, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo. UNESP/Contexto, 1997.

FERRO, Maria Amparo Borges. *Educação e sociedade no Piauí Republicano*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FEDERAÇÃO DAS FILHAS DE MARIA DO RIO DE JANEIRO. *Manual das Pias uniões das filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1959.

FLANDRIN, Jean Louis. *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade tradicional*. Lisboa. Estampa. 1995.

FONSECA Cláudia. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do (não-) casamento entre pequeno-burguesas no início do século XX. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n. 18, ANPUH, p.99-120, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, v.1.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FREITAS, Clodoaldo. O palácio das lágrimas. *A notícia*, São Luis. ano XLI, 1910.

_____. Memórias de um velho. Teresina. *Jornal Pátria*. ano IV, n 254–272, 17 jan.1906 a 9 fev. 1906.

_____. Mãe Dolorosa. *Correio do Piauí*. Teresina, ano I, n.61, 15 dez. 1921.

_____. Os Burgos I. Teresina. *Litericultura*. Teresina, v. I, p. 22-31, jan 1912.

_____. Os Burgos II. Teresina. *Litericultura*. Teresina, v. II, p. 21-39. fev 1912.

_____. Os Burgos III. Teresina. *Litericultura*. Teresina, v. IV, p. 5-23, abr 1912.

_____. Coisas da vida. *Diário do Maranhão*. São Luis, ano XXXIX, dez-1908 a jan- 1909.

_____. Por um sorriso. *Correio do Piauí*. Teresina, ano I, 1916.

_____. As Taras. *Litericultura*. Teresina, ano I, n.6, p.34-43, 1912.

FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR. Moyses. (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo. Cortez, 2002.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Deus, à Igreja e a Pátria: Os estandartes da família católica do século XIX. *História*, São Paulo n. 11. p. 243-258, 1992.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GEORGES Duby (Org.). *Amor e sexualidade no ocidente*. Lisboa, Terramar, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolé*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

GOMES. Ângela de Castro; PANDOLFI. Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/CPDOC. 2002.

GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. Lembranças do Amarante. *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, n. 6, p.75-79, 1984.

GONÇALVES. Luiz Mendes Ribeiro. *Impressões e perspectivas*. Brasília. [s.n.], 1980.

GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções. 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWN, Eric. *A era do Capital. 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBBSAWN, Eric. *A era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LEVI, Giovane; SCHIMITT, Jean Claude (Org.). *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. v.2.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOPES, Eliane Marta Teixeira et al.(Org.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

LOPES. Antonio de Pádua Carvalho. *Beneméritas da instrução: a feminização do magistério primário piauiense*. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996.

MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: A trajetória da arqueologia de Foucault* Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MACFARLANE. Alan. Amor e capitalismo. In: _____. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor, 1987. p. 158-179.

MAGALHÃES, Maria do Socorro. *Literatura Piauiense*. Crítica literária e horizontes de leitura. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

MARCHI, Euclides. *A Igreja e a questão social: O discurso e a práxis do catolicismo no Brasil. (1850 –1915)*. 1989. (Doutorado em História) Universidade de São Paulo, São Paulo. 1989.

MARCÍLIO. Maria Luiza.(Org.) *Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1993.

MARTINS, Agenor de Sousa e outros. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. Teresina: Fundação CEPRO, 1979.

MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.

_____. *Frei Serafim de Catânia*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

_____. *Guerra sectária*. Teresina: Tipografia do Apóstolo, 1910.

MATOS, Maria Izilda. *Meu lar é o botequim*. São Paulo: Nacional, 2001.

MATOS, Maria Izilda; RACHEL, Sohiet. (Org.) *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP. 2003.

MELO, Matias Olimpio de. *A instrução pública no Piauí*. Teresina: Papelaria piauiense, 1922.

MELO, Matias Olimpio de. *Rumos e Atitudes*. Rio de Janeiro, [s. n.] 1956.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Silvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: FGV. 2000.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo. Modernização e violência policial em Teresina – 1937-1945*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

NEVES, Abdias da Costa. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

_____. *O Piauí na Confederação do Equador*. Teresina: EDUFPI, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações extemporâneas*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

NOGUEIRA, Arlindo Francisco. *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí, no dia 1º de junho de 1902*. Teresina: Tipografia do Piauí, 1902.

NOLASCO. Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NUNES. Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.v.4

O'BRIEN, Patrícia. A história cultural de Michel Foucault. In: Hunt, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.33-62.

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: UNESP, 1992.

PASSOS. Artur. *Abdias Neves: Homens e eventos da sua época*. Teresina.1966.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

PERROT, Michelle; DUBY Georges (Org.). *História das mulheres: o século XIX*. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1991.

PIMENTA, Dom Silvério Gomes. *Carta Pastoral sobre a educação da mocidade – Mariana 1912*. Petrópolis: Vozes, 1947.

PINHEIRO, Áurea Paz. *As ciladas do inimigo: As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí, nas duas primeiras décadas do século XIX*. 1999. Dissertação (Mestrado em história) Universidade de Campinas, Campinas, 1999.

QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. Jônatas Batista e a paixão pelo Teatro. *Academia piauiense de letras: os fundadores*. Teresina. Meio Norte/APL, 1997, p. 229-253.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Teresina/João Pessoa; UFPI/UFPB, 1998

QUEIROZ, Teresinha. *A importância da Borracha de maniçoba na economia do Piauí. (1900-1930)*. Teresina. EDUFPI/APL, 1994.

QUEIROZ, Teresinha. *Notas sobre educação no Piauí*. Teresina, 1991 (Texto inédito).

RAGO, Margareth. As marcas da pantera: Foucault para historiadores. *Resgate*, Campinas, n. 5.p.--,1993.

_____. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. *Do cabaré ao lar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. O efeito Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social*. São Paulo, n.7, 1995.

RÊGO, José Expedito. *Vaqueiro e Visconde*. Teresina: Projeto Petrônio Portela. 1986.

REGO, Raimundo Moura. *Notas fora de pauta*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife. FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. *O Recife: história de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura cidade do Recife. 2002.

RIBEIRO, Ivete (Org.). *Família e valores*. São Paulo, Loyola, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SHALINS, Marshal. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SAMPAIO, Antônio. *Velhas escolas grandes mestres*. Esperantina, [s. n.].1996.

SANTANA, Raimundo Nonato de Monteiro. *Evolução histórica da economia Piauiense*. Teresina: Cultura, 1964.

SCOOT, Joan. Gênero uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 71-99, jul/dez 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo. Brasiliense, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SHORTER, Edward. *A formação da família moderna*. Lisboa: Estampa, 1995.

SILVA, Da Costa e. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: EDUSP, 1984.

_____. *História da família no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SILVA, Duarte Leopoldo. *Pela Família*. Petrópolis: Vozes, 1957.

SOARES, Carmen. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOBRAL, Dom Adalberto. *A família Cristã: Carta Pastoral do Arcebispo de São Luís*. 1890. Petrópolis: Vozes, 1947.

SOUSA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização*. São Paulo: UNESP, 1998.

SUZANNE, Desan. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: Hunt Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TITO FILHO. Arimatéia. *Deus e a ciência em José Coriolano*. Teresina: COMEPI, 1973.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na primeira república*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

TUCHMAN, Barbara. *A prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Trópicos dos pecados*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997.

_____. (Org.) *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal. 1986

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais*. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VARAZZE, Jacoro de. *Legenda áurea: vida dos santos*. São Paulo: Companhia das letras, 2003

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história, Foucault revoluciona a história*. Brasília, Editora da UNB, 1982.

VILELA, Heloísa E. O.S. O mestre escola e a professora In: *500 ANOS de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.95-134.

WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.